9

REVISTA LUSITANA

Tipografia SEQUEIRA
114, R. José Falcão, 122

REVISTA LUSITANA

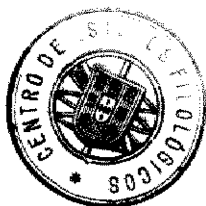
Arquivo de estudos filologicos e etnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português



VOL. XVIII

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20
1915

REVISTA LUSITANA

VOL. XVIII 1915 N.os 1-2

ESTE ES EL CALBI ORABI

Ao lêr, ha dias, as quatro páginas substanciais com que o lusófilo inglês Aubrey F. G Bell preludiou canções de carácter popular e trechos liricos, por êle escolhidos nas obras de Gil Vicente, e que habilmente verteu para sua lingua materna (1), estranhei que entre os variegados géneros, alheios e próprios, intercalados nas criações dramáticas do Plauto português, e enumerados no dito *Prefácio*, não figure o ditado que principia com os sons que servem de epigrafe a esta *Nótula*.

Entre as composições liricas, em regra bailadas e cantadas com acompanhamento de instrumentos músicos, quer como intermezzo, quer como final de Autos, Farças, Comédias e Tragicomédias vicentinas, Aubrey Bell nomeia: as que vieram de França, como a chançoneta

Ay de la noble
Villa de Paris: (2)

hinos litúrgicos latinos; e entre as peninsulares, romances castelhanos; prosas de marinheiros; cantares de vilão; danças pastorís; cânticos de romaria. Nem deixou de prestar atenção às cantigas, em castelhano ou português mascavado, dos pretos da Guiné, nem tão pouco aos textos ceceados de ciganas (ou egipcianas) (3).

Se, pelo contrário, omite o *Calbi orabi* (que, desde já seja dito, eu classifico de *anexim* arabe, lendo *Calbi arabi,)* embora êle fosse aproveitado por duas vezes, em representações diversas de *Gil Vicente,* creio que essa reserva foi motivada e se justifica pela incerteza em que todos estivemos até hoje tanto a respeito da significação e das origens de *Calbi orabi*, como a respeito do papel importante que essa alegre modinha bailada teve em representações scenicas e em festas populares da era de Gil Vicente, e nos séculos anteriores e posteriores.

Leva-me a publicar o pouquíssimo que sei do *Calbi* o desejo de assim instigar David Lopes e José Benoliel, arabistas mil vezes mais peritos do que eu, a elucidar os estudiosos àcerca do valor de *calbi, orabi, arabi, rabi, garabi,* e *ri* (visto que nas diversas lições transmitidas figuram todas essas formas), confirmando o que aqui exponho ou emendando-o.

*

A letra *El Calbi orabi*, à castelhana, ou simplesmente *calbi orabi*, encontra-se como início de um cantar de gente do povo na *Comédia de Rubena*, feita por Mestre Gil (4) ao muito nobre rei D. João III sendo príncipe, na era de 1521, mas retocada posteriormente (5) como quási todas as obras dramáticas que Gil Vicente coleccionou e preparou para o prelo, de 1536 a 1540; e encontra-se de novo, um pouco mais completa, com duas linhas, mas já deturpada, na *Tragicomédia de D. Duardos*, dedicada pouco depois ao mesmo rei, no primeiro lustro do seu reinado (6).

Na medievalmente crua *Rubena*, o *Calbi orabi* faz parte da conhecidíssima lista de cantigas, parte conhecidas e parte desconhecidas, que a ama de leite de Cismeninha sabe de cór, e julga poder empregar para adormecer a criança. A feiticeira que a apresentara, pregunta:

— *E que cantigas cantais?*

E a Ama responde:

A criancinha despida,
e também *Val-me Lianor*
e *De pequeno matais, Amor,*
e *Em Paris estava Don'Alda,*
Di-me tu, señora, di,
Vamonos dijo mi tio
e também *Calbi ora bi,*
e *Llevantéme un dia,*
Lunes de mañana
e *Muliana, Muliana*
e *Não venhais, alegria*
e outras muitas destas tais.

Na poética e cavalheiresca *Tragicomédia* é o hortelão da princesa Flerida que entra no jardim, trauteando, todo contente, os versos:

«Éste es calbi orabi
«El calbi sol fa melhorado.

Assim estão na edição de Hamburgo (II, 27), que reproduz em geral fielmente a edição-princepe da Copilação de 1561, conquanto introduzisse inúmeras alterações gráficas e lingüísticas.

Na segunda edição, emendada pela Mesa Censoria, e em impressões avulsas que derivam em parte dela, em parte de *pliegos sueltos* perdidos, anteriores a 1561, ha as variantes do 1.º verso a que já aludi, e ainda outras no verso 2.º.

Na Copilação de 1586, assim como numa separata dela extraida, ha:

Êste es *el* calbi ora vi
el calbi sol fa melhorado.

Num *Pliego Suelto* das oficinas de António Alvares (1647), lê-se:

Êste es calbi orabi
el calbi famallorado.

Assim mesmo está no de 1720.

Em outros (sem ano nem lugar) imprimiu-se:

Êste es el calbi ora bi
el calbi fa melhorado [7]

Sempre *calbi* (ora com o artigo *el*, ora sem êle). Êste vocábulo *calbi* é portanto o *rochedo de bronze* da cantiga que devemos interpretar. A par de *orabi* ha as grafias *ora bi*, *ora vi*, todas elas defeituosas. No final passou-se de *sol fa melhorado* a mero *fa melhorado* e *famallorado*, fórmulas de som peninsular, mas sem sentido, e que destoam do carácter evidentemente arábico de *calbi orabi*, e são provávelmente nacionalizações de sons originais, difíceis de pronunciar, e por isso esquecidos e substituídos pelas notas musicais *sol fa mi dó* ou *sol fa mi la dó*.

*

O texto de Dom Duardos é todo castelhano. Na sua maior parte compõe-se de formosas estrofes *manriquinas*. Isto é, estrofes cujo modelo e padrão são as famosas *Coplas elegiacas de Jorge Manrique*, escritas em 1476, à Morte de seu pai:

Recuerde, el alma dormida! [8]
Avive, el seso y despierte
Contemplando
Como se pasa la vida,
Como se viene la muerte
Tan callando.

Cuan presto se va el placer,
Como despues de acordado
dá dolor;
Como a nuestro parecer
Cualquiera tiempo pasado
fue mejor!

Estrofes de doze (ou 4 × 3) versos octonários, dos quais os divisíveis por três são *quebrados*, com rimas graves e agudas *ad libitum:* abc abc, def def. De vez em quando ha todavia, em lugar dessas coplas líricas, outras mais curtas de onze, dez ou nove versos. De 158, quarenta são tais excepções (decimas, quintilhas, etc.), quási sempre sem *quebrados*, menos artísticas. Isso acontece sôbretudo em três casos: no fim das scenas; quando o diálogo desce a conversa chã, realística, entre pessoas de baixa esfera; ou quando o texto é interrompido por intermezzos líricos.

Êste é o nosso caso. Mas a segunda circunstância lhe toca também. Depois de Julião haver cantado, segue-se uma décima de conversa entre êsse mesmo homem do povo e D. Duardos, disfarçado em hortelão-cavador.

D. Duardos:

Quien tuviese el tu cuidado,
Y no del triste de mi!

Julião:

Como os va, *bon ami?*

D. Duardos:

Cansado.

Julião:

Parece que habeis llorado?

D. Duardos:

Nunca tan triste me vi!
No me hallo en esta tierra!
Y este tesoro me tiene,
este solo me da guerra,
que cuando andaba en la sierra
hacia vida solene.

Nas impressões avulsas a primeira quintilha é igual. Apenas em vez de *bon ami* há *buen amigo*. A última é substituida por só dois versos:

Más contento y descansado
andaba yo por la sierra!

Como *sierra* fique sem rima, e *descansado* se ligue aos versos anteriores, contra o costume, considero como mais fidedigna a lição de 1561; tenho-a em conta de décima em *ado/i/ado/ ado/i/*, *erra-iene-erra-erra-ene (abaab-cdccd).*

Aparentemente o *Calbi* que termina em *í-ado*—está ligado com ela. *Por nefas*, segundo a minha opinião; só em virtude da alteração ideada pelos impressores ou editores, que não percebiam o teor da cantiga tal como Gil Vicente o transmitira.

Na falta da verdadeira edição-príncipe, avulsa, do *D. Duardos*, de cêrca de 1525 (com o privilégio de D. Manuel, ratificado por D. João III) é preciso entrar com conjecturas, a respeito

dêsse teor. Com reserva, bem se vê. Hipótese minha, que já anunciei, é que Gil Vicente, na pessôa de Julião, se lembrava da melodia, mas quanto ao texto, só das primeiras palavras arabes, e misturava por isso com elas os nomes peninsulares das notas musicais: *sol fa mi dó* ou *sol fa mi la dó.*

Este ès Calbi orabi
el calbi, sol fa mi dó.

E esse *sol fa mi dó,* em que os posteriores procuraram e não encontraram vocábulos correctos castelhanos, foi modificado nas reimpressões, ora à portuguesa em *fá melhorado,* ora em *famallorado.*

*

Os vocábulos da lingua portuguesa que acabam em *-í*, transformado às vezes nas evoluções modernas em *-il—im—inho—io,* tem todos origem árabe. Em árabe *-í* final é sufixo de adjectivos relativos, p. ex. em *javalí* o montanhês, *maravedí, guadamecí, ceití* (hoje *ceitil*), *marroquí* (hoje *marroquim*), *affonsí* (hoje *afonsinho*), *algarví* (hoje *algarvio*), *borceguí* (hoje *borceguim*). (9) Em outras ligações sinctáticas, é pronome possessivo *(meu, minha).* Se a minha interpretação fôr certa, temos esse último caso em *calbi (qalbi,* isto é *calb-i)* e o primeiro em *arabí,* derivado de *arabe.*

*

É incontestavel que não só a cultura, mas tambem a lingua, a música, a dansa dos Arabes actuou na dos Mozarabes e dos Godo-latinos e que vice-versa a cultura e a lingua hispanica actuou na de Arabes e Mozarabes nos sete seculos da sua estada na península. Quanto à poesia, o influxo da arte culta, complicadissima, requintadissima, outróra julgado certo, passa hoje por nulo. Quanto ao da poesia popular, singela como em toda a parte, e da semi-popular, mais estilizada, as opiniões estão divididas, e continuarão assim até que se proceda a investigações muito mais completas do que as belissimas de Schack. Êste admitia, na sua *Poesia e Arte dos Arabes na Espanha e Sicilia* (10) relações de dependencia entre certos géneros árabes, inventados e cultivados só aqui e na Sicilia, e segundo êle inventados por Arabes — o *zadschal* ou *soneto* (Klanggedicht) —

e o *muwaschaha* ou cinturão (Gürtelgedicht) — e a cantiga de vilão, o vilancete, vilhancico hispanico. E acentua que em uns e outros a rima de um tema, de dois ou tres versos, se repete no fim das coplas, mais extensas, em que a ideia ou é continuada ou parafraseada. Mas Dozy ([11]) e Baist ([12]) contestam essa dependencia. Menendez y Pelayo pela sua vez julga (com razão, a meu vêr) que houve influxo mútuo.

Segundo êle foram mahometizantes ou muladies que aclimataram os ditos géneros neo-latinos nas côrtes de Sevilha e Palermo ([13]). O exame deveria começar portanto com esses temas, motes ou cantarcilhos, em forma de distico e de tríada, muitas vezes sentenciosos a modo de proverbios, ([14]) isto é com as formas mais primitivas, simples e vulgares da poesia popular, que entraram na poesia palaciana e aí evolucionaram ([15]).

*

A fim de tornar acreditável a origem árabe de *Calbi arabi*, bastará lembrar alguns factos positivos.

Possuimos ainda hoje em Portugal um sinónimo árabe de *ditado, provérbio, adágio*, que originàriamente deve ter designado sómente uma espécie: a que era psalmodiada ou cantada pelos Árabes. É o *anexim*, eternizado pelo Apólogo Dialogal da *Feira dos Anexins* de Francisco Manuel de Mello ([16]). Usado antigamente tambêm no reino vizinho, na forma *anexir, anaxir*, proveniente de *naschid*, êle subsiste exclusivamente aqui ([17]).

Um poeta galego-castelhano da segunda época lirica (1350 — 1450), Alfonso Alvarez de Villasandino, fala de *anexires asonados* seus, numa composição que é, como muitas outras, um rosário de ditados proverbiais ([18]). Em outras duas, em que o poeta incita o rei D. João II de Castela a expulsar os Agarenos ([19]), emprega o mesmo substantivo. Numa, especifica os *lindos anaxires* de louvor que haviam de ser cantados em *Granada* (depois de *ganada*) e até indica o teor de um, ou seja o seu princípio:

Vuestra persona ensalçada
biva luengamente onrrada
porque yo vea en Granada
cantar un lindo anaxir
la dayfy çultan quevir,
desque la ovieredes ganada
e cobrada.

As palavras iniciais são alocução ao rei-vencedor:

São *anaxir árabe*, escrito por um Galego-castelhano, como se vê, que significa *oh meu hospedeiro grande sultão*. O i final de *daifi* é portanto o pronome possessivo *meu*, tal qual em *calbi*.

No mesmo cancioneiro de transição, galego-castelhano, ha outro cultor da gaia sciencia, [20] natural de Genova e familiarizado com a Divina Comédia de Dante, que ainda assim não se peja de introduzir num dos seus *dizeres* outra exclamação arabe, que declara ter ouvido, em sonho, da bôca da mãe parturiente de D. João I:

e oyle á manera de apiadar
çayha bical ha bin al cabila mora! [21]

E ha outro trovador «estrafalario», Garci Fernandez de Gerena, que, namorado de uma juglaresa moura, casou com ela e renegou [22]. Além dêle aparece um mouro latinado como autor de diversas composições castelhanas: o Maestro Mahomat el Xartosse, de Guadalfaxara [23].

Bastante anterior, da primeira metade do século XIV, é o jovial Arcipreste de Fita, Juan Ruiz, de vida muito mundana e tão leviana que o conduziu ao cárcere em 1330. O seu curioso *Libro de Buen Amor*—traduzido para português no tempo de D. João I ou de D. Duarte [24]—está repleto de reminiscências e elementos arabes. Segundo confessa e documenta, êle conhecia muito bem música instrumental (estr. 1380); sabia para quais instrumentos de corda, de sopro, ou de percussão, não convinham *cantares de aravigo* (estr. 1516). Cortejou uma vez uma moura, sem chegar a casar com ela: e introduz fragmentos da conversa que com ela teve a sua terceira celestinesca, a velha Trota-conventos [25]. Em pessoa fez muitas cantigas de dança e *troteras*:

para judias e moras e para entendederas
para en instrumentos de comunales maneras [26].

É provável, fossem bilingües.

A fórmula *caguil hallaço* (ou *hallaco*) ou *açaghulaco* que está no trecho relativo aos instrumentos de música, (1516-1517) passa por ser o principio de uma delas; mas como ninguem diz o que significa, fico a duvidar [27].

Em outro passo, infelizmente pouco claro, há vocábulos que no som se semelham a *el Calbi orabi*, pois dizem *Cabel el orabyn*

(ou *Cabel el garauj*[28]). Êsses ocorrem na famigerada descrição das festas e folias com que, no dia primaveril da Pascoa, Dom Amor é acolhido por clérigos e leigos, frades e monjas, donas e jograis, e pertencem ao catálogo, complexo e quási completo, dos instrumentos de música usados no século XIV, que ocupa sete coplas de quaderna via (estr. 1228-1234[29]).

Depois de haver falado da guitarra mourisca, do corpudo alaúde, e da guitarra latina (e antes de enumerar mais vinte e um instrumentos: o meio-cano, a arpa, o rrabé mourisco, a flauta, o tambor, o galipe, a viola de arco, o cano inteiro, o pandeiro, as soalhas, o orgão, a hadedura alvardana, dulcema, axabeba, albogão, sanfonha, baldosa, bandurra, trompa, anafiles e atabais, entre êles pelo menos meia duzia de *origem arábica)* o Arcipeste menciona:

> *El rrabe gritador con la su alta nota,*
> **cabel el orabyn** *tanjiendo la su rrota,* (30)
> *el salterio con ellos, mas alto que la mota,*
> *la vyuela de pendola con aquestos y sota.* (1229).

Que significam êsses versos? E qual deve ser a pontuação racional?

Nas primeiras edições do texto, baseadas no saber do erudito D. Tomás Antonio Sanchez (31), *rabé* è definido como instrumento músico pastoril; *orabin* também como certo instrumento músico introduzido pelos mouros, e *rota* igualmente como instrumento músico, que teria uma *roda* como a gaita dos cegos. E estas definições foram repetidas infinitas vezes por lingüistas e musicógrafos, sempre com indicação dos versos do Arcipreste.

Houve todavia quem imaginou possuir em *cab'el orabin* ou *cabel el orabin* a letra de um cantico, tocado na *rota* ou *chrota*, e cujo sentido seria o grito belico: *Avante, os Arabes!* espécie de algazarra (ou *albuélvola*) (32) para excitar os cantadores e ao tocador da rota (33).

Eu sigo o primeiro alvitre. Mas com divergencia quanto ao significado de *rota*. Em toda a lista do Arcipreste ha exclusivamente nomes de instrumentos. Texto algum. A frase imediata *el saltero con ellos* indica que nos versos imediatamente anteriores houve pelo menos dois termos masculinos denominadores de instrumentos de corda, como todos os do grupo respectivo. *Rabé* e *orabin*.

Entendo por isso, cingindo-me à sintaxe transmitida: Junto ao *rabel* de sons altos e agudos [vinha] o *orabyn*, tocando a melodia

do costume, rotineiramente, e com esses dois, o psaltério de altura maior que *rabé* e *orabin*, e maior que as pequenas eminências de terra que é costume amontoar nas estradas quando e onde se cavam valados; e alêm dos três lá vinha, a saltar, a viola de pendola, observação esta que indica que os outros instrumentos eram tocados à mão.

Quanto à forma lingüistica suponho que *rabé* e *orabin* derivam ambos do arabe *rabêb, rebêb* ([34]) e designam instrumentos aparentados: espécies diversas do mesmo género. Êsse seria uma espécie de violão ([35]) que existia em muitas variantes, de formas e dimensões diversas, distintas quanto ao número e extensão das cordas, e portanto quanto ao diapasão de tiple, tenor e baixo. Houve e há (alêm de *rabé*) *rabel rebel rabil raben; rabec rebec; rabeca rebeca; rebeb rebeba rabeba rubeba*; com os derivados deminutivos e aumentativos como *rabelillo rebequim, rabequim, rabecão;* e finalmente o português *arrabil* com *arrabilete arrabileiro*.

E' muito provavel que *orabin* esteja por *arabin arrabin*, ficando assim a meio caminho do aragonês *raben* e do português *arrabil* (por *arrabim*). Mesmo a variante *garavi*, por *aravi*, torna provavel essa conjectura.

Não devo omitir o explicar Soriano Fuertes, a quem Riaño se encosta, a variante *garavi* como instrumento muito parecido ao tiple das gaitas de fole (—êle diz de *pelleja*). Tal explicação de um têrmo, único *(hapax legomenon)*, está naturalmente no ar, como está no ar a do outro que, tendo em mente *rota (roda)*, indigita *gaita de roda;* isto é, a *lira mendicorum* ou *Leierkasten* dos musicos ambulantes da Alemanha; e a dos que pensam que *rota* é, na copla indigitada, o instrumento céltico ou germânico *chrota* ([36]) e não seu homónimo neo-latino, de *rupta (route* em francês) cujos significados principais são nas línguas peninsulares: *derrota, rumo, caminho*, e figuradamente *via, ordem, modo, maneira, uso, estilo.* ([37])

*

Depois de assim ter rejeitado ou refutado a identificação de *Cab'el el orabin* do Arcipreste de Fita com o *Calbi orabi* de Gil Vicente, tornemos a essa fórmula.

Nas explicações importantes que Felipe Pedrell juntou às ideias, segundo mim erroneas, a que já me referi, é que encontrei a chave do enigma, ou pelo menos, indicação do sitio onde a chave se resguarda ([38]).

Mais do que isso, encontrei a transcrição do passo respe-

ctivo, pertencente a um livro rarissimo, que de balde se procuraria nas Bibliotécas portuguesas, públicas e particulares. É o *Livro de Música* de Francisco de Salinas, o cego catedrático da Universidade de Salamanca, que encantava todos com a sua vóz divina e o seu saber vasto. ([39]) Seu titulo é:

Francisci Salinae, Burgensis Abbatis Sancti Pancratii de Rocca Scaligna in regno Napolitano et in Academia Salmanticensi Musicae Professoris.

De Musica Libri Septem in quibus eius doctrinae veritas tam quae ad Harmoniam quam quae ad Rhythmum pertinet, juxta sensus et rationis judicium ostenditur et demonstratur.

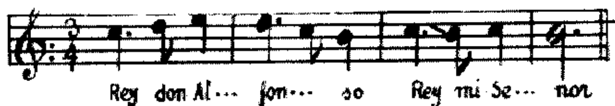
Salmanticae excudebat Mathias Gastius, 1577. *In-folio,* 438 págs. ([40]).

Falando do metro quinário, composto de *crético* (— ◡ —: arse, tese, arse) e *troqueu* (— ◡ tese, arse) Salinas dá um exemplo em vulgar, um passo saltado ou bailado e cantado nesse ritmo, proveniente, segundo o seu parecer, dos Mouros — visto que a letra era arabica e dizia:

Calvi vi calvi
Calvi aravi:

(com *a*).

Eis o passo transcrito por Pedrell. Com inexactidão, salvo erro! *Cujus cantus et saltatio apud nostrates in usu frequentissima solebant a Mauris, ut reor, accepta, nam verbis etiam arabicis canitur «Calvi vi calvi calvi aravi». Cantum talis est:*



Lá temos finalmente o texto familiar a Gil Vicente! A identidade não é absoluta, mas suficiente para convencer.

E desta vez tambem a tradução proposta é boa. É pelo menos a mesma que eu, com as minhas fracas recordações de estudos antigos arabicos, tinha construido, reconhecendo em *Calbi o meu coração:* e em *orabi,* conforme já disse, *arabi.* O *meu coração é arabe* ou *o de um Arabe* ([41]).

O texto dado por Salinas equivale, segundo Pedrell, a *Mi corazon* **fuerte á otro corazon** *es el corazon de un arabe,* ponto este, a respeito do qual solicito o parecer dos Arabistas portugueses ([42]).

Agora, se Pedrell, virando-se de novo para o *Cabe'el el-orabin* do «*Libro de Buen Amor*» continúa: «y el verso del Arcipreste de Hita hace referencia, segun toda probabilidad, á la especie de paso mencionado, marcha ó *saltatio*, que tendria por estribillo el grito *Adelante los Arabes*» o leitor já sabe que não o acompanho.

*

Não acabei ainda.

Como se explica que Francisco de Salinas fale da letra arábica *Calvi aravi*, e logo a substitua pela castelhana *Rey don Alfonso, Rey mi señor?*

A letra estranjeira, letra dos Infieis odiados e perseguidos, não compreendida pelo vulgo dos bailarinos e cantadores profissionais, e por isso já meio esquecida e deturpada quando Gil Vicente compunha a *Rubena* e o *D. Duardos*, foi pouco depois posta de banda inteiramente. Com a entrada da arte nova, lirica, vinda da Italia, e com a actividade purificadora da Inquisição e da Mesa Censoria, muitissimas reliquias medievais se sumiram. Entre elas particularmente tudo quanto era maomético ou maometizante, judaico ou judaizante. Os cantadores e bailadores *mouriscos*, muito favorecidos ainda na côrte de D. Manuel, desapareceram; e assim mesmo as cantigas de juglaresas judaicas e mouras.

O texto arábico do *Calbi aravi* perdeu-se. Mas a dansa e a música persistem, com a letra castelhana que talvez de há muito coexistisse com a outra.

Chamada *Baile del Rey D. Alfonso* entre os cristãos, ela até já estava desvalorizada, como muito antiga e muito vulgar, pouco depois da morte do Aristófanes português.

Em 1542 já se dizia de coisas despreziveis «que não valiam o *baile del rey don Alonso*». A sobrinha de Celestina diz p. ex. na *Tragicomedia de Lisandro y Roselia*, referindo-se à imortal *Celestina*, primeira, êsse arquitipo da iniqüidade feminil — *que se le daba á ella mucho que la encorozasen o la emplumasen ó le diesen quinientos azotes! No lo estimaba todo en el baile del rey don Alonso!* ([43]) Apesar disso continuou em moda pelo menos até 1600. No fim do século Cervantes citava *el rey don Alfonso el Bueno* a par de outras dansas vulgares, em parte lascivas e proïbidas ([44]). No *Entremês do Rufian Viudo*, na scena final, toda de músicas saltadas, figura o famigerado Escarramam, *flor y*

fruto de los bailarinos, que diz num longo romance, cantado ao som da *Galharda:*

Muden el baile á su gusto
que yo les sabré tocar
el canario — ó las gambetas —
o *al villano se lo dan* —
zarabanda — ó zambapalo —
el *pesame de ello* — y mas
el rey don Alonso el Bueno,
gloria de la antiguedad! (45)

Gloria de la antiguidad! —

Não conheço nenhum *Rei Alfonso* historico com o sobrenome de *Bueno*. O quarto de Aragão, (1328-36), cunhado de Alfonso XI de Castela e Leão, teve o de *Benigno*. E tinha verdadeira paixão pela música e por bons instrumentos (46). Mas ainda assim não é certo ser o de que fala a letra do Bailado.

Em todo o caso, breve vieram tempos em que passava por inconveniente mencionar um Rei D. Afonso qualquer num baile popular.

O lexicógrafo Covarrubias Orosco informa no seu *Tesoro de la lengua castellana* (1606 e 1674) que para não mais dizer «*no lo estimo en el baile del rei D. Alonso*» se costumava dizer *en el baile del rei D. Perico* — uma dessas entidades lendárias que, sendo nomeadas de todos, de ninguem são conhecidas (47).

*

O único Português que até hoje se havia ocupado de *Calbi arabi* foi, que eu saiba, T. Braga, o nunca fatigado revolvedor e revelador da literatura nacional. Logo no principio da sua fecunda actividade, no primeiro volume que dedicou a Gil Vicente, (48) em 1870, ao procurar fontes em que o poeta haurira, sem perder a sua originalidade, julgou dever colocar o *calbi orabi* entre as cantigas vindas... de França (49)! Porquê? Porque casualmente encontrara em um livro de cançonetas francesas (50) uma em cujo estribilho ha o vocábulo *Carabi*.

Mas... *carabi* não é *calbi*. O estribilho completo, nove vezes repetido, é da canção humoristica francesa do *Compadre Guilleri:*

Carabi! titi! carabi!
totó! carabó!

Imitações talvez do som de uma flauta, ou de um pífaro. Puramente onomatopaico em todo o caso. E, em terceiro lugar, se a Canção do Compadre Guilleri aludir, como penso, a uma figura histórica dêsse nome, ela não pode ser anterior a 1608 (51)!

*

Quanto às notas *sol fa mi dó*, com que suponho findava o cantarcilho do hortelão de Flerida, é pena não estarem positivamente na notação de Pedrell. Seriam elas um estribilho original que desconhecemos? Ou apenas um acrescento de Mestre Gil?

*

Resumindo: *Calbi orabi* é o representante, tardio e deturpado, de um *anexim árabe*, bailado e cantado com tal freqüência e persistência, que chegou a ser *gloria da antiguidade*. Nacionalizada foi, por motivo duplo e obvio, a letra. *O meu coração é o de um Árabe*, vivia ainda, depois de 1600, como *baile del Rey D. Alfonso*. E como *baile del rey D. Perico* pode ser que persista na fraseologia do vulgo — sombra do que fôra a princípio, reduzido ao valor de um caracol, uma palha, um figo, isto é, sem valer patavina.

Habent sua fata ... verba choreaeque.

NOTAS

(1) *Lyrics of Gil Vicente with the Portuguese Text*, translated by Aubrey F. G. Bell, author of *Studies in Portuguese Literature*, *Poems from the Portuguese* etc. — Oxford, B. H. Blackwell, Broad Street, 1914.

(2) Veja-se a Nota 49.

(3) Bell aponta p. ex. a popularíssima Canção da *Bela mal maridada*, recitada ou cantada por um Negro na *Fragoa de Amor* (II p. 332 seg.); e traduz o cantico das Deusas pagãs, caracterizadas como Egipcianas (Ciganas), no *Auto da Lusitania*, pelo ceceamento dos *ss* (III, 285 e 291). Dá-o transpôsto para castelhano correcto. — Vide N.º 47, *Los amores de la niña*.

(4) Teimo em chamar *mestre* ao grande poeta, em sentido lato, bem se vê, como verdadeiro *duca e signore* dos artistas dramaticos do seu tempo — apesar das objecções dos críticos que aplicam o título de *mestre* unicamente, em sentido restrito e escolástico, a doutores em medicina, em teologia, e em direito, e o negam ao ourives-trovador! O que é singular é que alguns dêles o considerem ainda assim como «mestre» de retórica de D. Manuel ou de D. João III, ou de ambos!

(5) Numa das scenas lê-se:

E dirá toda Castella
«Deus nos dê outra *Isabel*,
pois tão bem nos foi com ela!»

sinal certo que a Comédia relativa a Rubena e Cismena foi retocada depois do casamento da filha de D. Manuel com o imperador Carlos V, provàvelmente depois do falecimento dela, quando entre 1536 e 40 Gil Vicente preparava a Copilação das suas obras.

(6) Na *Dedicatoria a D. João III*, escrita evidentemente para a primeira impressão, avulsa, da Tragicomedia, o autor fala da sua protectora principal, em cujo serviço composera até então só moralidades, comédias e farças de figuras baixas. E não acrescenta ao nome da Rainha D. Leonor, falecida em 1526, a fórmula *que Deus haja*.

(7) Os pormenores bibliográficos, reservo-os para a edição que preparo.

(8) Vide Menendez y Pelayo, *Antologia*, Vol. III p. 100-116 e VI p. 104-151, assim como C. M. de Vasconcellos *Recuerde, el alma dormida* em *Revue Hispanique VI*, p. 148-162.

(9) Além dos vocábulos citados, de uso comum, há muitos outros, raros e antiquados, com o sufixo *í*. O interessado pode procurá-los no *Glossario* de Dozy ou no de

Eguilaz y Yanguas s. vv. *azaqui (asequi)*, *bacari*, *bafari*, *baladi*, *borni*, *candi*, *cequi*, *elemi*, *fileli*, *fodoli*, etc., etc.

(10) *Poesie und Kunst der Araber in Spanien und Sicilien*, Berlin, 1865 (há trad. castelhana de Valera), Vol. II, p. 47-163, em especial 51-58 e 12 o seg.

(11) Dozy, *Histoire des Musulmans d'Espagne*, Leyde 1861 e *Recherdes* II, p. LXIV, dos *Apendices*.

(12) Groeber, *Grundriss* II b. § 3.

(13) *Historia de los Heterodoxos Españoles*, Libro III, Epilogo.

(14) Entre os provérbios peninsulares há, além dos internacionais, muitos privativamente hispânicos. E entre êsses, bastantes devem ser de origem hebraica e arábica. É um problema atraente — por resolver.

(15) A respeito de *provérbios cantados* e de *cantarcilhos* que são provérbios, ou séries de provérbios (em Chaves ouvi dizer *ditágios*, gentil fusão popular de *ditos* ou *ditados* e *adágios*), já disse alguma coisa no *mare-magnum* de Notas sôbre a *Saudade Portuguesa* que acabam de sair dos prelos da *Renascença Portuguesa*, Pôrto, 1914.

(16) Falei da *Feira dos Anexins* há dias no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca de Coimbra*, Vol. I, fascículo 7, (Julho).

(17) Vide Dozy, *Glossaire* s. v.

(18) *Cancionero de Baena*, Madrid, 1851. N.º 167. (Na edição de Leipzig, 1860, as poesias não são numeradas. Vide Vol. I, p. 152).

Señor de Val de Corneja,
ssi vos plase, mis deitados
e *anexires asonados*
non son en cada calleja.

(*averires*, por lapso na edição de Leipzig).

(19) Ib. n.os 199 e 213 com notas explicativas a p. 663 e 665, ou II 311 e 313 da edição de Leipzig.

(20) Não posso tratar aqui da origem arábica de certos romances, como o de *Abenamar* e *Guay Valencia*.

(21) N.º 226, de Francisco Imperial, com nota explicativa a p. 666. O texto, evidentemente deturpado, merece que algum arabista o torne a examinar e o interprete de novo.

(22) Baena, n.os 555-565 (II 257).

(23) Ib. n.º 522 (II 209).

(24) O livro do Arcipreste figura no Catálogo da livraria de D. Duarte. Mas, claro que lá podia estar tanto o original como a versão. Desta restam apenas fragmentos, numas tiras de pergaminho. Publicados em 1881 por T. Braga, tiveram agora mesmo nova edição crítica e esmerada da parte de A. T. Solalinde na *Revista de Filologia Española* I (e em separata). (1)

(25) *Yaaedri* ou *lesnedri* (1509) — *le ala* ou *legualá* (1510) — *aseut* ou *asaut* (1511) — *amxy* ou *axmy* (1512).

(26) Estrofe 1513.

(27) Estrofe 1516. Sirvo-me da edição paleográfica de Jean Ducamin (Toulouse, 1901). Sanchez, na edição de 1790, e depois Ochoa na de 1842 (Paris), e Janer na de 1864 (Madrid), imprimem **hallaco**, em conformidade com o códice de Toledo. No de Gayoso há *az agualaco* ou *açaghulaco*. Ninguem deu até agora explicação satisfactória.

(28) É a lição do códice T. Os musicógrafos deram-lhe a preferência, não sei porquê.

(29) Há reprodução comentada do trecho em Mariano Soriano Fuertes, *Historia de la Musica Española*, Madrid 1885; Juan F. Riaño, *Critical & Bibliographical Notes on Early Spanish Music*, London 1887; e Felipe Pedrell, *Organografia Musical Antigua Española*, Barcelona 1901. — Cfr. Fita. c. 1210-1213.

(30) Edição Ducamin, p. 221. Em vez de *orabyn*, o códice de Gayoso tem *alborayn*, vocábulo que aumenta a escuridão do passo.

(31) Já as citei na Nota 27.

(32) Vide Dozy, *Glossaire* s. v. *Alborbola* = cri de joie, e *Recherches* II p. LVII seg.

(33) Segundo Pedrell, *Organografia p.* 53 esta opinião foi publicada, como sendo de Gayangos, por D. Serafin Maria de Sotto, Conde de Cleonard, em um seu *Discurso historico sobre el traje de los españoles desde los tiempos más remotos hasta el reinado de*

---

(1) Sobre todas estas referencias à obra do Arcipreste veja-se a edição popular dada à estampa pela Revista madrilena *La Lectura*, 2 vol. 1913, com abundantes e excelentes notas explicativas de Julio Cejador y Franca. Como a erudita autora do presente artigo parece desconhecê-la, em vista da sua utilidade aqui a cito (J. Nunes).

los Reyes Católicos, impresso pela Real Academia de la Historia, mas nunca posto à venda.

Pedrell acrescenta que essa opinião tem bastantes visos de certeza «si se considera que la designacion de *rota* se refiere à la *chrota* ó à la viola de *ruedas*, muy usada en España, que adoptarian sin duda los árabes ó à la vez como parece probable à la especie de polyplectrum ò psalterio de forma triangular usado todavia por los tunecinos y marroquies modernos.»

No texto se vê que não partilho a explicação de Gayangos, Cleonard e Pedrell.

(34) Vide Dozy s. v.; Eguilaz y Yangues 476: e quanto ao instrumento, as ilustrações de Riaño e Pedrell.

De modo algum, um instrumento de sopro.

(35) Não concordo portanto, com a tradução *Schäferpfeife — gaita pastoril*, dada por Meyer Lübke, n.º 6978.

(36) Meyer Lübke, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg 1907-1915. — N.º 4217 e 7394.

(37) Ib. N.º 7452.

(38) *Organografia* p. 47.

(39) Vide Gallardo, *Ensayo*, Vol. IV, c. 408, (3791 bis). Segundo as informações ai dadas, Salinas nascera em 1514, e pedira a sua jubilação em 1587 com setenta e três anos de idade, e vinte um de professorado.

(40) Vide Riaño, l. c. p. 81 e Salvá N.º 2541 que, infelizmente, contra o seu costume, deixou de inserir no seu *Catalogo* a lista das Cantigas e dos Romances com que o ilustre Músico exemplificava.

(41) No grande *Lexicon Arabico-Latinum* de Freytag (Vol. III, p. 485) *qalb* está registado só com os significados: *nucleus; medulla palmae; medium*. — Nos que tratam da lingua moderna familiar, qalb é sempre *coração*. Vide p. ex. Ellious Bocthor, *Dictionnaire Français Arabe*, Paris 1848, p. 159: ou Roland de Bussy, *Petit Dictionnaire français-arabe et arabe-français*, Alger 1867 (p. 51 e 395: coeur *qalb* pl. *qulûb*; e qalb-centre, coeur, milieu).

(42) Não percebo a tradução de *vi calvi*. A preposição *bi-avec* não admite aquela que vai no texto.

(43) *Acto IV*, *Scena 3*, p. 225 da edição de 1872, publicada na *Coleccion de Libros Españoles Raros ó Curiosos*, Madrid 1872.

(44) Também em dois dramas de Lope de Vega há alusão ao *Baile del Rey D. Alfonso*. Um é *Sembrar en buena tierra* (impresso em 1618 no Vol. X, f. 186 das Comedias); outro *La Villana de Jetafe* (impresso em 1621 no Vol. XIV, f. 341).

(45) Edição de D. Joaquin Hazañas y la Rua, Sevilla 1906; p. 187-188, com Anotação 238 a p. 271.

(46) Um documento citado na *Organografia* contêm a prova disso: Numa carta escrita quando estava doente, de Ecija, a D. Jusseff, pede para *tomar algun prazer*, que lhe sejam enviados dois jograis de Alfonso XI que ouvira tocar muito bem *axabeba* e *meio-cano*.

(47) Claro que *El Rey Don Alonso el Bueno* não falta na «Lista de Danzas y Bailes mencionados en los Entremeses y Bailes Literarios» que perfaz um Capitulo (9) da notável *Introdução* que precede a Colecção de Entremeses, Loas, Bailes, Xácaras y Mogigangas desde fines del siglo XVI à mediados del XVIII, ordenado por D. Emilio Cotarelo y Mori (Vol. 17 e 18 da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, Madrid 1911. Vide Tomo I, p. CCLIX).

(48) *Teatro Português* I, p. 72.

(49) Por duas vezes apenas, Gil Vicente entrecalou músicas francesas nos seus Autos: *uma ensalada que veio de França*, sem indicação da letra, no *Auto da Fé* (I 75), e a cantiga *Ay de la noble Ville de Paris*, no *Auto dos Quatro tempos* (I 92). — É bem possível que ambas sejam uma só: a *fatrasie*, de texto estranho e disparatado, n.º 429 do *Cancionero Musical*, publicado por Barbieri, não sei se deturpado pelo escrivão ou se chapurrado de propósito, pelo autor. Nas cantigas 432, 436, 445, 446, 457, há igual mistura burlesca de linguas.

(50) Saint-Malo, *Chansons d'Autrefois* (1861) p. 376. — Cfr. Larousse s. v. *Guilleri*.

(51) Claro que não nego de modo algum que possa haver o estribilho *carabí carabó* em cançonetas alegres e populares da Peninsula, a par de *zarabí zarabá zarabanda; caraqui caracollá; garabi garabá*: e muitos outros parecidos. Mas... principios de cantigas não costumam ser estribilhos onomatopaicos! E, já o disse no texto, *carabi* não é *calbi*.

Julho de 1914. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

ADAGIÁRIO PORTUGUÊS

(Coligido das fontes escritas)

Alfaiata das encruzilhadas
Põe as linhas de sua casa.
Id. p. 45.

Pois Maria bailou,
Tome o que ganhou.
Id. p. 45. Vid. *Chronica do Condestavel*, na tomada de Portel.

Bento é o barão,
Que por si se castiga, e por outrem não.
Id. p. 45.

Melhor é tarde, que nunca.
Id. p. 45.

Mais vale bem de longe, que mal de perto.
Id. p. 45.

Mais vale o sim tardio,
Que o não vasio.
Id. p. 45.

Melhor é desejo, que fastio.
Id. p. 45.

A pão duro, dente agudo.
Id. p. 45.

No fôro em que homem se põe
N'esse o tem.

Id. p. 45.

De prudente é mudar conselho.

Id. p. 45.

Dos escarmentados se fazem os arteiros.

Id. p. 45.

Fazer caminhos novos por atalhos velhos.

Id. p. 45.

Arde o sêco pelo verde.

Id. p. 45.

Lazera o justo pelo pecador.

Id. p. 45.

Quem com muitos ha que fazer,
Muitos sisos ha mister.

Id. p. 45.

Dizer e fazer não é para todo o homem.

Id. p. 46.

Não é ouro tudo o que reluz,
Nem farinha o que branquea.

Id. p. 46.

Sirve senhor nobre,
Ainda que pobre.

Id. p. 46.

Antes quero asno que me leve, etc.

Id. p. 46. (Thema da *Farça de Inez Pereira*).

Ir à caça com o furão morto.

Id. p. 46.

A senhor arteiro,
Servidor ronceiro.

Id. p. 46.

Uma hora cae a casa.
Id. p. 46.

Tantas vezes vai o cantaro à fonte, até que quebra.
Id. p. 46.

Como falam no ruim, logo aparece.
Id. p. 46.

Arrenegae do homem de muitos barretes.
Id. p. 47.

Bejo-te, bode, porque hasde ser ôdre.
Id. 47.

A ti digo eu, filha; entendei-me vós, nóra.
Id. p. 47.

Uma mão lava a outra... etc.
Id. p. 47.

Então Maria casada,
Hajam as outras más fadas.
Id. p. 47.

Tal o dado, tal o dador.
Id. p. 48.

Quem só come seu galo,
Só sela seu cavalo.
Id. p. 48.

Mal haja o ventre,
Que do bem não tem mentes.
Id. p. 48.

Não ha ouro sem fézes.
Id. p. 48.

Devemos dar, como queremos receber.
Id. p. 48.

Quem bem paga, herdeiro é no alheio.
Id. p. 49.

No dar só a presteza se louva.
Id. p. 49.

Arrenego da tigelinha de ouro
Em que hei de cuspir o sangue.
Id. p. 49.

Antes comprar, que rogar.
Id. p. 49.

Palavras sem obras,
Citara sem cordas.
Id. p. 50.

Inda que eu sou tôsca,
Bem vejo a mosca.
Id. p. 50.

Sou velho para gaiteiro.
Id. p. 50.

Sei muito bem quantos fazem três.
Id. p. 50.

Amigos e mulas,
Falecem a duras.
Id. p. 50.

O farto de jejum,
Não tem cuidado nenhum.
Id. p. 50.

A máo capelão,
Máo sacristão.
Id. p. 50.

A máo amo, máo môço.
Id. p. 50.

A má chaga, má erva.
Id. p. 51.

Avarento rico,
Não tem parente nem amigo.
Id. p. 51.

Em bom dia, boas obras.
Id. p. 51.

Quem calou, venceu.
Id. p. 49.

A máo falador, discreto ouvidor.
Id. p. 49.

Quando um não quer,
Dois não baralham.
Id. p. 49.

Quem se apressa a pagar o que deve,
Mais é pagador que agradecido.
Id. p. 49.

A seu tempo vem as uvas,
Quando são maduras.
Id. p. 49.

Nem com toda a fome à arca,
Nem com toda a sêde ao cantaro.
Id. p. 49.

Deixai fazer a Deus, que é santo velho.
Id. p. 49.

Muitos dias ha no ano.
Id. p. 49.

O que perde o mez, não perde o ano.
Id. p. 49.

Mais vale amigo na praça,
Que dinheiro na arca.
Id. p. 49.

Aonde ha amigos, ha riquezas.
Id. p. 49.

Não sabeis quanto vai de Pedro a Pedro.
Id. p. 50.

Mais vale um pássaro na mão,
Que dois que voando vão.
Id. p. 51.

De cossairo a cossairo,
Não se perdem mais que os barris.
Id. p. 51.

Negra é a mercê que tarda, e mal agradecida.
Id. p. 51.

O que custa a vergonha de quem o pede já se impõe.
Id. p. 51.

Quem rogou, não recebeu de graça.
Id. p. 51.

O bem dado é prevenir ao desejo.
Id. p. 51.

Quem não dá o que doe não ha o que quer.
Id. p. 51.

Traz a nevoa vem o sol,
E traz um tempo vem outro.
Id. p. 51.

Chega-te aos bons e serás um d'êles.
Id. p. 51.

Antes com os bons a fartar,
Que com os máos a orar.
Id. p. 51.

Muito folga o lobo com o couce da ovelha.
Id. p. 51.

Ao touro e ao doudo, dar-lhe o côrro.
Id. p. 51.

Mais ha quem suje a casa, que quem a varra.
Id. p. 52.

Por me fazer mel, comeram-me as môscas.
Id. p. 52.

À fiúza de parentes,
Não deixes de guardar que merendes.
Id. p. 52.

Cada carneiro por seu pé pende.
Id. p. 52.

Comadres e visinhas,
A vezes hão farinhas.
Id. p. 52.

Ladre o cão e não me morda.
Id. p. 52.

O cão com raiva seu dono morde.
Id. 52.

Quem espera desespera,
Se não alcança o que deseja.
Id. p. 52.

Malhar em ferro frio.
Id. p. 52.

Uma no cravo, outra na ferradura.
Id. p. 53.

Por demais é a citola no moinho,
Quando o moleiro é surdo.
Id. p. 53.

Não ha peor surdo, que quem não quer ouvir.
Id. p. 53.

Esquivança aparta amor.
Id. p. 53.

Ora vá-se o demo, e venha Maria para casa.
Id. p. 53.

Máo amo hasde agradar,
Por medo de empeorar.
Id. p. 53.

Bom amigo é o gato, se não que arranha.
Id. p. 53.

Asno é quem asno tem,
Mas mais asno quem o não tem.
Id. p. 53.

Muitos trazem thyrsos e poucos são Bacchos.
Id. p. 53.

Mais são as vozes, que as nozes.
Id. p. 54.

Honra sem proveito, não cabem num saco.
Id. p. 54.

Mal de cada dia, chega-me a negros dias.
Id. p. 54.

Não ha coisa mais barata que a que se compra.
Id. p. 54.

Pago-me eu do meu amigo,
Que come o seu pão comsigo e o meu commigo.
Id. p. 54.

O escaravelho aos seus filhos chama grãos de ouro.
Id. p. 55.

Não ha romeiro que diga mal do seu bordão.
Id. p. 55.

Jurado tem as águas,
Que das negras não façam alvas.
Id. p. 55.

Dois pardais em uma espiga
Nunca liga.
Id. p. 55.

Dois amigos de uma bolça,
Um canta e outro chora.
Id. p. 55.

Bacoro de meias, não é nosso.
Id. p. 55.

Quando o bem do senhor tarda,
O serviço do servidor enfada.
Id. p. 55.

Para mal de costado, é bom o abrôlho.
Id. p. 55.

O que faz o sábio primeiro,
Faz o louco ao derradeiro.
Id. p. 55.

Asna velha, cinta amarela.
Id. p. 55.

O filho do asno, uma hora no dia orneja.
Id. p. 55.

Gato bradador ... etc.
Id. p. 55.

Pregoar vinho e vender vinagre.
Id. p. 55.

D'onde as tomam, ai as dão.
Id. p. 56.

Melhor é beijar inimigos,
Que pedir a amigos.
Id. p. 56.

Quem lança em rôsto o que deu, parece que o pede.
P. 57.

Depois de morto,
Nem vinha, nem horto.
Id. p. 57.

A mãe e a filha, por dar se fazem amigas.
Id. p. 58.

Assoprar o fogo com água na bôca.
Id. p. 58.

A cabeça quebrada, untae-lhe o casco.
Id. p. 59.

Comer os cardos com dentes emprestados.
Id. p. 59.

Custa pouco a Pedro, beber a capa de Payo.
Id. p. 59.

Besta sem cevada,
Nunca boa cavalgada.
Id. p. 59.

O Abade d'onde canta etc.
Pág. 59 rep.

Paga o que deves, sararás do mal que tens.
Id. p. 59.

Quando o não dão os campos,
Não o hão os Santos.
Id. p. 59.

Se não alcança velha,
Alcança pedra.
Id. p. 60.

Inda que não leiamos pelos livros,
Também sômos gente.
Id. p. 60.

Fidalgo Francês não mantem palavra.
Id. p. 60.

Palavras da noite não são para pela manhã.
Id. p. 61.

A máo bacorinho, boa lande.
Id. p. 61.

Nunca me fiei
De: farei, farei;

Mais vale um avache,
Que dois te darei.
Id. p. 61.

Não é o demo tão feio como o pintam.
Id. p. 61.

Gato escaldado, de água fria tem medo.
Id. p. 62.

Asno dessorado, de longe aventa as pégas.
Id. p. 62.

A clérigo mudo, todo o bem lhe fuge.
Id. p. 62.

Dae-me mãe cautelada,
E eu vos darei filha segura.
Id. p. 63.

Antre ponto e ponto, mordedura de asno.
P. 64.

Muitos morrem na guerra,
E não deixam de ir a ela.
Id. p. 64.

Não ha coisa rogada, que não saia cara.
Id. p. 65.

Com verdade e com mentira
Casa o villão sua filha.
Id. p. 65.

Por geito se quer a môça
E não por fôrça.
Id. p. 66.

Da laranja e da mulher,
O que ela quizer.
Id. p. 66.

Nóra rogada,
E panelà repousada,
Não a come toda a barba.
Id. p. 66.

Conta de perto, amigo de longe.
Id. p. 66.

De pobre Bispo, pobre serviço.
Id. p. 66.

Um máo dado, duas mãos suja.
Id. p. 66.

Máo parto, filha em cabo.
Id. p. 66.

Quem te dá o osso não te quer vêr morto.
Id. p. 66.

Bèsteiro que mal tira,
Prestes tem a mentira.
Id. p. 66.

Assim partiu Santarem com Torres Novas.
Id. p. 66.

Melhor é divida velha, que pecado novo.
Id. p. 66.

O boi pelo côrno, e o homem pela palavra.
Id. p. 66.

Migalhas de pão em capelo de Frade.
Id. p. 67.

A pobre não prometas
E a rico não devas.
Id. p. 67.

Quem bem serve e não pede,
Quanto serve tanto perde.
Id. p. 67.

Quem engana o ladrão,
Tem cem anos de perdão.
Id. p. 67.

Muitas coisas sabe a raposa,
E o ouriço cacheiro uma só.
Id. p. 68.

Quem não mente...
Não vem de boa gente.
P. 71.

Quem o mel trata etc.
P. 71.

Uma andorinha só não faz verão.
Id. p. 72.

O que se usa,
Não se escusa.
Id. p. 72.

Negra é a ceia na casa alheia,
E mais negra para quem a ceia.
Id. p. 77.

Quem em paço envelhece
Em palheiro morre.
Id. p. 77.

Quem muitas estacas tancha,
Algumas prende.

Id. p. 77.

Por um cabelinho
Se pega o fogo ao moinho.

Id. p. 78.

Pouco fel,
Faz azedo muito mel.

Id. p. 78.

Asno desorvado, etc.
A quem hasde rogar... etc.

Id. p. 78.

De pequena bostela
Se alevanta mazela.

Id. p. 78.

Quando malho dá, cunha sofre.

Id. p. 78.

Não ha bem que cem anos dure,
Nem mal que a êles ature.

Id. p. 78.

Enquanto a pedra vae e vem,
Deus dará do seu bem.

Id. p. 78.

Pedra movediça não cria bolor.

Id. p. 79.

Máo ano hasde guardar etc.

Id. p. 79.

Bem de senhor não de herdade.

Id. p. 79.

Em tempo de figos, não ha amigos.

Id. p. 81.

Muito pode o galo no seu poleiro.
Id. p. 81.

Nasceu-te já o dente-queixo?
Id. p. 82. *(Dente do siso.)*

No grande mar se cria o grande peixe.
Id. p. 82.

Em logar de senhorio, não façais ninho.
Id. p. 82.

Muitos enfeitadores, estragam a noiva.
Id. p. 83.

Asno de muitos, lobos o comem.
Id. p. 83.

Terra que sei,
Por madre a hei.
Id. p. 83.

Quem traz a mão na massa,
Sempre se lhe pega d'ela.
Id. p. 83.

A verdade Deus a amou.
Id. p. 83.

Peças velhas, para a Feira de Santa Ladra.
Id. p. 83.

Baratos de jogo, nunca faltam precalços.
Id. p. 83.

Quando uma porta se abre,
Outra se çarra.
Id. p. 83.

Um ruim ido,
Outro vindo.
Id. p. 83.

Nem sabado sem sol,
Nem môça sem amor.
Id. p. 83.

A quem Deus a der,
Sam Pedro a benza.
Id. p. 83.

Vezo pônhas,
Que não tolhas.
Id. p. 83.

Bezerrinho que sóe mamar,
Prue-lhe o papar.
Id. p. 84.

Seja tua a figueira,
E estê-lhe eu à beira.
Id. p. 84.

Não dão murcela
A quem não mata borrêga.
Id. p. 84.

O lobo e a golpêlha,
Todos são de uma conselha.
Id. p. 84.

Não cries galinha
U mora raposa.
Id. p. 84.

Nem creas lágrimas
De mulher que chora.

Quem engana o enganador,
Tem cem anos de perdão.
Id. p. 85.

A vingança sempre tarda,
E é má de tomar de quem se guarda.
Id. p. 86.

Mais vale salto de mata,
Que rogo de homens bons.
Id. p. 86.

A prezo e cativo
Não ha amigo.
Id. p. 86.

Muitos cães lambem o moinho,
Mas mal pelo que acham.
Id. p. 86.

Como a cousa é bem negada,
Nunca é bem criada.
Id. p. 86.

A mulher muito louçã,
Dar-se quer à vida vã.
Id. p. 87.

A grande pressa, grande vagar.
Id. p. 88.

Homem não pode jurar por ninguem.
Id. p. 88.

Deus diante, e o mar chão.
Id. p. 88.

Um palmo de preguiça, acrescenta dez de damno.
Id. p. 92.

O côrvo não pode ser mais negro que as azas.
Id. p. 92.

Não caça de coração
Senão o dono do furão.
Id. p. 92.

O que meu fôr, á mão me virá.
Id. 92.

Homem comedido, nunca trepou muito.
Id. p. 92.

Quando forçar, não queixar.
Id. p. 93.

Muito tem Deus que dar,
E ainda está onde sohia.
Id. p. 93.

Trazer água no bico.
Id. p. 96.

Não ha tão ruim erva, que não tenha alguma virtude.
Id. p. 97.

Vae el-rei até onde pode, e não onde quer.
Id. p. 98.

Estôpas juntas do fogo não estão seguras.
Id. p. 99.

Mudar costume é par de morte.
Id. p. 103.

O buraco chama o ladrão.
Id. p. 104.

Quem por grêta espreita
Seus doílos vê.
Id. p. 107.

Mal vae à raposa quando anda aos grilos,
E ao juiz quando vae para a fôrca.
Id. p. 107.

Na água envôlta pesca o pescador.
Id. p. 107.

Dize-m'o antes que t'o diga.
Id. p. 107.

Quem pode ser todo seu,
Em ser d'outrem é sandeu.
Id. p. 108.

Quem palavras em si não retem,
Sempre lhe dizem que máo siso tem.
Id. p. 108.

Não pode ser amado
Quem sempre quer ser irado.
Id. p. 108.

Quer em jogo, quer em sanha,
Sempre o gato mal arranha.
Id. p. 108.

Quem te não ama,
Em praça te difama.
Id. p. 108.

Um em papo, outro em saco.
Id. p. 108 e 210.

Andar com furão morto à caça.
Id. p. 109.

Onde ha muito riso,
Ha pouco siso.
Id. p. 109.

Tempo á chóca, tempo a quem a joga.
Id. p. 109.

Cada dia peixe,
Amarga o caldo.
Id. p. 109.

Não te assanhes com o castigo,
Que não t'o dá teu inimigo.
Id. p. 109.

Filho alheio,
Braza no seio.

Dê-me Deus contenda
Com quem me entenda.
Id. p. 110.

Emquanto a pedra vae e vem,
Dará Deus do seu bem.
Id. p. 110.

Qual te dizem, tal coração te fazem.
Id. p. 110.

Coração sem arte,
Não cuida maldade.
Id. p. 110.

Quem muito fala
D'êlo dana.

Em bôca cerrada
Não entra môsca.

Ama quem te ama,
Responde a quem te chama,
Andarás carreira chã.

Do mal que faz o lobo etc.
De pequena costela etc.
Quem adiante não olha etc.
Id. p. 110.

Do ruge-ruge se fazem os cascaveis.
Id. p. 110.

Quem te não roga,
Nem voga,
Não lhe vás á bôda.
Id. p. 111.

De ruim cabeça, não pode saír bom conselho.
Id. p. 111.

Não com quem nasces,
Senão com quem passes.
Id. p. 111.

Perdi maldizendo meu honor
E ouvindo peior.

Id. p. 111.

Cuida o ládrão
Que todos são da sua condição.

Id. p. 112.

Cesteiro que faz um cêsto, faz um cento,
Tendo verga e tempo.

Id. p. 112.

Na aldeia que não é boa,
Mais mal ha, que sôa.

Id. p. 112.

Tirados os azos,
Tirados os pecados.

Para mal de costado
É bom o abrôlho.

Id. p. 112.

A verdade amarga.

Id. p. 112.

Quem mais quer que bem,
A mal vem.

Id. p. 112.

Por demais é citola no moinho,
Se o moleiro é surdo.

Id. p. 113.

O bom conselho é decoada
Em cabeça de asno pardo.

Id. p. 113.

À mulher e à galinha,
Trocer-lhe o colo se a queres fazer boa.

Id. p. 113.

Os ameaçados pão comem.

Quem me ameaça, uma tem
E outra espera.

Id. p. 113.

O sol me luza,
Que do lume não hei cura.

Id. p. 113.

Boy solto, delambe-se todo.

Id. p. 113.

Mais vale morte com honra,
Que vida deshonrada.

Id. p. 120.

De longas vias,
Longas mentiras.

Id. p. 123.

Nunca são tanta as nozes,
Como as vozes.

Id. p. 126.

O mal e o bem
Na face o vêem.

Id. p. 128.

Quando Deus não quer,
Santos não rogam.

Id. p. 131.

O homem afortunado
Da esperança se sustenta.

Id. p. 137.

Nunca do rabo de porco bom viróte.

Id. p. 141. (Camões, *Disparates da Índia*).

Por amor que não convem,
Nasce muito mal e pouco bem.

Id. p. 142.

Bem palra Martha
Depois de farta.

Id. p. 143.

O que a loba faz
Ao lobo apraz.

Id. p. 145.

A um ruim, ruim e meio.

Id. p. 145.

Pouco dá o farto pelo faminto.

Id. p. 146.

Guarda da volta do touro.

Id. p. 146.

Para cada porco ha seu San Martinho.

Id. p. 146.

Ninguem diga: d'esta água não beberei.

Id. p. 146.

Bogio não se toma com laço.

Id. p. 146.

Chover no molhado.

Id. p. 146.

Quem dá pão, dá páo.

(Eu não me nego dos seus, mas dou-lhe do pão e do páo. — *Eufrosina*, 146.)

Mais sabe o sandeu no seu,
Que o sisudo no alheo.

Id. p. 146.

O pouco, por uso e tempo, faz-se muito.

Id. p. 147.

Criar o côrvo, que me tire o olho.

Id. p. 148.

Em pouco espaço se salvou o bom ladrão.
Id. p. 150.

Tantos morrem de carneiros
Como de cordeiros.
Id. p. 151.

Faço o que vejo fazer;
Irei onde os outros fôrem.
Id. p. 152.

Às vezes corre mais o demo do que a pedra.
Id. p. 153.

Quem com damas anda,
Chora e não canta.
Id. p. 154.

Por molhes vão ao inferno...
Id. p. 154.

O que mais custa melhor sabe.
Id. p. 155.

Galinha gôrda de pouco dinheiro.
Id. p. 156.

Mais vale o bom natural, que toda a sciência.
Id. p. 156.

Quantos homens, tantas opiniões.
Id. p. 156.

Vêrças que não haveis de comer,
Não cureis de as mexer.
Id. p. 160.

Dos escarmentados se fazem os arteiros.
Id. p. 162.

Por bem fazer, mal haver.
Id. p. 163.

Venha o dêmo e escolha.
Id. p. 164.

Do rio manso me guarde Deus,
Que do bravo eu me guardarei.
Id. p. 164.

Mais antigo que a Serpe.
Id. p. 174.

Quem muito olha os fins
Nunca fez bom feito.
Id. p. 176.

Foge a morte de quem a despresa.
Id. p. 177.

Diz a caldeira à certã...
Id. p. 177.

A quem doe o dente vae a dentuça.
Id. p. 177.

Pede o guloso para o vergonhoso.
Id. p. 178.

Quem não deve não teme.
«Êstes não temem nem devem.»
Id. p. 178.

Das burlas vêm as véras.
Id. p. 179.

Meter os cães na moita e tirar-se fóra.
Id. p. 179.

Tirar a castanha do borralho
Com a mão do gato.
Id. p. 179.

Quem tras valados vae falando,
Filhos alheos vae castigando.
Id. p. 180.

Um cravo com outro se tira.
Id. p. 180.

Quem comsigo se conselha
Comsigo se depena.
Id. p. 180.

O que é máo para o ventre
He bom para o doente.
Id. p. 186.

Acordar o cão que dorme.
«que n'estas acordais o cão que está dormindo, etc..» Ib. 186. — «já que acordaste o cão que estava dormindo», (p. 197.)

A mortos e a idos...
Id. p. 187.

Melhor é saber, que haver.
Id. p. 187.

O amigo se hade levar com a sua tacha.
Id. p. 190.

Não vades por lá e venhais tosquiado.
Id. p. 195.

Nem tanto Amen, que se dana a Missa.
Id. p. 196.

Onde a galinha tem os ovos...
Id. p. 196.

Como a cêra é sobeja...
Id. p. 196.

Benza-o Deus, que não o lamba o gato.
Id. p. 197.

Nunca ninguem diga: d'esta água não beberei...
Id. p. 197, vid. supra.

Mal alheo, de cabelo pende.
Id. p. 198.

A seu salvo está quem arrepica.
Id. p. 200.

Dae-me dinheiro,
Não me deis conselho.
Id. p. 204.

Quem bem sêe não se levante.
Id. p. 204.

Quem bem está e mal escolhe...
Id. p. 204.

Quem corre pelo muro
Não dá passo seguro.
Id. p. 206.

O bem não é conhecido
Senão depois de perdido.
Id. p. 209.

Não sabe o asno que cousa são alféloas.
Id. p. 210.

Queres que te diga, nóra...
Entende-m'o sogra.
Id. p. 210.

Quem seu inimigo poupa
A suas mãos morre.
Id. p. 210.

Quem com máo visinho hade avizinhar,
Por um olho hade dormir e por outro velar.
Id. p. 210.

Pela bôca morre o peixe.
Id. p. 210.

Quem o demo tomou uma vez,
Sempre lhe fica um geitinho.
Id. p. 210.

Um ruim, se nos vae da porta,
Outro vem que nos conforta.
Id. p. 211.

Sardinha que o gato leva,
Gualdida vae.
Id. p. 211.

Quem bôca beija,
Bôca não deseja.
Id. p. 211.

Quem te não ama
Em jogo te difama.
Id. p. 211.

Quem em muitas pedras bole,
Em alguma se tolhe.
Id. p. 211.

Onde fogo não ha, fumo não se levanta.
Id. p. 211.

O que meu fôr, à mão me virá.
Id. p. 212.

Quem com farelos se mistura,
Máos cães o comem.
Id. p. 212.

Quem em ruim logar põe a vinha
Às cóstas tira a vindima.
Id. p. 212.

Quem casa por amôres,
Sempre vive em dores.
Id. p. 212.

Quem todo o quer, todo o perde.
Id. p. 212.

Quem cospe para o céo
Na cara lhe cae.
Id. p. 212.

Pela semana faz o lobo com que não vae ao domingo à missa.
Id. p. 212.

Quem diz o que quer,
Ouve o que não quer.
Id. p. 212.

Quem mal fala peor ouve.
Que é manha de açougue.
Id. p. 212.

Antes quero rascão folgado...
Id. p. 212.

Como fallar no ruim, logo aparece.
Id. p. 214.

Juradas tem as aguas
Que das pretas não façam alvas.
Id. p. 219.

O fato à sombra, a borracha ao sol.
Id. p. 220.

Gato muito bradador
Nunca bom caçador.
Id. p. 220.

Poucas palavras a bom entendedor.
Id. p. 220.

Dinheiro faz o mar chão, e padeça França.
Id. p. 222.

Do gato danado nascem os trabalhos.
Id. p. 227.

Quem canta
Fadas más espanta.
Id. p. 229.

Quem gabará a noiva?
A pêrra da sogra.
Id. p. 231.

Quando ha que comer em casa,
Sãos estão os Santos.
Id. p. 232.

Quem mais perto está do fogo mais se aquenta.
Id. p. 233.

Bem prega Marta...
Depois de farta.
Id. p. 233.

Bem préga Maria
Em casa vazia.
Id. p. 233.

Melhor é errar com os muitos
Que acertar com os poucos.
Id. p. 239.

Não vae por ahi o gato ás filhóses.
Id. p. 251.

Falo-lhe em alhos,
Elle fala-me em bogalhos.
Id. p. 251.

Não vejo moita donde lobo saia.
Id. p. 252.

Quando te derem o bacorinho...
Bota-lhe logo o baracinho.
Id. p. 253.

A quem Deos quer ajudar,
O vento lhe apanha a lenha.
Id. p. 253.

Muitas vezes se perde com priguiça
O que se ganha por justiça.
Id. p. 254.

Por uma verdade, dez mentiras.
Id. p. 257.

Quem dá e não dá sempre,
Quanto dá, tanto perde.
Id. p. 258.

Morto é o afilhado
Por quem tinhamos o compadrado.
Id. p. 258.

Quem me quer bem,
Diz-me o que sabe,
E dá-me do que tem.
Id. p. 258.

O que se compra é o mais barato.
Id. p. 259.

Peor de achar, que agulha em palheiro.
Id. p. 262.

Debaixo de má capa, jaz bom bebedor.
Id. p. 267.

Quando Deos não quer, Santos não rogam.
Id. p. 271.

Quem não falla não no ouve Deus.
Id. p. 275.

Cada um canta como ha graça,
E casa como ha ventura.
Id. p. 277.

Não hajaes mêdo,
Que prezo vae pelo ourelo.
Id. p. 277.

A razão mata razão, e o cajado lebre.
Id. p. 278.

Quem não tem que faça, que merque uma pata.
Id. p. 278.

Se não fôra a bóta, cortava-lhe a perna.
Id. p. 279.

Asno morto, cevada ao rabo.
Id. p. 282.

Da mão á bocca...
Perde-se sem vezes a sôpa.
Id. p. 28[illegible].

Andar por onde anda a raposa.
Id. p. 28.4

Quem é bom de contentar
Menos tem que chorar.
Id. p. 284.

Crêde sempre a quem joga de fóra.
Id. p. 289.

Como dizia o Gallego:
De longas vias, longas mentiras.
Id. p. 293.

Honra e proveito, não cabem n'um saco.
«e quem melhor ladrão é do direito alheio, mete honra e proveito n'um saco.»
Id. p. 294.

Afogar-se em pouca água.
Id. p. 299.

A fortuna mais azinha se acha, do que se sustenta.
Id. p. 299.

A quem a fortuna pintou negro
Nenhum tempo o pode fazer alvo.
Id. p. 299.

Do rico é dar remedio, e do sabedor conselho.
Id. p. 301.

Amor de menino...
Id. p. 301.

Quem primeiro anda
Primeiro manja.
Id. p. 303.

Hajamos paz, morreremos velhos.
Id. p. 303.

Homens bons, picheis de vinho.
Id. p. 303.

Decoada em cabeça de ásno pardo.
Id. p. 304.

Na cabeça alheia haveis de tomar exemplo.
Id. p. 304.

O bom discipulo paga o mestre.
Id. p. 304.

Por do vás,
Como vires assim faz.
Id. p. 305.

Mal vae ao rato
Que não sabe mais que um buraco.
Id. p. 305.

Do prudente é mudar conselho.
Id. p. 305.

Querer ser bom entre ruins
É nadar contra a vea d'ágoa.
Id. p. 305.

Melhor é um pão com Deus
Que dez com o demo.
Id. p. 305.

Quem fogo quer e chove
A unhas o descobre.—Id. p. 306.

Filho és e pae serás...—Id. p. 308.

Bolsa sem dinheiro...—Id. p. 326.

Quem atalha rodêa.—Id. p. 327.

Não ha atalho
Sem trabalho.—Id. p. 307.

Muitas vezes lazera o justo pelo pecador.—Id. p. 330.

Quem se guardar, não errou.—Id. p. 330.

Quem com ferro fere...—Id. p. 332.

Melhor é chorar com sabios, que rir com nescios.—Id. p. 349.

Té um cabelo faz sua sombra.—Id. p. 350.

Muitas vezes se perde por priguiça o que se ganha por justiça.—*Eufrosina*, p. 253.

A prezo e cativo não ha amigo...—*Eufrosina*, p. 86.

C) Anexins tirados da Aulegraphia

O bom dizidor antes perde o amigo que um bom dito. Fl. 3. *v*. Ed. de 1619.

Não ha maior pobreza que ser avaro.—Id.

Fugir juiz, é confessar peccado.—Fl. 6.

Pera lograr o proveito, ha-se de soffrer o dano.—Id.

Tu bom e eu bom, quem tangerá o asno?—Id.

Pouco dá o farto por o faminto.—Fl. 9.

Levar duas em capello.—Fl. 22. *v.*

Quanto tens, tanto vales.—Fl. 22. *v.*

Quando faz sol e chove, casa a raposa.—Fl. 25.

Antes ser amado, que temido.—Fl. 25.

Tantas vezes vae o cantaro á fonte, (var. *á bica)*,
Até que lá fica.—Fl. 25. *v.*

Trazer água no bico.
«Que me matem se isso não *traz água no bico.*»—Fl. 29. *v.*

D'ahi vem a toce ao gato.—Ib.

Saber conserva-lo, que não é menos que gaynha-lo.—Fl. 30

Adquirir quer ventura, e conservar, arte.—Fl. 30.

Vá o perdido por amor de Deus.—Fl. 32.

Antes asno que me leve,
Do que cavallo que me derrube.—Fl. 32. *v.*

Não é só ladrão o que furta.—Fl. 33.

Um ruim se vae da porta...—Fl. 35.

Malhar em ferro frio.—Fl. 43.

O bezerrinho manso...
Mama a sua e mama a alheia.—Fl. 43.

A hora mala, pêrro não ladra.—Fl. 47. *v.*

O que meu fôr, á mão me virá.—Ib. fl. 30.

Quem não peleja, não vence.—Ib.

Quem cala, consente.—Fl. 54.

Não é o demo tão feio como o pintam.—Fl. 60.

Do mal o menos.—Fl. 60.

Dar o seu a seu dono.—Fl. 60.

Não crieis galinhas onde raposa mora.—Fl. 63.

Té o bom conselho se hade temer de pessôa suspeita.—Fl. 63. *v*.

Antes que cases,
Cata o que fazes,
Que não é nó que desates.—Ib. 78.

Dir-vos-hei, como diz o Cura:
Diga cada um por si, como eu digo por mim.—Fl. 82.

Venha o demo e escolha.—Fl. 88. *v*.

Para cada pôrco ha seu San Martinho.—Fl. 90.

Amores e dôres, com pão são boôs.—Fl. 204.

Ameaça muitos quem affronta um.—Ib. 111.

Um ingrato ensina outros ser escassos.—Ib.

O enfermo desregrado faz o mestre ser cruel.—Fl. 114. *v*.

Guarde-nos Deus da ira de Senhor,
Alvarôto de povo, e de doudo em logar estreito.—Fl. 114. *v*.

«E' como diz o exemplo...
Qual te dizem, tal coração te fazem.—Fl. 114. *v*.

A esperança do descanso, alivia o trabalho.—Fl. 115.

Pouco gosto pode ter-se do bem, receiando-se o mal.—Ib.

Quanto mais parvo, mais valia.—Fl. 137. *v*.

— Antes ser que parecer.

«Mas eu sou mais de o ser, que parecê-lo.» — Fl. 144. *v*.

Em uma hora se paga o que se erra toda a vida. — Fl. 146.

Não ha boa hora para um, que não seja má para outro. — Fl. 146. *v*.

Do mal que o homem teme, d'elle morre. — Fl. 147. *v*.

A ovelha que não tem dono, come-a o lobo. — Fl. 148. *v*.

Gavam todos o bom e seguem o máo. — Fol. 150. *v*.

Cada um para si, e Deus para todos. — Fl. 158.

Donos dão e servos choram. — Fl. 158. *v*.

Gato escaldado ..... — Fl. 167.

Deixar o certo pelo duvidoso. — Fl. 170.

Quando vires o bom dia, metel-o em casa. — Fl. 170.

Com o que Pedro sara, Sancho adoece. — Fl. 171. (Vid. *Santilhana*).

B) **Anexins tirados de Gil Vicente**

Na festa sem comer,
Não ha hi gaita temp'rada. — I, 111.

Que quem casa por amores
Não vos he nega dolores. — Id. p. 128.

Isto chamam: Amor louco.
Eu por ti e tu por outro. — Id. p. 139.

Não julgueis vós pola côr,
Porque em al vae o engano.

Cá dizem, que sob o máo panno
Está o bom bebedor. — I, 162.

E, a segundo são os tempos
Assi hão de ser os tentos.—Id. p. 163.

Diz lá o exemplo velho:
Dá-me tu a mim dinheiro,
E dá ao demo o conselho.—Id. p. 167.

C'o baraço ao pescoço
Mui mal presta a pregação.—Id. p. 241.

Um ôvo por dois reaes.—Id. p. 257.

Quem bem renega, bem crê.—Id. p. 271.

Quem com mal anda, chora e não canta.

Não cuide ninguem, que lhe venha bem.

Quem só se aconselha, só se depena.

Quem não faz mal não merece pena.

Quem chora ou canta, fadas más espanta.

Se sempre calares, nunca mentirás.

Não comas quente, não perderás o dente.

Quem não mente não vem de bôa gente.

Não achegues á fôrca, não te enforcarão.

Não peques na lei, não temerás rei.

(Id. p. 343.)

Não sejas pobre, morrerás honrado.—Id. p. 344.

Villão farto, pé dormente.
(Forma moderna: Barriga chêa, pé dormente.)—(*Quem tem Farellos*, t. III, 12.)

Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube.—(Thema da *Farça de Inês Pereira*, t. III, 121).

Ante a Pascoa vem os Ramos.
Maior é o anno que o mês. } Id. p. 124.

Porque diz o exemplo antigo.
Que — a amiga e o amigo
Mais aquenta que bom lenho. — III, 127.

Mata o cavallo de sela,
E bô é o asno que me leva. — III, 130.

Mais quero eu quem me adore,
Que quem faça com que chore. — III, 130.

Diz o exemplo da velha:
— O que não haveis de comer
Deixae-o a outrem mexer. — III, 137.

O que hade ser, hade ser. — Id. p. 144.

Quem bem tem e mal escolhe,
Por mal que lhe venha não se enoje. — III, 150.

Perdida é a decoada
Na cabeça d'asno pegada. — Id. p. 100.

São diabos para os ratos. — III, 214.

A candêa morta,
Gaita á porta. — III, 215.

Quem não aparece esquece. — Id. p. 222 e 382.

Não tenho eira nem beira,
Nem ramo de figueira. — Id. p. 254.

Quem pórcos acha menos.
Em cada moita lhe roncam. — III, 279.

Quem não pede não tem. — Id. p. 382.

Isso é ou lobo ou ram,
Ou feixe de lenha, ou armeo de lan. — Id. p. 469.

Quem tem tempo e espera tempo,
Tem maré e espera maré,
Tem vento e espera vento,
Não teve conhecimento
Da fortuna que cousa he.—Id. III, 296.

Caza mata el porfiar.—Id. p. 302.

Olhade, mulher de bem,
Dizem, que *em tempo de figos*
Não ha hi nehuns amigos.
Nem os busque então ninguem.—III, 370.

E diz o exemplo dioso:
Que—bem passa de guloso
O que come o que não tem.—III.

Diz um verso acostumado:
Quem quer fogo busca a lenha.—Id. p. 371.

Pois diz outro exemplo antigo:
Quem quiser comer commigo
Traga em que se assentar.—Id. p. 371.

E diz mais: Quem muito pede,
Mana minha, muito fede.—Id. p. 372.

Fermosa sem amor,
E' como o sol de janeiro,
Que sempre anda tras do outeiro.—II, 40.

Quem dinheiro tiver
Fará tudo—que quiser.—II, 143.

Dourae a patria vossa
Com mais nozes que as vozes.—II, 363.

E' melhor que vamos sós,
Que não mal acompanhados.—Id. p. 525.

Que os caranguejos na eira,
E as môças na carreira,
Quem os houver de guardar
Bofás tem assás canceira.—Id. p. 529.

D) Anexins de Gonçalo Fernandes Trancoso

Antes que cases olha o que fazes.—*Contos e Hist. do Proveito*, p. 1, 2; p. 4.

O zombar tem respeito.—Ib. p. 18; conto IV.

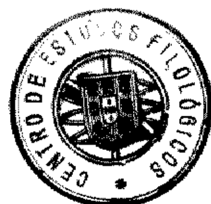
Diz bem a regra do viver em paz: Não te rias de quem passa, etc.—Ib.

E' manha de açougue, que quem mal falla, mal ouve.—Ib.

De pequena zombaria, nasce grande briga.—Ib.

Um por um, soffre-se melhor
Que na praça ou na barca donde estão muitos.—Ib. p. 20, conto V.

Por tanto, diz bem o rifão:
Sempre é máo ser zombador,
E na barca peor.—Ib. p. 20.



A verdade, deixe-m'a Deus dizer.—Ib. 21.

Dar o seu a seu dono.—Ib. p. 22 conto VI.

Todos os refães são quasi sentenças, por amor d'aquelle que diz:
O bem ganhado se perde,
Mas o mal, elle e seu dono.—Ib. p. 51, conto XII.

O sangue não se roga.—Ib. p. 66, conto XV.

A quem tem muito, dão-lhe mais.—Ib.

A mulher honrada
é necessario ser calada.
Sempre deve.—Ib. conto XVI, p. 81, 83.

O necio calado
Por sabio é contado.—Ib. p. 82.

Não ha necio que saiba callar.—Ib.

Porém como diz o rifão, que:

A orfã não goza
Nem o dia de sua vôda.—Ib. Parte II, I p. 116.

A sogra boa
Da nora é corôa.—Ib. p. 122.

Ninguem armou laço que não cahisse nelle.—Ib. Parte II, Conto 4, p. 169.

A boa molher
E' a melhor joia
Que o homem pode ter.—Ib. p. 194. P. II, Conto V.

Lançar corda após o caldeirão.
(sobre queda couce.)—Ib. p. 231.

(Tradição oral:)

Quem ao longe vae casar,
Ou vae enganado
Ou vae enganar.

Boa demanda, ruim demanda,
O escrivão pela nossa banda.

Quem das ervas nasce,
Pelas ervas pasce.

C) Anexins de Sá de Miranda

Quantos ledores, tantas as sentenças.—P. 5. Ed. de 1804.

A seu tempo o rei perdôa.—Id. p. 39.

Antes quebrar, que torcer.—Id. p. 41.

De fora são mansos anhos,
De dentro lobos robazes.—Id. p. 42.

Tudo sua cura tem.—Id. p. 43.

Obras, que palavras não.—Id. p. 43.

Lança a pedra e a mão esconde.—Id. p. 43.

Que inda não é feita a Lei,
Já se lhe buscam Cautellas.—Id. p. 48.

Todo o mal jaz nos extremos.
O bem todo jaz no meio.—Id. p. 57.

Ajunto como as formigas.—Id. p. 59.

Amigos de louvaminhas,
Como grimpa o vento ao peito;
Fazem como as andorinhas,
Vão e vem com tempo feito.—Id. p. 62.

Quanto mais água, mais sêde.—Id. p. 69.

Em fim seu feito, seu dito.—Id. p. 71.

Cobiça é cego juiz.—Id. p. 79.

Cousa he, que verá um cego.—Id. p. 84.

Que vae de Pedro a Rodrigo.—Id. p. 86.

Bem disse o bom sengo antigo:
Que não são eguaes os dêdos.—Id. p. 84.

Quem não se aventura não ganha.—Id. p. 88.

Que traz no bucho um Infante.
(Ter o rei na barriga.)—Id. p. 88.

Aquillo é *pagar o pato*.—Id. p. 93.

Mas não diz hora com hora.—Id. p. 96.

As pérolas orientaes
Aos pórcos não as lanceis.—Id. p. 97.

De Herodes para Pilatos.—Id. p. 98.

Que a cada um seu gosto manda.—Id. p. 218.

Como corre e como atura,
Quem vae após o seu gosto.—Id. p. 219.

Estão-se rindo os de fóra
A nós não nol-o parece.—Id. p. 121.

Grandes cousas
Cap'em colo,
Conta (se ellas assi são).—Id. p. 221. Vid. *Lozana Andaluza*, 462.

Por melhor houve andar só,
Que assi mal acompanhado.—Id. p. 223.

Soffre, que soffre o sesudo.—Id. p. 226.

Se este Março não fôr d'anhos
Outros virão melhorados.—Id. p. 226.

Não o tenhas por amigo
Quem falla sempre á vontade.—Id. p. 229.

Lembra-te de um *dito* antigo
Que enfada muito a verdade.—Id. p. 180.

Mal vae quem sempre empeora.—Id. p. 229.

Anda por onde o carro anda.—Id. p. 231.

Aguas de Maio.—Id. p. 232.

Mas tambem cá, como lá
Fadas ha, dizem-no as velhas.—Id. p. 232.

Tudo seus avêssos tem.—Id. p. 234.

Não hasde mudar o mundo
Por mais razões que despendas.—Id. p. 237.

Da má mãe nascem más filhas. — Id. p. 240.

Nunca eu ouvi um rifão
Mais sabido e mais usado,
Que darem todos de mão
Se jaz o carro enterrado. — Id. p. 246.

E) Anexins de Antonio Ribeiro Chiado

Oy vindo, e crás garrido. — *Obras do Poeta Chiado*, p. 9.

Oy venido e crás garrido. — *(Marquez de Santillana.)*

Jogar a vida aos dados. — Ob. p. 18.

Quem porfia mata caça. — Ib. p. 22.

Lançar água no mar. — Ib. p. 22.

Fallar de papo. — Ib. p. 23.

Um afrouxa e outro tira. — (Jogo *A la tir y la floja.*) p. 24.

Quem faz a casa na praça, cada um rema para a sua opinião. — Ib. p. 49.

Cada um é filho de seu pae. — Ib. p. 49.

Pariu aqui a gallega? — Ib. p. 51.

Hoje mal, crás empeora,
Como diz lá o rifão. — Ib. p. 57.

Está como o peixe na água. — Ib. p. 58.

Mas são vontades de reis,
Como dizem: *Lá vão leis*... — Ib. p. 58.

Já por linha vem a tinha. — Chiado, p. 61.

Tudo o tempo hade curar. — Ib. p. 61.

Mais vale saber que haver,
e o dar, que receber. — Ib. p. 62.

e mais quem viver verá
a volta que o mundo dá. — Ib. p. 66.

que o que não se faz no mez
pelo anno se fará. — Ib. p. 66.

Tanto andas, tanto teces. — Ib. p. 66.

e mais nunca ninguem diga
d'esta água não beberei. — Ib. p. 67. (Allude ao ordalio da agua amarga.)

Ui, agora lhe lembrou
a morte de João Grande. — Ib. p. 67.

Por isso — porta fechada
tira o dono da baralha. — Chiaco, ib. p. 71.

e mais *em bocca fechada*
já sabeis, *não entra mosca*. — Ib. p. 71.

Pois quem peneira e amassa... — Ib. p. 71.

e mais diz o dito velho:
Foge das más companhias. — Ib. p 71.

O *Doutor da Mula ruça*
vos dará são como a palma. — Ib. p. 72. (O Doutor da mula ruça — tira o chapéo e põe a carapuça.)

e pois que a água não vem ao moinho
que vá o moinho á água. — Ib. p. 73.

Mas ao villão, dá-lhe o pé,
e tomar-vos-ha elle a mão. — Ib. p. 78.

E quem al cuida el baio
a al e cuida quem no silha. — Ib. p. 78.

Esse é outro cantar. — Ib. p. 79.

e mama o bezerro manso,
mama a sua mama e a alheia. — Ib. p. 87.

Porque diz: Antes que cases,
Olha primeiro o que fazes. — Ib. p. 83.

Vós tendes a faca e o queijo. — Ib. p. 84.

virmos-lhe bailar na bôda. — Ib. p. 86.

Quem faz casa, desfaz casa. — Ib. p. 97.

Bem dizem, que *na arca aberta*
Já sabeis, o justo pécca. — Ib. p. 97.

mal alguem a hade coçar,
inda com a mão de peixe. — Ib. p. 99. (Vid. Canc. do Vaticano.)

As ameaças pão comem. — Ib. p. 100.

Nenhum cego se conhece. — Ib. p. 101. (Não ha cego que se veja, nem têsto que se incheça.)

Ora veremos quem se cansa,
se o asno, se quem o tange. — Ib. p. 103.

Não vades com tudo ao cabo. — Ib. p. 104.

e mais — quando um não quer,
crêde, que dois não baralham. — Ib. 104.

hade ser unha com carne
a mulher com seu marido. — Ib. 105. Vulgar: A palavras loucas — orelhas moucas.)

Tem sempre as orêlhas moucas
a puras murmurações. — Ib. p. 105.

Dize tu, direi eu. — Ib. p. 107.

Ida de João Gômes seja ella,
que foi de casa na sella
e tornou no seu alforge. — Ib. p. 107.

que se a tomar pelo rabo,
ella quer pela cabeça. — Ib. p. 109.

Sei que vos *caiu em graça*. — Ib. p. 111.

d'onde veiu a Pedro
fallar agora gallego? — Ib. p. 117.

La vae a ruça e as canastras! — Ib. p. 120.

E mais não quero acordar
ora o cão que jaz dormindo. — Ib. p. 120.

Assim como o cão com o gato. — Ib. p. 126.

E mais o gato não come
senão o que é mal guardado. — Ib. p. 176.

Avarento como sapo. — Ib. p. 130.

Sempre o homem n'este dia
deita mais uma sardinha. — Ib. p. 133. (Deitar mais uma sardinha na braza.)

Um malo saca um bueno,
pero no de la cadena. — Ib. p. 143.

Vae onde te cumpre, e manda por cumprires. — Ib. p. 152.

Na arca aberta o justo pecca. — Ib.

Quem faz a vontade a sua mulher,
Tome o que lhe vier. — Ib. p. 152.

Mal vae á casa
Onde a róca manda a espada. — Ib. p. 153.

Benta é a porta
Onde a mulher foi morta. — Ib. p. 153,

Homem que consente sua mulher aprenda a lêr,
Ou é já cornudo ou está para o ser. — Ib. p. 153.

Conversação de rapaz
Mais damna do que faz. — Ib. p. 153.

Homem que com sua honra não sonha,
Vem-lhe de ter pouca vergonha. — Ib. p. 153.

Quem sua mulher gaba de bella,
Vive d'ella. — Ib. p. 153.

Quem com sua honra não tem conta,
Não teme affronta. — Ib. p. 154.

Não faças bem a villão ruim,
Nem te fies de *beguim*. — Ib. p. 154. (Sc. *beguino*.)

Quem por ladeira acima corre
por sua vontade morre. — Ib. p. 155.

Melhor é penhor na mão
Que magoa no coração. — Ib. p. 156.

Conselho de quem te bem quer,
Ainda que te pareça mal,
Escreve o qne te disser. — Ib. p. 157.

Quem porfia sem saber,
Viras-lhe as costas
e manda-lo a beber. — Ib. p. 157.

Quem se fia de villão,
é parvo d'antemão. — Ib. p. 157.

O homem, fogo,
A mulher estôpa;
Vem o diabo
E assopra. — Ib. p. 158.

Palavra e pedra solta
Não tem volta. — Ib. p. 159.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

NOTAS Á MARGEM

DO

"NOVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA"

II

(v. **Revista Lusitana,** VOL. XVI, 206 e XVII, 338)

Parece pois que *apeguilhar* deveria ter o sentido restrito de «comer carne de porco cozida, com pão»; mas não tem. Na definição do verbo, em vez de *apeguilho,* deveria estar *peguilho,* ou dar-se a *apeguilho* o mesmo sentido de *peguilho.*

apeguilhar é «comer peguilho com pão», o mesmo que *apresigar,* de *presigo.*

Nas **Tradições Populares de Portugal,** pag. 229, diz o sr. Dr. Leite de Vasconcelos que, na Beira-Alta, «á parte da comida que não é caldo chama-se *condôito* ou *peguilho;* até se diz a alguem que está a comer pão: *apeguilha-o com alguma coisa.*»

apetrar, adquirir nódoas ou manchas, causadas por apodrecimento ou doença, (a fruta, as couves e ainda as folhas da vide); no concelho de Viana.

Em Paredes-de-Coura dizem *apetarar* = «adquirir nódoas, manchas, a fruta.» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 301.

Liga-se ao lat. *petra?*

apicoar, tomar «pico», acetificar-se (o vinho). Em Viana.

apilarado, perfeito, elegante, bem disposto, asseado. Em Viana e Paredes-de-Coura.

apojar, provocar a afluência do leite à têta da vaca, por mungidura apropriada, ou pela sucção do novilho; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

apolentar, no sentido de «palpar (a fructa) com os dedos, a ver se está madura» não é só provincialismo beirão, mas tambem minhoto.

apraiar, pastar tranqüilamente (o gado). Na Beira-Alta. V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

Por *aprear,* de *prear.*

arame, arameiro. O **Novo Diccionário** não regista *arame* na acepção vulgaríssima de «fio metálico.» Ha *arame* «de cobre, de latão, de aço, de ferro, de chumbo, etc.» Em um anúncio inserto no **Annuario Commercial** para 1911, pag. 969, lê-se: «Arame de ferro, de latão, cobre, aço e metal branco para flores, pesca e caça...»

Nos *Aditamentos* ao referido dicionário, vem *arame,* na acepção de «dinheiro», como termo chulo do Brasil. Neste sentido pertence à linguagem popular, em Portugal. (v. **Revista Lusitana,** XVI), «Anda por lá na gandaia; mas quando se lhe acabar o arame do padrinho, que venha cá..» — Camilo. **Volcoens de Lama,** 15.

No mesmo sentido se diz tambem *arames.* Cp. *cobres, masass.*

Estar por arames, na ling. familiar é o mesmo que «estar por um fio», estar suspenso, mal seguro, ameaçando desarranjo, estar iminente; como *ir ao arame* é o mesmo que *ir aos arames*=irritar-se.

arames é como o povo chama aó «telégrafo». «A notícia veio esta manhã pelos *arames*».

Tambem o **Novo Diccionário** dá a *arameiro* unicamente esta acepção: «aquelle que trabalha em arame».

arameiros chamam, em Lisboa, aos que vendem, em estabelecimentos especiais, não só arames de várias espessuras e qualidades, mas tambem vários objectos de arame e lâminas metálicas: gaiolas, ratoeiras, armadilhas, teias, rêdes para vedações, crivos, escovas, folhas perfuradas para ornamentações, etc. V. o **Annuario** citado, *ibidem*.

aránha. Em Castelo-Branco chamam *aranha* à «doença do algodão», ou doença das oliveiras causada pelo desenvolvimento do *Psylla oleae*.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 907.

aranhô, rêde «(para lampreias e saveis no rio Tamega e Douro). Parece-se com uma teia de aranha, d'onde lhe vem o nome».—Leite de Vasconcellos. **Tradições Populares de Portugal,** 194.

arapuá = torce-cabelo. *arapuá*, no Brasil, é uma abelha grande, preta, muito brava, que produz mel pouco agradável. Tambem lhe chamam *torce-cabelo* «pelo costume que tem de se entranhar pelos cabellos das pessoas que lhes assanham, produzindo então um zumbido incomodo».—Henrique Silva. *As Abelhas do Brasil*, in-**Almanaque Brasileiro Garnier,** *para 1912*, pag. 126.

araveça = aravessa=azangra. O **Novo Diccionário** define assim *araveça*: «espécie de charrua com uma só aiveca, que pode mudar-se de um para outro lado. (De *arar* + ?)».

Na sua interessante monografia **Paredes de Coura,** o Dr. Narciso Alves da Cunha, descreve assim este utensílio de lavoura da sua região: «Além d'estes [arados], usa-se outra charrua — a *aravessa* —, que, n'um percurso, seita [V. **seitar**] e n'outro, lavra a terra. O seu nome parece significar — lavrar *às vessas*; — e, de feito, nem lavra sempre, nem seita sempre; os percursos são alternados com esta ou aquela operação». — pag. 216.

Mais abaixo dá *azangra* como equivalente de *aravessa*.

Nos Arcos-de-Vale-de-Vez chamam-lhe *zanga*.

arcabuz. Na Beira-Alta chamam *arcabuz* a um brinquedo infantil, geralmente feito de um delgado tronco de sabugueiro, desmedulado.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

arco, arcaria, arquear. *arco*, além das acepções que indica o **Novo Diccionário** tem mais as de:

a) anel metálico que aperta o conjunto das aduelas das vasilhas.

b) fita metálica de várias espessuras com que se fazem estes anéis, se apertam os fardos de várias mercadorias, se guarnecem malas, etc. «Arcos de ferro para fabricas de cortiça e tanoeiros..» —**Annuário Com.,** para 1911, pag. 969. «Chapas pretas e arcos para malas..» — *Ibidem*, 1164.

c) vergôntea flexível (geralmente de castanho) rachada a meio, longitudinalmente, que se emprega em fasquiados, na consolidação da pregagem de caixas e caixotes, etc., e tambem com que se fazem *arcos* para vasilhame de exportação. «Arcos para fasquiados para caixas e em rodas..» —**An. Com.,** *para 1911*, pag. 1519.

Os *arcos* do vasilhame tomam vários nomes, conforme o lugar que ocupam na vasilha:

bôjo é o arco que está mais próximo do *bôjo* da vasilha.

sobrebôjo, o que se segue ao *bôjo* (Emende na 1.ª série destas **Notas**).

rabo-de-palha, o que fica aproximadamente no lugar onde se cortam as palhas que vedam as juntas da cabeça da vasilha.

colête, é o arco que fica entre o *rabo-de-palha* e o *jabro*.

jabro, *javre*, o que dá aperto sobre o javre da vasilha.

cabeça, é o último arco, sobre os pentes.

Ao conjunto de *arcos* de uma ou mais vasilhas chama-se *arcaria*. *arquear* é meter arcos (em vasilhame).

archote, chicote dos ovens da enxarcia, que depois de dar volta pelo cavado da bigota, abotôa para o próprio ovem com botões redondos.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 62.

ardideza, valimento, esforço, coragem.

..«que era coisa mais fundada em fraqueza e desesperaçom, que ardideza..» — **Inéditos de Hist. Port.,** I, 156.

aresta, preguinho miúdo, de arame, o mesmo que *ponta-de-paris* (v.); no concelho de S. Pedro-do-Sul. *aresta* chamam tambem, no mesmo concelho, ao «alfinete» ou «aguilhão», de milho. V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 954. (V. **aguilhão,** na 1.ª série).

arganel, arganéu, argola móvel em volta de um olhal que se fixa no convés e nas escotilhas, a bordo, por onde passam os cabos de pear.

..«os quaes açamos, que elles traziam para não morderem, se fechavam n'uns arganeis de latão, com seus copos dourados como de brida..» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. CXXIV.

arinque, «cabo, que prende a boia à âncora», define o **Novo Diccionário.**

Seria conveniente substituir por: «cabo cujas extremidades inferior e superior se ligam, respectivamente, à cruz da âncora e a uma pequena boia ou flutuador que assinala a posição daquelas».

V. **Ap. e Man. de Navios,** 129.

armadoira, cércia formada por um virote de madeira, de secção quadrada, em que se marcam, pelo traçado ou desenho da embarcação, as distancias entre as balizas e respectivos escantilhões, que regulam a construção e disposição da ossada.

V. Barros Freitas. **Construcção Naval,** I, 75.

arnela. Os dicionários dão a esta palavra a acepção de «resto de um dente na gengiva». Morais cita Gil Vicente, no *Pranto de Maria Parda.*

Em sentido diferente aparece na *Comédia de Rubena:*

. . . que lhe dades a comer? *(á criança)*
Ama. Papinhas de pão ralado.
Per. E depois que apouca a [illegible]?
Ama. Sopazinhas da panela,
e leite fresco com [illegible] . .

arráis. Nas charnecas do Vale-do-Cóina *arráis* é o capataz dos mateiros ou dos cortadores de lenha.

machado-de-arráis, na mesma região, é uma machadinha de cabo curto, empregada em esgalhar ou estroncar pinheiros.

arranjo, comodidade, coisa excelente; no Vale-do-Cóina.

No Brasil quere dizer tambem: «cabedal, fortuna». V. *Dicionário de Brasileirismos*, in-**Rev. da Acad. Bras. de Letras,** III.

arrearia. Quando as comunicações da capital com o sul do país se faziam pelo Vale-do-Cóina, estacionavam perto da ponte dos Fornos onde hoje está instalada a F[illegible] de Torpedos, ou em Có[illegible]scola [illegible]na, as *ar-*

rearias ou récuas que transportatavam até o Alentejo mercadorias e passageiros, e de lá traziam cereais.

A palavra ainda por lá existe, com a memória vívida dessas cavalgadas que fizeram de Cóina, hoje decaída, o empório do comércio alentejano.

arrebessar. «Arrebeçae, arrebeçae, que vos vejo com engulhos de desgraçado . . » — D. Franc. Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 47.

Por *arrevessar, revessar, reversar,* lat. reversare.

arreleirar, arraleirar, tornar ralo, por meio de corte, (a ramaria das árvores); no conc. do Seixal.

arrelique, saquinha com amuletos que se traz pendurada ao pescoço. No Vale-do-Cóina.

Por *arreliquia,* de *reliquia.*

arriba!, interjeição, com que se excita a levantar, pôr a pé, subir. Em todo o país, e na ling. marítima.

Em esp. *arriba!*

arreatadura, arrotadura (v. **arrotar,** na 1.ª série) *Arrotadura,* ou *arreatadura,* como ficou dito, é a «ligação formada por muitas voltas mordidas, de cabo ou corrente; a bordo». «E vendo-se sem mastro nem verga, fizeram no pé do mastro que lhe ficou, um mastaréu, dum pedaço de antenna bem pregada e com as melhores arreataduras que puderam . . » — **Historia Tragico-Maritima,** I.

arrunhar, tem tambem, naturalmente, a acepção de «arrasar, deitar abaixo, desmuronar», usada entre *caramelos,* (v. na 1.ª série), no Vale-do-Cóina. Assim vem empregado este verbo na **Eufrosina,** a. V. sc. 1: . . «dará couce essa vilãa que arrunhe hũa torre».

árvore. Sobre a expressão *árvore seca* diz o **Diccionário da Academia,** s. voc. **arvore:** «diz-se da embarcação quando navega com as velas amainadas e apanhadas nos mastros, por ocasião de ventos tão rijos que ellas se não podem marear».

No **Auto da India** escreveu Gil Vicente:

> «Fomos ao rio de Meca,
> pelejámos e roubámos,
> e muito risco passámos
> á vela e *arvore sêca* . .»

árvore chama-se ao «mastro». *arvorêdo* é o conjunto de mastros de uma embarcação.

Diz-se que *corre em árvore sêca* a embarcação que vai impelida pelo vento, com o velame ferrado. Em sentido figurado diz-se de quem anda aos baldões da sorte, escorraçado de qualquer lugar. Nos queixumes de um poeta do *Cancioneiro Geral,* (I, 242):

> «. . arvor sequa vou correndo
> sobre bancos de discordia . .»

Sendo a *árvore sêca* o «mastro desprovido de velas (ou que as tem enroladas)», como uma árvore despida de folhagem, confronte-se esta passagem de Fernam Mendéz Pinto, na **Peregrinaçam,** cap. XXIII: . . «e ficando a lancha arvore sêca, sem mastro nem velas, porque tudo o vento nos fez em pedaços . .»

arxar. A este verbo dá o **Novo Diccionário** a acepção de «redrar (a vinha)», e a *redrar:* «cavar de novo, mas ligeiramente (as vinhas), para tirar a erva».

redrar, porêm, não é o mesmo que *arxar.*

Em um artigo do sr. Batalha Reis, inserto no **Seculo Agricola,** de 14 de Junho de 1913, vê-se que o terreno da vinha deve sofrer, para regular frutificação e saúde da planta, tres cavas, depois da esca-

va do outono: «No fim do inverno tem logar a que é considerada a primeira cava, conhecida por *cava a montes*.. A segunda cava, chama-se *raza, arrenda* ou *redra*, é feita depois de limpa a flor da vinha. Resume-se esse trabalho em arrazar os montes feitos na primeira cava.. A terceira cava ou *raspa* e que tem geralmente a designação *d'arxar*, deverá realisar-se no primeiro mez de Julho, quando a uva começar a pintar».

Do lat. *asciare?*

redar, o mesmo que *redrar*, não é só forma antiga. «A segunda cava das vinhas chama-se *redar*, e *stravessar* (Taboaço)—Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 236.

redrar deriva do lat. *reiterare*, segundo J. Moreira. **Est. Ling. Portuguesa,** II, 270.

asna, na acepção de «fêmea do asno, burra», dá o **Novo Diccionário** como provincialismo trasmontano.

Cf. Gil Vicente. *Auto de Mofina Mendes:*

«Eu perdi, se s'anoutece,
a asna ruça de meu pai.
O rasto por aqui vai
mas a burra não parece..»

astim. O **Novo Diccionário,** no voc. *astim*, remete para *astil* que define assim: «[termo] *ant.* [igo], medida agrária de 25 palmos de largo. Segundo outros, esta medida correspondia á *aguilhada* e orçava por 5m,50 (Por *hastil*, de *haste*)».

Estas duas formas são precedidas por um asterisco, o que indica serem registadas pela primeira vez. No dicionário de Morais encontram-se já, porem, as formas *astim, hastim, hastil, estim, estil,* assim definidas,— as duas primeiras: «uma medida de medir terra; isto é uma lança pequena». —as duas seguintes: «medida agrimensória antiga». — e a última: «medida de terra em que se repartem os paúes, provavelmente é corrupção de *hastil*».

Modernamente, o sr. Magalhães Peixoto, a pag. 124 do seu **Tratado Pratico de Contabilidade,** dá esta definição de *astim:* «é o comprimento de 100 passos comuns. Emprega-se nas margens do Tejo».

ataca. O **Novo Diccionário** não regista esta palavra, embora a empregue na definição de *atacar*.

ataca, segundo Morais, é a «liga, correia, ligadura de atar uma coisa á outra». Costa e Sá, no **Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino,** define *ataca:* «fita ou correia com que se atacava o cós dos calções». Da mesma palavra diz o **Diccionario da Academia:** «fita, cordão, correia ou cousa semelhante com que se ataca ou prende uma cousa com outra, principalmente os vestidos, que se ajustão ao corpo, como gibão, colete, etc.»

Os adagiários de Roland e Delicado registam o provérbio: «*calças curtas* **atacas** *longas.* O sentido de *calças* era então diferente do que hoje se lhe atribue. Por calças se entendia a parte do vestuário que cobria o pé e a perna até o joelho e que hoje corresponde a *bota e meia*. (V. **Elucidário**). Cf. *calçado.*

A *calça baixa*, que enlaçava o pé, era sujeita por correias que abraçavam a parte superior, contornando a perna sobre a *média* (=*meia*) e vindo atar por baixo do joelho. Quanto mais baixo fosse o borzeguim, maior comprimento deveriam, pois, ter as *atacas* e é esta a ideia que exprime o provérbio, embora o conceito seja outro.

Com intenção graciosa ou irónica diz um poeta do **Cancioneiro Geral**:

«..sse trouverdes borzeguys
traze [de] atacas na curva..»

i-é, *atacas longas*, que cheguem à *curva* da perna.

A colecção rolandiana regista aínda a expressão: *não admite ponto nem ataca*, que significa o mesmo que «não merece concerto, credito, confiança, valorização»; «estar podre de velho», como diz Morais, citando Camões.

Tambem Costa e Sá cita a expressão proverbial *não valer uma ataca* = «não valer nada», tendo-se a *ataca* como coisa insignificante.

atacas, em Penedono, são aínda os «cordões dos sapatos», o mesmo que «atacadores». V. *Dialecto de Penedono*. Gabriel Pereira. *in*- **Revista Lusitana**, XII, 312.

atacação, atacadela, questão, discussão, reprimenda. Em Ílhavo.

ataloado. «Os viveiristas franceses ligam grande importancia a que a estaca [de figueira] tenha intacto o olho terminal e [sejam] *ataloadas*, ou possuindo um rebordo de casca do ramo de onde são cortados». — **Alm. das Aldeias,** *para 1914*, pag. 105.

atègora (= **até agora**), o mesmo que «aínda-agora, ha pouco tempo, ha instantes». Dizem assim na Beira-Alta, pelo menos, e Açores: «... peço-lhe que não conte a minha mãe o que eu lhe disse *atégora* ...» — Nunes da Rosa. **Pastorais do Mosteiro,** 34.

até agora, e mesmo *atégora*, determina, em geral a cessação de uma acção contínua:

«..Mas pois tudo tem fim, tudo tem hora,
da vossa inda não vir, não vos queixeis;
sofrei como fizestes *atégora*..»

Bernardez. *O Lyma*, carta 23.

mas, noutro caso popular, exprime uma acção recente e momentânea: «Pode estar descansado que lhe dei o recado *atégora*», i-é: «agora mesmo, aínda ha pouco».

atempar, atempamento. O **Novo Dicionário** regista e define assim *atempado*: «diz-se das varas da vinha, que vingaram e se desenvolveram». Falta registar o verbo *atempar*, de que resultou este particípio. *atempar*, em viticultura é «lenhificar, robustecer-se (a vara da vinha)». E daqui *atempamento*: «Um dos meios de favorecer a boa lenhificação e nutrição (o que se chama *atempamento*) das varas da videira é a sua gemedura ou curvatura.. dois elementos muito precisos para transformar a substancia herbácea [das varas] em lenha, ou seja, para as *atempar*.» — **Alm. das Aldeias,** *para 1914*, pag. 94-95.

atilho. »Desi posse Barlaão a mesa rica comprida de manjares espirituaes; mais de consolaçõ corporal era ella bẽ quite, ca as verças erã cruas que o santo homẽ lavrara e aparelhava e ũus poucos de a t i l h o s que achã ẽ aquelle ermo e hervas m o n t e s i n h a s.» — **Lenda dos Santos Barlaão e Josafate** *(Texto crítico)*, 44.

atravessar. No mesmo sentido de «açambarcar, monopolizar», usou-se antigamente *atravessar*. Os grandes usurários do comércio, os que mais lucram com a carestia dos gêneros, chamavam aos seus retens toda ou a maior parte de um artigo necessário à vida, e talhavam largamente, depois de conlúiados numa tramóia de interesses mútuos, o preço da revenda, de que auferiam farta colheita de lucros. Chamava-se a isto *atravessar*.

No capítulo V da **Arte de Furtar,** já se bramava contra este

abuso: «Que haja estanque em solimão, cartas de jogar, tabaco, pimenta e diamantes pouco vay nisso, porque sem nada disso passaremos, mas que se permitta que nos atravessem o pão e que se fechem com elle os ricos avarentos para o venderem em quatro dobros quando o povo brame por elle, he negocio que se deve atalhar com todo o rigor».

Hoje já se não *atravessa*. O comércio, de mãos dadas com a civilização, não quís ficar engasgado no arcaísmo de um vocábulo demasiadamente nacional, mas em compensação *monopoliza* e forma o *trust* dos grandes capitais à sombra da Lei.

atravessadores eram os conlúiados, promotores da melgueira, em proveito próprio e dano alheio, ou seus agentes; o mesmo que *açambarcadores* ou *monopolistas*. Assim se diz na mesma **Arte de Furtar**: «...as quaes [mercadorias] os *atraveçadores* tomão por junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem Reys...»

Em Coímbra chamam ainda *atravessadeira* à «mulher que, às portas da cidade, compra géneros destinados ao mercado, revendendo-os nêste por maior preço». — **Novo Diccionário.**

aúste. «...chamava-se [antigamente] *auste* à ligação de duas amarras de linho, entrançando-lhe os cordões». — **Ap. e Man. de Navios**, 118.

Modernamente diz-se *costura.*

autengéni, discussão, disputa, ralho. «..estavam as duas irmãs espavoridas perguntando á cunhada que *autengéni* era aquelle na alcova de Innocencinho». — Camilo. **O Sangue**, 143.

Lat. autem-genuit.

avelar. v. **acotoar.**

avelãzeira, o mesmo que *aveleira*; em Famalicão. v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 909.

averiguar-se, desempenhar-se de uma incumbência; fazer compras. «Fui à bila c'uma reposta (v. **resposta**) e *ab'riguei-me* depressa». «Bou-me *ab'riguar* à tenda».

Na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul).

avinça, avinda, avinçar, avindar. Nos Arcos-de-Vale-de-Vez, diz-me o meu ilustre amigo sr. P.^e^ Himaláia, *avinças* e *avindas* (*abinças-abindas*) são as propinas que se pagam a determinados indivíduos para que êles prestem aos *avinçados* ou *abindados* os serviços da sua especialidade, sem outra qualquer remuneração.

avinças é, mais propriamente, a remuneração ao abade (em geral dois alqueires de milho, de 14 litros), em troca de certos serviços religiosos: missa, sacramentos, etc.

avindas é a que se paga ao *curador* (v.), com o direito de lhe requerer, em qualquer ocasião, o tratamento do gado.

E assim: *avinçar*, *avindar*.

avinça será um substantivo post-verbal, de *avinçar*, por *avençar*. Vem no **Elucidario**, de Viterbo, com citação de um documento de 1280.

avinda, de *avir*, do lat. advenire?

«Estamos *abindos* co'o curador, por isso lhe damos as *abindas*».

avitelada, diz-se, no Minho, da carne muito tenra, que se assemelha à da vitela.

àxis. Diz o **Novo Diccionário** que *àxis* ou *á-xis* é o «abecê, o princípio das coisas», guiando-se provavelmente pela interpretação de João Ribeiro, **Frases Feitas**, II, 107.

Já Morais registara *ax*: «lê-se *áxis*. *Saber o Ax* (ou *áxis*); i. é, o

alfabeto, dizendo a primeira, e depois a ultima Lettra; logo a segunda, e a penultima; logo a terceira, e antepenultima; etc. *v. g. ax, bu, ct, ds*, &c...»

O **Diccionário da Academia** diz tambem: «*Ax*, ordem, com que as letras do alphabeto se ajuntão entre si por correspondencias oppostas, como a primeira com a ultima, a segunda com a penultima, e assim todas as outras».

Logo, o *áxis* não era o mesmo que o *abcê*, mas uma disposição mnemónica das letras do alfabeto, uma espécie de ginástica de memória em que se exercitava a criança, depois de bem decorado o abecedário.

Razão disto dá Tomás Pinto Brandão, no **Pinto Renascido**, 131:

«Senhor, já que a Vossa Alteza
por graça a carta compuz
do seu primeiro A B C,
ouça a do *A X B U*..»

E porque isto seria uma cantilena abstrusa em que se volviam e revolviam, baralhando-as, as letras do alfabeto, diz a tal propósito Jorge Ferreira na **Ulisipo**, acto IV, sc. VII: «...sonhão sempre derivações & boas repostas: inventão motes mais remoidos que o *ax* dos rapazes..»

azarvo, na Beira Alta, é o valado de terra ou mato, ao fundo dos soutos, para impedir que as castanhas resvalem. v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 733.

Deturpação de *adarve? Azarve* por *adarve*=«muro, trincheira», vem na **Cronica do Condestabre** (v. glossário da ed. Mendes dos Remédios). No esp. *azarba* ou *azarbe* (do ar. *açarb*) é o fosso para proteger plantações.

azeiro. «He terrivel mão a que se arma com azeiros Reaes..»—**Arte de Furtar**, cap. XIII.

«*azeiro*, armadilha de pescador, dentro da agua, para tomar peixe». — Morais. **Diccionario da Lingua Portuguesa.**

azeite. Na ling. familiar de Viana, *beber azeite* é mostrar esperteza, ser sagaz, ladino, inteligente, (falando-se geralmente de crianças).

B

babosa, o mesmo que «piteira»; nos Açores.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 948.

bacalhau. Na linguagem familiar chama-se bacalhau a uma «pessoa fraca, anémica, sêca de carnes».

bacalhaus, no vestuário oficial dos escrivães de direito, são duas tiras de rendas que pendem do colarinho, sobre o peito.

No Minho e na Estremadura diz-se, popularmente, «pesar *bacalhau*» por «toscanejar, dormitar».

bacia-da-casa, vasilha para os esfregados; em Viana. O mesmo que «tijela-da-casa».

bacorada, calinada, disparate. «..escarrapachando irreverentemente esta bacorada inaudita..» — **O Povo**, (Viana) 21 Setembro de 1913.

baforeira, o mesmo que «figueira-de-toque», *ficus-silvestris*; no Algarve.

bagulho. «*Covilhã*.. Findos os nove dias passei pela prensa do cincho todo o vinho bagulho espremido com o engaço..» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 932.

baiardos, «São defezas de madeira amarradas verticalmente no costado, para que o navio não se damnifique encostando sobre a barcaça [quando vira de carena]..» — **Ap. e Man. de Navios**, 229.

bailôto, batata miúda; na Beira-Alta. V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 733.

baixête, banco ou cavalête de tres

pés, em que os tanoeiros arrunham (v. **arrunhar,** na 1.ª série) as vasilhas de pequenas dimensões.

Em Lisboa, Seixal, Barreiro.

balanço. *Em balanços*, mortificado, indeciso, sobresaltado.« Esta notícia poz-me o coração *em balanços* com medo de que lhe aconteça alguma desgraça».

No mesmo sentido se dizia antigamente, com mais propriedade, *em balança:*

> «. . agora anda com Mafoma
> e poz o Turco *em balança* . .»
>
> Gil Vic. **Aut. Mof. Mendes.**

baldraia, estroina, valdevinos: em Viana.

baleeira não é apenas a «barca para a pesca de baleias», como diz o **Novo Diccionário.**

O termo tornou-se extensivo a umas pequenas embarcações de construção ligeira, muito leves, feitas pelo modêlo daquelas. Diferem dos escaleres em não terem *painel-de-pôpa*, sendo as suas linhas d'água adelgaçadas á ré e á prôa, pelo que se lhes avantajam no andamento.

São geralmente destinadas ao transporte dos oficiais de bordo, mas algumas há construídas de forma a serem utilizadas como salva-vidas.

«Em geral os navios de guerra tem, pelo menos, dois escaleres.. uma balieira.. para o comandante..»—**Ap. e Man. de Navios,** 145. «Pelas 15 horas, nas alturas de Santa Apolonia, voltou-se uma balieira do Arsenal de Marinha, sendo salva a sua tripulação.» —**O Seculo**, de 25 de Agosto de 1913.

No **Codigo Internacional de Signaes,** pag. 225, lê-se esta equivalencia: «—**Baleeira** *(embarcação miuda)..*»

Tenho ouvido dizer *abaleeira*, aos marinheiros de Ílhavo. O *a* protético, como em *alinterna*, *alevantar*, etc.

baliza, bazalote. No Vale-do-Cóina chamam *baliza* ao pinheiro bravo, de porte elevado, cujo tronco é de grosso diâmetro excepcional. Tambem lhe chamam *pau-barcal.*

bazalote por *balizote,* dim. de *baliza*, é um pinheiro grosso e elevado, mas de dimensões menos notáveis que a *baliza.*

balona, baloana, baloanas. *baloana*, no Minho, é «mentira, *galga*, boato.» *baloanas* é mais propriamente o «mentiroso, impostor.» «Temos publicado testemunhos vários, autorizados, demonstrando que o tal *superavit* não passa de uma baluana, em que só acreditaram..» —**Fôlha de Viana**, de 29 de Julho de 1913.

Na sua monografia **Paredes de Coura,** pag. 302, diz o Dr. Alves da Cunha: «*baloánas*, tanto significa o mentiroso, como a propria mentira.»

Em *baloana* deve haver desdobramento ou ressonância oral do *o* de *balona*, de *balão*. Cp. *laboeira*, de *laboira*.

balroa. «*Balrôas* são cabos de grossa bitola ou correntes dadas da batocadura da enxarcia para a barcaça [quando o navio vira de carena] tendo no seio talhas que aguentam para o navio, e reciprocamente se por acaso o navio se inclina muito, e que servem tambem para graduar a distancia entre os dois barcos, para que os aparelhos reais sejam alados na prumada, á medida que o navio fôr inclinando.» **Ap. e Man. de Navios,** 228.

balso, tábua, a cujas extremidades se ligam as pontas de um cabo preso pelo seio a um andrebelo, e que serve geralmente para içar marinheiros ao longo de um mastro.

banca. Na Beira-Alta chamam *banca*

a uma prancheta fixa com dobradiças à parede, podendo prolongar-se com esta ou colocar-se horizontalmente, para servir de mesa à hora das refeições.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

baneal, espécie de saial ou coberta que se põe em volta das cómodas; no Seixal.

bandola, ondulação branda do mar, em tempo calmo. «Mar de *bandola*», ondulação remansosa das aguas, sem vento.

bandoloncelo «... violas, bandolins, bandoletas, bandoloncellos...» —anúncio da «Guitarraria Vieira», de Lisboa, in-**Annuario Commercial** para 1913, pag. 1163.

bar, bare «.. vinhanos de Maduré o salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que sam dezasseis arrobas..»—**Arte de Furtar,** cap. VI. «..cem bares de estanho e trinta de beijoim..» — Méndez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. XVIII.

Morais diz que «o *bar da India* vale 16 arrobas, o *de Banda* 21 e dez arrateis.»

Ainda na **Peregrinaçam,** cap. XIII: «.. cinco *bares* de ouro que fazem de nossa moeda duzentos mil cruzados..»

bar, baar, bahar ou *behar* é peso usado na China e em várias regiões asiáticas, variando, na equivalência, de 184 quilos (Java) a 270 quilos (Molucas).

baracêta, nó que, ao coser, se forma na linha: no Algarve.

barba. *Barba-preta*, diz-se de uma variedade de trigo rijo, tambem chamado *amarelo*, e cultivado especialmente no Alentejo.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 932.

barba-de-baleia. V. **cevadeira.**

barbamento, são as raízes filiformes da árvore, ou do bacêlo, à flor da terra. No Vale-do-Cóina.

barbantão, no Barreiro, é a pessôa cheia de importância, de vaidade, de empáfia.

Por *birbantão*, de *birbante*.

barbeiro, heteroptero da família dos *Reduviidae*. No Estado de S. Paulo, município de Pirapora.

V. **Almanaque Bras. Garnier,** *para 1912*, 430.

barbela, atadura de merlim, na abertura ou arreigada de um *gato* (v.), a bordo, para que se não desprenda, depois de colocado.

V **Ap. e Man. de Navios,** 65.

barca, barquinha, barca-de-Davide. *barca* chama o povo à Ursa-Maior. Na Maia chama-lhe *barca-de-Davide*, ou *da-vida*, e *barquinha* em Penafiel. V. Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 27.

barcal. *Pau-barcal*, v. **baliza.**

barco. *barco-do-pinho* chamam no Vale-do-Cóina a um barco apropriado ao transporte da rama-de-pinho.

barco-piloto. «Os barcos-pilotos [no porto de Leixões] mostram de dia uma bandeira vermelha à proa, e de noite duas luzes vermelhas verticaes.»—**Almanaque Maritimo,** *para 1896*, 43.

barco-luz, embarcação, com sinal luminoso, que assinala um baixio. «O *barco-luz* do banco Chico tem tres mastros e mostra uma luz fixa branca no tope do mastro grande.»—*Ibidem*, 47. «O *barco-luz* foi retirado por causa dos gelos..» — **Codigo Int. de Signaes,** 226.

bardão, faixa de núvens escuras, no horizonte.

No Vale-do-Cóina.

bardo. «*Gavião*»: Tambem lhes tenho aplicado [para adubação], adubo químico, fosfato Tomas, cloreto de potássio e gesso, assim como empreguei o bardo das ovelhas, mas sem resultado..»— **Gazeta das Aldeias,** n.º 899.

No Vale-do-Cóina, chamám *bardo* a uma cabana para abrigo de trabalhadores, na charneca.

bargado. «Aquella *bargada*, bem se sabe, não podia passar sem o seu vestido da visita!..» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 106 (Açores).

«Por causa daquele *bargado* do Antonico.. logo se lhe tinha posto uma peitogueira sobre os bofes..» — *Ibidem*, 107.

barreleira, diz-se, no Minho, de um cesto próprio para fazer as barrelas (à roupa). «De todo aquele cesto barreleiro de gralhas gordas que a *Aurora* se arrogou a descobrir no *Povo*..» — **O Povo** (Viana), de de 2 de Outubro de 1913.

barrêta, peça da válvula distribuidora, nas máquinas de vapor.

V. **Nomenclatura das Machinas de Vapor,** II, 15.

barrigada, grande quantidade; no Vale-do-Cóina. «Caiu uma *barregada* d'auga qu' alagou tudo.»

barriscador = **varriscador,** pau ligeiramente curvo com que se mexe o brasido do forno; na Beiro-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

O Novo Diccionário dá *varriscador,* em acepção idêntica, «colhido em Arganil.»

barro. *Deitar o barro à parede,* proceder cautelosamente, a título de experiência; empregar artifícios e rodeios para conseguir os seus fins. «As louceiras..deitaram barro à parede, a fazerem a sua coarctada na feira..» — **Anatomico Jocoso,** (ed. *Bibl. Univ*.) 26.

barroca, barrôco. *barroca* chamam na Beira-Alta, ao «ribeiro». *barrôco* é a excavação ou sulco natural entre dois terrenos, por onde só correm as aguas da chuva.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

barroso. *Levar sal a Barroso* quere dizer «intrigar, mexericar;» em Espòsende.

V. **Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

bastardo, cabo, em que se enfiam alguns caçoilos, e cujos chicotes se ligam às extremidades da boca-de-lobo da retranca, abraçando o mastro. Tambem lhe chamam *zarro.*

V. **Ap. e Man. de Navios,** 71.

bater. *Peça-de-bater.* «E que tambem traziam muitos mantimentos e munições, em que se afirmava que vinham trezentas peças de bater, em que entravam doze basiliscos..» — Méndez Pinto. **Peregrinaçam,** cap. VII.

bazar. No litoral do Algarve chamam *bazar* a uma disposição de estacaria ligada por varas transversais, formando corredores extensos, em que se seca a *moxama,* ou tiras de atum de revés.

Dizem *bazar,* ou *bazar de moxama.*

beijni, espécie de abelha pequena, preta e mansa, do Brasil.

V. **Almanaque Bras. Garnier,** *para 1912,* pag. 125.

bem-de-fala, a bem-de-fala. O Novo Diccionário regista *bem-de-fala,* na acepção de «linguagem singela, desataviada e sem malícia», como brasilismo do Rio.

bem-de-fala e *a bem-de-fala* são expressões populares em Portugal. A primeira, como locução substantivada, usa-se em acepção identica à que insere o **Novo Diccionário,** e equivale a outras expressões como *modo de falar* ou *modo de dizer.* «Você, enfim, isto é um modo de falar, como o outro que diz; você bem entende ..» — Camilo. **Braz. de Prazins,** 25.

a-bem-de-fala usa-se como locução adverbial e quere dizer o mesmo que «para falar sem intenção reservada ou maldosa; falando francamente, claramente ou sem propósito de melindrar.» «Não desfazendo na sua palavra honrada,

isto que eu disse foi *a-bem-de-fala.*»

Já Gil Vicente usou a expressão no *Auto da Barca do Purgatorio.* (**Obras**, I, 253):

« . . trago a proposito isto
porque veio *a* b e m d e f a l a . . »

Em sentido igual se emprega nos Açores: «Não! Agora pegar!.. Aquilo era a b e m d a f a l a!»—Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro**, 112.

A esta correspondem outras expressões tambem populares, como: *a-bem-dizer, a-bem-falar, a falar a verdade,* que têm sentido parelho. «O Zeferino, a f a l a r a v e r d a d e, tem razão . . »—Camilo. **Braz. Prazins**, 209.

A *bem-de-fala*, como locução substantivada, corresponde no Minho *bem-de-falar*. «Isto é um *bem-de-falar*.»—Alves da Cunha. **Paredes-de-Coura**, 303.

bem-parado. Com função de adjectivo, *bem-parado*, quere dizer «que tem boa sorte, afortunado, bem sabido»—**Novo Diccionário.**

Na linguagem familiar, de Lisboa pelo menos, *bem-parado* é tambem «o lugar de recreio, ou de convergência de determinadas pessoas, ou objectos.» «A casa dela é o *bem-parado* de todas as intrigantes.» «Esta gavêta é o *bem-parado* de todos os papeis inùteis.»

A' ideia de convergência, reùnião,» sugerida por esta acepção de *bem-parado*, corresponde em relação oposta, a de «dispersão», em *mal-parado*=«que está arriscado a perder-se; pouco seguro.» —**Novo Diccionário.**

Duas formações semelhantes, de sentidos opostos, em que se nota a mesma relação ideológica, são: *bem-andante* =«feliz, venturoso» «Este Alfageme era caudeloso e b e a d a n t e=[bẽandante]—**Crónica do Condestabre**, cap. LII., e *mal-andante*,=«infeliz, desafortunado.»

O português antigo *bem-andança*=«felicidade, fortuna», pressupõe outras formas, como: *mal-andança, bem parança,* e *mal-parança.* Cf. *andança* e *parança.*

bem-parança, parece-me, s a l v o erro, que é ainda um provincialismo.

bergado, no Vale-do-Cóina, diz-se do boi que tem a barriga branca.

Talvez *bargado*, por *bragado.* V. *bragado,* no **Novo Diccionário,** como termo do sul do Brasil.

bêta, «qualquer corda que, em navios, não tem nome especial,» define o **Novo Diccionário.**

bêta é, em geral, uma espia ou cabo comprido de cairo, e não de linho ou pita.

bicha; **tomadoiro; lagarto.** «Todas as velas tem *bichas*, ou *tomadouros* para ferrar ou *abafar* [V.] o pano. As *bichas* são feitas de gacheta cosidas no *vergueiro* [V. *vergueiro*, na 1.ª série] pela face de ré do gurutil. Tem [as *bichas*] no chicote inferior um fiel que enfia na mão cosida no vergueiro [depois de abraçar a vela] e para onde ronda, cingindo o pano para o vergueiro. As *bichas*, para que fiquem equidistantes do terço [da verga] e symetricas cosem primeiro n'um bocado de passadeira que ronda e cose para o vergueiro. A' passadeira com as bichas se chama *lagarto*, e tambem é usado nos latinos. As bichas que abraçam o pano no terço são as *bichas da cruz*. *Bichas de tempo* são gachetas mais compridas que abafam a vela, cingindo-a e apertando-a em varios pontos para a verga. *Tomadouro* é um cabo que se

enrola em volta do mastro ou verga, abafando a vela.» — **Ap. e Man. de Navios**, 98.

bicheiro. Em avicultura «o bicheiro consiste numa fossa aberta perto da capoeira, ou no campo onde vão as galinhas pastar, e na qual se deitam, por camadas ou successivamente, estrume, palha servida, sangue, tripas e outros resíduos animais [que, entrando em decomposição, favorecem o desenvolvimento rápido de milhões de larvas]. — **Gazeta das Aldeias**, n.º 702.

bico-de-papagaio, é o nome que se dá tambem à «unha» da âncora. V. **Ap. e Man. de Navios**, 115.

bico-de-nóia, pessoa afectada, niquenta, o mesmo que «nariz-torcido»; na ling. fam. de Viana.

Talvez por *bico-de-nóira*. *Noíra* é uma espécie de papagáio.

bigota. Diz o **Novo Diccionário** que *bigota* é um «moitão sem roldana, com um furo, por onde passa o colhedor da vela.»

A *bigota* é peça que pertence à categoria do *poleame surdo* (v. *surdo)*, i-é, àquele por onde passam cabos fixos, e, portanto, não tem rodas, como tem os moitões e todo o *poleame de laborar*.

Não se poderá pois dizer que a *bigota* seja um «moitão sem roldana», porque um moitão privado da roda, peça essencial para o deslocamento do cabo, é um moitão incompleto ou, mais propriamente, uma *caixa-de-moitão*.

Morais, no **Diccionario da Lingua Portuguesa**, diz aproximadamente o mesmo que o **Novo Diccionário**, mas Costa e Sá, no seu **Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino**, dá, do pl. *bigotas*, uma definição mais própria, embora pouco cuidada na forma: «páos redondos e achatados com tres buracos por onde passão os colhedores para fazer fixa a enxarcia.»

A definição, entendendo-se por *paus redondos e achatados* «discos de madeira de espessuras variáveis», assim como a determinação do seu emprego a bordo, são aqui mais exactas.

No útil tratado **Aparelho e Manobra de Navios**, que cito repetidas vezes, descreve o sr. Braz de Oliveira, a pag. 36, a *bigota* do seguinte modo: «*Bigotas* são peças [discos] de madeira, goivadas [no sentido da espessura] tendo *tres* furos em triangulo, e alceadas nos chicotes dos cabos destinados a aguentar os mastros reaes para a borda. Nas mezas das enxarcias ha bigotas fixas ao casco pelos fuzis da abatocadura e a ligação d'umas com outras [i-é, destas com as dos ovens] faz-se por meio de colhedores de linho, que gurnem nos seus furos. Ha tambem *bigotas de chapa* alceadas de ferro. São de menor diametro e servem de ligação dos cabos que aguentam lateralmente os mastareus de gavea para o cesto de gavea onde enfiam, sendo seguras pelo pé para a *chapa das arreigadas* por cabos, varões de ferro ou correntes.»

birreiro, terra escalavrada; na Beira-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 735.

bitola, **abitolar**, **abitolado**. No concelho de S. Pedro-do-Sul, *bitola* quere dizer o mesmo que «grossura». «Faça-me ai um cabo d'enxada de mais *bitola* ca este.»

abitolar é «dar maior espessura, tornar mais grosso, engrossar;» e daqui *abitolado*=«grosso».

«E' melhor *abitolar* a tampa da caixa c'um birão a toda a bolta, ou intão fazer outra mais *abitolada*.»

bôca. Em construção naval *boca* é a largura da embarcação, medida

na casa-mestra, ou a sua maior secção perpendicular à quilha. V. **Ap. e Man. de Navios,** 1.

boca-de-lobo é a abertura ou corte semi-circular da extremidade das caranguejas, que impede que estas se desloquem do plano vertical dos mastros. Tambem se chama *boca-de-lobo* a um chaço de madeira com disposição idêntica, adaptada ao terço das vergas, fechando com chapa de galindréu no mastro. V. *Ibidem*, 23 e 75.

boca entra em outras expressões adverbiais que o **Novo Diccionário** não regista:

à boca pequena ou *por boca pequena*, secretamente, com dessimulação. «... me amaldiçoavam pela boca pequena...» — D. Fr. Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 54.

a pedir por boca, ou *de boca*, fartamente, de um modo amplo, sem restrições. «Pode ser que na tradução italiana viesse [a expressão] a pedir de boca...» — **Cartas** *do Cav. de Oliveira*, I, 155.

boça, «corrente de ferro dada no terno da verga de papafigos e que a suspende para o calcês do mastro.» — **Ap. e Man. de Navios,** 75. *boças-da-âncora* são dois pedaços de corrente, fixos por cada uma das extremidades ao costado do navio, à prôa, servindo para amarrar a âncora. A corrente que se liga ao anête desta chama-se *boça-do-anête*, e *boça-da-cruz* a que segura a cruz da mesma.

contra-boças-da-ancora, são outros pedaços de corrente que, em caso de necessidade, servem de reforço às primeiras.

V. **Ap. e Manobra de Navios,** 128.

bocado, pequena extensão de terreno; na Beira-Alta. «Co' as vinte libras que o meu irmão me mandou comprei um bocado nas Chãs.»

bocado é tambem, na ling. popular, a mulher airosa, cheia de carnes, galante. «Quando foi p'r'á igreja ia ahi arreada que parecia uma princeza! fazia muita vista! um bom bocado!» — Camilo. **Eusebio Macario,** 138.

boçal. «... cada um com seu grande lebreu, presos todos com cadeias de prata, e todos com seus açamos do mesmo [metal], com muitas campainhas tambem de prata por elles, a modo de boçais de cavallos...» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. CXXIV.

bocim, cilindro vasado, de metal, em que entra e se move longitudinalmente um veio. A mesma peça, no fundo, e às vezes tambem na tampa, dos cilindros das máquinas de vapor, onde cursam, respectivamente, a haste e contra-haste do êmbolo.

caixa do bocim é o suporte em que se adapta o *bocim*.

contra-bocim «é um bucim mais pequeno cuja caixa é cavada na corôa [parte superior] do bucim; serve para conservar a lubrificação da haste, a qual [matéria lubrificante] entrando por um orifício lateral, ficará contida entre as duas guarnições [V. **guarnição**.]» — João de Pinho. **Nomenclatura de Caldeiras e Machinas de Vapor,** II, 10.

boieira. No Vale-do-Cóina chamam *boieira*, a um pequeno pássaro de côr amarelada que, dizem, acompanha o gado quando pasta. Não tenho outra informação.

Nas **Tradições Populares de Portugal,** pag. 193, o sr. Dr. Leite de Vasconcelos dá *boieira* como equivalente de *levandisca*, em Guimarães.

Na região que citei não é o mesmo.

bois. «[No concelho de Moncorvo] o logar onde o cortiço [das abelhas] está assente é conhecido por *al-*

vado e as bordas inferiores do cortiço por *boises*...»—Ed. Sequeira. **As abelhas,** 198.

No Vale-do-Cóina e Vale-do-Judeu chamam *boises* a umas varinhas ou troncos delgados que se colocam em cruz no interior dos cortiços, para servirem de apoio aos favos. Tambem lhes chamam *cruzes*.

bôjo. V. **arco.**

bolacha, ressalto, de superfície plana, na base das chumaceiras, para ajustamento das porcas dos parafusos de prisão.

V. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 44.

bolêtra, por «bolota», não é só provincialismo beirão. Ouve-se tambem, e pelo menos, no Vale-do-Cóina.

bolina. *bolina cerrada* e *bolina folgada,* são expressões de navegação. Diz-se que um navio navega *à bolina cerrada* quando o ângulo formado pela direcção do vento e o rumo em que navega é de seis quartos da agulha ou de 67.º A' *bolina folgada*, quando a direcção do vento forma com o rumo um ângulo maior de seis quartas e menor de oito.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 176.

bôlo, bôla. No Minho chamam *bôlo* a um pão redondo, de farinha de milho, que se achata com a pá, no forno, para se cozer mais depressa. Costumam envolver sardinhas na massa, e comê-lo em quente.

Noutras regiões chamam *bôla* a um pão tambem redondo e achatado, mas cujos processos de fabrico variam muito.

Na Beira-Alta a *bôla* é tambem de farinha de milho, com mistura de lombo-de-porco e toicinho. Geralmente comem-na em migas, com azeite e vinho (?). V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

Em Freixo-de-Espada-Cinta a *bôla* é de farinha de trigo e leva azeite na amassadura, sem presigo. Tem um sabôr acre, desagradável... ao meu paladar.

De Mondim-da-Beira, diz o sr. Dr. Leite de Vasconcelos nas **Tradições Populares de Portugal,** pag. 232: «Quem *cose o pão* dá sempre à porta do forno, ás crianças pobres, um bocado de *bôla* (a bôla é mais achatada que o pão).»

No Vale-do-Cóina o *bôlo* é de trigo, e amassam-no com banha-de-porco.

bomba. «*Cabo de bomba* é um virador passado por S. V. [sòtavento], por dentro das botocaduras de ré a vante, da busina da alheta ao escovem onde é rondado e no seio do qual, como em estropo, engata o aparelho da *alanta* da barcaça [quando o navio vira de carena], para ajudar a endireitar o navio se elle adormecer quando virar.» — **Ap. e Man. de Navios,** 229.

bombo. «O *bombo* do moinho, consiste em um pinheiro aberto ao meio, longitudinalmente, de que se fazem duas calleiras as quaes, depois, se tornam a unir, pregando-as de encontro uma à outra, formando assim um grande tubo. Collocado no logar da calha, e, munindo-o inferiormente com uma bucha por onde esguicha a água, põe em movimento o rodízio. Convem que fique na posição de 45º, ou mais, e manter-se sempre cheio de água, o que se gradua por meio das buchas. [Na Beira-Alta].» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

bom-peso. E' necessário registar esta convenção comercial muito usada: O *bom-peso* «é um tanto a mais no peso, a favor do comprador, para compensar a quebra que o peso primitivo possa soffrer. O bom peso depende d'uma convenção entre o vendedor e o comprador,

mas nos generos d'Africa costuma ser 1 kilogramma em cada 320 kilogrammas.» — Magalhães Peixoto. **Tratado Pratico de Contabilidade e Escripturação Commercial**, 209.

boneco, castanha atrofiada, sem polpa. Na Beira-Alta. V. **Gazeta das Aldeias** n.º 745.

borá, espécie de abelha amarela, do Brasil, de tamanho médio, brava, que produz mel abundante, de sabôr acídulo.

V. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 126.

borboleta, diz-se de uma válvula usada nos reguladores das máquinas de vapor.

V. **Nom. de Mach. e Cald. de Vapor**, II, 54.

borcar, no sentido de «emborcar» não é só provincialismo beirão, como diz o **Novo Diccionário**. O sr. Eduardo Sequeira, no seu tratado **As Abelhas**, 198, dá-o como usado no concelho de Moncorvo, neste sentido.

borrêga. empôla, bolha, especialmente nos pés; no Vale-do-Cóina.

Por *bujêga*.

botão. (V. **abotoar**, na 1.ª série). *botão* chamam, a bordo, ao sistema de ligação entre dois cabos ou correntes que se unem ou sobrepõem. Esta ligação é formada, para o caso de sobreposição por cruzamento, por voltas cruzadas de merlim ou mealhar, que abraçam os dois cabos, e por voltas redondas esganadas com o chicote, para o caso de junção em sentido paralelo. «O ovem abraça-a [à bigota] pelo cavado e abotoa com um *botão de cruz*; e o archote com dois botões redondos . . .» — **Ap. e Man. de Navios**, 62.

botijão, vasilha de barro ou de grês, bojuda e pouco alta, com gargalo curto e estreito, e uma pequena asa.

Ouvi o termo a marinheiros de Ílhavo e do Algarve.

bouça. «Esta terra é uma *bouça* que está dividida em pequenas leiras com socalcos, tendo cada leira uma e mais oliveiras conforme o seu tamanho. [em Braga]» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 927.

brabel, por *barbel*, diz-se de uma variedade de trigo; em Ourique. V. **Revista Lusitana**, XVI, 182.

braçajote, «o mesmo que *berçajote*,» diz o **Novo Diccionário**. Falta, no entanto, este termo no lugar próprio. Deverá ler-se *berjaçote*.

braçalote. «Nos [navios] mercantes encapellam nos laises os *braçalotes*, que são vergueiros de comprimento variavel, tendo no chicote moitão de retorno para facilidade de manobra . .» — **Ap. e Man. de Navios**, 74.

braçola. O **Novo Diccionário** define assim *braçolas*: «lados salientes das escotilhas, para evitar que a água entre no convés.»

No *convés?* Foi certamente lapso.

braçolas são os lados salientes ou rebordos das escotilhas, afim de evitar que a água, alastrando na coberta, entre por elas para os pavimentos inferiores. Servem ao mesmo tempo de encaixes aos quarteis, xadreses e alboios com que se tampam as mesmas escotilhas.

Mas não se usa só o plural. *braçola* é qualquer dos madeiros que formam os quatro lados desse rebordo. «O mastareo de gavia, á força de braços, irá assentar o pé sobre uma soleira por ante a ré da *braçola* da escotilha grande . . .» — **Ap. e Man. de Navios**, 110.

braços são os cabos com que se dá movimento horizontal de rotação à verga, nas manobras de bordo.

V. **Ap. Man. de Navios**, 74.

branco, o mesmo que *bolôr*, doença das roseiras.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.os 902 e 905.

branquêta. «... e con sas calças velhas de **branqueta** ...» — **Cancioneiro da Vaticana** (n.º 62).

brigue-escuna, embarcação de dois mastros, sendo o de prôa como de brigue, e o grande com um só mastaréu e pano redondo.

brinça, esbrinçar. — *brinça*, chamam na Beira-Alta aos ramos miúdos de árvores. *esbrinçar* é partir em bocadinhos (qualquer coisa).

V. **Gazeta das Aldeias,** n.os 733 e 734.

Cp. o esp. *brizna*.

brincalhêta. «*Dois-Portos*... A fava e a ervilha são atacadas n'esta região por uma erva a que chamam *rabo de raposa, penacho* ou *brincalheta* ...» — **O Seculo Agricola**, de 1 de Novembro de 1913.

Sobre o mesmo assunto diz o botânico sr. Pereira Coutinho, *ibidem*: «A planta a que se refere é uma *Orobanchacea* — a *O. coronata*, Forsú, do genero *Orobanche*, L., phanerogamica parasita da fava e ervilha, frequente em toda a Extremadura».

brinco, corrente delgada que manilha um dos extremos no anilho das amarrações fixas (das embarcações) e vem, prolongada com a *cabresteira* (V.), e *abotoada* (V. **abotoar**) para ela de braça em braça, enrolar no capitel da boia, manilhando no arganéu superior desta o outro extremo.

O *brinco* serve para facilitar a manobra de tirar ou colocar a boia da amarração.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 143.

brisa. **O Diccionario da Lingua Portugueza,** de Morais, dá *brisa* na acepção de «vento frio secco da parte de Nordeste», citando as **Decadas,** de Diogo do Couto.

Ainda hoje, em linguagem maritima, *brisa* é o «vento forte, geralmente do quadrante N.-N.E.»

Em esp. *brisa* é o «viento Nordeste, contrapuesto al vendaval» — (Rod.-Navas). Em ital. *brezza* e fr. *brise*, «vent du nord», do tud. *brisa* (V. Stappers, n.º 2.996).

O P.e José Marques, no **Nouveau Dictionnaire des Langues Françoise et Portugaise,** traduz *brise* por «nordeste (vento).»

brôa. *Encetar a brôa*, bater, castigar, desancar (alguem); no Minho. «Olhai qu'eu *incerto a brôa!*»

bruar. (V. **Revista Lusitana,** XIV, 149). Mais propriamente, *bruar*, é «fazer estrondo ou sussurro.» «O mar *brua*.» «Está a *bruar*» = «está a trovejar.» V. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 303.

Dizem, em Paredes-de-Coura tambem, *deixar bruar!* filosoficamente, no sentido de «deixar correr, deixar vir os acontecimentos; o que fôr soará.»

bruega, trabalho custoso, dificil; na Beira-Alta. V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

Cp. **bruar.**

bucha-do-braço, o mesmo que «polpa do braço.» «Quer vossa senhoria ver uma Senhora da Rocha que eu tenho na bucha do braço?» — Camilo. **Bruxa do Monte Cordova,** 141.

bucho, rêde de saco, empregada na pesca da solha; em Espòsende.

V. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

bufeta. V. **gerolina.**

bugalho. V. **cadraço.**

burgiada, na Beira-Alta, o mesmo que *sarrabulho* (V.), no Minho.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 752.

Por *burzigada*.

burreco, púcaro de barro, com asa; em Espòsende.

V. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

Cp. *burreca* = «corcunda.»

bute, buteiro. *bute*, em Viana, é o mesmo que «mentira, lampana.» *buteiro* é o «mentiroso, patranheiro».

buxinifada, o mesmo que «mexerufada» ou «muxinifada». V. **Arte de Furtar**, 216.

buzinas, furos abertos nas alhetas do navio, em geral revestidos interiormente por mangas metálicas, para a passagem de amarrêtas, espias e viradores.

V. **Ap. e Man. de Navios**, 126.

C

cabaço, marçano; em Coimbra.

cabana, cabaneiro, cabaneiragem, cabaneirice. Nos Arcos-de-Vale-de-Vez chamam *cabana* à excavação horizontal num terreno inclinado (barranco, socalco), para abrigo.

cabaneiro é, tambem ali, um alpendre ou telheiro para abrigo de carros e utensilios de lavoira. Chamam tambem *cabaneiro* ao «mendigo.» Daqui *cabaneiragem*, *cabaneirice*.

cabeça, encabeçado. *Cabeça* chamase ao primeiro produto da destilação do alambique. Ao último dão o nome de *rabo*. V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 929.

No Alto-Minho chamam *encabeçado* ao individuo que, numa freguezia, é responsavel perante a repartição de Finanças pelo pagamento da contribuição suntuária referente a todas as propriedades ou bens móveis, do mesmo gênero colectavel, pertencentes a diversos contribuintes. Estes, que, por sua vez, se chamam *cabeças*, obrigamse por seu turno a pagar ao *encabeçado* a quota parte da contribuição que, proporcionalmente, lhes cabe.

E' a base dos entendimentos das agremiações de classe e arrematantes de impostos, com o Estado. Era este o sistema da antiga liquidação de forais e pensões dos *casais encabeçados*, devidos ao direito senhorio, e pela qual respondia um dos colonos do casal ou prazo, aque chamavam *cabeceira, cabeça* ou *çabecel*. V. Viterbo, **Elucidario, s. v. casal.**

V. **arco**.

cabêlo. Em linguagem marítima dizse que a âncora «está suspensa *pelos cabelos*», quando é içada, a beijar, na estralheira do turco.

V. **Ap. e Man. de Navios**, 127.

cabo. Os cabos, a bordo, não são simplesmente «de linho, manilha ou outras fibras têxteis.» Ha tambem cabos formados de fios metálicos, —ferro ou aço,—zincados, que se empregam geralmente no aparelho fixo. «*Cabos de arame* são aquelles em que os cordões são formados de fios metálicos. Nos de ferro cada cordão é formado de seis fios e o cabo por seis cordões, coxados em volta de uma *madre* de linho. O fio de ferro é quási sempre zincado para maior duração.» —**Ap. e Man. de Navios**, 29.

O número de fios de cada cordão é muito variável. Quanto mais ténue fôr a espessura dos fios empregados tanto maior deverá ser a quantidade necessária para formar um cabo de determinado diâmetro, e maior é, portanto, a sua flexibilidade.

cabo é tambem graduação inferior na organização militar.

cabo-de-ordens é o subalterno do regedor.

cabo-de-mar, funcionário que exerce vigilância nos caes e praias para o cumprimento das disposições da capitania-do-porto.

cabo, no sentido de «fim,» entra em muitas locuções da linguagem comum: ***levar a cabo; dar cabo de; ir às do cabo; a cabo de***, e outras ainda não registadas.

cabra. *Vento da cabra fanada* v. **Rev. Lus.**, XVII 198.

cabresteira, corrente, cuja extremidade inferior se liga por um *anilho* (v.) às duas extremidades livres das correntes dos ferros das amarrações fixas, e cuja extremidade superior manilha no arganéu da boia.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 142.

cabresto, contra-cabresto. «*Cabrestos* são duas correntes de ferro, de maior diâmetro que os patarrazes, manilhadas no talhamar [do navio] e aguentando o gurupez directamente para baixo para que não possa levantar-se.. *Contra-cabresto* é uma corrente de ferro dada por fora dos cabrestos, e que lhe serve de reforço..» — **Ap. e Man. de Navios**, 59.

cabritos, vómitos de ébrio; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 733.

Evolução natural da ideia de *pagar a cabrita* = «pagar uma certa quantidade de vinho aos indivíduos que entram numa transacção.»? v. Leite Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal**, 182.

caçador. v. **Rev. Lus.**, XVII, 198.

cação, caçanete. *Em cação* ou *em caçanete*, diz-se, no Vale-do-Cóina, no mesmo sentido de «nú, sem cobertura.»

caceia. *Á caceia.* «Ás vezes o solo desce em rapido declive, a ancora arrastada pelo navio vae *á caceia*, escorregando, sem unhar, sobre o lagedo, até que chega á aresta do *peirão*, onde o fundo quebra abruptamente..» — **Ap. e Man. de Navios**, 131.

cachafundo, mergulho de nadador; em Viana e em Ílhavo. O **Novo Diccionário** dá o termo, nesta acepção, como provincialismo, colhido em Barcelos.

cacheira. «...doze alabardeiros muito bem dispostos, vestidos de uma cacheira muito felpuda, com seus carapuções do mesmo nas cabeças..» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam**, CXXIV.

cachicha. (V. na 1.ª série). É a forma usual nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

cachofêlho (v. **Rev. Lus.**, XIV, 153). Em Paredes-de-Coura, *cachofêlho* é tambem: «pequeno recanto de terra de cultura, mas de pouco valôr. v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura**, 304.

cachucho. «...Seus cachuchos nos dedos..» — **Anatomico Jocoso**, II.

caçoila. «*Caçoila* de frutas», o mesmo que «*compota*, de frutas»?

> «..pinhoado com reis
> ou caçoila de maçans..»
>
> Gil Vic. **Auto da Lus.** (III, 264).

cadeira. *Falar de cadeira* é falar com autoridade e conhecimento de causa, — às vezes em sentido irónico, — como um letrado ou juiz, julgando e administrando justiça. *Lêr de cadeira* é quási a mesma coisa, mas mais especialmente alardear conhecimentos pouco vulgares.

A ideia da *cadeira*, como símbolo de autoridade e sabedoria, é antiga. *Lêr de cadeira* vem já no **Cancioneiro Geral**, I, 80:

> «Vossas ultimas rrezões
> ....
> movem tantas concrusões
> que n'ficam por lições,
> como lidas de cadeyra..»

cadeirinha, armação de madeira, em forma de cadeira, com recosto, que se fixa à albarda ou selim, para comodidade de quem anda a cavalo, especialmente senhoras. «Esperava-o a égua aparelhada de cadeirinha para o conduzir a Covelas.» — Camilo. **Volcoens de Lama**, 71.

cadernal. O **Novo Diccionário**, definindo *moitão*, diz:
«peça metálica *ou* de madeira, em forma de ellipse, e atravessada por um eixo, cercada de goivadura, onde se introduz uma alça, e destinada a levantar pesos.» Em 2.ª acepção, dá-o como equivalente de *cadernal*, tendo explicado, no lugar próprio que *cadernal* é um «quadrado de madeira em que gira independentemente uma roldana múltipla, em navio.»

Rigorosamente o *moitão* difere do *cadernal* em ter apenas um gorne, ou fenda, em toda a sua espessura, onde se move a roda; o *cadernal* tem dois ou mais gornes. A relação ou concordância entre as duas definições é, pois, necessária.

Da definição de *moitão*, dada pelo **Novo Dic.**, não se infere que este tenha gorne nem roldana. Morais, descrevendo esta peça de poleame (s. v. **moutão**) foi mais minucioso: «peça de páo, ou metal; são como duas chapas ovais unidas nos extremos mais longos, e por entre ellas gira uma roda canalada em um eixo fixo nas chapas, e pela roda passa uma corda, que facilita o movimento de algum peso; alguns há de duas, e tres rodas. v. *Cadernal*.»

De facto, o *cadernal*, quanto á forma, é um *moitão* de dois ou mais gornes, em que entram outras tantas rodas girando em volta de um eixo comum; como o esp. *cuadernal* = «especie de motón, de grueso proporcionado para contener dos ó mas cajeras» — **Ency. Il. Segui.**

Isto quanto à forma. Quanto à denominação, hoje, para um marinheiro, não ha confusão possível. O *moitão* tem só um gorne e uma roda, enquanto que o *cadernal* tem sempre dois ou mais gornes e respectivas rodas. Diz-se *cadernal de dois, três, quatro gornes*, etc.

No seu tratado **Apparelho e Manobra de Navios**, pag. 36, diz o sr. João Braz de Oliveira, descrevendo estas peças de poleame: «..[no poleame de laborar (v. **laborar**)] a roda e o seu eixo estejam abrigados n'uma *caixa* ou estojo de forma eliptica, feita de olmo [e tambem de freixo, buxo e outras madeiras rijas] ou de ferro, tendo uma cavidade ou *goivado*, que a abraça, [em sentido perpendicular ao gorne] e onde se colloca a *alça* para o ligar a qualquer ponto do apparelho. Firma-se o eixo, ou *perno* onde gira a roldana, nas duas faces da caixa [atravessando-as no sentido da espessura], e pelo intervalo do *cavado* da roda, *meia canna* ou *gavia*, e as faces interiores, superior e inferior da caixa [i-é, pelo espaço que fica entre o goivado da roda e a parte superior do gorne], enfia-se o cabo de manobra. Ao intervalo ou abertura [em que gira a roda no seu eixo] chama-se *gorne*, e o numero de gornes classifica cada peça de poleame: *Moitão*, quando d'um só gorne.. *Cadernal*, poleame de dois, ou mais gornes, com as rodas enfiadas no mesmo *perno*..»

É necessário pois coordenar as definições de duas peças de poleame tam semelhantes mas cujos nomes se não podem confundir.

Resta ainda dizer que *moitões* e *cadernais* não são, de um modo geral, a bordo, «destinados a levantar pesos.» Como todo o poleame de laborar, são, em especial, destinados ao retorno dos cabos de manobra e utilização de forças.

Cadoiço. «*Covilhã* .. achei-lhe [ao vinho] um gosto a verde e um tanto carrascão, naturalmente devido ao

cadoço do engaço. «—**Gazeta das Aldeias, n.º 932.**»
Provavelmente refere-se ao «pé ou residuos» do engaço. Cp. o esp. *cadoso*,

caga-fogo. v. **tataira.**

cagata, dejecção (de mosca); no Minho. [Viana e Arcos-de-Vale-de-Vez].

càgavivo, casa pequena e acanhada; na ling. fam. de Viana.

caimbo (=caíbo). *Caimbos,* no Vale-do-Cóina, são as peças laterais do freio. (v. **caimbas,** na 1.ª série).

v. **camba.**

Tambem ali chamam *câimbo* a uma espécie de gancho com que se agadanha o mato antes de o enfeixar.

caixola, caixota. Na acepção de «caixa pequena» qualquer destas duas palavras é usada no Minho. Regìstei a segunda na **Rev. Lus,** XIV, 150.

O **Novo Diccionário** dá-as, neste sentido, como termos brasileiros.

cajato. v. **engaço.**

cajom, cajão, tambem se usou no sentido de «ocasião, causa»: «.. e serei cajom de muitos males.. —**Texto Crítico da Lenda dos S. Barlaam e Josafate,** 13.

calaceiro, devia significar o mesmo que «guloso». v. os exemplos apontados na 1.ª série s. v. **calaça.**

Talvez de *calabacero*, ratoneiro, em gíria de ciganos. Cp. *calaço.* «*Andar ao calaço:* andar pelas casas dos outros á espera que lhe deem de comer — A. Cortesão. **Subsídios para um Diccionário Completo** (s. v. **calaço,** in-*Additamento).*

De *calaceiro,* «parasito, que vive à custa dos outros» viria o substantivo regressivo *calaça*, no sentido de «preguiça, ociosidade.»

No Vale-do Cóina, *calaceiro* diz-se da criança que gosta muito de mamar.

calado, calada. *Pela calada* quer dizer «de modo surrateiro e custeloso, disfarçadamente.» «..mas eu cá pela calada..» — **Pinto Renascido,** 289. «..e em cada visita lhe mamava um pinto pela calada..» — **Arte de Furtar,** 36.

dizer com o seu calado, o mesmo que «dizer com os seus botões.» «..digo cá em meu calado..» —**Cancioneiro Geral,** I, 35.

calama, ondulação forte do mar, sem vento; no Algarve.

Cp. *calema.*

calcaré, o mesmo que «codorniz»; no Minho. Em sentido figurado é a «mulher leviana, instável», pelo menos nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

caldão, refeição que os caçadores costumam preparar, no final das caçadas, com os produtos destas. No concelho do Seixal.

caldeiraria, fabricação de caldeiras. v. **Annuario Commercial,** *p.*ª *1911*, pag. 3.

calmiço, estado quáse calmo da atmosfera e das águas, calma de pouca duração. «Aproveita-se o calmiço da madrugada.. para com maior facilidade fazer este trabalho.» — —**Ap. e Man. de Navios,** 143.

cama, o mesmo que «camada,» porção. «E forõ logo hy mortos hũa gram cama de castellãos..»—**Cronica do Condestabre,** cap. LI.

camarão, espécie de planta trepadeira; no Minho.

camaroeiro — roda-fole, ganha-pão. Entre os utensilios de pesca, mais ou menos semelhantes ao *camaroeiro,* que indiquei na 1.ª série destas **Notas,** (s. v. **nassa**), registe-se tambem o *roda-fole*, que, em Esposende, é uma «espécie de saco de rêde em que se recolhe a sardinha que vai caíndo da rêde quando esta se colhe.» Tambem lhe chamam *ganha-pão.*

v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

camba. v. **caimba.** «Agarrou com destreza e força a egua pelas cambas do freio..» — Camilo. **Eusebio Macario,** 60.

cambeiro, gancho de pau ou de ferro em que se pendura o cesto do pão, nas cozinhas. Na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

cambito, pequeno timão com que a última junta de bois (i-é, a da frente) puxa ao arado; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

campear, defecar?

> «..e como a dor apertar
> puxar pera campear..
> ..e não vos ha-de lembrar
> vergonha nem cortezia..»
>
> Gil Vic. **Comédia de Rubena.**

São palavras da *comadre*, na scena do parto. Ainda hoje as parteiras dão conselho idêntico às parturientes, no momento crítico.

cana. «*Cana* é o comprimento de 18 palmos. Emprega-se no campo de Coimbra.» — Mag. Peixoto. **Tratado Pratico de Cont.,** 124.

canas e caniços ou **canas e canêtas,** na ling. familiar, são «dificuldades ou impedimentos; altercações» Reminiscência das justas ou *jogos de canas*. As expressões formaram-se com as assonâncias *caniços* e *canêtas* para realce da ideia.

Em Espanha dizem, no mesmo sentido, *haber toros y cañas.*

canchôlo, cloaca; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

candeia, o mesmo que «jarro», planta. No Faial chamam-lhe *candeia* ou *jarro*. No continente, alem de *candeia* e *jarro*, é esta planta tambem conhecida por *capuz-de-fradinho*.

v. **O Seculo Agricola,** de 24 de Janeiro de 1914.

de candeias às avessas é expressão popular que quere dizer «indisposto, zangado». «..e ainda que se conheciam ficaram de candeias às avessas..» — **Anatómico Jocoso,** 26.

Nos Arcos-de-Vale-de-Vez chamam *candeia* à flor masculina do castanheiro.

candeliça, aparelho náutico formado de duas polés (v. **polé**), tendo cada uma os eixos das roldanas paralelos, gornindo-se como a talha dobrada, i.-é, fazendo-se passar o cabo pelas quatro roldanas das duas polés. (v. **talha**).

v. **Ap. e Man. de Navios,** 37.

«Alguns mercantes chamam *candelissa* a um teque formado por dois moitões de cilindro, um dos quaes engata n'um vergueiro, que vae ao lais da verga grande, e serve para guindar a carga.» — *Ibidem*, 37.

canête, diz-se em Paredes-de-Coura, de uma variedade de milho de pequena espiga e palha curta. v. Alves da Cunha, **Paredes de Coura** 201.

cangalhas, jugo grosseiro, empregado só nas lavradas; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

cangarejo, caranguejo; em Ílhavo.

Ep. o esp. *cangrejo*.

canheiro, vassoura de codêços com que se varre o grão nas eiras; nos conc. de Famalicão e de S.^to^ Tirso.

canhos, restos, sobejos de comida; em Viana. Terrões duros que ficam no campo depois da lavrada; em Paredes-de-Coura. v. A. da Cunha. **Paredes de Coura,** 305.

canhôto, canhota, escanhotar, escanhotador. *canhôto*, nos Arcos-de-Vale-de-Vez, é um velho tronco de árvore de que se tiram *canhotas*, ou achas.

escanhotar é desfazer *(o canhoto)* em *canhotas*; partir em pedaços. Ao rachador de lenha chamam ali *escanhotador*.

canilha, o mesmo que «boquilha»; no Minho.

canôa-da-picada, embarcação do Tejo,

que vai ao mar receber a sardinha, carapau, sarda e outro peixe pescado pelos cercos, para o trazer a Lisboa. «Data da mesma epoca o aperfeiçoamento das *Canôas da picada* que deixaram de ser uma coisa tôsca, quasi inutil, para se transformarem em barcos elegantes.. parecendo mais de regalo do que de carga.» — **O Seculo**, de 16 de Dezembro de 1913.

cantadela. «...dizei alguma cantadela...»

Gil Vic. **Farça de Inés Pereira.**

cantar. *Outro cantar*, coisa diversa, outra coisa. «Que as mulheres tenhão pés grandes ou pequenos isso é outro cantar..» — Cav. de Oliveira. **Cartas**, I, 152.

Reflexo da expressão: *outro galo cantaria.*

canto. «..e da torre lhe foy lançado huu canto..que lhe nõ deu e cheeo..» — **Cronica do Condestabre, 153.**

«=pedra grande», diz o Dr. Mendez dos Remédios no vocabulário da sua edição.

saber os cantos à casa, saber orientar-se em qualquer lugar, conhecer situação e disposição locais.

«..& esmo nisso hum ladram
que ssabos quantos da casa..»

Canc. Geral, II, 168.

cantoneira, armário ou prateleira ao canto da casa, que serve de dispensa. Colhido em Santa-Marta (Viana).

canucho, escanuchar, escanuchadela. Nos concelhos de Viana e Arcos-de-Vale-de-Vez, *canucho* é o pé do milheiro, que fica na terra depois de segada a haste. *escanuchar* é ferir (o pé) em *canucho*; e daí *escanuchadela.*

Em Viana chamam tambem *canucho* ao mesmo que «cano» ou «tubo», das penas e plúmulas, que fica na pele da ave depois de depenada.

caonha. «*Bailundo (Africa Ocidental)*.. Há por aqui nas galinhas um mal a que o gentio chama *caonha*, mas este nome dá-se tambem a uma doença dos bois; os sintomas são os mesmos que no gado vacum.» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 936.

cápsula, capsular, capsulagem. *cápsula* é tambem um invólucro cilíndrico, de folha de estanho muito delgada, com que se tapam garrafas e frascos, depois de rolhados.

capsular é fechar com cápsula (as garrafas). V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 926.

capsulagem. «..na grande indústria de engarrafamento o serviço é feito por máquinas de pronta e perfeita capsulagem..» — *Ibidem*, n.º 945.

capuz-de-fradinho. V. **candeia.**

caqueful. Em gíria marítima *a caqueful* quere dizer «plenamente completamente.» «Um barril cheio *a caqueful.*»

Ingl. *to the full.*

cara, (V. na 1.ª série). Há tambem: *cara de cavalo espanhol*, cara arrogante; no Minho. *Cara de meio tostão safado, de desmamar crianças* (Tomás Pires. **Setecentas Com. Pop.**, 45); *de despedir hóspedes; de ferrabraz*; e outras.

mostrar a cara, diz-se, na Beira-Alta, do vinho novo, quando se torna límpido e transparente. V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 745.

caragua. «O milho *caragua* ou *dente de cavalo* ou *gigante* é muito produtivo mas exige estios muito quentes para amadurecer bem.» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 939.

É oriundo da Nicarágua. Julgo pois que deverá ler-se *carágua*,

como aférese daquêle nome geográfico.

caramelo. «..3 enchadas de caramello..» — *Cartas* [III] *de Alex. Herculano,* in-**Revista de Historia,** II, 265.

v. **caramelo,** na 1.ª série.

caramona, encaramonar-se. No conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez *caramona* quere dizer «cara feia, semblante carregado.» *encaramonar-se* é «fazer caramona, mostrar semblante desagradável, encolerizar-se.»

carão; parão. *carão* ou *carom* entra na formação das velhas locuções adverbiais *a carão de, a carom de, ao carão de,* no mesmo sentido de «à face de, junto de, rente com.»

carão significava a «tez, flor da pele do rosto», e entrou na expressão com o mesmo valôr semântico de *face,* na expressão equivalente *à face de.*

O **Elucidario,** de Viterbo define «**A carom de,** adv. À face, à vista, junto, perto, descobertamente e sem alguma coisa pósta de permeio», citando um testamento de 1316 em que se lê: «e que me leixem o rosto descoberto a carom da terra. No lugar próprio insere e define «**Carom (A) da carne,** Á raiz da carne.»

O dicionário de Morais, s. v. **carão** regista «*a carão,* adv. ant. defronte: *a carão da* ladeira, a rosto, defronte [de]. *A carão da* carne: á raiz do cabello, sobre o corpo nú,» citando Fernam Lopes de Castanheda, na **Historia da India,** II, 71.

Nos **Subsídios para um Diccionário Completo,** de Cortesão, citam-se alguns documentos: «vestio hũa saya de malha *ao carão da* carne.» — A. Chagas. *Serm. Gen.,* 220.» cilicio de que andava vestido *a carom da* carne.» — Fr. Fort de S. Boaventura. *Col. de Ined. Port.,* 3.º, 57.

Na **Consolaçam ás Trib. de Israel,** de Samuel Usque, I, fl. IX, v.: «..em prado chão e em pasto pouco mais alto da carão da terra mordiam..»

Como expressão adverbial aparece sempre nos velhos textos seguida pela preposição *de,* como no galego *acarón de* e no velho espanhol *acaronas de.* Nas **Églogas y Farsas** de Lucas Fernandez:

> «..mill altibajos peguemos
> por acaronas del suelo..
>
> [pag. 37].

Na **Fastigimia,** 49, de Tomé Pinheiro da Veiga, vem a forma *acazão de,* no mesmo sentido: «..com huma rua dobrada de Alemos de um e outro [lado] acazão do muro..»

A expressão *a carão de,* não se perdeu de todo; persiste na linguagem popular de determinadas regiões. O **Novo Diccionário** diz-nos que ela se encontra no Algarve, a par da equivalente *a carel de.*

O meu ilustre amigo sr. P.e Himaláia informa-me que nos Arcos-de-Vale-de-Vez, sua terra natal, *ao carão de* se emprega muito no sentido de «junto de, unido a, sem cousa alguma de permeio.» E cita-me esta espécie de aforismo maternal: «Não se deve dormir com o cobertor *ao carão do* corpo.»

No n.º 933 da **Gazeta das Aldeias,** o sr. Dr. Felix Alves Pereira que teve a amabilidade de comentar este artigo, anteriormente publicado no n.º 929 do mesmo periódico, dá interessantes informações sobre o uso desta expressão e da palavra *carão,* nos Arcos-de-Val-de-Vez. Assim *carão* quere dizer, ali, «face superior de uma coisa, voltada para o obser-

vador. Ex.: «*lançar alguma coisa no carão do cesto*, isto é, directamente na face interna do fundo do cesto. Outro: *o carão do brolho no lagar* = a face superior da balça no lagar.»

Sobre a expressão *ao carão de*, cita estes exemplos: «comer alguma coisa *ao carão do* estomago,» isto é, «em jejum.» «Dormir com o cobertor *ao carão do* corpo,» i-é, «sem lençol.»

Na **Aurora do Lima,** de Viana, de 11 de Setembro de 1913, deparou-se-me este período na notícia de uma agressão: «As duas [rivais] encontraram-se ante-hontem no largo de Santo Homem Bom, *ao carão do dia*...»

Sobre isto, e por solicitação minha, diz-me o Dr. Luís Figueiredo da Guerra, ilustre arqueólogo vianense: «Diz-se *ao carão do dia;* ao carão do corpo, por «dia alto; junto ao corpo,—sol cheio; rente à pele. Usa-se raras vezes como expressão popular e só no Alto-Minho e Trás-os-Montes, mas sempre seguido de *de*, como tenho observado na gente de mediana ilustração.»

Vê-se pois que o uso da expressão se vai restringindo, tendendo a desaparecer de todo.

«No mesmo sentido de *ao carão do dia*, usa-se nos Arcos-de-Vale-Vez, como me informa ainda o sr P.^e Himaláia, a expressão *ó cór do dia*. Como equivalentes regista ainda o sr. Dr. Felix Pereira, no lugar citado, as expressões: *pelo cór do dia* e *pelo córo do dia*.

O sr. João Jacinto Rebelo, natural do Faial, diz-me que ali se emprega, no mesmo sentido de *a carão de*, a expressão *a parão de*, geralmente na linguagem dos marítimos: «eu estava pescando *a parão de* F.; o meu barco está *a parão do* cais.»

Não julgo provável que isto seja uma alteração de *a carão*, nem que a expressão se formasse por analogia e contacto de ideias semelhantes:—de *par, a par*: «pescar *a par*, estar *a par*.»

parão será talvez uma forma divergente de *porão*, de *prão*, do lat. **planus.** Cf. *para*, de *pera*, de *per a*, v. **Apostilas,** s. v. **porão.**

a parão = *a prão*, veio assim a significar a relação entre objectos que se encontram no mesmo plano, i.-é., a par, à face.

O sr. Gonç. Viana, nas **Apostilas,** regista a expressão *de prau*, que diz usada ainda hoje, no sentido acima indicado.

carapinha v. **pirolês.**

carepa (v. na 1.ª série). *Limpar-se da carepa*,

...com que os gaviões governadores
se limpão da carepa e tem cuidados

Azevedo Tojal, **Foguetário,** 40.

carlinga, «peça de madeira em que assenta o mastro grande. Sobrequilha,» define o **Novo Diccionário.**

Subentende-se que é a *mecha* do pé do mastro a parte que assenta na tal peça de madeira, mas não diz onde está colocada. Por outro lado, a definição, referida só ao mastro grande, é muito restrita porque, na realidade, os pés de todos os mastros assentam em *carlingas*.

O próprio **Novo Diccionário,** definindo *enora*, diz: «aberturas por onde os mastros vão assentar na carlinga.» Não é, pois, só o mastro grande que assenta na *carlinga*.

A *carlinga* é um *encaixe* aberto na sobrequilha, em que entra a mecha do pé dos mastros. Às vezes esse encaixe abre-se em uma peça de madeira que se cavilha directamente para a sobrequilha.

No esp. *carlinga* é «hueco en la sobrequilla» (Toro y Gomez) ou «madero fijo sobre la quilla [en la sobrequilla], en el que entra la mecha del palo» (Rod. — Navas).

Permita-me o sr. Dr. Candido de Figueiredo que prefira à do **Novo Diccionario,** a definição do diccionário de Morais, apesar de restrita tambem: «na sobrequilha dos navios é um encaxe, onde assenta o pé do mastro grande, e do traquete; aliás se diz *pia.*»

Todos os mastros tem *carlingas* onde assentam as méchas. A *carlinga* do pau da bujarrona é um encaixe aberto em um chapuz, à proa, ou na roda da prôa, por cima do gurupez.

«Aprumem-se os mastros introduzindo os *pés* pelas *enoras*, e entrando a mecha do pé na *carlinga* aberta na sobrequilha..» — **Ap. e Man. de Navios,** 19.

Nunca ouvi chamar *carlinga* à *sobrequilha.*

carneirinhos. No conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez chamam *carneirinhos* à inflorescência dos salgueiros.

carocha. Em Ilhavo chamam *carocha* ao «bocal em que entra a torcida, nos candieiros.»

«As suas aguas volumosas [refere-se a uma cheia no rio Minho] correm barrentas e na torrente impetuosa passam toros de madeira, carochas de palha, utensilios de lavoura. .» — De uma correspondencia de Seixas para a **Aurora do Lima,** de 31 de Outubro de 1913.

carofa. «Envio uma caixa com uma haste de uma planta conhecida aqui [Vila-Nova-de-Famalicão] pelo nome de *carofa.*» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 910.

carrachucha. *A's carrachuchas*, o mesmo que ás *cavalitas.* «..e elle o traz às carrachuchas lá pelo quintal..» — Camilo. **Mysterios de Fafe,** 104.

carrasco, carrasca. *carrasco* é uma variedade de tojo, não molar; na Beira-Alta (concelho de S. Pedro-do-Sul).

«Os mattos compõeem-se de *tojo* molar e arnal, e de *carrasca* branca, de mistura com hervas montezinhas [no conc. de Paredes-de-Coura].» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 209.

carrasquinha, diz-se de uma variedade de azeitona; no Algarve.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 916.

carregadeiras são os cabos com que se *carregam* as velas latinas dos navios e não «as velas dos navios,» em geral, como diz o **Novo Diccionário.** «Os cabos que servem para laborar as velas redondas tem cada um o seu nome especial. Quando se disser simplesmente *carregadeiras*, subentendem-se ser os cabos de carregar as velas latinas.» — **Ap. e Man. de Navios,** 90.

O conjunto de cabos destinados a manobrar o pano redondo (v. **redondo**) denomina-se *obras. Obras* são pois as carregadeiras deste pano: *obras de gávia, obras de joanête*, etc, tendo cada uma nome especial:

estingues, para carregar os punhos das escotas.

briòis, para carregar a esteira.

apagas, para carregar as testas dos papafigos, prolongando-as com as esteiras.

sergideiras, para carregar as testas das gávias e prolonga-las tambem com as esteiras.

V. *Ibidem, idem.*

carregador. *Peixe-do-carregador*, na ribeira de Lisboa, é o «peixe trazido dos cercos pelas *canôas-da-picada*,» (v.). «O cognome de *peixe do carregador* dado ao dos nossos barcos [as referidas canôas], data tambem de seculos, provindo d'ele ser salgado e car-

regado no mar, no local da *morte*, como diziam os velhos pescadores, ainda antes do marquez de Pombal.» — **O Seculo**, de 16 de Dezembro de 1913.

carrela. (v. na 1.ª série) padiola; tambem na Maia. v. Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal**, 237.

carrêto, o mesmo que «carrête,» pequena roda dentada, para transmissão de movimento, em vários maquinismos.

v. **Nomenclatura de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 53.

carro. Em mecânica chama-se tambem *carro* à peça circular que entra no colar ou gola do *excêntrico* (v.) das máquinas de vapor.

carrulo, parte posterior do pescoço nos Arcos-de-Vale-de-Vez. (v. na 1.ª série).

carteirista, gatuno de carteiras «..não só os *espadistas* mas tambem os *carteiristas* teem nestes ultimos dias *trabalhado* activamente, quasi nas barbas da policia, operando estes ultimos, geralmente, nas plataformas dos electricos. — **O Seculo**, 12 de Junho de 1913.

carunho, o mesmo que «carunha» = caroço de fruto; em Espósende.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

casão, no sentido provável de «barracão, armazem», vem em uma comunicação de um individuo de Pinhel à **Gazeta das Aldeias**, n.º 930: «Tenho um casão com 12 metros de luz [?] por 15 metros de fundo e desejo telha-lo sem suportes ao meio..»

casco, de um modo geral, é qualquer vasilha de aduelas. «O bolor que se desenvolve no interior dos cascos insuficientemente mèchados, é um dos acidentes mais prejudiciais que podem surgir em qualquer vasilha vinária.» — Henrique Coelho, in-**Almanaque das Aldeias**, *p.ª 1914*, pag. 110.

Mas, mais particularmente, no comércio de vinhos, o *casco* é «vasilha de aduelas, maior que a pipa, e cuja capacidade regula de 1.300 a 1.400 litros.» «..saídas para a Africa de vinhos em cascos e em vasilhame meudo.. em logar dos cascos seriam precisas 5.500 pipas..e não só se fariam pipas mas barris e ancoretas.» — **O Seculo**, de 9 de Junho de 1913.

casôto, o mesmo que «casinhôto.» «..n'um casoto esfumado e terreo..» — Camilo. **Volcoens de Lama**, 97.

De *casota*. Cp. *cancêlo, estrêlo, gaiôlo, portêlo*, etc.

casqueiro, tanoeiro que arma ou baste cascaria, mas não *lavra madeira*, isto é, não aparelha as aduelas.

casquilheiro. «*Porto*, 22..— O casquilheiro Barnabé Fernandes de Oliveira..» — **O Seculo**, 23 de Julho de 1913.

= *casquinheiro?*

cassununga v. **manduri**.

castanhal, diz-se de uma variedade de figo temporão; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias**, *para 1914*, 102.

castelo. *castelos-de-areia,-de-vento,-de-cartas,-de-Espanha,-no-ar*, são expressões que se usam para designar os «projectos irrealizáveis, fantasias, sonhos grandiosos.»

«rrespondem: hya cuidando
em myl castellos de vento..»

Canc. Geral, I, 18.

casulo, carôlo do milho; na Beira-Alta (conc. de S. Pedro).

cataplana, vaso culinário, de ir ao fogo.

Assim registei esta palavra na **Revista Lusitana**, XIV, 152, acrescentando que pertencia ao falar de Ílhavo. Devo confessar que foi er-

ro. Os marinheiros de Ílhavo, a quem a ouvi, tinham-na recebido de pescadores da Fuzeta.

catrefa, catrèfada, grande quantidade, quantidade desordenada; na ling. familiar de Lisboa. «Uma *catrefa* de asneiras; uma *catrèfada* de cacaréos.»

Corr. de *caterva*.

catrina, catrinas. Na 1.ª série dei *catrina* como «roldana de ferro para içar pesos; na ling. dos pedreiros, em Lisboa.» Cp. o esp. *catalina* = rueda importante de los relojes de bolsillo» — (Rod.-Navas). Em port. ha tambem *catarina* como termo de relojoaria = «diz-se de uma roda pequena dos relógios» — **Novo Dic.**

O **Novo Diccionário,** definindo *catrinas,* diz «o mesmo que *catharinas*». O vocábulo a que se refere, porem, é *catarinas* = «mamas grandes de mulher.» Neste sentido cp. o esp. *catalina* = buba. Se usa comunmente em plural» — (Rod.-Navas).

cavalaria. *Escutar a cavalaria,* morrer. «...se a historia fosse commigo já o tinha posto a escutar a cavalaria.» — Camilo. **O Degredado,** 32.

Esta expressão, que já ouvi no Porto, vem provavelmente do tempo das ultimas guerras intestinas, e alude decerto ao costume dos guerrilheiros que se estendiam no leito das estradas, colando o ouvido à terra, para escutar o rumor surdo do galope longinquo dos esquadrões.

cavalête, espécie de bigorna de ferreiro. «Bigornas, cavalletes e safras para ferreiros e ferradores...» — Anúncio da Casa Moutinho & C.ª, *in* — **Annuário Commercial,** *para 1911,* pag. 1164.

Em mecânica, *cavalête* é tambem uma espécie de chaveta que entra até meia espessura em um rasgo ou escatel do veio, ajustando a parte excedente ao escatel do furo da roda, tambor, carreto ou outra peça que entra nesse veio.

v. **escatel.**

caverna. O **Novo Diccionário** define esta palavra, em 2.ª acepção, como «cada uma das peças que formam o arcaboiço do navio.»

É uma difinição geral. Morais foi mais minucioso dizendo: «peças que assentam sobre a quilha do navio, para se lhe formar o fundo.»

De facto. As *cavernas* são peças de madeira mais ou menos curvas, que assentam transversalmente na quilha, formando a ossada do fundo do navio. Às suas extremidades ligam-se, por cada bordo, outras peças que se denominam *braços,* e são estas que completam o arcaboiço. «N'um dos planos ha uma peça central chamada *caverna* e de cada bordo vem uma série de braços que tomam o nome de 1.º braço, 3.º braço, 5.º braço, etc.» — Barros-Freitas. **Construcção Naval, I,** 5.

càvirão (v. na 1.ª serie). É tambem, a bordo, uma cavilha ou cunha de madeira que se enfia no seio de um cabo passado na asêlha da alça de um moitão ou cadernal.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 35. *càvirão* é tambem o perno da manilha. (v. **manilha,** na 1.ª série).

cegão, murrão do milho; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

ceote (= **ceiote**), pequena refeição depois da ceia, no fim do serão; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 733.

«A *ceia* é ao anoitecer. O *ceiote* é geralmente á meia noite, e dá-se aos homens que andam em certos trabalhos, como de lagar, etc. (Taboaço)» — Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 228.

cêra. *Fazer cêra* é expressão aplicada àqueles que, momentânea ou temporariamente, se entregam à ociosidade.

Não me parece muito antiga a expressão, em tal sentido, mas é curioso notar que ela resulta da observação atenta da actividade produtiva das abelhas no interior da colmeia, embora isto pareça um contrasenso.

Sabe-se hoje que as abelhas, para produzirem a cêra, se aglomeram em um determinado ponto da colmeia, ficando imóveis durante o tempo necessário para que o mel ingerido se lhes transforme em cêra, por secreção dos folículos que teem sob os aneis inferiores do abdóme.

Foi decerto esta imobilidade, aparentemente improdutiva, que sugeriu a comparação com a ociosidade que pretende disfarçar-se. Porque, em rigor, *fazer cêra* não é tornar-se descaradamenre ocioso. É saber encobrir, ou antes coonestar, essa ociosidade com uma falsa aparência de virtude.

No Brasil, pelo menos no Sertão de S. Francisco, a expressão tem outro sentido, talvez por extensão do anterior: «namorar». *Cêra* ou *sêbo* é, lá, o «namoro.» v. **Alm. Bras. Garn.** *para 1914*, 474.

cêrco, circo. *Cêrco* é um sistema de rêde americana, empregado, em especial, na pesca da sardinha, nas nossas costas. «... podendo os mestres da picada contar com o apoio dos armadores e donos de todos os «cercos» de todas as costas de Portugal.» — **O Seculo**, de 16 de Dezembro de 1913.

Em Setubal, e no litoral do Algarve, dizem *circo*.

cerradão. «A' sua margem [a do ribeirão Canôas] vão morrer, á prumo, espigões de 150 a 200 metros de altura, cobertos de matto ou de cerradões..» — Com. Geog. e Geol. do Est. de S. Paulo. **Expl. do Rio Grande e de seus afl,** 1.

certo, em operações cambiais, «é uma porção de moeda, de uma das praças, que se toma para base ou unidade de cambio e é invariável. — Mag. Peixoto. **Tratado Prat. de Cont. e Esc. Com.,** I, 283.

dar o certo, diz-se da praça que oferece uma unidade da sua moeda, tomada por convenção, e sobre a qual a outra praça, que *dá o incerto*, estabelece o preço na sua moeda.

cevadeira; barbas-de-baleia. «No antigo apparelho [de navios] usava-se cruzar no gurupez a verga da *cevadeira*, que só hoje serve, nos poucos navios que a trazem, para espalho e retorno de cabos fixos do apparelho do pau da bujarrona e pau da giba.» — **Ap. e Man. de Navios,** 23.

«As *cevadeiras* são [, modernamente, peças] de ferro ou madeira. Dadas superiormente, e no prolongamento dos turcos do ferro, com *reclamos* para os paus da bujarrona e giba, tambem lhe chamam *barbas de baleia*.» — *Ibidem*, 24.

chabouco. O **Novo Diccionário** dá esta palavra, no mesmo sentido de *cabouco* = «espaço em que gira o rodizio [do moinho]», como provincialismo algarvio.

Na Beira-Alta tambem dizem *chabouco* no mesmo sentido.

chaleira, prateleira; em Ílhavo.

Talvez por *cheleira*.

chama, chamaceira. *chama*, entre pescadores de Espòsende, é o tolête ou cavilha que entra na *chamaceira* (= chumaceira) da borda do barco. V. **O Espozendense**, de 5 de Junho de 1913.

chamar, o mesmo que «tirar, convidar (para bailar)»; nos Açores.

«Ninguem se tinha lembrado de *chamar* as filhas do Lopes!» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 112.

chamarita, não é só, nos Açores, «música popular,» mas tambem «dansa de roda, com *marcas* que ordenam os vários movimentos, ao som dessa música.»

charabaldar, enxugar um pouco, o pano molhado; o mesmo que *avelar?* Em Coimbra.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

chata, pequena embarcação, de fundo chato, empregada nos braços do rio Tejo.

Em um dos meus verbetes tenho a seguinte nota incompleta: «Na *chata* (pequeno barco que segue amarrado á pôpa do *galeão*) . . » — **Diario de Noticias,** de 28 de Agosto de 1913.

Presumo que se refere aos barcos de pesca do Algarve.

chedeiro, no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez, é a peça central do leito do carro-de-bois, entre as chedas, o mesmo que «pértiga.» Extensivamente é o «leito do carro.»

cheio. No Vale-do-Cóina dizem ainda *por emcheio*, no sentido de «completamente, por inteiro, sem falha alguma», como antigamente. «. . para por isso lhes fazer a feria do seu pagamento no derradeiro dia de todos os dias, com lhes pagar seu jornal, tanto por em cheio nas riquezas dos seus santos tesouros. . » — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. C.

cheirar, na linguagem popular, significa tambem; «parecer, supôr, afigurar-se.» «Não me *cheira* que seja êle.» «O caso *cheirou-me* a brincadeira de mau gosto.»

> «. . porem morrerão alguns
> que se não sabe de que;
> o que a mim me cheira he
> que o que me fede seria . . »
>
> **Pinto Renascido,** 138.

cheirinheiro, cheringueiro, o mesmo que «abelhudo intrometido; espião»; na Beira-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

Cp. *cheringalho.*

cheiroso, como depreciativo, emprega-se no Vale-do-Cóina, no sentido de «ordinário, reles, mal feito». «Fezestes um vestido *chêroso*, não ha dúveda!»

chieira. Nas **Apostilas** (I, 291) o sr. Gonçálvez Viana regista *chieira* como termo do Porto, significando «vaidade, basófia.» A pag. 152 do vol. XIV da **Revista Lusitana** notei que êle era usado, com igual sentido, no Minho, lembrando o adjectivo *chieirento*, que não fora ainda registado.

Mas *chieira* é tambem tomado como adjectivo, nesta forma feminina «Vai toda *chieira*. Mostra-se muito *chieira* para agradar.» Assim usou Teixeira de Queiroz, no **Antonio Fogueira** «ao que ela respondeu toda chieira . . »

Evidentemente de um elemento *chi*, onomatopáico, donde vem *chio, chiar, chião, chiola,* etc. e os afixos em *chi-coração, chibrasar,* etc.

Esta *chieira* é a que provem de um excesso de intumescência, peculiar aos vaidosos, segundo a potologia popular. *Inchar, não caber em si*, ou *não caber na pele*, são figuras muito de gosto e uso do povo, para explicar que, da satisfação dos vaidosos, orgulhosos e parlapatões resulta sempre, não sei por que bulas, *intumescência* ou *inchação* anormais. Daí o *chio* ou *chieira* que é a intensidade da ideia — situação análoga à de um odre cheio de vento, a deixar escapar o ar por algum lado.

Tudo isto provêm, decerto, da ideia exagerada de *engrandecimento.*

Cláudio Basto explica diferen-

temente esta palavra, in-**Rev. Lus,** xv, 73. (¹)

chiqueiro, curral:

> «neste chiqueiro
> onde estaes como cordeiro
> ante seu trasquiador..»
>
> Chiado. **Obras**, 30.

chisco, chisquinho, bocadinho, pequena porção. Não só na Beira, mas tambem no Minho. Cf. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 322.

chiúra, cheúra. v. **escantilhão** (¹).

chó. *Nem chó burro, nem chó besta*, o mesmo que «nem chuz, nem buz», depreciativamente; no Minho.

v. **Revista Lusitana** xv, 315.

chona, jogo infantil, com pau e bola; na Beira Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

chorar, chora. No Vale-do-Cóina diz-se que a planta *chora* ou *está na chora* quando começa a «limpar» ou a largar a flôr. «O arroz *está na chora*; a vinha já *chora* ou *está a chorar*; etc.»

chorar quere dizer tambem «verter (seiva)», referido ao tronco de qualquer arbusto, especialmente a cepa, quando é golpeado.

No concelho de Espósende, *água chorada* é a que vem à superfície de um terreno, por infiltração proveniente de um depósito em local superior. v. **Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

chòrinha, flor da oliveira; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

chuça, chuçar, chuçadoiro. No conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez dizem *chuça* no mesmo sentido de «avarento, sovina.»

chuçar ou *'schuçar* é, ali, o mesmo que *remexer*. A um pau com que se remexem as brasas no forno chamam *chuçadoiro* ou *'schuçadoiro*.

chumbada. Na pesca do bacalhau empregam-se tambem *chumbadas*, pequenas esferas de chumbo, com o peso aproximado de 100 gram., furadas no sentido do diametro para serem enfiadas na linha. Tambem lhes chamam *singas*, creio que por influência do inglês (single?).

Aos *jigos* (v. **jigo**), antes de preparados com os alfinetes, chamam tambem *chumbadas: chumbadas-de-lula, jigos*, ou *canos-de-jigo*.

cidrão, doença caracterizada por manchas no pêlo dos bois.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 921.

cilindro. Entre as várias acepções desta palavra falta registar nos dicionários a que se refere ao «cilindro fonográfico», uma invenção relativamente moderna que está sendo suplantada pelo emprego do *disco* (v.). Ainda assim os «cilindros fonográficos» continuam a ser utilizados, como mais práticos, nuns aparelhos de uso comercial denominados *parlógrafos*

cilindro, nas rodas do poleame, é uma peça metálica, geralmente de bronze, que se crava no centro da roda, e em que está disposta uma série de pequenos rolêtes que giram em volta do perno ou eixo do poleame, afim de diminuirem o atrito.

cinco. Como ameaça de castigo corporal são vulgares no Minho expressões como: *dizer quantos fazem cinco* ou *fazem dez*. «Se boltas a ateimar, olha qu'eu *digo-te cantos fazem cinco!*»

Ha aqui provável referência aos *cinco* dedos da mão, ou aos

(¹) Talvez *cheúra*, de *cheio*, ou *cheeo*. *Cheúra*, em tecn. de const. naval, é a obtusidade ou grande abertura de um ângulo.

dez de ambas as mãos, na aplicação do castigo. Em Espanha usam, no mesmo sentido,: *decirle á uno cuantas son cinco.* v. Rotondo. **Diccionário Fraseológico,** s. v. *cinco.*

Do rigor matemático dos números se servem outras expressões que denotam «certeza, infalibilidade»: *tam certo como dois e dois serem quatro, certo como dez,* ou *como um dez* (v **Rev. Lus.,** XIV. 154).

Nesta expressão ha tambem a ideia de «infalibilidade» no castigo ou correcção aplicada aos que prevaricam. Assim se ensinam a ser atilados e árgutos os que *não sabem quantos fazem cinco.* i-é., os que não foram *ensinados* e *corregidos.* «Já sabeis que sou ladino & *sei quantos fazem cinco..*» — Jorge Ferreira. **Ulisipo,** a. I, sc. V.

saber ou *no saber quantas son cinco.* = «Ser *ó* no ser tonto; saber *ó* no saber lo que hay y lo que no hay en el negocio de que se trata» — **Ency. Segui.**

ciso, correiazinha em que se pendura o fuso, na roca; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.
Cp. *cisoiro.*

claro, desimpedido, livre, que não está embaraçado (especialmente referido a amarras); a bordo. «Ter c l a r o s todos os ferros e amarras.. Tome cuidado em que o côbro [v.] esteja c l a r o..» — **Codigo Int. de Signaes,** 286 e 244.

claro é tambem o mesmo que «furo, abertura cilindrica,» numa peça de poleame. v. **surdo.**

cliper, clipa. «*Clipper,* designa especialmente um grande navio com muito chão de caverna, e fundo apropriado a permittir vasto porão. Usam de trez e de quatro mastros com apparelho variado, prevalecendo o redondo [v. **redondo**] nos mastros principaes.» — **Ap.** e **Man. de Navios,** 13.

Dizem vulgarmente *clipa,* os marinheiros: «Uma *clipa.*»

coalho, faixa ou véu nevoento que encobre o horizonte ou parte do céu; no Val-do-Cóina.

cobro, «cada volta, dada pela amarra no convés, quando se tem de largar âncora em sítio fundo,» define o **Novo Diccionário.**

Em geral é o conjunto ou sucessão dessas voltas. *Fazer* ou *pôr côbro na amarra,* ou simplesmente *fazer côbro.* «F a ç a v. o c ô b r o na amarra.. Tome v. cuidado que o c ô b r o esteja claro [v. **claro**]..» — **Codigo Int. de Signaes,** 213 e 244.

coca, nó que se forma num cabo mal desmolinado; em ling. maritima.

còcal, plantação de cócas; terreno onde crescem as plantas da cóca. «A duração de um *cocal* é muito variavel: em mau terreno não vão além de 10 anos, mas em solo muito bom vive mais de 50 anos. » — Alfredo Menéres, *in* — **O Seculo,** de 14 de Janeiro de 1914.

cobra, cobrinha, cobrilha, colebra. «*Riachos..* Quando da tirada da cortiça notei que algumas arvores estavam atacadas por um bicho que entre a cortiça e a casca percorria todo o tronco prejudicando bastante a qualidade da cortiça. Os corticeiros davam-lhe o nome de *cobra* ou *cobrinha.. R*[-esposta]:.. O insecto a que o sr. consulente se refere, naturalmente pertence ao genero *coroebus,* cuja larva é designada no Alemtejo pelo nome vulgar de *cobrilha* ou *colebra* e contra o qual se não conhece ainda tratamento eficaz..» — **O Seculo Agricola,** n.º 41.

cocharra, cocharro, côcho. No n.º 734 da **Gazeta das Aldeias** vem informação de que no Algarve chamam *cocharra* a uma espécie

de escudela de casca de sobreiro, cuja cavidade é natural, por corresponder a um nó ou saliência do tronco; o mesmo a que no Alemtejo se chama *côcho*.

O **Novo Diccionário** dá no mesmo sentido *cocharro*, como provincialismo alentejano.

cochinho, lugar onde se *acocha* (v. **acochar**); nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

coelheiro. «.. com uma matilha de coelheiros que ladravam a um porco muito erriçado. . » — Camilo. **Braz. de Prazins**, 27.

coiro. *Chegar a roupa ao coiro* quere dizer «bater, sovar, castigar» com energia, de modo que a pele sinta o contacto pesado do vestuário fustigado. Assim diz o Cav. de Oliveira na sua famosa carta X: «.. chegando-lhe a roupa ao couro infinitas vezes.. » — **Cartas**, I, 136.

Mas sentido e expressão foram primitivamente diversos. *Coiro* não está por «pele do corpo.» *Coiro* é aqui a «correia» ou «azorrague» com que se açoitavam os delinqùentes e os escravos.

Chegar o coiro era aplicar o castigo do açoite, e depois, extensivamente,: «bater, castigar por qualquer modo» Lá diz um poeta do **Cancioneiro Geral:**

«Poys me chegastes o coiro
dando-me mal sobre mal..»

[I, 206]

Do sentido primitivo passou-se depois, quer a interpretar *coiro* como «pele do corpo», quer a dar à expressão sentido mais irónico, pretendendo-se fazer ver que se obrigaria o delinqùente a aproximar-se do instrumento do suplício: «*chego-te ao coiro!*»

O trocadilho entre *chegar o coiro* e *chegar ao coiro* operou-se na expressão *chegar a roupa ao coiro*, em que *roupa* entrou, não só como elemento de realce, mas tambem como determinante do sentido duplo:

chegar a roupa ao coiro . . . . { «chega-la ao açoite.» / «chega-la ao corpo.»

Em *ir ao coiro* desaparece, porêm, esta duplicidade de sentido, e *coiro* significa claramente o «corpo». Cp. *ir ás ventas, ir á cara*, etc.

Outra expressão popular não menos interessante é: *levar coiro e cabêlo.*

Dos que procuram expoliar os outros, a troco de serviços prestados, computando estes num valor excessivo, se diz que *levam coiro e cabelo.* É o último recurso dos que, depois de extorquirem a *camisa do corpo* ao desgraçado que lhes cai nas mãos, se empenham em *esfola-lo.*

Era, porêm, a justiça que tinha a prerogativa de *esfolar* os que lhe caíam na alçada, tirando-lhes, de facto, o *pêlo* e a *pele*, no pôtro das masmorras, com os azorragues de coiro, de pontas aceradas.

Assim liquidava a justiça as suas contas com os delinqùêntes, *esfolando-os, levando-lhes coiro e cabêlo* que era o mais que lhes podia tirar quando os não esquartejava ou *fazia pagar com lingua de palmo*, esganando-os na forca ou nas torturas do garrote.

Já o diz D. Francisco Manuel nas suas *Sentenças:*

«. . não fiar mays em prende-lo,
senhores, na cortesia
que leva coyro e cabelo..»

E Jorge Ferreira, na **Ulisipo**, a. I, sc. IV: «Nunca as colhem mancebinhos d'arte, mimosos de condi-

ção, a que ellas pelão couro & cabelo.»

No Minho diz-se ~~*ter pelo e pelaço*, no mes~~mo sentido.

colête. v. **arco.**

colhedor, cabo de linho alcatroado que passa simultaneamente pelos furos de cada uma das bigotas dos fusís da abatocadura, nos navios, e pelos da bigota do ovem que lhe corresponde, para segurar e retesar a enxárcia. Em geral, é o cabo que passa pelos furos de duas bigotas ou sapatas fixas nos extremos de dois cabos ou correntes, ou no extremo de um cabo ou corrente, e num ponto do navio. «Manilham [os patarrazes] em olhaes no casco, e nos chicotes tem sapatas ferradas onde gurne o *colhedor* de cabo que as liga ás sapatas lateraes da chapa do gurupez..» — **Ap. e Man. de Navios,** 59.

colmaço, pequena casa coberta de colmo; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

comarcar. «..na comarca onde elle mais comarcava..» — **Cronica do Condestabre,** 93.

combinação, chamam modernamente nas lojas de modas, de Lisboa, a uma «peça de vestuário interno, para senhoras, composta por calças e corpête.» «Combinações em fina bretanha com rendas e fitas de seda..» — **O Seculo,** de 16 de Dezembro de 1913.

con~~fessar.~~ ~~*Como quem se confessa*~~, i-é, «falando absolutamente a verdade», é expressão minhota.

«Se le desser que num téinho dado nada à moça, isto é cum, a quéim se cunfessa!»

«Não me lembra mais, Senhores;
mas, como quem se confessa:
pezame do que me falta
que he do que a elles lhe peza..»

Pinto Renascido, 184.

conhecedor, generoso, franco, que recompensa sempre serviços ou favores recebidos; na Beira-Alta (concelho de S. Pedro-do-Sul).

v. **conhecer** (na 1.ª série).

conto. *Contos largos*, coisas de explicação demorada; embrulhadas, trapaças. «Ora deixa-me a mim com a minha consciencia que mais vos contarei de travessuras que tenho feito. É um conto largo!» — D. Francisco Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 55.

contrejar, contrapôr, contradizer?

«..tambem pera contrejar
contra quem vos contrejardes
tudo me podes mandar..»

Canc. Geral, I, 75.

conversar. «A rapariga conversou diversos mancebos, uns da lavoura, outros da arte..» — Camilo. **Braz. Prazins,** 15.

coque, rapaz que cuida do lume e das marmitas dos trabalhadores rurais; no Vale-do-Cóina.

v. **còcaria** (na 1.ª série)

Do ingl. *cook*.

cordada. «O João assobiando de seu vagar seguia pelo atalho a dar uma cordada de alcacel à *Formosa*..» — Nunes da Rosa. **Pastorais do Mosteiro,** 69 [Ponta-Delgada — Açores].

De *corda*.

No Minho, *cordada* é um «grande feixe de linho, ainda não maçado» (**Novo Diccionário**). O sentido, porêm, que a palavra tem no trecho transcrito não é o de «feixe» mas talvez o de «pasto que o animal pode alcançar, em todo o raio da corda que o prende.»

cordão. (v. na 1.ª série). *Cordão* = *cordão-de-oiro*, tambem em Lisboa. «A 530 rs. a grama [vendem-se] cordões, sem feitio e salvas de prata a 30 rs. a grama.. — O

Século (anúncio), de 6 de Dezembro de 1913.

«..prometeu dota-la com 200$000 réis e mais os cordoens da mãe que pesavam 25 moedas.» —Camilo. **Volcoens de Lama,** 17.

«Vi um coteyffe mal guisad'e vil
com seu perponto todo de panil
e o cordom d'ouro tal por joeta..»
Canc. da Vat., n.º 62.

cordovia, diz-se de uma espécie de azeitona grande, do Alentejo; no Vale-do-Cóina.

corral, variedade de caranguejo avermelhado; no Seixal.

Por *coral?*

correlêta, pequeno recinto vedado, à entrada das malhadas; no Vale-do-Cóina.

corredoira, cada uma das sete fiadas de que se compõem os novelos de fio com que os pescadores de Espòsende cosem as redes. Cada novelo tem sete *corredoiras,* de trinta braças cada uma.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

corredor. «E os corredores da oste q̃ detras ficarõ trouverõ muytos prisoueiros e muytos gaados da fonte do Meestre..» «..seus corredores diante que corressem a terra e traziã muytos prisoueyros..» —**Cronica do Condestabre,** 177 e 196.

corrica, encorricar. *corricas,* no Minho, são «rugas,» v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura.** «*Corricas* da fronte, *corricas* do pano, etc.»

Em Viana usam tambem a forma verbal *encorricar*=«enrugar, engelhar.»

corrimão. Informam-me que em Viana chamam *corrimão* a uma «pequena pá de folha, de feitio especial, com que, nas mercearias, se tira o arroz, o açucar, etc., dos caixões ou sacos.

Nunca lá ouvi o termo nesta acepção.

cortiço, cilindro feito de cortex de sobreiro, ou cortiça, sobre cujos bordos superiores se assentam as estrigas do linho, para espadelar. (Viana, Arcos, Paredes-de-Coura.)

«..vão as raparigas donairosas e esbeltas armadas de *cortiço* e *espadella* para a epadellada *de favor.*» —Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 211.

cós, mealheiro, pé-de-meia; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias** n.º 734.

costas. *Ter as costas quentes,* estar protegido, contar com o apoio e auxílio de alguem. Refere-se mais particularmente ao individuo que, fiado na protecção de outro ou outros, se aventura a praticar impunemente actos censuráveis, ou a mostrar arrogantemente importância pessoal exagerada.

Como a capa ou manto era símbolo de mando e poderio, estar ao abrigo deles, ou senti-los *nas costas — ter ou pôr capa* — era gosar regalias de invulnerabilidade. Lá o diz o provérbio: *quem tem capa sempre escapa.* «Quer pôr capa a ver se escapa!» —D. Franc. Manuel. **Feira de Anexins,** 108.

Do sentido do provérbio veio a conclusão natural: *ter as costas quentes*=«estar protegido.» «Destes ha alguns tão destros que provém todos os officios em seus criados para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheyos e são os peores porque com as costas quentes em seus amos procedem affoutos na rapina.» — **Arte de Furtar,** cap. XXXIII.

cota. *De cota a cota,* o mesmo que «de monte a monte»; nos Açores. «A ribeira vem de cota a cota..» —Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 123.

cotão, tecido forte de algodão em-

pregado no fabrico de velas de lanchas e pequenas fragatas do Tejo.

Do ingl. *coton*.

cote, flexão ou curvatura dos mastaréus, para vante, por excesso de tensão dos estais. «.. devendo os mastaréos ficar ao direito dos mastros, sem *fazer cóte* ..» — **Ap. e Man. de Navios,** 69.

cotiar-se, tornar-se diário, freqüente:

«.. dessolutos adultérios
se cotiam..»

Canc. Geral, I, 225.

cousa—coisa. A linguagem popular emprega a expressão adverbial: *como quem não quere a coisa* no sentido de «sobrepticiamente, de modo disfarçado, com dissimulação.» «Pede-me vossa mercê, como quem não pede cousa alguma ou como quem não quere a cousa..» — **Anatomico Jocoso,** 53.

couvão. «*Espòsende*.. posso plantar verdura no meio — couvão, couve, penca..» — **O Seculo Agricola,** n.º 74, de 27 de Dezembro de 1913.

covilhête, (v. na 1.ª série). «*Covilhete* (Maia, Mondim da Beira, etc.) é o nome de uma tigela de barro.» — Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 191, nota.

Nos Arcos-de-Vale-de-Vez *covilhete* é uma tigela de barro. Em Viana do Castelo chamam *covilhete* a um vaso de barro bojudo e baixo, com duas asas.

craveiro, pequeno vaso de flores; em Portalegre.

credo. *Num credo; em menos de um credo*, são expressões que indicam espaço brevíssimo de tempo.

O sentido primordial era certamente mais concreto, pois designava o «espaço de tempo que se gastava a rezar um credo «.. em menos de um credo se fizeram todos à vela..» — **Peregrinaçam,** cap. v. Depois, como *credo!* era exclamativa (espanto, temor), restringiu-se a noção do tempo, por influência de outras expressões semelhantes de que ressalta a ideia semântica de «instante, momento»: *num «ai!»; num ápice* (=num «*ápage!*» (?)); *num abrir de boca; num abrir e fechar de olhos;* etc. «O rapazinho entrou num credo por essa porta dentro..» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 50.

crescente, na ling. familiar de Lisboa, é a malha que se faz numa carreira da meia ou do croché, além da ultima da carreira inferior.

crespim, estopa? Cp. *crespina*. Cf. *estopim*.

«Nam prestou calafetar
porque faz aguoa porfundo,
já nam ha crespym no mũdo
que lha podessè vedar..»

Canc. Geral, II, 119.

crêspo, ondulação, tufo (de tecido). «.. com as costas envoltas nas rendas da camisa que faziam crespos sobre as espádoas escabrosas..» — Camilo. **Eusebio Macario,** 126.

— elevação do estilo. «nem veste o donaire com os crespos da phrase..» — **Anatomico Jocoso,** 113.

creto, (por *crédito*). dívida; gêneros que se compram a crédito; na Beira Alta. «Vou à tenda paga-lo *creto;* truvè o *créto* p'ra toda a semana.»

criar, amamentar uma criança; como verbo intransitivo. «A Dorothea estava a crear em casa do rico industrial.. Ladisláo Melitão..» — Camilo. **Volcoens de Lama,** 152.

criaturo, homem, qualquer homem;

no Minho. «Filha, diz lá tu... desengana este criaturo!» — Camilo. **Mysterios de Fafe**, 15.

Masculino anómalo de *criatura*.

crica, certã; em Espòsende.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

croca, croqueira, crocar. *croca*, no concelho dos Arcos-de-Vale-de-Vez é a concavidade natural, nas árvores velhas. *croqueiro* é a árvore que tem *crocas*.

A forma verbal *crocar* significa «fazer *crocas*, depressões, amolgaduras, cavidades.»

Chamam ali tambem *croca* à depressão que apresentam os animais magros e velhos na zona do ânus.

crocha, escrochar. *crocha*, no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez, é a parte do caule da planta do milho que vai da espiga até o *pendão* ou *bandeira*. *escrochar* é «tirar a *crocha* (para alimento do gado).»

croque, ancinho grande, com dentes de ferro, destinado à apanha do sargaço; no concelho de Espòsende.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

crucho, capa de palha de centeio, com capuz; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

(v. na 1.ª série).

cruzeta, peça, na cabeça da haste do êmbolo, nas máquinas de vapor, cujas faces ou plainas deslisam nas guias da chumaceira, para lhe assegurar a posição vertical ou horizontal.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 41.

cruzêta é tambem um troço de tubagem para distribuição, em forma de cruz. v. *Ibidem*, I, 86.

cúna, marmita de lata; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 734.

cunca, encuncar. No conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez *cunca* é o mesmo» que «gamela.» *encuncar* é «curvar, torcer, deformar.»

cunho, cunha. O **Novo Diccionário** define assim *cunha* em 5.ª acepção: «instrumento, com que se seguravam os mastaréus, sobre as barras dos mastros.»

cunha, como peça da mastreação, é um chaço de madeira rija que enfia na *casa-da-cunha* (=abertura no pé do mastaréu), depois de este estar espigado, apoiando as duas extremidades, que ficam salientes, nas pernadas dos vaus dos mastros. «..logo que a casa da cunha tenha vencido [passado acima de] os vaus reaes, aguentam-se os aparelhos [de alar o mastaréu], mete-se a cunha de BB: EB..» — **Ap. e Man. de Navios**, 69.

deitar os mastareus à cunha é espiga-los, pô-los no lugar próprio.

«Navio á cunha *(com o apparelho campleto)*» — **Codigo Int. de Signaes**, 255.

«*cunho* é o espaço junto ao lais [da verga], de cada bordo, em geral de secção quadrangular, tendo aberto, de cima para baixo, um gorne em cada um, ou uma tamanca por ante a ré, para n'elles gurnir certos cabos da manobra da vela que lhe fica superior..» — **Ap. e Man. de Navios**, 23.

cunhos, a bordo, são tambem peças metálicas, ou de madeira, com uma extremidade recurvada em forma de gancho, fixas na borda, na amurada ou em outros pontos da embarcação, em que dão volta vários cabos. «..e depois vae para ré.. dar volta n'um cunho á amurada..» — *Ibidem*, 97.

cupez, é o último ovem de ré, de cada enxárcia real, que fica separado do malhête; a bordo.

cupieira. O **Novo Diccionário** insere *cupineira* «[termo] *Bras* [ileiro]. Abelha que vive na habitação

abandonada pelo cupim (De *cupim*).»

Em um estudo de Henrique Silva, *As Abelhas do Brasil, in* **Almanaque Bras. Garnier** *para 1912*, pag. 125, vem *cupicira*, que julgo erro tipográfico, em vez de *cupieira*, assim definido: «[abelha] amarella, pequena, brava; dá bom mel nos ninhos que constróe nos cupins. Ha uma outra variedade ou especie differente, que tambem habita nos cupins — mas esta é preta, e o seu mel é nocivo, como dizem os sertanistas.»

curador, alveitar; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

curral, indivíduo metediço, coscuvilheiro; no Seixal.

curva, troço de tubagem, de forma curva, com que se fazem ligações de desvio na direcção de um encanamento.

v. **Nom. de Mach. e Cald. de Vapor**, I, 86.

cúter, pequena embarcação de um só mastro, com mastaréu, latino quadrangular e um traquete redondo, além do gurupez e seu velame.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 13.

Termo inglês.

D

dada, dôr súbita na cabeça; em geral atribuída a mau-olhado no Minho. «Parece que me deram uma *dada!*» «Quando as mulheres teem uma dôr de cabeça e suppõem que essa dôr é *dada* (produzida por um olhar muito forte) . . » — Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal**, 329. Refere-se ao Minho.

dada é tambem «doença no peito da mulher», causada, crê-se, por malefício. v. Leite de Vasconcelos. **Ensaios Ethnographicos**, II, 195. «As mulheres que criam devem trazer comsigo azeviche, por causa das *dadas* nos peitos (Guimarães).» — Leite de Vasc., **Trad. Pop. de Port.**, 203.

dado, cubo metálico, na extremidade da haste do distribuídor das máquinas de vapor, que se adapta às barras das corrediças dos aparelhos de marcha.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 48 e seg.

daga, o mesmo que *adaga?* « . . tābẽ de cotas e bracaães e espadas e dagas.» — **Cronica do Condestabre**, 189.

deficado, mortificado, macilento (referido ao semblante); no Minho.

Por *deificado*.

delampeiro.

«. . huma vi eu chegar muy delampeira,
dizendo a outra sua companheira . . »

Pinto Renascido, 145.

denabau. *Ao denabau*, diz-se das sopas que boiam num caldo muito líquido; na Beira Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 745.

dente-de-cavalo. v. **caragua**.

desabatocar, o mesmo que «desbatocar.» «Isto faz-se desabatocando-as [as vasilhas] e atestando-as . . » — **Gazeta das Aldeias**, n.º 926.

desabeirar-se, saír da beira de. «Innocencio não se desabeirou n'aquelle dia da franceza.» — Camilo. **O Sangue**, 192.

Cp. *abeirar-se*.

desafia. *à desafia*, o mesmo que «ao-desafio»; nos Açores (Ponta-Delgada). «Gente junta, cada um da sua banda, sempre se põe à desafia . . » — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro**, 56.

desamichelar, desligar, tirar os michelos a. «Desamichela-se o andrebello . . » — **Ap. e Man. de Navios**, 65.

descanço, o mesmo que *licanço;* no conc. de Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

deschocar, perder o chôco (a galinha); no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

desembuchador, utensílio de madeira com que se extrái o anzol do *bucho* dos peixes.

desencambar, separar, desunir (os panos das rêdes, nos aparelhos de pesca de cêrco); no Barreiro.

desenfastio. «Muito tem que ver o desenfastio de um tôlo..» — **Anatomico Jocoso,** 110.

Cp. *desenfastiar.*

desenguiçar-se. O **Novo Diccionário** regista *desenguiçar*, como provincialismo trasmontano, no sentido de «desenredar, alisar (o cabelo)».

Gil Vicente usou *desenguiçar* = «desenvencilhar, desenredar (o cabelo)», no *Auto da Lusitania:*

> *Saul.* Dá-me o pentem Ledecina.
> *Pae.* Desenguiça-te c'os dedos
> e pentea-te co'a mão..»
>
> (III, 267).

desleigado, diz-se do animal que, por falta de alimentação, apresenta o ventre pouco volumoso; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

desnamorado, que não está enamorado:

> «..muyto mais vivo penado,
> quando sam desnamorado..»
>
> **Canc. Geral,** III, 20.

despojos. «*San Jorge (Açores)*.. esta mesma égua tem sempre à roda do ânus uns *despojos* brancos, que me dizem ser sinal evidente dela ter lombrigas.» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 924.

desprazamento, o mesmo que «desprazer». v. **Cronica do Condestabre,** 119.

dessalar, o mesmo que «dessalgar»; no Minho.

Cp. o cast. *desalar.*

destelar, diz-se da disseminação natural do castanheiro, i.—é, quando as castanhas caem da árvore, por efeito de maturação. Na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

devorista, por *devorador.* «Elle queria espesinhar o cadaver de José Dias, esposteja-lo, devora-lo, mas á maneira dos devoristas incolumes que compram um porco já morto na Ribeira Velha e o esquartejam com um grande regosijo antropophago..» — Camilo. **Braz Prazins,** 165.

dia-de-cruz, é o «domingo-de-Páscoa»; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

direitoso. «..Dominando dereytoso..» **Canc. Geral,** I, 252.

dissemes-dissemes, intrigas, mexericos; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

«..tudo he dixeme, dixeme, andar espreitando..» — **Eufrozina,** act. II, sc. II.

distribuidor, = **divisor,** caixa de valvulas do cilíndro das máquinas, em que se efectua, alternadamente, a admissão e evacuação do vapor.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 15.

ditote, provérbio, sentença, ditado; no Vale-do-Cóina.

dôa, donativo, presente. v. **Texto Crítico das Lendas dos Santos Barl. e Jos.**

O **Novo Diccionário** regista o plural *dôas.*

dòbliête, espécie de gaivota, maior que a «cagarra», dos Bancos da Terra Nova.

Do ingl. *doublet?*

doçar. «..um desejo tão doçar..»

Canc. Geral, I, 78.

«.. não presuma o sovereiro
de dar tamaras doçares..»

Gil Vic. **Auto da Lusitania.**

doeira. «As pastoras do gado em Vouzella, Mortagoa, etc. chamam-se *doeiras*..» — Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 238.

dói, dôr; e tambem: «ressentimento, mágua;» em Viana. «Ainda aqui sinto um *dói*, deste lado da perna.» «O *dói* do que êle me fez num me esquece a mim!»

doiradinho, diz-se de uma variedade de figo lampo; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias,** para 1914, 102.

doiro = **douro.** v. **jaja,** (na 1.ª série).

dorna. *Estar à dorna*, o mesmo que «estar muito farto, estar empanturrado;» no Vale-do-Cóina.

dornão, dorna, balceiro, onde fermenta o vinho; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

doutor. *doutor da mula russa*, pessoa que presume de sábia, que afecta erudição a propósito de tudo... e a propósito de coisa nenhuma. «..ninguem a faz mais limpa que estes doutores da mula russa..» — **Anatomico Jocoso,** 28.

E

emangericado, diz-se das plantas que, em virtude de doença nas raizes, apresentam os troncos enfèzados, com entrenós muito curtos, numerosas ramificações e folhas pequenas muito aproximadas.

v. O **Seculo Agricola,** de 19 de Julho de 1913.

embarrar. *embarrar por*, o mesmo que «implicar, contender com.» «Tu que te queixaste é que alguem embarrou por ti..» — Camilo. **Braz de Prazins,** 17. «Se alguem embarrar por mim dou-lhe cabo da casta...» — *Ibidem*, 193.

embeleirar, juntar-se, associar-se (com alguem) para executar em comum o trabalho mútuo da lavoura; nos Arcos-de-Vale-de-Vez. «Num posso *imbeleirar* cuntigo porque já *imbeleirei* co'o Raínha.» «Este ano *imbeleirámos* co'o ti Balso.»

Talvez *embaleirar* = *envaleirar*, de *valeiro* ou *valeira*.

embornal. O **Novo Diccionário** dá *embornaes*, na acepção de «buracos por onde se escôa a água que caíu na coberta do navio.»

Morais tambem regista *embornaes*, que define assim: «buracos no costado do navio ao livel das cobertas, por onde se escôa a água, que cái nellas; tem umas mangas de pano alcatroado, ou oleado, pelas quaes se sái fóra a água.»

Esta definição é mais rigorosa porque indica a situação desses buracos ou escôas.

Usa-se no singular, tanto como no plural. O *embornal* é uma abertura nas amuradas do navio, rente ao convés, para dar saída á água que nêle cái. Nos navios de madeira os embornais são interiormente forrados de chumbo para evitar as infiltrações.

embotijar, entrançar fio, em volta de um cabo, com malha muito unida. «Cabo *embotijado*».

emburilhos, intrigas, trapaças, enredos:

«..qual vivêmos demborilhos
descontentes
em desamor & contenda
os irmãos, & pays, & filhos,
& parentes..«

Canc. Geral, I, 213

emoleirar, empoar, enfarinhar, encher de pó; não só na Beira-Alta (v. na 1.ª série) mas tambem, e pelo menos, em Ílhavo.

empada, mexerico; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 734.

empalhar, *empalhar um terreno*, espalhar mato miúdo ou palha, nas terras ladeirentas para que a água das primeiras regas ou *enleiras*, (v. **enleira**) as arraste. Na Beira-Alta.

empanadar, fazer panadas (de mato), enfeixar; no conc. dos Arcos-de-Vale-de Vez.

empezinhar, tornar-se pegajoso (o pão, as batatas, etc.), por defeito de cozedura. «O pão *impezinhou.*» No Minho.

v. **Paredes de Coura,** 311.

encabeçar, encabeço. «*encabeçar* camisas» é por-lhes *encabeços*, i-é, substituir por nova a parte superior das mesmas; tambem no Vale-do-Cóina.

encachoeirado, que tem cachoeiras, que forma cachoeira; no Brasil. «Acabada a zona *encachoeirada* do rio Grande. .» — Com. Geog. do Est. de S. Paulo. **Expl. do Rio Grande e de seus Afl.**, pag. v. «. . as aguas rompem-se em corredoira de 800 m.tos de largura para atirarem-se encachoeiradas num canal. .» — *Ibidem*, 3.

encacholar, acrescentar, entalhando na cabeça (do mastro), um pedaço de madeira, em substituição da parte avariada.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 212.

encachouçar-se, arripiar, erriçar o pêlo (o animal encolerizado ou assustado); na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

Cp. *encachiar-se.*

encafifar, no sentido de «envergonhar», dá-o o **Novo Diccionário,** como termo brasileiro. É usado, no mesmo sentido, no conc. de Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

encalar, encaladela. o mesmo que *encalir*, (v. *encalir*, na 1.ª série) *encalidela;* no Vale-do-Cóina.

encascar, na acepção de «tingir rêdes», vem no **Novo Diccionário** como «*prov.* [incialismo] *minh.*[oto]».

É tambem assim conhecido em Setubal e no litoral do Algarve.

As rêdes empregadas na pesca da sardinha *encascam-se* com um preparado especial que se ferve em grandes caldeirões de ferro onde as rêdes mergulham. Tenho visto muitas vezes os *ilhos* ou *pòveiros*, que veem ao Tejo, tingir as rêdes da pesca num cozimento de *cascas* de pinheiro.

encepado, v. **entoucado.**

encochichado, encolhido, agàchado; no conc. de Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

encorricar. v. **corrica.**

enfiamento, projecção simultânea de dois pontos, ou prolongamento de uma recta que toca dois pontos; em linguagem náutica. «Conserve-se v. no enfiamento dos dois pontos indicados. » — **Codigo Int. de Signaes,** 271. «. . á qual [boia] devem aproar em seguida, navegando de modo a deixa-la por estibordo, até entrarem no alinhamento dos postes de madeira collocados em terra; neste enfiamento devem seguir até junto á terra, navegando depois para o fundeadouro.» — **Alm. Marítimo** *para 1898*, pag. 48.

engaço; cajata. «O povo conhece tambem um grupo de estrellas chamado *engaço* (Minho, Traz-os-Montes, etc.). Ao *engaço* ouvi chamar tambêm *cajato* (cajado); e quando elle nasce, os homens que andam nos lagares despegam do serviço. (Taboaço).» — Leite de Vasconcelos, **Tradições Pop. de Portugal,** 27.

engatadeira, o mesmo que lúpulo.
v. **O Seculo Agrícola,** de 14 de Junho de 1913.

engrimanço, brinquedo de crianças; na Beira-Alta.
v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

enguião, v. **peituga.**

enleira, primeira rega de um terreno; na Beira-Alta.
v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

enramar, enramamento; vestir, vestidura. *enramar a verga*, em ling. marítima, é passar, com as voltas do tirador de uma talha dobrada dada em estropos no lais de uma verga e acima da pêga real, os cordões da mesma talha e o estropo superior. Esta talha toma o nome de *contra-amantilho* e serve de reforço ao amantilho quando fôr necessário içar ao lais objectos pesados.
v. **Ap. Man. de Navios,** 102.

enramar, em geral, a bordo, é o mesmo que *vestir*, i.-é, colocar, nos mastros, todos os cabos necessários ao seu completo armamento; e daqui *enramamento* ou *vestidura*.

vestidura é tambem o conjunto das encapeladuras do mastro.
v. **Ap. Man. de Navios,** 65 a 69.

enraza, é a «corda presa ao punho [da vela?] que serve para fazer desandar a verga [da embarcação. Espòsende]». — **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

Deve ser o mesmo que *amura* ou *orça*, nos latinos triangulares.

enregar, ferrar, desenregar. O **Novo Diccionário** regista *enregar* com a significação de «começar qualquer trabalho».

No Vale-do-Cóina *enregar*, verbo int., significa tambem «começar», auxiliando outros verbos: «*Enregou* a bramar; *enreguei* a alagar a cova ao nascer do sol», a par da de acepção «começar o trabalho». Neste último sentido diz-se tambem «ferrar».

desenregar é «largar o trabalho». «Na do Martins *enregamos* (ou *ferramos*) p'ra menhenzinha e *desenregamos* ó pôr do *ar-dia*».

enrijamento, chamam os pedreiros, no Vale-do-Cóina, a um suporte de pedra, metido no cabôco, em que assente a base de um prumo.

ensabocado, comovido, oprimido por comoção moral; no Vale-do-Córna.

Cp. *entabocado* e *destabocado* = «desenfreado, destemido»; no Brazil. v. *Dic. de Brasileirismos, in* — **Rev. de Acad. Bras. de Letras,** vol. II, 391.

ensaio, parte média do interior da embarcação, entre a pôpa e a prôa; na ling. marítima de Espòsende.
v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

enseiradoiro, «.. a ruína das ceiras procede principalmente de não ser possivel collocar o enceiradouro perfeitamente a prumo debaixo do parafuso só a olho». *Cartas* [IV] *de Alexandre Herculano, in* **Rev da História,** II, 265.

ensobradado. v. **sobrado.**

entolecer, o mesmo que «entonter, amalucar.» «.. depois de fazerem entolecer o animal..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 908.

entoucado, diz-se da âncora quando, no fundo, tem acidentalmente no braço superior ou no cepo, uma ou mais voltas de amarra. Tambem se diz *encepado*.
v. **Ap. e Man. de Navios,** 131.

entramente, = entrementes?

> «.. pollo qual quer entramente
> qua andar antre a jente..»
>
> **Canc. Geral,** I, 259.

entrebeliscar-se «.. chamavam a atenção das visinhas que se entre-

beliscavam, segredando..»—Camilo. **Myst. de Fafe**, 135.

entrepernas, parte interior das côxas; parte das calças ou ceroilas que corresponde ao mesmo lugar. No Minho.

Cp. o esp. *entrepiernas*.

entresachar «..guarnecidas por cima de rendas de ouro e prata entresachadas umas pelas outras..»—Fernam Méndez. **Peregrinaçam**, CXXIV.

entufar-se, o mesmo que «amuar,» melindrar-se;» na ling. fam. de Lisboa.

Vem registado, no mesmo sentido, no *Dic. de Brasileirismos*, in — **Rev. da Acad. Bras. de Letras**, III, 108.

envergonçado. «E vendo o diabo o seu proposito e o ençendimento do seu bõo desejo ficava confondido e envergonçado..»—**Texto Critico da Lenda dos S. Barl. e Josafate**, 42.

enxarcear.. «..quando algum d'aquelles poltrões ia enxarceando alguma patranha..»—D. Fr. Manuel. **Apologos Dialogaes**, I, 59.

erres (=**r r**), requisitos, minuciosidades. «..não se darão bem com esta minha [lôa].. porque não leva os erres de um recitado impertinente..»—**Anatomico Jocoso**, 113. Cp. *ff* e *rr*.

erva, *erva-castelhana*, «...e com o *azewein*, a que, n'este concelho [Paredes-de-Coura], se dá o nome de *herva castelhana*...» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura**, 214.

erva-da-casta. «San Jorge (*Açores*).. a comida da égua é.. palha do trigo e palha da *erva da casta*...» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 924.

erva-da-montanha, ou *seca-ossos*, planta medicinal, de folhas rasteiras, em corolas sobrepostas; no Vale-do-Côina.

erva-das-escaldadelas, «[esta erva] pertence á familia das *Escrofulariaceas*, genero *Scrofularia*, espécie *S. aquatica*, L. Vulgarmente é conhecida pela denominação de *herva das escaldadelas* por correr entre o povo.. que aplicada sobre as queimaduras suavisa a dor.» — **O Seculo Agricola**, de 4 de Outubro de 1913.

erva-de-conta, o mesmo que *erva-conteira?* Em Espósende. v. **O Seculo Agricola**, de 27 de Dezembro de 1913.

erva-gorda, planta forraginosa, da familia das *chicoraceas*; no Vale-do-Côina.

erva-tansage, o mesmo que «tanchagem»; no Vale-do-Côina.

erva-ùrs'la, o mesmo que «erva-ussa» ou «erva-ursa», serpão; no conc. do Seixal.

esbarro, peça fixa, ou de posição variável, que limita o curso de outra peça; nas máquinas de vapor.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 20.

esbirro. A bordo chamam *esbirro* a um aparelho de talha passada em um estropo a meia distancia do terço da verga aos cunhos e em outro que abraça o mastro por baixo da chapa das arreigadas, servindo de resistencia á força empregada na outra extremidade da mesma verga, quando é necessário içar ao lais, e de auxílio ao contra-amantilho. (v. *enramar*).

v. **Ap. e Man. de Navios**, 103.

esbôço, primeira camada de cal e areia fina que os pedreiros dão sobre o *pardo* (v.) ou rebôco, antes do *guarnecimento* (v.); no Vale-do-Côina. E tambem em Lisboa: «..andava sobre um andaime.. metendo *esbôço*, termo empregado para designar a massa parda..» Por *embôço*. — **O Seculo**, de 7 de Abril de 1914.

esbofetar. «..diz que m'ha d'esbofetar..»

Gil Vic. **Auto da Lusit.** (III, 298).

esbóia = **desbóia** (v.). «*Riachos*.. O desbaste do chaparro só o faço de 10 em 10 anos, quando da tirada da cortiça observo as [árvores] que sofreram e qual o desenvolvimento que tomou o arvoredo; egual periodo dou á *esboia*..» — **O Seculo Agricola**, de 10 de Maio de 1913.

escabeches, embustes. «Quanto mais que o que aponta de novo nada leva desses escabeches, porque ha de ser de gente escoimada..» — **Arte de Furtar**, 168.

Na ling. popular *escabeche* é «trapalhada, confusão, banzé, balbúrdia.»

escachinar, abater, matar (porcos); na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 745. Por *chacinar?*

escaço, guano de peixe, especialmente de sardinha; em Ílhavo.

escadraçar, na acepção de «partir em pedaços, esboroar, despedaçar», que registei na **Rev. Lus.** XIV, 155, como minhotismo, pertence tambem ao falar da Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul).

escala. *A escala vista* «..e assaltando-a á escala vista, com obra de setenta ou oitenta escadas..» — Méndez Pinto. **Peregrinaçam**, XVI.

escantilhão, em construção naval, é o ângulo formado pela intersecção das balisas com um plano horizontal.

v. **Const. Naval**, I, 72.

escàriar, escàriador. *Escàriar* é «fazer excavação cónica no lugar de um furo, para nela se embeber a cabeça do parafuso, cavilha ou rebite, etc., que deve ficar ao nível da peça em que se faz essa excavação.»

escàriador é a peça de ferramenta empregada para *escàriar*, nas oficinas metalúrgicas.

escarmentar, corrigir-se, emendar-se; no Minho. «Ficas sempre mal mas noun *scramentas!*»

escarrapatar, esmiùçar, operar com cuidado e meticulosidade, especialmente em limpezas; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 745.

escatel, escatelar, cavalête. Em mecânica, *escatel* é o chanfro ou caixa aberta no veio, em sentido longitudinal, que corresponde a outra abertura igual no tambor, roda ou carrête, entre as quais se ajusta a chavêta ou *cavalête* (v.).

escatelar é abrir *escatel* com ferro especial, à mão, ou em engenho próprio.

escavaçar, escavar, minar; no Vale-do-Cóina. «As águas *escavaçaram* o *piùgo* do muro».

esclarear, o mesmo que «esclarecer» nos Açores. «Assim que esclareou foram uns quantos por ali a baixo..» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro**, 59.

escôcha. «mão *escôcha*», mão esquerda; no conc. de Espòsende.

v. **Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

escopeiro, cospeiro. O **Novo Diccionário** define assim *escopeiro*. «brocha para alcatroar navios».

O *escopeiro* serve para *brear* o fundo e costado das embarcações e não é positivamente uma brocha, mas um pau comprido com uma das extremidades forrada com um pedaço de pele de carneiro, a qual, depois de embebida no breu em fusão, se esfrega no costado dos barcos. Cf. o esp. *escopero*: «pedazo de zalea envuelto e clavado en el extremo de un asta, que sirve ó se usa para dar brea.»

Dizem tambem *cospeiro*, por metátese — *co'speiro*.

escòvem, escòvão. O **Novo Diccionário** regista e define assim *escòvem*: «abertura para a passagem da amarra, no costado do navio,»

mas não indica o lugar dessa abertura.

Morais inseriu no seu dicionário *escóuvens* e *escouves* de que deu a seguinte definição: «buracos na próa dos navios, por onde saem as amarras.»

O sr. Brito Rebelo, no glossário que acompanha a sua edição da **Peregrinaçam**, de Fernam Méndez Pinto, define assim *escovem:* «abertura no costado do navio, próximo á roda de prôa, por onde passa a amarra.»

Fica assim assinalado o lugar dessas aberturas, como convem a uma definição completa.

Resta dizer que, nos navios de madeira, essas aberturas são forradas interiormente com umas grossas mangas de ferro, com rebordo exterior formando gola, que tomam tambem o nome de *escòvens*.

O **Novo Diccionário** (s. v. *escovão*), citando um trecho da **Peregrinaçam**, cap. XXXVI,—«. . ficamos metidos debaixo da gorja dos escovões da prôa . .»—pergunta, referindo-se a *escovão:* parte da embarcação?»

escòvão era, e é, o mesmo que *escôvem*. Muitos marinheiros dizem ainda *escòvão*.

escòvem, que acentúo conforme a pronúncia geral, corresponde ao esp. *escobén* e *escoban*, e ao fr. *ecubier* e *ecuban*. Littré, segundo Stappers, n.º 5608, cita ainda as formas *equibien*, *escouvan* e *escouve*. Cp. *escouvem* e *escouve*, citados por Morais.

Julgo que *escòvão* será forma deduzida do pl. *escòvens*=*escovães*, por analogia com a formação de outros plurais, como *cães*, de *cão*. *Gorja dos escovões*, no trecho citado, seria pois a parte inferior do rebordo externo do *escòvem*, que sái fora do costado para o defender do atrito da amarra.

Eis como o oficial da Armada, sr. João Braz de Oliveira, no seu tratado **Apparelho e Manobra de Navios**, que cito frequentemente, descreve os *escòvens*, a pag. 125: «São aberturas circulares ou elipticas, de diametro da amarra [nos navios do madeira são geralmente de muito maior diametro] uma, ou duas a par, a cada bordo, aos lados da roda da prôa, inclinadas para o mar, e furadas nas amuradas acima do trincaniz, e na altura da tolda ou do convez para as amarras poderem passar por elas, a talingar nas ancoras. O escovem do lado da roda [nos navios que tem dois *escòvens* em cada bordo] serve para o ferro d'amura, o de fora para o ferro da roça.»

(*ferro* é o mesmo que «âncora.»)

escuta, o mesmo que «espião.» «. . vieram os convidados a falar n'este feito tão publicamente, que ao rei, pelas muitas e s c u t a s que n'isso trazia, lhe deram logo rebate . . »—Fernam Méndez. **Peregrinaçam**, XIX.

esgana. «E' chegada a época do ano, em que habitualmente recrudesce a mais mortífera doença contagiosa dos cães chamada *esgana*, *monquilho* ou *funga*.»—Paula Nogueira. in-**Gazeta das Aldeias**, n.º 939.

esgarranchar, arranhar; na Beira-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 734.

Talvez por *esgarnachar*.

esguissar, espevitar, atiçar o lume; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

esmonar, fazer mossas, depressões ou estaladuras em qualquer coisa; no Minho. «*Esmonou* a parede com o bico do sapato.» «Uma terrina *esmonada*.»

espalha-brasas, doidivanas, estouva-

do, espalhafatoso; desordeiro; não só no Brasil, como diz o **Novo Diccionário**, mas tambem no Minho.

V. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1914.*

espalho, abertura do ângulo formado por duas peças dispostas em sentido divergente; em linguagem marítima. Os gualdropes devem ter *espalho* bastante que possam carregar bem o leme a um e outro bordo.» — **Ap. e Man. de Navios,** 223.

espartir, o mesmo que «abrir, partir, desfiar,» referido a um tecido repuxado; na ling. familiar de Viana. «A seda *espartiu.*»

esparvadela, «*Esparvadela,* espécie de *lunch* que usam as pessoas que jejuam (na Beira).» — **Gazeta das Aldeias, n.° 734.**

espatilha, espatilhar. *espatilha* é um cabo delgado que peia para a borda do navio o cêpo da âncora, depois de aboçado.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 128.

«A ancora diz-se *espatilhada* quando [depois de içada à borda] tem a haste e os braços n'um plano paralello à superficie das águas, e o cepo no plano vertical.» — *Ibidem,* 121. «*Espartilhar* o ferro» — **Codigo Int. de Signaes,** 286.

espicha. «...espicha (instrumento de ferro que atravessa o canzil, para não fugir da canga)...» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 217.

espiga-de-leite. V. **flor-das-onze-horas.**

espigão. V. **cerradão.**

espingardar, chuviscar; na Beira-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias, n.°** 745.

esportela. «...tragia a seu collo ũa esportella de lãa [chea de religas..» — **Texto Crítico das lendas dos S. Barl. e Josaf.,** 20.

espelho. Às várias acepções especiais desta palavra, junte-se a que tem tambem em carpintaria naval: «cavidade quadrangular na superfície de uma peça de madeira, sobre o furo de uma cavilha, que se fecha com um taco de madeira, depois de introduzida e rebatida a mesma cavilha.»

V. **Const. Naval,** II, 20.

espoldrinhar-se, espòjar-se (referido a cavalos); no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

esqueimado, diz-se do peixe que não é fresco, que está «ardido»; em Viana.

esquipação, o mesmo que «equipagem, tripulação, gente de remo, chusma»? «.. nos mataram logo nove homens e feriram vinte e seis, e ficando com isto as nossas fustas de todo mancas, porque a mais esquipação se lançou toda ao mar..» — **Peregrinaçam,** V.

estai, travessão de ferro a meio de cada elo ou fuzil das correntes de amarração, para lhes aumentar a resistência.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 30.

estaladeira, estraladeira. O **Novo Diccionário** insere *estaladeira* como provincialismo alentejano, na acepção de «casca de pinheiro».

No Vale-do-Cóina, Seixal, e Barreiro, dizem no mesmo sentido *estaladeira* ou *estraladeira. estraladeiras* é o amontoado de cascas de pinheiro que ficam no solo depois de um corte ou toragem.

estância, na acepção de «tábua grande, em que os pedreiros têm a argamassa levada pelos serventes no corcho», dá-o o **Novo Diccionário** como provincialismo algarvio.

Ouve-se, com sentido igual, no Vale-do-Cóina.

estardalho. Além da acepção que dei desta palavra, na **Rev. Lus.** XIV, 156, tem mais, tambem no Minho, a de «mulher desajeitada, mal vestida» e tambem «marafona.»

Em Espòsende *estardalho* é o

mesmo que «canalha, criatura despresivel». v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

estença. «...e el rei ouvira já ante falar de Barlaão e da sua grande estença.» — **Texto Critico das L. dos S. Barl. e Josaf.**, 19.

esterpôr, o mesmo que *estrapôr*, por met. e prót. de *transpôr* = desaparecer, afastar-se; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias, n.º** 734.

esterroar, esterroado. *esterroar*, em Paredes-de-Coura, é «publicar, divulgar, tornar público por todos os meios».

Em Viana dizem *esterroado* no mesmo sentido de «barulho, algazarra».

estiçar, estiçadoiro. *estiçar*, em Viana, é «avivar ou revolver as brasas». No conc. de Paredes-de-Coura chamam *estiçadoiro* a um «pau comprido para avivar as brasas do forno». v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 309.

estirão. «Barrancos de 4 a 5 mts. de altura, longos estirões, maltas frondosas ou bellas e extensas invernadas em ambas as margens [do rio Pardo]...» — Com. Geog. e Geol. do Est. de S. Paulo. **Expl. do Grande e de seus afl.**, 4.

estoque-de-água. v. **água.**

estonar, estona. Por extensão, *estonar*, no Vale-do-Cóina, significa «bater, sovar, tosar». *estona* é «coça, tareia.» «F. foi *'stonado* com alma! Levou uma *'stona* valente!»

estralheira. Os aparelhos usados a bordo, e destinados a multiplicação de forças, são formados geralmente por moitões e cadernais, com cabo gornido. Conforme as peças de poleame empregadas nestes aparelhos, — geralmente duas eguais, ou diversas, — assim a sua designação varia, embora o sistema de ligações entre essas peças seja idêntico. Uma das extremidades do cabo firma-se na *arraigada* ou parte inferior da alça do moitão ou cadernal e a outra extremidade enfia pelo gorne do outro moitão ou cadernal, voltando a enfiar no gorne do primeiro e dando assim tantas voltas quantos os gornes dessas duas peças.

Se o aparelho é formado por dois moitões, chama-se *teque*. *Talha singela* diz-se quando no lugar de um desses moitões tem um cadernal de dois gornes, e *talha dobrada* quando, em vez dos moitões, tem dois cadernais de dois gornes.

A *estralheira singela* é um aparelho do mesmo sistema, mas formado por um cadernal de dois e outro de tres gornes. Se os dois cadernais forem de tres gornes o aparelho toma o nome de *estralheira dobrada*.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 37.

Julgo interessante e útil deixar aqui estas notas que dão a relação destes vários aparelhos entre si, e poderão servir para tornar mais claras as definições náuticas que os dicionários nos dão dos respectivos vocábulos.

v. **candeliça.**

estravessar. v. **arxar.**

estrêla-de-belem. v. **flor-das-onze-horas.**

estrenouco-te!, fórmula de esconjuro, o mesmo que *abrenúncio!*; no Minho.

estribo, estribeira. Nas vergas dos mastros, nas retrancas e paus-de-bujarrona, ha uns cabos de linho alcatroado, ou de arame, que encapelam nos laises e vem coser os chicotes, respectivamente, nos olhais da pêga, na chapa dos amantilhos, ou no terço da verga, formando seio. A estes cabos chamam-se *estribos*. Servem de ponto de apoio aos pés dos marinheiros

quando é necessário trabalhar nestes paus.

estribeira é um *estribo* suplementar, nas vergas de gávia.

v. **Ap. e Man. de Navios** 68 a 74.

estruir, destruír; na ling. popular «..por aqlla terra querem entrar pera estroírem e dapnarem.. E que lhes acorresse senõ q a terra era estroída..» — **Cronica do Condestabre,** 61 e 182.

esventolar. «E acabada a obra Nunalvrez se foy poer aos muynhos do vento que he no cabo do lugar: com sua gente e bãdeira esventollada: olhando ao arrayall delrey de Castella que jazia a Santos..» — **Cronica do Condestabre,** 90.

extênsula, vela, entre os mastros grande e de ré; nos lugres.

extractor, aparelho com que se extrái o mel dos favos, utilizando a força centrífuga. «Desoperculado o favo dos dois lados, introduz-se no extractor, que se põe em movimento..» — Ed. Sequeira. **As Abelhas,** 250.

excêntrico, peça que transmite ao distribuidor dos cilindros das máquinas de vapor o movimento do veio. Peça dos aparelhos de marcha, nas máquinas de vapor.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 46 e seg.

F

fagalheiro, forquilha com que se revolve a lenha no forno; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

Dissimilação de *fagulheiro*, de *fagulha*.

farcapa, farpa, espiga de gramínea que se agarra ao fato. Tambem o mesmo que «pegão», pequeno rasgão. No Vale-do-Cóina.

falsa-quilha. v. **sobresano** (na 1.ª série).

fanga. «*Fanga da terra*, é uma superfície que leva 4 alqueires de semente. Usa-se na Beira.» — Mag. Peixoto. **Tratado Prat. de Cont. e Escr. Com.,** 124.

fastieira, o mesmo que «fastio»; no Minho. «Têinho uma *fastieira* danada!»

faveca. O **Novo Diccionário** dá esta palavra, com a significação de «vagem seca de qualquer planta leguminosa», como provincialismo trasmontano e duriense. É tambem beirão (conc. de S. Pedro-do-Sul).

fé. *Á salva fé.* «..enviou rogar a Nunalvrez que lhe prouvesse de lhe fallar aa salva fé.» — **Cronica do Condestabre,** cap. XXXVII.

feição. *Por feição que.* «Por feição que á pergunta ingenua d'elle, respondeu a formosa de S. Pedro d'Alvite..» — Camilo. **Bruxa Monte Cord.,** 82.

feiticeira. v. **muiqueira.**

feito. *Ir feito com alguem*, aliar-se, entender-se com outra ou outras pessoas, geralmente para fins pouco lícitos. «*Ir feito em* (qualquer combinação)», ter parte, interferência ou entendimento num acordo, quási sempre em prejuízo de outrem. «..que não era asno e que ia feito na geringonça, fosse ella qual fosse.» — Camilo. **Volc. de Lama,** 194.

fendido, golpe que os sapateiros fazem em volta, e pela face inferior, da sola do calçado, para embeberem os pontos da costura.

ferrado, ferrada. Na Beira-Alta chamam *ferrada* a um vaso rectangular de madeira, ou cortiça, para condução da vianda dos cevados. *ferrado* é ali uma *ferrada* pequena em que transportam e guardam o barro empregado na vedação dos cortiços das abelhas.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

ferrar, desferrar. O **Novo Dicciona-**

rio, em vários lugares, como, por ex., nas definições de *estribo* e *abafa!*, emprega a expressão «ferrar as velas, ou o pano [do navio].» No lugar próprio, porém, entre as acepções de *ferrar*, não dá a que o verbo tem na expressão marítima citada.

ferrar é amarrar (as velas), enrolando-as contra as vergas, mastros ou caranguejas, e apertando-as com as *bichas*, quando o navio entra num porto, ou quando, por manobra de navegação, é necessário suprimir qualquer vela. v. **abafar.**

ferrar, como *enregar*, quere dizer «começar o trabalho», tambem no Vale-do-Côina. *desferrar*, *desenregar*, é «largar o trabalho». «*Ferramos* ó nacer do sol e *desferramos* ó pôr-do-ar-dia.»

ferrugem, nome vulgar de várias doenças que atacam os vegetais; o mesmo que «fumagina.»

«As folhas da Amoreira.. estão atacadas pela Ferrúgem, nome vulgar dado a um pequeno cogumelo parasita o *Cylindrosporium Mori*..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 869. «O arroz tem a ferrúgem..» — *Ibidem*, n.º 868. «Os ramos de ameixieira estão atacados pela ferrugem própria *(Puccinia Pruni)*..» — *Ibidem*.

v. **formigo**.

ferrujão (do boi), é a *piroplasmose bovina*. v. **O Seculo Agricola,** de 13 de Dezembro de 1913.

fêsto, crescença, prega que se faz na roupa, especialmente nas saias, para as tornar mais curtas; no conc. de S. Pedro-do-Sul.

fiança, o mesmo que «confiança»; em Ílhavo.

Assim era antigamente:

«..no bem q̃ fazemos tenhamos fyança..»

Canc. Geral, III, 12.

fieldade (v. na 1.ª série), em lugar de «fidelidade», é formação espontânea de uso quási geral no país.

fianço, operação de fiar (o linho); no conc. de Viana-do-Castelo. «Béinho agora do *fianço* da Faúla.»

O sr. Dr. Narciso Alves da Cunha diz, a pag. 310 da sua monografia **Paredes de Coura,** que *fianço*, neste concelho, é o «linho ou estopa em rama para fiar».

ficar. *ficar no tinteiro*, esquecer. «..pois ainda me fica outro escrupulo: e se eu poder, não me ha-de ficar no tinteiro.» — **Anatomico Jocoso**.

«..ora escreve lá, compadre,
não te fique no tinteiro..»

Gil Vic. **Auto da Lusitania.**

fio-de-roca, indivíduo muito magro raquitico, enfèzado; no Minho.

fio-de-contas, colar de contas de oiro, que usam as lavradeiras minhotas.

fixador, pequeno aparelho para fixar as lâminas de cêra moldada às *secções* (v. **secção**), das colmeias-móveis.

v. Ed. Sequeira. **As Abelhas,** 219.

fixa-ganchos, instrumento com que se fixam, nos *quadros* (v. **quadro**) das colmeias, pequenos grampos que seguram o arame das lâminas de cêra moldada.

v. Ed. Sequeira. **As Abelhas,** 215.

flôr, doença dos vinhos, causada pelo *Mycoderma vini*, e caracterizada por um véu esbranquiçado que se forma na superfície do líquido.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 926.

flôr-das-onze-horas, nome vulgar do *Ornithogalon album*, flôr que tem a particularidade de só abrir as pétalas nas horas de luz intensa do sol, das onze horas às tres, aproximadamente. Tambem lhe

chamam *espiga-de-leite* ou *estrêla-de-belem*.

v. **O Seculo Agricola,** de 22 de Novembro de 1913.

Em França *dame d'onze heures* = «nom vulgaire d'une liliacée, l'ornithogale à ombelles, dont la fleur s'ouvre vers onze heures du matin.» — **Larousse.**

foição, o mesmo que «foicinha» ou *seitoiro;* na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

fôlha, o mesmo que «jornal»; no Doiro e Minho. «Vai-me comprar as *folhas* d'hoje.» «Como protesto imediato [os vendedores] negaram-se a pegar na *Tarde*, sendo necessario que a redação lhes garantisse o seu apoio na questão para que eles, já noite dentro, se resolvessem a sair com aquela folha.» — **O Seculo** (correspondencia do Porto), de 17 de Dezembro de 1913. «...que ia atirar ás folhas a vida da Felícia, da safadona...» — Camilo. **Eusebio Macario,** 138.

«Dar uma cultura (de cereal) *á folha*,» em Ílhavo, é pagar com a palha desse cereal, depois da colheita, a quem foi contratado para o semear e cultivar.

Em folha, novo, que ainda não foi estreado. «...deixo.. muito boa roupa, mas nenhuma fica em folha, porque toda foi de meu trato..» — **Anatomico Jocoso,** 52.

folhada, nos Arcos-de-Vale-de-Vez é o aglomerado de folhas secas, em começo de decomposição, empregado como adubo.

folhareco, depreciativo de «folho;» na ling. familiar de Viana.

folhêta, gábito de folha de ferro para usos culinários. No Minho.

forcível, inforcível. *forcível*, no conc. de Espòsende, é o mesmo que «esforçado, valente.» Contrariamente dizem *inforcível.*

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

formigo, «*Messines*.. tenho um melancial que se vai enchendo de ferrugem [v.], vulgo o que chamam formigo..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 917.

formigo, no conc. de Paredes-de-Coura, é o mesmo que «rabanada.» v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 323.

formoita, fermoita, pequeno pássaro, de côr amarelada; no Vale-do-Cóina.

forquêta, forquilha metálica que substitue o tolête nas chumaceiras dos escaleres. «Os escaleres são movidos a remos armados em *toleteiras* ou *forquetas*, ou navegam á vela..» — Barros-Freitas. **Construcção Naval,** I, 62.

No cesto de gávia dos mastros, por ante a ré do calcés, ha umas travessas de madeira cujas extremidades se prolongam para fora, formando ângulo entre si, e servem de esbirros aos cabos que aguentam o mastaréu do joanete para a borda, a fim de lhes dar maior resistencia. A estas travessas dão o nome de *forquetas.*

v. **Ap. e Man. de Navios,** 21.

forrica, forricar, forricadela, forriquento, forriquice; esforricar-se, esforricado. *forrica*, no Minho, são as «dejecções quási líquidas» (Barcelos [**Novo Dic.**]; Viana; Paredes-de-Coura [Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 310]). *esforricar-se* é «expelir *forrica*, por efeito de disenteria,» o mesmo que «borrar-se, *luxar-se*.» E assim: — *forricadela* = «acto ou efeito de *forricar*, i-é, «expelir diarreia;» *forriquento* = «que tem desinteria.» Cp. *esforricado*, em Gil Vicente.

Por extensão, *forrica*, tambem no Minho, é a «pequice, ninharia, caganifância; impertinência; etc», e, deste sentido, a acepção figurada das derivadas.

forte. *Fazer-se forte*, o mesmo que «fortalecer-se.» «. . com tenção de se fazer ali forte n'uns valos que no topo do morro estavam feitos . . » — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. XVI.

fovaco, tremoceiro bravo, de flôr amarela; em Ceia.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 931.

frade. v. **fuso.**

frago, «excremento de animais silvestres,» diz o **Novo Diccionário.**

No n.º 910 da **Gazeta das Aldeias,** um assinante de Recarei diz, de um cão, que «no frago deita uns vermes de meia polegada de comprido . . »

Cp. *fraguear* = «defecar»; no Minho (**Rev. Lus.** XIV, 158).

fraqueiro, o mesmo que «fraco, débil;» no conc. de Moncorvo.

v. Ed. Seq. **As Abelhas,** 199.

frascagem.

> «Compradores, vendedores, enfrascados em frascagẽs barateyras . . »
>
> **Canc. Geral,** I, 222.

frecheira (= **frècheira?**), pequenina abelha de côr esverdeada, no Brasil, que produz pouco mel.

v. *As Abelhas do Brasil, in* **Álm. Bras. Garnier,** *para 1912*. pag. 127.

frescura, o mesmo que «limpesa» = roupa branca de uma casa; no Minho (v. **Rev. Lus.**, XVI, 242). «Aquelle affan com que nossas mães sabiam confeccionar os seus lençoes, as suas toalhas, a sua roupa branca de linho — a *frescura* — como soïa dizer-se . . » — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 21.

fumagina, não é só «doença das vinhas,» como diz o **Novo Diccionário.** Equivalendo a *ferrugem*, *fumagina* é o «nome de várias doenças que atacam os vegetais.» (v. **ferrugem.**)

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 911.

fumigador, em apicultura, é um pequeno aparelho em forma de fole, com reservatório para matéria de combustão lenta, com o qual se defuma o interior das colmeias, para fazer aquietar as abelhas, quando é necessário bulir nos favos.

fumo. *fumos* são indicios, aparências, noticias. «Não ha, ou não vejo, *fumos* de tal pessôa». «. . em a cidade de Troia, depois que não houve fumos d'ella . . » — **Anatomico Jocoso,** 53.

> «. . sem já mais ver fumo dele . . »
>
> **Canc. Geral,** II. 340.

funchão, castanha menos defeituosa que o *boneco* (v.); na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

fundal. (v. **Rev. Lus.,** XIV, 158). «. . o *trêvo*, a *aveia* . . para os terrenos sêccos; o *ezewein*, a *aveia* . . para os humidos ou fundaes . . » — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 215.

funda. Á umas tiras de gacheta, forradas de lona pintada, que se fixam nas cabeças dos turcos para abraçarem a embarcação que nêles está içada, chamam a bordo *fundas*.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 147.

fundo. Diz-se que a âncora *agarra fundo* quando unha com segurança, i.-é, quando as suas unhas ou garras se enterram ou ficam firmes no fundo. *agarrar fundo* tambem se diz do prumo, ou sonda, que atinge o fundo, na prumada. (v. **prumo,** na 1.ª série).

v. **Ap. e Man. de Navios,** 131.

fura, o mesmo que «furo buraco»; no, Minho. «. . a *séga* (seita) entra na extremidade posterior do timão, por meio de uma fura aberta n'elle, a que se adapta uma cunha mo-

vel . . » — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 216.

furão. « . . tirar o grão às espigas . . com o *furão* (pequena e estreita vara de ferro aguçada na extremidade e encabada num páo em que se pega). — Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 137.

Parece referido a Taboaço.

furinheiro, furingueiro, metediço; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

fuso, frade. Qualquer destes nomes se dá a uma haste cilíndrica de madeira que se prolonga por ante a ré de alguns mastros para guia da carangueja, quando aquêles são de muita espessura. « Quando os mastros são de muita palha [=espessura], para que as bocas-de-lobo [v.] não sejam muito abertas, e portanto de fraca resistencia, correm [estas] em *fusos* ou *frades*, varas cilindricas colloeadas por ante a ré dos mastros, e com a sua inclinação ou *cahimento*. » — **Ap. e Man. de Navios,** 24.

fuzil, instrumento de aço, redondo e ponteagudo, com leves estrias longitudinais, em que os cortadores assentam o fio das facas e cutelos; em Lisboa.

fuzilador v. **vento.**

G

gábito, gábedo. *gábito,* em Viana, é designação genérica para qualquer vasilha de uso culinário. Um *gábito* pode ser um alguidar, um prato, uma malga, uma caneca, etc. *gábito* ou *gábeto.*

Em Paredes-de-Coura, dizem, no mesmo sentido, *gábeto.* v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 311.

Cp. o esp. *gábata* = «escudela».

gadonha, ovelha velha, que se engorda para abater; badana. Na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 752.

gafar, ter mau cheiro ou mau sabor; no Minho.

Em Paredes-de-Coura significa mais: « dar uma descompostura violenta ». v. Alves da Cunha. **Pades de Coura,** 311.

gaiolão. « . . gaiolas, gaiolões, viveiros, armadilhas, bebedouros . . » — **Annuario Commercial,** para 1911, pag. 968.

gaipada, o mesmo que « farpão », rasgão na roupa; na Beira Alta.

v. **Gazeta das Aldéias,** n.º 745.

De *gaipa.*

gaita, chamam os carpinteiros ao « ferro da plaina. »

gaita-de-beiços é um pequeno instrumento músico, de que se tiram sons encostando-o aos lábios, e soprando por vários furos que correspondem a notas diferentes. « . . delicia os seus camaradas executando concertos n'uma « gaita de beiços », instrumento popular que ele faz soar com extraordinaria mestria. » — **O Seculo,** de 1 de Novembro de 1913.

gaivel, parte da chaminé, acima da cimalha.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** I, 51.

gala-gala, espécie de cimento de cal e alcatrão que se emprega para tapar falhas e ruturas na madeira das embarcações. No Tejo.

galêgo, diz-se, no conc. de Paredes-de-Coura, de uma variedade de linho de fêvera fina e sedosa. «Ha duas qualidades [de linho]: *mourisco* e *gallego* . . » — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 204.

galeira. « [a sementeira do penisco] *em galeiras* . . consiste em traçar no terreno alinhamentos, parallelos e equidistantes, com 1 metro de largura, cavados a pequena profundidade, nos quaes se semeia o

penisco. Entre alinhamento e alinhamento, deve deixar-se um espaço de 2,^{m}5 a 3 metros». — Alves da Cunha. **Paredes de Coura** 222.,

galga. «Fundear um ferro *à galga*,» em ling. marítima, é prender, no anête da âncora que se vai fundear, por meio de uma amarreta ou virador, um ancorote que se fundeia primeiro para que a âncora fique segura.

V. **Ap. e Man. de Navios**, 122.

galheiros. V. **talicão.**

gamito. «São, tambem, vitimados pelo mildio os gamitos (flores da uva) e mais tarde os bagos.» — Batalha Reis, *in*-**O Seculo Agricola**, de 19 de Abril de 1913.

gapeira, «doença dos bois,» tambem no conc. de Paredes (Porto).

V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 931.

garafanha, garfanha, garvenha, molho, porção (de feno); no Vale-do-Cóina.

Cp. o esp. *garba* = «gavilla de mies.» (Rod. — Navas).

garrocha, carocha; em Bragança.

No Minho (Viana) ouvi *carrocha*, no mesmo sentido.

Cp. **garrôchos.**

garrôchos, gravêtos carbonizados que ficam nas uchas; na Beira-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias**, n.º 745.

garruncho, galho de pinheiro; no Vale-do-Cóina.

gateira, abertura no pavimento do convés, do navio, por onde a amarra, que vem do cabrestante, enfia para o paiol.

V. **Ap. e Man. de Navios**, 124.

gato, gata. O sr. João Braz de Oliveira, a pag. 116 do **Apparelho e Manobra de Navios**, descreve assim a *gata*: «é uma ancora vulgar tendo apenas um braço. Emprega-se nas amarrações fixas e tem uma manilha na cruz para a ajudar a collocar convenientemente no fundo.»

Em alguns navios mercantes chama-se *gata* a um âncora do tipo Smith ou Marrell-Risbec, que difere das âncoras vulgares em não ter cêpo, e as patas serem espalmadas no mesmo plano dos braços. Estes ligam-se a um eixo que gira na cruz.

gato é um gancho de ferro na extremidade de um cabo ou na parte superior das alças do poleame, a bordo, para os suspender ou ligar em qualquer lugar, e não só «para suspender alguma coisa,» como diz o **Novo Diccionário.** Ha *gatos singelos, de tesoira* e *de tornel*.

gasguito, espevitado, intrometido, falador, (referido a crianças, especialmente); no Minho.

gatum, diz-se, no Vale-do-Cóina, de uma espécie de tôjo bravo.

gávia, gaiva, rebaixo, em meia cana, na espessura da roda do poleame, em toda a sua circunferência, por onde passa o cabo. «...pelo intervalo do *cavado* da roda, *meia cana* ou *gavia*...» — **Ap. e Man. de Navios**, 35.

arco-de-gávia, é a parte curva do «cesto-de-gávia», que fica virada para a prôa e oposta à *grinalda* (v.).

claras-de-gávia, são aberturas rectangulares nos cestos-de-gávia, para a passagem dos marinheiros.

V. **Ap. e Man. de Navios**, 20.

gavião. «Diz-se que as raízes laterais [da oliveira ou zambujeiro] não profundam tanto como a raíz mestra ou gavião e que por isso as árvores se ressentem mais da estiagem...» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 911. «Em vista da forma da propagação do mal é um facto observado resistirem mais as arvores cujas raízes, de *gavião* desenvolvido, se alongam verticalmente, do que aquelas que, pelo seu sistema de radicação, teem nas camadas menos profundas a maioria

da massa radicular.» — Pereira Coutinho, *in*-**O Seculo Agricola,** de 19 de Abril de 1913.

geira. «*Geira*, é uma superficie igual a 12 aguilhadas [V. **aguilhada.**] no campo de Coimbra. Na Beira é igual a 1 *fanga de terra* [V. **fanga**], sendo de trigo, e a 1/2 *fanga*, sendo de centeio.» — Mag. Peixoto. **Trat. Prat. de Cont.,** 124.

gelatinar, gelatinamento. *gelatinar*, é revestir com uma camada de gelatina (a face interna das vasilhas de aduelas). «Para cada pipa de vinte-e-um almudes basta, a fim de bem a gelatinar, deitar-lhe dentro 5 a 6 litros de solução gelatinosa.. Este gelatinamento dos cascos.. — Henrique Coelho, *in*-**Gazeta das Aldeias,** n.º 940.

gêmeas. *Pôr em gêmeas*, rehabilitar, elevar, «.. mete velas e remos para livrar o donatário e não descança até o pôr em gemeas, escoimado e limpo como huma prata..» — **Arte de Furtar,** cap. XXV.

gentes. «Ó gentes, ninguem diga que está bem!..» — Camilo. **Volc. de Lama.** 61.

geringonça. «.. onde o entendimento se desengonçava em giringonças..» — **Anat. Jocoso,** 108.

O mesmo que «tramoia, melgueira». «.. querendo assim mostrar que não era asno, e que ia feito na geringonça, fosse ella qual fosse.» — Camilo. **Volc. de Lama,** 194. V. outro ex. na **Sereia,** 35.

geroglificar. «Não sei se viste já aquelle emblemado amor, jeroglyphiçado no jardineiro que regava as plantas..» — **Anat. Jocoso,** 47.

gerolina. «Executam-se com toda a perfeição.. franjas, braçadeiras, gerolinas, guarnições, borlas, requifes, bufetas..» — Anúncio de sirgaria, *in*-**Annuario Com.,** *para 1913*, pag. 1438.

gigante V. **caragua.**

gimido. «.. ua grande festa dos falsos deoses.. e oferecia grandes gimidos sacrifiçios..» — **Texto Critico das L. dos S. Barl. e Josaf.,** 30.

goma, gomose; lágrima; resina. «O mal a que o sr. consulente se refere como fazendo secar as laranjeiras deverá talvez ser, pela gravidade que assume, a *goma, lagrima* ou *resina*.» — **O Seculo Agricola,** de 28 de Junho de 1913. «Examine os troncos [das laranjeiras] junto à terra e veja se teem a *gomose* ou lágrima..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 897.

gorne. O **Novo Diccionário** restringe a acepção de *gorne* a «abertura dos moitões, onde se encaixam as rodas, para laborarem os cabos da embarcação.»

Não só os moitões mas todo o poleame de laborar tem gornes, e estes não se abrem exclusivamente no poleame.

gornes são aberturas alongadas, a modo de seteiras, em que entra uma roda que gira em volta de um eixo. Ha gornes no poleame, no costado ou na borda do navio para as escôtas e amuras, no pé dos mastaréus para as ostagas, nos turcos da âncora, etc. «Ao intervalo, ou abertura [no poleame], chama-se *gorne* e o numero de gornes classifica cada peça de poleame [V. **cadernal**]..» — **Ap. e Man. de Navios,** 35. «Se os mastaréus tiverem gorne na romã..» — *Ibidem*, 67. «.. vai para ré [o cabo] enfurnar por um gorne do costado por cima do gorne do patarraz da surriola..» — *Ibidem*, 97.

gosto. *Estar a gosto*, estar à vontade, comodamente; no Minho.

Em esp. *estar á gusto*

gôto. *Dar no goto:*

«.. nem leaes de sobreventa
ta que de todo vejaes
se dam no goto..»

Canc. Geral, I, 214.

governança. «..como cuido que as historias que tratam da governança de Nuno da Cunha dirão largamente..» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. IV.

govêrno, governar. «Ao acto de peneirar e amassar chama-se *governar o pão.*»—Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Portugal,** 229.

Na Beira-Alta?

A ling. popular emprega às vezes *governo* no mesmo sentido de «guia, norma, regulamento», em expressões como: «diga-me o que quere fazer a este respeito, para meu *governo*» ou «para me servir de *governo.*»

governo é tambem o mesmo que «economia:» «ganha pouco mas conseguiu equilibrar a vida com *governo.*» Cp. *governado*= «económico, poupado.»

grabano, vaso formado da metade de uma cabaça, com que se trasfega o vinho da lagarêta para os dornões; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

Cp. *garabanho.*

grade, gradão, gradil, gradeado. O **Novo Diccionário** dá *grade,* em 4.ª acepção, como «caixa de ripas intervaladas, para transporte de mobília.»

A definição é restricta. Empregam-se *grades* no transporte de muitos objectos, tais como: maquinismos, metais laminados, placas de vidro, tintas em latas, etc., além de criação e gêneros alimentícios. A *Pauta das Alfandegas,* na *Reexportação e Baldeação,* tabela II, classe III, refere-se a «grades para queijos curados.»

grade é tambem, na linguagem familiar, uma «série de pontos cruzados, em forma de rêde, com que se encobre um rasgão na roupa.»

Entre os disfarces e indróminas da correspondencia secreta usa-se a *grade,* uma lâmina de metal ou cartão, com várias aberturas assimétricas, que, assente sobre a escrita, mostra apenas as palavras que se devem ler, formando estas um sentido reservado, diferente do sentido integral. «Lembrou-se que no seu quarto.. tinha deixado alguns apontamentos importantes, juntamente com as grades de correspondencia, com as quaes não seria muito difícil decifra-los.» — **O Seculo** de 27 de Junho de 1913.

[Este estratagema epistolar veio da conveniencia astuciosa das chancelarias para as manigancias inofensivas dos namorados. Julgo que êles tem isto já por uma velharia! As meninas de agora, enfronhadas no avanço das filosofias práticas, começaram a compreender que em bom recato está o que mais à vista estiver, e desataram a servir-se da publicidade, arrulhando paixões desenfreadas, a dez-réis a linha, nas colunas do **Diário-de-Notícias.**]

Observemos tambem que o **Novo Diccionário** regista como brasilismo a palavra *gradil,* no sentido de «grade que circunda um recinto», citando o **Jornal do Recife.**

No conc. de Paredes-de-Coura julgo que a palavra terá sentido idêntico, por este excerpto da monografia do D.or Alves da Cunha, **Paredes de Coura,** pag. 254: «[a ponte de Mantelães] tem gradil de ferro, a servir de guardas.»

Mas *gradil,* no Brasil, tem tambem o mesmo sentido de *grade:* «...o seo quarto de dormir ..do qual a janella é fechada por gradil de ferro á guisa de gaiola..» — D.or Castro Lopes. **Origem de Anexins,** etc., 191.

Na acepção de «gradeamento, vedação de grades de ferro», usa-se tambem em Viana-do-Castelo a palavra *gradão* que o **Novo Dic-**

cionário não regista. «..diz que é conveniente fazer-se a arrematação das pastagens da entrada do gradão do cemiterio publico..» — **O Povo** (Viana), de 28 de Maio de 1911.

Emprega-se muitas vezes *gradeado* por *gradeamento*. «...forcejando por entremetter a cabeça nas rexas do gradeado..» — Camilo. **Bruxa do Monte Cordova**, 77. Cp. *encanastrado, por encanastramento*.

gramada. «Estes — os rapazes — depois do seu ingresso na *grammada*..» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura**, 212. Em nota da mesma pag. o autôresclarece: «E' este */gramada/* o nome local da espadellada».

A pag. 311 da monografia citada vem definidos «*grammada*» e «*grammar*», respectivamente, «espadellada» e «espadellar». Mais claramente, a pag. 204: «As outras operações do linho são *massar*, em engenhos próprios, com motor de água; espadellar, assedar.. «E em nota a *espadelar*: «Aqui [conc. de Paredes-de-Coura] dizse *grammar*.»

graminho, graminhar. *graminho* não é só «instrumento de carpinteiro e marceneiro, para traçar riscos parallelos á borda das tábuas,» — **Novo Diccionário**. O *graminho* é tambem um utensílio de serralheiros e torneiros, e «serve para traçar os eixos horisontaes na peça, assim como para a desempenar no prato do torno, servindo-se [o operador] das linhas já traçadas.» — João dos Santos. **Man. do Torn. Mech.**, 56.

granar, desenvolver-se (o grão do cereal). «O trigo deixa de granar quando lhe falta a humidade..» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 932.

granisé. O **Novo Diccionário** dá esta palavra como provincialismo duriense, definindo-a deste modo: «diz-se de uma variedade de gallinha de raça de Guernesey».

E', provavelmente, deturpação deste nome geográfico, que acompanhou a deturpação da raça. No Minho, *granisé* diz-se, em geral, de qualquer galinha ou galo de pequeno porte. «Galo *granisé*.»

Na ling. familiar de Lisboa chama-se *granisé* à «criança muito pequenina, viva e esperta».

gravanha, cápsula que contém a linhaça; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

grenho, engrenhado. *grenho*, no Minho, quere dizer o mesmo que «crêspo». «Cabelo *grenho*», ou *engrenhado*, é o «cabelo encaracolado».

grinalda, parte do cesto-de-gávia que fica virada para a pôpa.

V. **Ap. e Man. de Navios**, 20.

griteiro, o mesmo que «gritaria;» no Minho. «Penetram nos estabelecimentos, onde fazem um griteiro ensurdecedor..» — **Vida Nova** (Viana), de 19 de Julho de 1913.

gromo. «...espumejava gromos de sangue..» — Camilo. **Volc. de Lama**, 81.

guarnecer, guarnecimento. *guarnecer*, em ling. de pedreiros, em Lisboa, é «cobrir o *esboço* (v.) com uma camada, perfeitamente plana, de argamassa» a que se chama *guarnecimento*.

Tambem no Vale-do-Cóina, Barreiro, Seixal.

guarnel. «..dava comsigo no guarnel do pão..» — **Arte de Furtar**, 171.

Esp. *guarniel*.

guarnição. Em mecânica chama-se *guarnição* ao «empanque da caixa do *bocim* (v.)» «A guarnição é constituida por mealhar, guttapercha ou amianto; empregam-se tambem anneis metallicos, ou ainda, uns anneis mixtos, compostos de gutta-percha e metal de anti-

fricção.» — **Nom. de Cal e Mach. de Vapor,** II, 9.

Chama-se tambem *guarnição* aos «aros» ou «metálicos» do embolo, premidos contra o vedante do cilindro.

v. *Ibidem,* II, 11.

guicho, esperto, vivo, penetante; nos Arcos-de-Vale-de-Vez. «Olhos *guichos.*»

guira. v. **manduri.**

guitarraria, oficina, ou estabelecimento para fabricação ou venda de guitarras. v. **An. Comercial,** *para 1913*, pag. 1163.

H

hávele, desembaraçado, ligeiro, expedito; no Vale-do-Cóina. «O travalho assim vai mais *hávele.*»

a tempo hávele, com antecipação, ou em devido tempo; na mesma região. «Gosto de enregar *a tempo hávele.*»

historista, indivíduo muito falador, conversador, bem falante; na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul.)

hòminho. (v. **Rev. Lus.,** XIV, 158). «O hominho tem razão!, — applaudiu uma lavradeira esmamaçada . . » — Camilo. **Vol. de Lama,** 59.

hora, no sentido de «ocasião»; mais restritamente «ocasião adequada, disposição, momento oportuno.» «O cantar quere *hora,* e o amar descanso» — (Refrão minhoto). «. . não ha cousa que não tenha sua hora no mundo: o rir, o chorar, o trabalho . . » — D. Fr. Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 65. «E oxalá me deixassem a mim hora . . » — Jorge Fer. **Eufrosina,** a. IV, sc. II.

hora é tambem, num caso especial, o momento da morte. «Está chegando a minha *hora.*» «. . assim Deos me dê boa hora . . » — Pinto Brandão. **Pinto Renascido,** 223.

boa hora ou *hora muito pequena* exprime, no Minho, «felicidade no parto.» «Desejo que tenhas uma *hora muito pequena.*»

I

iba. v. **zaguncho.**

incerto, nas operações cambiais, «é uma quantidade de moeda [de uma praça] equivalente á unidade [de outra praça].» — Mag. Peixoto. **Tratado Prat. de Cont.,** 283.

v. **certo.**

inculcadeira, na ling. familiar de Lisboa é, propriamente, a mulher encarregada de contratar serviçais para os trabalhos domésticos. «. . mandou-o a todas as inculcadeiras procurar uma ama . .» — Camilo. **Volc. de Lama,** 166.

inhamal, terreno ou plantação de inhames; nos Açores. «. . por entre as copas renegridas de um inhamal ondeante e viçoso . . » — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 64.

ino. v. **pana.**

insuar, tornar-se pêco (planta e fruto); na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

invernada. «. . avistamos grandes invernadas dos dois lados [da cachoeira da Onça] . . » — Com. Geol. e Geog. do Est. de S. Paulo. **Expl. do Rio Grande e de seus afl.,** 4.

v. outra citação em **estirão.**

inxû. «Zebrada, pequena, esta vespa brava [a *inxû*], só teme o fogo; produz mel supimpa.» — H. Silva. *As Abelhas do Brasil, in*-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 126.

iratim, pequena abelha preta, mansa, que produz mel de qualidade regular; no Brasil.

v. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 126.

isquinho. v. **chisco.**

J

jabro. v. **arco.**

janimbú, espécie de vespa grande, preta, excessivamente brava, do Brasil, que produz pouco mel.

v. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 127.

jantarada, jantar de festa, jantar íntimo em que predomina a alegria; na líng. familiar de Lisboa.

jarra. «..quatro jarras de polvora, com duzentos pelouros de berço...» —Fernam Méndez, **Peregrinaçam,** cap. XXI.

jataí, jati. O **Novo Diccionário,** define assim *jataí:* «[termo] *Bras.* [ileiro]. Espécie de abelha cujo mel é muito apreciado.» E em *jatí* diz: «Espécie de abelha, no Brasil. O mesmo que *jataí?*»

A esta dúvida responde a descrição que o sr. Henrique Silva, no seu estudo *As Abelhas do Brasil*, *in*-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, faz da *jataí:* «*Jatahi*—De duas qualidades—uma amarella e outra preta. Esta ultima costuma fazer o ninho nos cupins, e a primeira, mais abundante no Brasil, o faz commumente ao pé dos páos-terra *(Lualca)*, nos cerrados ou campos do interior. Ambas estas especies de legitimas *Meliponas* produzem excellente, saborosissimo mel que despede perfumes das nossas mais delicadas flores sylvestres ou campesinas. Em alguns Estados dão-lhe o nome de *Jatí.*»

jigo, espécie de *tôneira* ou fisga formada por um pequeno cilindro de chumbo em cuja extremidade inferior se dispõe uma corôa de alfinetes revirados em forma de anzóis. Emprega-se na pesca da lula com que os pescadores de bacalhau iscam os seus aparelhos.

Do ing. *gig* = «fisga.»

jito, excrecência na fundição, proveniente de excesso de metal que encheu o tubo conductor.

joaninha, o mesmo que «água-pé;» no conc. de Viana-do-Castelo.

joelho, troço de tubagem, em curva, para ligações e desvio de encanamento.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de vapor,** I, 86.

joiça, excremento; na Beira-Alta. (v. **Rev. Lus.,** XIV, 159).

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

julgar, ver, divisar, avistar; no Minho. «Nun *julgo* nada lá para dentro.»

juncada, «*Tavira* .. aplicando-se-lhe [ao cavalo] internamente juncadas de mel e flôr de enxofre.. O tratamento tem sido .. nos intervalos duas juncadas de mel por dia ..» —**Gaz. das Aldeias,** n.º 910.

junço, o mesmo que «êmbolo,» do cilindro das máquinas de vapor.

jurupango, «.. armou uma embarcação das que n'aquella terra se chamam Jurupangos, que são do tamanho de uma caravela pequena..» —Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. XIV.

L

labarêda, falador, o mesmo que «espalha-brasas;» em Viana. Tambem dizem *labarêdas.* «E' um *labarêdas.*»

laborar, *Poleame de laborar* é todo o poleame provido deroda ouro das que giram em volta de um *perno* ou eixo, com o movimento do cabo. (v. *surdo)*.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 35.

labrêgo, «Agora ha outra [charrua] chamada *labrêgo,* que, como a antecedente *[vessadoiro]*, tem duas aivécas *moveis* e duas *rabiças,* que servem para o lavrador a segurar e dirigir.» —Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 216.

laça, cada uma das voltas de fio que, na meia e no croché, se tomam na

agulha; na ling. familiar do Minho e tambem na de Lisboa.

ladroeira, o mesmo que «ladrão» ou «ladroeiro,»=rebento que enfraquece as plantas; no conc. de S. Pedro-do-Sul.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 911.

lamber. *Não se lamber* ou *não se poder lamber* é expressão popular com que se exprime o facto de se «estar *cheio de sôno*» ou «muito bebedo.» «Não me posso lamber com sôno!» «..vi-o aqui ha tempos na taberna de Villaverde, que se não lambia..»—Camilo. **Braz. de Prazins,** 54.

lâmpado. «fazem lampados, trovões, lançam pedras de corisco..»

Canc. Geral, II, 358.

lançamento, inclinação. «..arvorar um mastareo de gavea..com *lançamento* bastante para a suspender da borda e leva-la depois á vertical.» —**Ap. e Man. de Navios,** 110.

Lançar, o mesmo que «cobrir» (falando-se de animais); em Portalegre e Aveiro. v. **Gaz. das Aldeias,** n.º 910 e **Sec. Agric.,** n.º 78.

lanceiro, diz-se, na Beira-Alta, do caminho plano, sem declives.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

landra, íngua, tumor; no Minho.

Por *lande.*

v. João Ribeiro. **Frases feitas,** I, 176.

landrisco, ratoneiro; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

Por *ladrisco.*

laparão. «O laparão africano não é o mesmo que o laparão europeu. Este ultimo é o mormo localizado na pele.»—Paula Nogueira, in **Gazata das Aldeias,** n.º 948.

largo. *Navegar a um largo,* diz-se, em navegação, quando o vento sopra numa direcção que varia entre a perpendicular à quilha da embarcação, formando com ela um ângulo de 8 quartas ou 90.º e a linha que forma com a mesma um ângulo de quatorze quartas ou 157.º A embarcação navega, pois, *a um largo* quando o vento lhe sopra de qualquer das alhêtas.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 177.

lascado, lasca de ardózia empregada na cobertura de casas; na Beira-Alta.

Tambem como colectivo.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 734.

lateiro. (v. na 1.ª série). «*Vila do Conde*.. Tenho uma vinha em lateiros..»—**Gazeta das Aldeias,** n.º 911.

latino, latina. O **Novo Diccionário** dá a segunda destas palavras, como termo náutico, na acepção de: «vela, de forma triangular».

O «latino», «pano *latino*», ou «vela latina», pode ser tambem vela de forma quadrangular, como a do mastro de ré das barcas, a dos lugres (que tambem podem ter um pano redondo no mastro de prôa), etc. «As [velas] *latinas* são quadrangulares ou triangulares..»—**Ap. Man. de Navios,** 10.

lato, o mesmo que «caibro»; no Minho. Por extensão: «pau».

Entra no comparativo: *gordo como um lato,* referido especialmente à sardinha. «São *gordas como latos!*», ou simplesmente «são uns *latos!*».

laurestins, o mesmo que «laurentim»; em Viana.

lebre, «peça [de polcame] de madeira formada por dois moitões iguaes, unidos pelos topos, e que se colloca ligada a dois cabos fixos do apparelho. Serve para retorno dos cabos de manobra. Algumas ha de um só gorne sem roldana. Alem do goivado onde entram os cabos como alça tem a mais dois ou tres goivados nas faces para fazer as ligações ou cozeduras de merlim».—**Ap. e Man. de Navios,** 36.

lebre, rodilha ou **rôsca** é tambem uma «argola de cabo entrançado, que se enfia no mastaréu, ou pau-da-bujarrona, para servir de defesa ao massame.
levantar a lebre, é «provocar uma questão ou discussão, marcando-lhe o ponto inicial».

> «..mas pois vós, senhor cunhado
> fostes lebre levantar..»
>
> **Canc. Geral,** I, 298.

leopardo, na gíria académica de Coímbra, é o «commissário de polícia», sendo militar. Ao de classe civil chamam *onça.*

leteo, relativo ao Lethes».

> «O quem das lêteas agoas
> se fartara,
> por q mays se nam lembrara
> destas magoas..»
>
> **Canc. Geral,** III, 16.

leucorréico, que tem *leucorreia.* «Em seguida dá-me a entender que é leucorréica (isto é, que tem «flores brancas)..»— Ardisson Ferreira. *Conselhos ás Mães,* in-**Diario de Noticias,** de 2 de março de 1914.

liame, peça de madeira, empregada em construções navais geralmente, formada de uma pernada, ou tronco, com ramo secundário, donde se cortam cavernas ou ligações de peças em ângulo.

v. Barros Freitas. **Const. Naval,** II, 14.

linga. O **Novo Diccionário,** definindo esta palavra, diz: «cadeia de corda que, cingindo um fardo, se prende a uma roldana para o levantar».

Geralmente, as *lingas,* a bordo, são de corrente. As de corda ou cabo tomam o nome mais usual de *estrôpos.*

Tambem é conveniente observar que a *linga* não se prende directamente à roldana, mas engata no *gato* (v.) da corrente, ou do cabo, do aparelho elevador.

«O cadernal inferior tem um forte gato de tornel para dar num estropo de fio, ou n'uma linga de corrente..»— **Ap. e Man. de Navios,** 54.

lingua, na acepção de «interprete», foi primitivamente feminino. «E os outros dous fossem pera veer se poderiã aver algua lingoa». — **Cr. do Condestabre,** 120.

— *Pagar com lingua de palmo* é «satisfazer, forçada e integralmente, um compromisso», e tambem «sofrer represálias ou o castigo merecido pelas suas acções». «..mas ha-de pagar-me com lingua de palmo dous annos que o servi..»— Camilo. **Corja,** 38. «*Pagarás com lingua de palmo,* tudo que me tens feito!»

Ha nisto uma reminiscência dos processos empregados pela justiça, para castigar os delinqüentes, obrigando-os a *deitar a lingua de fóra* nas torturas do garrote ou da fôrca. v. **coiro.**

— *Não ter pevide na lingua,* o mesmo é que *não ter papas na lingua,* i.-é, ser franco, sincero, no que se diz, falar sem receio ou reserva. «..verião que lhe provava, sem ter pevide na lingua, que não sou dos que vendem gato por lebre».— Cav. de Oliveira. **Cartas,** I, 140.

Lingua-de-cão, cynoglossum officinale. v. Ed. Sequeira. **As Abelhas,** 263.

linguátulo, linguatulose. *linguatulose,* em veterinária, é a doença produzida por um arachnídio da família dos *Linguatulidae,* gênero *Linguatula.* Este parasito, o *linguátulo,* habita, com mais freqüência, as fossas nasais do cão, mas pode encontrar-se tambem no

cavalo, carneiro, cabra, boi, coelho, gato, dromedário, e tambem no homem.

Á *linguatulose* chamam popularmente *monquilho*, confundindo esta doença com a *esgana*.

(Inf. do veterinário sr. Antonio de Lencastre).

linguête (ghê), dente de ferro premido contra os espaços das rodas dentadas de vários maquinismos, para que estas não desandem em sentido contrário. «*Linguête* do guincho, do roquête, do lubrificador mecânico, etc.».

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 59 e 62.

Os pescadores de Espòsende chamam *linguêtes* a umas «travessas nos curvatões [do barco] que ajudam a segurar o mastro». — O **Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

lisposo, apurado, asseado no vestir; em Viana. Em Paredes-de-Coura é a «pessoa exquisitamente apurada no arranjo doméstico e nas comidas». — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 313.

lôba, individuo boçal, lorpa, estúpido; no conc. de S. Pedro-do-Sul.

lôbo. *Entre lôbo e cão,* o mesmo que «ao lusco-fusco» «..e esta noyte antre lobo e cã vierom a elle ao soveral honde pousava, dez escudeiros castellaãos..» — **Cr. do Condestabre,** 167.

lofinho, variedade de figo temporão; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias,** *para 1914,* 102.

lubrificador, aparelho automático para lubrificar máquinas.

lugre. O **Novo Diccionário** dá, desta palavra, uma definição muito vaga: «navio mercante com vários systemas de mastreação».

O lugre tem sempre tres mastros, com um mastaréu em cada um, e enverga velas latinas quadrangulares. Alguns *lugres* tem um *redondo* (v.) no mastro de prôa.

A mastreação dos lugres difere às vezas na disposição, diferençando-se assim do tipo primário. Nestes casos, porêm, à palavra *lugre* acrescenta-se o nome do navio para que tende a modificação: *lugre-patacho* — três mastros, sendo o de prôa de galera (mastro com dois mastaréus, envergando pano redondo) e os restantes com um mastaréu e velas latinas.

lugre-barca — três mastros, com um mastaréu em cada um, e latinos triangulares. Vergas e pano redondo nos mastros de prôa e grande.

lugre-escuna — três mastros com a disposição do *lugre-barca*, mas com vergas redondas só no de prôa.

v. **Ap. e Man. do Navios,** 13.

luz, abertura superior da chaminé.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** I, 51.

luzeiro, ou *estrêlo*, é o planeta Venus; em Viana.

v. **Aurora do Lima,** de 20 de Setembro de 1907.

M

macaco, macacagem. *macacos*, na linguagem familiar e infantil de Viana, são «ilustrações, estampas,» e tambem «certas figurinhas de loiça com que se adornam prateleiras, mêsas, etc.» Como colectivo empregam *macacage*. *macacage* vem a ser o mesmo que «bugigangas.»

Para abotoar as enxarcias de cabo de arame, usa-se a bordo um pequeno aparelho a que dão o nome de *macaco*.

v. **manduri.**

maçacote, especie de pequena bigorna manual que se encosta à cabe-

ça do rebite para se poder rebitar a extremidade.

v. Barros Freitas. **Const. Naval,** II, 46.

Em Portel chamam **maçacote** a uma argamassa de barro, cal e areia.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 930.

maçaneira, macieira; no Vale-do-Cóina (Palhais).

maçado. No conc. de Viana-do-Castelo chamam *leite maçado* ao «sôro de leite.»

machio, o mesmo que «morrão» (dos milharais).

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 897.

magaruça, aragem fria e húmida da manhã, que sopra do sussueste; no Vale-do-Cóina.

Por *mogaruça,* do esp. *mojar?*

magreira.

«. . dos porcos os mais são mortos de magreira e má ventura . .»

Gil Vic. **Auto Mof. Mendes.** (I, 110).

mais, nas expressões:

a) *nem mais nem menos,* o mesmo que «exactamente, sem diferença alguma.»

«. . maridos de nossas madres
né mays né menos né ponto.»

Canc. Geral, I, 306.

b) *sem mais nem mais,* sem prévio aviso, sem declaração, sem motivo aparente. «. . e assim sem mais nem mais mandaram-me ser relogio.» — D. Fr. Manuel. **Apologos Dialogais,** I, 48.

c) *mais a mim mais a mim,* ou, *a mim, a mim,* exprimem «afluência» «Estupores que me comam a abbadia são ás duzias: é a mim, a mim!» — Camilo. **Eusebio Macario,** 137.

d) *e mais* como expr. adv., no sentido de «contudo, apesar de, não obstante,» é vulgar no Minho. «. . que elle pai não sabia ler, e mais arranjava lindamente a sua vida.» Camilo. **Volc. de Lama,** 7. «. . bom catholico era elle, e mais nunca aprendera a doutrina pela *Cartilha.*» — *Ibidem,* 11.

e) *sem mais muito nem mais pouco,* o mesmo que *sem mais nem mais,* na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul).

mala-caralos. v. **manduri.**

màlavez, o mesmo que *tamalavez* (v. na **1.ª série**); no Vale-do-Cóina.

mal-contrafeito, doença provocada por bruxêdo, *mau-olhado*; no Vale-do-Cóina.

malhusca, manhusca, o mesmo que *manêlo* = «feixe de coisas que se podem abranger na mão;» na Beira-Alta.

Mais especialmente: «porção de espigas respigadas no rastolho, depois da ceifa, e que, cheia a mão, se atam (Beira).» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

Por *manuço,* de manu —.

Em Trás-os-Montes dizem *manhuço* e *manhuça,* em sentido idêntico. V. **Novo Diccionário.**

malombada, pedaços de cabos velhos e farrapos de lona das velas, sem préstimo.

Talvez *molambada,* de *molambo.*

maluquinho, pequeno pássaro amarelado; no Vale-do-Cóina.

mandaçaia. «*Mandaçaia* — abelha vermelha, pequena, mansa, bom mel. O ninho ela o faz em ôcos de pão.» H. Silva. *As Abelhas do Brasil,* in-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1912,* pag. 127.

mandaguai = **mandaguari,** espécie de abelha do Brasil, muito brava, pequena, preta com o abdome rajado, que produz bom mel, levemente acidulado.

v. **Alm. Bras. Garnier,** *1912,* pag. 125.

mandarim, mandarête, mandilho. Os

dois primeiros são derivados do verbo *mandar*. O **Novo Diccionário** regista o segundo como «*Prov*[incialismo]. *bei*[rã.].» na acepção de «moço de recados. Rapaz a quem se incumbe qualquer serviço ligeiro fora de casa; paquete.» Neste sentido, e referido, não só «a rapaz», mas tambem a «rapariga» usa-se na ling. familiar de Lisboa.

mandarim tem em Lisboa a acepção especial de «ajudante de condutor-de-automóveis.» «...a par de *chauffeurs*, que são dignos de toda a consideração, aparecem colegas e, sobretudo os chamados *mandarins*, ou ajudantes dos mesmos, que praticam abusos indignos de uma terra civilisada.»—**O Seculo**, de 16 de Dezembro de 1913.

manduri. «Ha ainda no Brasil Central muitas outras espécies, ou variedades apenas, de abelhas e vespas, como sejam as conhecidas pelo nome generico de maribondos que tambem produzem excellente mel, porem, em menor escala, como a *Manduri*, a *Uruçaboi*, a *Tiuba*, a *Macaco*, a *Guira*, a *Mosquitinho*, o *Cassunnunga*, o *Mala-caralos* e mais..»—H. Silva. *As Abelhas do Brasil*, *in*-**Alm. Bras. Granier**, *para 1912*, pag. 127.

manivario. «Seguiam-se as tendas que aformoseiam muito a praça pelo manivario de que se guarnecem..»—**Anatomico Jocoso**, 18.

manivela, peça do veiomotor, em forma de cotovelo, onde encaixa a chumaceira do tirante da haste do êmbolo.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 42.

manuscristes, rebuçados; no conc. de Espòsende.

v. *O Espozendense*, de 1 de Maio de 1913.

Por *manuscristi*=«antigo electuário de açucar com aljofre.»

mar, (v. na 1.ª série). «..com risco de desarvorar [o navio] e ser encapelado por algum mar de travez.» —**Ap. e Man. de Navios,** 189.

v. *mareta* s. v. *marèzada*.

maranha. «*Viana do Castelo*..não encontrei, no interior do cortiço, indicio algum de *maranha* ou *tinha*.»—**Gazeta das Aldeias,** n.º 909.

marear, o mesmo que «alagar»=cobrir-se, ou encher-se, de água; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez. «Campos *mareados* pela cheia».

marèzada, marèzola; marêta. *marèzada* ou *marèzola* é o preamar das águas vivas, ou as marés revoltas do rio, quando as águas são fustigadas pelo vento. De *maré*.

marêta é a onda pequena do rio, como já diz o **Novo Diccionário.** Dim. de *mar*=onda.

marmelada, espécie de abelha amarela do Brasil, pequena, muito mansa, que produz mel finíssimo.

v. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 126.

marotismo. «..perdoando compassivo as injurias que o marotismo insolente comette..»—**Anatomico Jocoso,** 7.

marranchar. «*Pala (Douro)*.. Comprando um porco para matar, ou *marranchar*, e supondo-o portanto castrado, verifiquei agora que êle é inteiro..» **Gazeta das Aldeias,** n.º 856.

marrocate. «*Arronches*.. No carro alegorico dos rurais, que representava uma choça coberta com piorno via-se no alto desta uma forquilha, em cujos dentes iam espetados dois «marrocates» (pãesinhos de centeio)..»—**Diario de Noticias,** de 4 de Maio de 1913.

martão. *Cabeça-de-martão*, cabeça grande, pessoa que tem a cabeça grande; em Viana.

martaranha. «Tambem ha [nos montes do concelho de Paredes-de--Coura] a raposa, a martaranha (martha), o tourão, e o teixugo.» —Alves da Cunha. **Paredes de Coura**, 226 (nota).

martinho, variedade de figo vindimo; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias,** *para 1914*, 103.

massa, parte do volante, das máquinas, que forma a circunferência. Esfera metálica na extremidade dos reguladores do pêndulo cónico, nas máquinas de vapor.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 52.

massame, base, ou socalco, de argamassa e pedra, em que assenta a betonilha, ou que é destinado a suporte de construção; em Lisboa, Seixal, Barreiro, Vale-do-Cóina. «O pedreiro o que tinha a fazer na parreira era altear os massames dos prumos do lado da volta ao nivel dos massames do lado esquerdo...» —*Cartas de Alexandre Herculano* (IV), in-**Revista de Historia,** II, 265.

matalote, rapaz espigado, alto, desenvolvido.

mateiro. v. **talha** (na 1.ª série).

meças. *Pedir meças.* «Quanto à corrupção, vivos e mortos podem pedir messas». — Camilo. **Seroens S. Mig. Seide,** I, 60.

mecha. «... a cavidade praticada na peça [nos entalhes ou samblagens] é a *mecha* ou *mortagem* e a parte da peça que entra nessa cavidade é a *respiga*...» —Barros-Freitas. **Const. Naval,** II, 17.

medalha, vestígio de ferida, na pele; em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

medrilho, qualidade daquilo ou daquele que medra, que engorda; no Minho. «Este boi tem sido de bê *medrilho*».

meia-cana, diz-se de um perfil de barras metálicas em segmento de círculo. «Ferro e aço macio em barras chatas, redondas, quadradas.. e de 1/2 cana». —**An. Commercial,** p.ª 1911, pag. 1164.

meia-esquadria, instrumento de carpinteiros para traçar a meia-esquadria, i-é, a bissectriz de um ângulo recto.

caixa-de-meias-esquadrias, espécie de calha de madeira, com ranhuras apropriadas, em que os carpinteiros e marceneiros fazem cortes de meia-esquadria em fasquias ou molduras.

à meia-esquadria, em sentido diagonal.

melão. «Não sei ao certo qué doença é a que nas nossas provincias tem o nome vulgar de *melão*. Se é, como suponho, um eczema...» — Paula Nogueira, in-**Gazeta das Aldeias,** n.º 939.

~~**melha.** «Não vos errar uma melha...»~~

Canc. Geral, I, 430.

merendeira, pequeno pão que as mulheres fazem, quando amassam, para dar aos filhos; no Vale-do-Cóina.

merendil; pequena refeição antes da ceia, depois da hora da merenda; na Beira Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

mèstal, planta das praias da ria de Aveiro. Parece ser uma *Statice*, cujo nome vulgar é *limónio*.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 928.

mestra, chamam os pedreiros, em Lisboa e no Vale-do-Cóina pelo menos, ao ponto de nivelamento feito em argamassa. nas paredes ou no chão, para regular a espessura e desempenamento do revestimento de rebôco, ou dos pavimentos de betonilha).

~~*mestra*, como adjectivo, equi-~~vale a «principal»: *parede-mestra; casa-mestra;* etc.

metálico, o mesmo que «aro» ou empanque do êmbolo: nos cilindros das máquinas de vapor.

mexilhão, intrometido; conhecedor do assunto.

> «..sse falarem em amores
> ahy sões vos myxylhão».
>
> **Canc. Geral,** II, 94.

mideiro, emideirar, desemideirar. *mideiro* é um monte de espigas de milho; em Paredes-de-Coura. «Rodeia-se o *mideiro* e ahi começa o labor..». Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 213.

No conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez *mideiro* é a mêda, de feixes de cereal, de forma cónica; *emideirar* é colocar os feixes em *mideiro*. É assim *desemideirar*.

mielada. «...quando na primavera a seiva começa a circular activamente nas árvores é que a secreção se acentua, dando uma soberba alimentação às abelhas, a que se dá o nome de *mielada*».— Eduardo Sequeira, *in*-**Gazeta das Aldeias,** n.º 923.

mijar. *mijar fora do têsto*, ou *dos têstos*, o mesmo que «deitar as mãozinhas de fora,» atrever-se a um procedimento incorrecto, abusar. «..foi-me necessario respingar, vendo que me mijavão fora dos testos..»—Cav. de Oliveira. **Cartas,** I, 140. v. D. Fr. Manuel. **Apologos Dialogaes,** II, 108.

mira-ovos, aparelho em que se verifica a fecundação dos ovos, por transparência, ao quarto dia de incubação.

v. **O Seculo Agricola,** de 28 de Junho de 1913.

miúdos, significava antigamente o «o povo;» em oposição a *grandes*, que eram os nobres. «..porque os grandes todos eram chegados e criados da raynha.. e os miudos eram por parte do mestre.»—**Cr. do Condestabre,** 58.

gente miuda. «..dos castellos das menagees das villas que as gentes miudas tomavam por força..»—*Ibidem*, 59.

povo miudo. «..porque todo o povo miudo do reyno dizia..»—*Ibidem*, 103.

mô. *mô-de-baixo*, pessoa indolente, calaceira; em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

mocadão. «O mocadão da masmorra, que era o carcereiro d'aquella prisão..»—Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. VI.

môfa, fagulha; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

moleira, moleirinha. *moleirinha* é a «fontanela;» na ling. fam. de Lisboa, pelo menos. *Por o sal na moleirinha* ou *na moleira*, é o mesmo que «fazer perder a paciência, arreliar» «Vede a labia.. com que nos quer dar com o mel pelos beiços depois de nos pôr o sal na moleyra.»—Cav. de Oliv. **Cartas,** I, 141.

molhelhas, são chumaços de fios de linho, ou de pita, com que se forram, de espaço a espaço, os amantilhos da retranca, para evitar que rocem na vela. Tambem lhes chamam *defesas*.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 71.

mombuca. «*Mombuca*— Abelha preta, pequena, é de todas a que produz maior quantidade de mel. Constrói a casa no ôco de páos. Segundo o sr. Ihéring há mais de uma espécie de *Trigona* com este nome de mombuca—sendo que uma das que elle conhece faz o ninho no chão e, portanto, não é a de que tratamos.»—H. Silva. *As Abelhas do Brasil*, in-**Alm. Bras. Garnier,** para 1912, pag. 126.

monquilho. «*Ourondo*.., [as ovelhas] espirram a miudo e expelem mon-

quilhos...» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 940.

monquir, comer; na ling. pop. de Espòsende.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

montado. Nas charnecas do Vale-do-Cóina chamam *montado* à importancia paga ao proprietario do terreno pelo mato que nele se corta.

montar, no sentido de «importar, valer, influir», usa-se na expressão *tanto monta*, que quere dizer o mesmo que «tanto faz, tanto importa», seguidos de um comparativo. «Tanto lhe monta dar-te a casa como a mim pagar-te um quarteirão de agua-ardente.» — Camilo. **Braz. de Prazins**, 209.

> «...tanto monta se agora
> contemplares aquela hora
> como se agora passara.»
>
> Gil Vic. **Auto da Fé** (I, 71)

Nas frases em que a expressão se emprega sem comparativo, tem porêm força de negativa, subentendendo-se aquele com valor infimo. «Isso *tanto monta?*» i-é, «não importa, não influi, não faz ao caso,» equivalendo a «isso vale tanto como nada; como um fósforo; como um caracol.»

No **Cancioneiro Geral** diz um poeta despeitado, «nam estando bem com sua dama»:

> «Vosso bem tanto me monta...»
>
> (II, 134).

monte. *De monte a monte.* «...o rio, de monte a monte, rugia intransitavel...» — Camilo. **Braz. Prazins**, 214.

mordente, ressalto de certas peças, especialmente cilíndricas, que encosta à face do orifício ou ranhura em que elas entram.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 40.

morto. *Mais morto que vivo*, o mesmo que «cansado, sem energia; assombrado por comoção violenta.»

> «Vyve mays morto q vivo
> o llyvre que se catyva...»
>
> **Canc. Geral**, I, 237.

motano, molhos de rama-de-pinheiro; no Vale-do-Cóina. É um colectivo.

Referido a Salvaterra-de-Magos, lê-se no n.º 925 da **Gazeta das Aldeias**: «...mandando derramar os pinheiros para fazer motano...»

mujueira, rêde que se firma em estacas, na baixa-mar, para a pesca dos mujos, taínhas, robalos, solhas, etc.; em Espòsende. Tambem lhe chamam *feiticeira*.

v. **O Espozendense**, de 5 de Junho de 1913.

muleteiro, pescador, das *tartaranhas* do Seixal.

De *mulêta*, antigo barco de pesca.

mulher-de-casa, o mesmo que «dona de-casa» ou «governadeira-de-casa.» «Sim, fallas bem, has-de ser uma grande mulher de casa!» — Bento Moreno. **Comedia do Campo**, II, 27.

mundice. «ella attrahia á choupana não só homens, mulheres e creanças indemoninhadas mas tambem o gado, ou *mundice*, como lá dizem...» — Camilo. **Bruxa do Monte Cordova**, 209.

mundo. *Fôr-se no mundo*, no sentido de «fugir», não é só usado em Trás-os-Montes, como vem no **Novo Diccionário**, mas tambem no Minho. «Depois do criminoso acto, *poz-se no mundo*, não sendo até agora encontrado.» — **Vida Nova** (Viana), 12 de Agosto de 1913.

No Brasil (Minas) dizem no

mesmo sentido *roçar mundo*. v. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 418.

murraça. (v. na 1.ª série.) «..brita de calcareo rijo, murraça e granito..» — **An. Comercial,** para 1913, pag. 1205.

N

nabo, o mesmo que *junço* (v.) das bombas; a bordo.

namorada, diz-se da rapariga «seduzida»; no conc. de Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

Camilo, nos **Mysterios de Fafe,** pag. 103, nota, dá a palavra, neste sentido, como de uso geral no Minho: «*Ser namorada* equivale a *ser mãe illegitima.* Phrase aldeã e minhota..»

narcisar. «..encalamistravam os bigodes e narcisavam as cabeleiras frisadas nos espelhos do Café-Guichard..» — Camilo. **Seroens S. Mig. Seide,** II, 11.

nana. Nas Vendas (Azeitão), em ling. fam. «fazer *nana*» é «dormir.»

v. **nanar**, na 1.ª série.

nervo, nervura. Os *nervos* ou *nervuras*, nas encadernações, são saliências transversais nas lombadas dos livros, que correspondem a fingidos cordões da costura.

nervuras são tambem saliências ou costelas, que partem do centro para a periféria do tampo do cilindro das máquinas de vapor, para lhe assegurar resistência à pressão.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 9.

Em mecânica, de um modo geral, *nervos* ou *nervuras* são saliências ou contrafortes que asseguram a resistencia de uma peça metálica.

nisco, nisquinho, o mesmo que *chisco* (v.), *chisquinho*.

nomear no sentido evidente de «louvar,» encontra-se este verbo em vários passos antigos:

> «..ca depoys eu creo bem
> que vós me nomeares [*âs*=eis]»
>
> **Canc. Geral,** I, 185.

> «..& vos me nomearês [*ês*]
> se levaes este caminho.»
>
> *Ibidem*, I, 179.

v. tambem Gil Vicente, na **Nau de Amores,** (II, 314).

norça, articulação dos braços, ou das pernas; no Vale-do-Cóina.

(v. na 1.ª série).

nozilhão. «*Chaves*.. Peço a V. o obséquio de me dizer qual o processo que devo empregar para destruir o escalracho ou nozilhão, que me invadiu umas propriedades.» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 909.

O

obra. «Nas [velas] redondas [v.] a palavra *obras* indica o conjuncto dos cabos de manobrar velas; comprehende esta forma de dizer as carregadeiras e escotas das latinas. Assim se dirá *obras do gavia*, *obras de joanete*, *obras de latino grande*, *obras da giba*, quando se quizer *carregar* qualquer das velas indicadas.» — **Ap. e Man. de Navios,** 90.

oiro-moiro, lâmina de latão, muito delgada, que se emprega em serralharia.

olga. «*Vimioso*.. Tenho uma propriedade com exposição ao sul e que tem olga e barreira. (Por olga entende-se aqui a parte do terreno fundo e bom, e por barreira a parte mais fraca e inclinada)..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 911.

olho, olha, olhal, olhar. (v. **olho**, na

1.ª série). «E chave com que abrir os olhaes do cepo?—perguntou frei Manuel.» —Camilo. **Bruxa Monte Cord.**, 63.

olho-marinho é o mesmo que *olheiro* (v. na 1.ª série) «.. bebeu, com a escorrencia absorvente de um olho-marinho, muita aguardente.. » —Camilo. **Braz. Prazins**, 46.

— *trazer d'olho.* «.. que lhe convinha muito comprar a quinta da Ermida e havia outro brazileiro que a trazia d'olho.»—Camilo. **Braz. Prazins.** 246.

— *de encher o olho*, excelente, apetitoso, agradável à vista; diz-se, mais restrictamente, da mulher perfeita, de formas opulentas. «Está uma mulher de encher o olho!—disse frei João..»—Camilo. **Sereia**, 93.

dar d'olho, o mesmo que «piscar o olho;» no Minho.

olho-da-rua. «O unico desamparo que sentimos é de carruagens de estrondo, e não ha achar um urco por um olho da rua..»— **Anatomico Jocoso**, 81.

olho mau. «..e deu olho mau por ellas..» Gil Vic. **Aut. Mof. Mendes** (I, 112).

olhar para dentro, na giria de Lisboa, como na do Brasil (Minas Gerais) [v. **Alm. Bras. Garnier**, *para 1912*, pag. 417], siginca «dormir.» Cp. o *argot: voir en dedans* =«s'endormir.» v. A. Bruant. **L'Argot au** XXe **siecle.**

olho-de-perdiz diz-se de uma variedade de figo temporão; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias**, para 1914, 102.

onda. «O povo [na Figueira-da-Foz] costuma dizer dum individuo atacado de hidrofobia; «está co a onda!»—Martha-Pinto. **Folclore da Fig. da Foz**, II, 21.

oqueá. «A todos quatro nos mandou dar vinte oqueás douro que são duzentos e quarenta cruzados..»—Fernam Méndez. **Peregrinaçam**, cap. IV.

orçada, guinada, do navio para barlavento.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 175.

ostreícola, relativo à ostreicultura.

ourêlo, o mesmo que «chinelo-de-ourêlo.» «Em mangas de camisa, meias azues de lã e ourelos achinelados..»—Camilo. **Braz. Prazins**, 73. «..vestia-se n'um desalinho improprio, calçando os ourelos sem meias..»—Bento Moreno. **Com. do Campo**, II, 21.

outro. *Como o outro que diz* é formulêta que antecede e justifica um anexim, autorizando-o com a concepção e aceitação geral.

O *outro* é o espirito de observação filosófica do povo que vai aos casos normais da vida buscar o exemplo comparativo de que se tiram conclusões gerais.

A personificação e autonomia dos conceitos expressa-se nesta entidade indeterminada e vaga— *o outro.* É o *homem*, que na linguagem antíga equivalia a pronome indefinido, empregado em comparações ou conclusões que se aplicavam de um modo geral, precedendo a formação e uso do *enxempro*, do *sengo*, do *rifão*, da *palavra*, do *verbo*, etc.

Esta forma *homem, home, ome, om'*, do lat. homo, corresponde ao pronome indefinido francês *on*, que tem a mesma origem.

Como homem diz era a fórmula usual, que antecedia ou seguia um conceito, determinando-o. Equivalia a *como se costuma dizer.*

As expressões populares *cum'ó ôtro que diz*, ou *cumo diz o oitro* equivalem ao cast. *como el otro que dijo* e ao fr. *comme on dit.*

O *outro* é a pessoa indeterminada mas insuspeita, é o *exemplo*,

a verdade velha, o *sengo* (lat. senicus) o *bom sengo*, o *sengo sabichoso*.

> «Quero-m'ora levantar,
> diz o sengo sabichoso:
> bom he ás vezes fallar..»
>
> Gil Vic. **Juiz da Beira** (III, 182.)

Como a velhice é a experiencia da vida, veio a atribuir-se-lhe o ditado salutar para o gravar mais impressivamente no espírito. *Dizem as velhas* era pois tambem o intrôito dos anexins, porque realmente as velhas são e foram sempre copiosos adagiários em que se revela o espírito filosófico do povo. «E sabeis que dizem as velhas?: Aquelle andará pelas callejas, que não ha igual renda com as despezas.» — Jorge Ferreira. **Ulisipo,** a. I, sc. I.

P

pàdar. *Ao seu pàdar*, o mesmo que «à sua vontade, ao seu gosto, ao seu arbítrio.»

> «todo he contraminado
> ....
> ha vontade do paadar..»
>
> **Canc. Geral,** I, 117.

padela, vaso largo e baixo, de barro escuro, para ir ao forno; na Beira-Alta (conc. de S. Pedro).

Cp. o esp. *padilla*.

padrão. «[o enxêrto de garfo] faz-se em Abril, quando o porta-enxêrto, que mais vulgarmente se chama *padrão*, *cavalo*, e tambem *prumagem* se encontre em estado de vegetação mais adiantada que a do garfo.» — **Alm. das Aldeias,** *para 1914*, pag. 99.

pafó, mascarado; em Bragança.

paixão, é o nome dado a um sistema de arreigadas, nos cadernais inferiores dos aparelhos riais, e nos moitões de retorno dos tiradores, fixas nas vigas de bombordo e estibordo do porão das barcaças de querenar. Estas vigas das barcaças chamam-se *vaus da paixão*.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 229.

palanquim, janela de sacada; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

palavra. *Homem de solta palavra*. «..ca elle era home de solta palavra e porem assaz valente..» — **Cr. do Condestabre,** 115.

palavras soltas. «Antã Vaãz se anojou e de praça disse ao Cõde pallavras muy soltas as quaes lhe o Cõde soffreo muy benignamẽte...» — *Ibidem*, 141.

paleira, certã; no conc. de Espósende

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

palha, palhiça, palhiço, palhuço; palheta; palito. *palhiça* é o mesmo que *palhiço*. «..tira-la da palhiça podre em que estava para o berço em que fora creado seu pae.» — Camilo. **Vol. de Lama,** 263. Mas *palhiço* não é só «palha traçada ou moída, palha miúda, colmo.» «..o *palhiço* é o adubo proveniente de vegetais apenas em meia decomposição.» — Ed. Sequeira, *in*-**Alm. das Aldeias,** *para 1914*, pag. 84.

No sentido de «palha miúda, palhiço,» dizem *palhuço*, em Chaves. E tambem em Penedono (v. **Rev. Lus.,** XII, 315).

palhêta é tambem, no Minho, o mesmo que *espicha* = «lâmina de osso ou madeira que aperta a estriga na roca ou rocada.» v. **aguilheta.**

palha, em ling. marítima é a «espessura (dos mastros).» O mesmo se poderá dizer em relação aos mastros, á sua altura ou *guin-*

da, á sua espessura ou *palha* ..» — **Ap. e Man. de Navios**, 11.

em palha velha — «(pôr, fazer, ficar) *em palha velha*» — quere dizer o mesmo que «em fanicos, em cacos.» — .. *Paredes de Coura*, 29. A habitual pacatez d'esta villa foi alterada pelo facto de uns individuos .. terem assaltado a typographia e redacção de «A Voz de Coura» «Pozeram tudo em *palha velha*» — **Aurora do Lima**, de 30 de Outubro de 1913.

por dá cá aquela palha. Dá cá aquela palha é o motivo fútil, o incidente de escassíssima importância, de que se servem os que buscam provocar questão, às vezes com razões reservadas.

Já o diz Camões no **Filodemo**: «Logo me parece moça brigosa que por dá cá aquelas palhas dará e tomará quatro espaldeiradas ..» — a. V, sc. II.

E Jorge Ferreira, na **Eufrosina**: «..por dá cá aquela palha vos deshonrão ..» — a. II, sc. III.

palha, como o fr. *paille*, o esp. *paja*, o it. *paglia*, é tomado no sentido de «coisa sem préstimo, sem valor,» em expressões depreciativas como *não valer uma palha, não dar uma palha* (em troca de qualquer coisa); como lá se diz na **Eufrosina**: «Mais vos digo, senhor, que não dou pelo vosso direito aquela palha ..» — (a. V, sc. VIII), e no espanhol de Encina:

«todas no valen dos pajas ..»

Teatro, 6.

Provocar, pois, questão com pretexto do pedido de uma *palha*, que tanto vale como nada — *por dá cá aquela palha*, — denota génio assomadiço, intenção reservada ou condição ruím.

Expressões como *não levantar, não mover, não mexer uma palha*, indicam «indolência, preguiça, inacção.»

Pela mesma razão, ou por convergência de sentido, o *fumo de palha, ou lume de palha* (1), como o *feu de paille* e o *lumbre de pajas* (2), denota o ardor ou zêlo de palavras ou acções que pouco duram e se esvaem como fumo passageiro.

tomar a palha, ou *a palhinha*, é o mesmo que «motejar, escarnecer,» como vem em dois passos do **Anatomico Jocoso**: «..tirando a palhinha com todos ..», e no prólogo da **Eufrosina** «..com tudo aconselharvos hia não travardes palha comigo, que não sofro duas em colo.»

Do «jogo da palha» que era jogo de azar e consistia em reùnir duas palhas, de comprimentos diferentes, cujas extremidades desiguais se escondiam na mão, oferecendo-se as outras ao palpite do contendor, veio a expressão *tomar a palha*.

tomar a palha era relegar ao acaso a arbitragem de uma contenda que às vezes incidia sôbre o direito de primazia. De um modo geral quem requeria esta prova era aquele a quem assistia o direito na questão. Daí considerar-se o *tomar a palha* como condição de superioridade de situação, derivando-se, naturalmente, para um conceito de sagacidade e perspicácia pouco vulgares, ou melhor,

(1) «.. e porque vejais que não falo a lume de palhas ..» — Jorge Ferreira. **Ulisipo**, a. I, sc. I.

(2) «..no estás a lumbre de pajas ..»

Encina. **Teatro**, 11.

de astúcia e velhacaria, atribuidas ao jogador que, servindo-se de tricas e ardís, consegue *ganhar sempre*, zombando dos parceiros. Assim me parece que se explica o *tirar a palha, travar palha*, e posteriormente talvez *palhetar*, no sentido de «iludir, escarnecer, motejar.»

tirar ou tomar as palhas (por alguem) é vir em seu auxílio ou desforço, como se se quisesse correr o risco da sorte, no «jogo da palha», para garantir a imunidade de um dos contendores — substituí-lo na questão, é evidente.

Recordo-mo ter lido ha tempos, não sei onde, que *palhas* está, nesta expressão, em lugar de *páreas*. Não sei a razão nem me parece necessária.

tam fino que toma as palhas, dizia-se de quem revelava perspicácia e esperteza pouco vulgares, como quem mostra a sua superioridade e agudeza de espírito no *tomar a palha*. «... tendes os espiritos mui grosseiros e os meus tomão a palha de finos...» — **Eufrosina,** a I, sc. I.

Não pára, porêm, aqui a evolução curiosa deste conceito. Assim *fino*, tomado no sentido de «sagaz, perspicaz, penetrante,» não deixou contudo de conservar o significado próprio de «delgado, pouco espesso,» em momentos em que a expressão apresenta a característica de um sentido duplo, que lhe cede força e elegância. V., por ex., no **Canc. Geral:**

«deve trazer eramynhola
....
tam fyna que tomas palhas...»

i.-é, «de tecido *muito fino*,» empregando-se aqui para realce, uma expressão em que *fino* aparece no sentido de «sagaz.»

pana, paneiro; ino. *pana* é cada uma das divisões ou tabiques provisórios em que se divide, de bombordo a estibordo, o porão dos navios empregados na pesca do bacalhau, para arrumação do sal ou peixe.

Por sua vez cada uma destas divisões subdivide-se em três que tomam o nome de *inos*.

Respectivamente, do ingl. *pane* ou *panel*, e *bin*.

paneiro não é só o «solho móvel à ré dos pequenos barcos,» como diz o **Novo Diccionário.** Geralmente todas as embarcações de carga e as de passageiros, teem *paneiros*, ou estrados móveis, que lhes cobrem as cavernas. As grandes fragatas de carga, do Tejo, teem *paneiros*, de pôpa à prôa.

Em Espòsende dizem tambem *panas*, neste sentido. v. **O Espozendense,** de 5 de junho de 1913.

panal. «...não sey se será para venderem em Mayo [a palha] a cruzado o panal...» — **Arte de Furtar,** 63.

v. **pano.**

panada. «...esfalfados de aquela correria, com a panada do dinheiro em o bolso derreado dos casacos...» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 41 (Açores).

panela, cilindro vasado, de ferro fundido, de diâmetro váriável, de que se tiram, ao torno, aros ou metálicos (v.) para os êmbolos das machinas de vapor.

«[*Panela*] assim se chama a uma manga de ferro de pequena altura, a qual pode enfiar pelo galope do mastareo até descançar na romã.» — **Ap. Man. de Navios,** 81. A *panela* assenta na pêga do mastareu do joanête e serve de suporte às encapeladuras.

pano. «A *palha* mede-se aos pannos: o panno tem 4 arrobas no Ribatejo, e 7 ou 8 nos arredores

de Lisboa.» — Mag. Peixoto. **Trat. Prat. de Contab.**, 124.

—— *pano para mangas*, quantidade apreciável (de qualquer coisa), abundância.

> «..bem vestida quando apenas
> tinha pano para mangas
>
> P. Brandão. **Pinto Renasc.**, 83.

—— *pano*, ou *paninho*, *de-armar*, pessôa ou coisa fraca, débil, sem resistência; coisa sem valimento, mal feita. «Estas raparigas d'agora são uns paninhos de armar..» — Bento Moreno. **Com. Campo**, II, 28.

> «..nam gastava sua renda
> em nenhuũ pano darmar..»
>
> **Canc. Geral**, II, 345.

pão. *pão-podre*, espécie de regueifa; no Minho. «..mandavam ás cachopas lenços para a cabeça e regueifas de pão podre..» — Camilo. **Braz. Prazins**, 54.

—— *pão-leve*, o mesmo que «pão-de-ló;» na Beira-Alta, e Minho (?). «Remexendo n'uma papelada encontrou uma brôa de pão-leve esquecida..» — Bento Moreno. **Com. do Campo**, II, 28.

—— *pão-por-Deus*, pão, que no Minho se dá aos pobres, no dia-de-todos-os-Santos. Por ext.: qualquer coisa que, por costume, se oferece nesse dia.

papoilas = papoias. «*Papoilas*, são peças de poleame, semilhantes a moitões, alceados de ferro, e fixos a duas barras nas mezas de malaguetas a meia nau, e por ante a ré dos mastros. Servem de retorno aos cabos de manobra do velame.» — **Ap. e Man. de Navios**, 36.

paquete «..uma mulher que serve de paquete dos bois (guia).. (Taboaço).» — Leite de Vasconcelos. **Trad. Pop. de Port.**, 28.

par. «*Par* é a perfeita igualdade que existe no toque, no peso, e no valor intrinseco da moeda de dois paizes.» — Mag. Peixoto. **Trat. Prat. de Contab.**, 316.

Diz-se «(cambio) *ao par*, *abaixo do par*; *acima do par*.»

—— *um par*, toma-se às vezes, como quantidade indeterminada. «Se o rapaz fosse creado com as leis e costumes de ha quarenta annos, os namoros custavam-lhe um par de trochadas boas..» — Camilo. **O Sangue**, 44.

pardo, é o rebôco ou chapada que se dá nas paredes, antes de estucar ou dar o *esboço* (v.).

—— *em pardo* diz-se das parêdes a que falta o *guarnecimento* (v.) ou estuque.

Gil Vicente fala de *casas pardas*, como seriam as do povo, na **Exortação da Guerra**:

> «Não queiraes ser genoeses
> senão muito portugueses
> e morar em casas pardas..»

pareeente. *Bem-parecente.* «..e assaz de be pareçente molher.» — **Cr. do Condestabre**, 206.

paridade. «*Paridade* ou *par proporcional*, é a correspondencia que resulta da avaliação do cambio de duas praças por intermedio de uma ou de muitas outras.» — Mag. Peixoto. **Trat. Prat. de Contabilidade**, 454.

parte. «..cavaleiro de sua casa, homem de muitas partes, e bem suficiente para aquelle cargo..» **Peregrinaçam**, XX.

particular. A ling. popular emprega a expressão *nesse*, ou *neste particular*, no mesmo sentido de «por esse lado, debaixo desse modo de ver.» «..n'este partcular não ha dúvida que é um tolo a limpeza de uma casa.» — **Anat. Jocoso**, 110.

passa, diz-se de uma variedade de figo temporão; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias,** *para 1914*. 102.

passarinhar, na ling. fam. de Lisboa, é «passear, dando voltas repetidas no mesmo trajecto.»
por *passinhar*.

passeio, espécie de grampo que limita o curso dos fechos ou tranquetas, nas portas das fornalhas das caldeiras de vapor.
v. **Nom. de Cald. e Mach.**, I, 3.

pastel. «..por ser a fazenda fardos de tintas, como cá é o pastel..» Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** I, 11.

pastorizador. «Prensas de diversos systemas, esmagadores, desengaçadores, pastorizadores, etc.» —Anúncio da «Companhia Perseverança,» de Lisboa; *in*- **An. Commercial,** *para 1913*, pag. 1427.

patacoada, pàteta, pacóvio; gabarola. «Anda d'ahi meu patacoada!» —Camilo. **A Sereia,** 35.

patarrás. A definição que o **Novo Diccionário** dá desta palavra é, modernamente, imprópria: «calabre que amarra os mastros ao costado da embarcação.»

patarrases são hoje, simplesmente, os cabos ou correntes que agùentam o gurupés para a borda. «*Patarrazes* são duas correntes de ferro destinadas a segurar o gurupez para baixo e para as bochechas do navio. *Contra-patarrazes* são correntes similhantes dadas de reforço aos patarrazes.» —**Ap. e Man. de Navios,** 59.

patrão, na ling. popular é o mesmo que «tio,» i-é, «qualquer pessôa (de que se não cita o nome).» «Olhe que não me mette medo, patrão!»—Camilo. **Volc. de Lama,** 57.

pau. *pau-de-cabeleira* é, na linguagem popular, aquele que encobre ou patrocina entendimentos amorosos.

Nas **Cartas** do Cav. de Oliveira (I, 157) aparece a expressão em outro sentido: «Este páo de cabeleyra he o homem mais polvilhado que vi na minha vida.»

pau-de-carga, aparelho fixo ao mastro do navio, com que se fazem as cargas e descargas do porão. v. **Ap. e Man. de Navios,** 103.

paus-de-cutelo, «são varas auxiliares, de secção circular, adelgaçando para o lais de fora, collocadas nas vergas de papafigos e de gavea, e destinadas a augmentar o comprimento da verga quanse empregava pano auxiliar, para offerecer ao vento bonançoso maior area de velame. Hoje são pouco usados, e alguns navios de guerra apenas os conservam no traquete e gavea grande.» —**Ap. e Man. de Navios,** 23.

paz-de-alma, alem de significar «pessoa indolente, inerte ou pacífica,» quere dizer tambem a própria indolência ou serenidade de espirito. «Ali fiquei na *paz d'alma* que a solidão favorece.» .. « aquela paz d'alma com que se senta á mesa, deixando sempre os pratos mais limpos do que vieram..» **Anat. Jocoso,** 110.

pé. *De bom pé*, diz-se do navio que tem bom andamento. «O mesmo poderá acontecer para que um navio *ronceiro* acompanhe outro de *melhor pé*..» —**Ap. e Man. de Navios,** 198.

pé-de-galinha (v. *pé*, na 1.ª série) chama-se tambem, a bordo, a um cabo curto, amarrado pelas extremidades em pontos próximos, formando seio a que se liga outro cabo. «Dá-se a cada um dos fluctuadores na face da ré um pé de galinha com sapatilho abotoado no seio, ao qual se fixao gualdrope..»—**Ap. e Man. de Navios,** 222.

peanha, o mesmo que «carlinga» (v.), da embarcação; em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

peça, porção, quantidade indeterminada. «...e outros grandes com peça de gente estam no Crato.. hindo peça delles mal feridos.. e peça de beesteiros e piões..» — **Cr. do Condestabre,** 65, 82, 147.

«porção de tempo» — «.. e depois que se catarõ grande peça saudarõsse..» — **Texto Critico das Lend. dos S. Barl. e Josaf.,** 43.

Em Espòsende chamam *peças* a umas rêdes de 25 braças, empregadas na pesca da sardinha. v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

pedraceiro, v. **vento.**

pedreiro, ave semelhante à andorinha), *(Cypselos apus.)* Tem mais os nomes vulgares: *ferreiro, gaivão, guincho, zirro, papalvo, arvião, andorinhão, catavento, andorinha-das-torres.*

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 613. «*Gouveia*.. Tenho uma vinha e todos os anos tem sido atacada, um bocado, pelo pedreiro ou pulgão, a ponto de ficarem algumas varas cegas de todo.» — **Gaz. das Aldeias,** n.º 899.

pêdro, intestino-grosso do porco (v. **Rev. Lus.** XIV, 162).

chouriço-do-pêdro é a «chouriça-de-verde» a que o *pêdro* serve de envólucro. No Minho.

No conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez *pêdro* é o chouriço de lombo, feito com o intestino grosso do porco.

peitar, não era só, alem de «subornar», o mesmo que «pagar, satisfazer.» *peitar* era tambem «gratificar» ou «dar alguma coisa mais sobre o pagamento, a título gracioso».

«Pois Deus quer que pague ó peito tam daninha pegureira..

Gil Vic. **Auto Mof. Mendes** (I, 113).

peituga-enguião. «Era um benzer-se a gente ver um animal assim [refere-se a um porco] e com uma tal porção de arrobas de toucinho, que já mesmo em vida promettia ser apetitoso; ditosos os dentes que se enterrassem n'aquelle enguião ou n'aquella peituga!» — Moraes Pessanha. **Alfandega da Fé.**

Cf. *peyouga,* no **Elucidario.**

pelaço. v. **coiro.**

película, o mesmo que «fita». v. **fita** (na 1.ª série).

pena. «Nas velas latinas triangulares *pena* é o *punho* [v.] superior; e nas quadrangulares é o punho exterior do gurutil.» — **Ap. e Man. de Navios,** 41.

penacho. v. **brincalhêta.**

peneira, o mesmo que «pelintra,» ou «pedante»; no Minho.

No **Espozendense,** de 1 de Maio de 1913, vem a palavra, nesta acepção, como termo de Espòsende. Ouvi-a assim em Viana.

penitra, lasca de lousa; em Espòsende. «jogo da penitra» é o mesmo que «jogo da malha» ou «do fito», empregando-se lascas de lousa em lugar de placas de ferro.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

pensoso, «..e era muy pẽsoso Nunalvrez como poderya aver a villa..» — **Cr. do Condestabre,** 93.

percalcionado. «A civilização da segunda colonia beocia foi mais percalcionada, morosa e fatigante..» — Camilo. **Seroens S. Mig. de Seide,** I, 18.

percebimento, preparativo, arranjo. «..e acerca da guerra dos Turcos, que já tynha pubrycada, e pera que tynha feitos muytos percebimentos.» — **Ineditos de Hist.**

Port., I, 453. «..mandou elrey poer recados e percebimẽto em todallas fortalezas..» — **Cr. do Condestabre,** 113.

perilhão. «A lagarta da videira (*Fortrix Pilleriana*, Schiffez) é tambem frequentemente conhecida pelas denominações vulgares de *pyrale* ou *perilhão*.» — Pereira Coutinho. *in* — **O Seculo Agricola,** de 10 de Maio de 1913.

pernête, espécie de cavilha metálica, aguçada em uma das extremidades, e empregada especialmente construção de navios.

v. Barros-Freitas. **Const. Naval,** II, 21.

perro, chamam os marítimos, em Espòsende, a um «ferro que se fixa num olhal para segurar a ostaga da verga.» v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

peso. Na prática do comércio usam-se certas convenções, com relação ao peso das mercadorias e seus envólucros, as quais se designam por expressões em que entra esta palavra. Do **Tratado Prático de Contabilidade,** do prof. sr. Magalhães Peixoto, julgo conveniente extraír e deixar aqui registadas estas definições:

peso-bruto, é o peso de qualquer mercadoria com o seu envólucro.

peso-líquido, é o peso bruto, menos a tara e o bom-peso, quando o haja.

bom-peso, é um tanto a mais no peso, a favor do comprador, para compensar a quebra que o peso primitivo possa sofrer.

tara, v. **tara.**

Estas convenções enumeram-se, geralmente, por abreviaturas:

Peso .... *P.º*
Peso-bruto....... *P.º B.º*

ou, simplesmente:

Bruto.......... *B.º*
Peso líquido..... *P.º L.º*

ou, simplesmente:

Líquido .... *L.º* ou *Líq.º*
Bom-peso........ *B. P.º*

A linguagem corrente emprega a expressão *a peso de oiro* para significar «custo elevado».

«Homem de potro çinzento
que comprou a peso douro..»

Canc. Geral, II, 348.

petar, petadela, petilhar. *petar* significa tambem «picar»; no Minho (v. **Rev. Lus.,** XIV, 163). «Os pitos *petam* tudo que séija berdura.»

petadela é o mesmo que «picadela.» «Olhai que *petadela* me deu o galo!»

Como intensivo de *petar* usam, tambem no Minho, *petilhar*. (v. **Rev. Lus.,** XIV, 163). *petilhar* é «cortar em bocadinhos muito miúdos, maçar, moer.» «C'um podóun assim, o que fazeis é *petilhar* a léinha.» Por extensão, «questionar, embirrar, teimar». «'stóum sempre a *petilhar* c'o hòminho!»

No conc. de Espòsende *petilhar* tambem significa «brincar». v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

peúgo, o mesmo que «sapata»=contraforte, de terra ou de alvenaria, para reforço ou resguardo da base de um muro, valado, ou massame de suporte; no Vale-do-Cóina.

piasca, bonito, elegante, airoso; na Covilhã.

picacismo.. «uma doença nervosa, chamada *picacismo* [no boi], difícil de curar.» — Paulo Nogueira. *in*-**Gazeta das Aldeias,** n.º 930.

«O *picacismo* é a perversão do apetite. Não se considera em medecina, tanto humana como veterinária, o *picacismo* como uma doença mas sim como um sintoma, porque é um sinal comum a várias doenças.» — (Informação ob-

sequiosa do veterinário snr. António Teixeira de Lencastre).

picada. «Depois da vessada ha a *picada* em que as mulheres vão com uma vara aguçada metter na terra cada grão de milho solto...»— Leite de Vasconcelos. **Trad. Pop. de Portugal,** 236.

Referido a Taboaço?

picadeiro, cepo, ou toro de tronco, grosso e falquejado, em que assenta a quilha das embarcações em construção ou reparação, ou quaesquer objectos pesados. «[o leme] arriará sobre o tombadilho em cima d'uns pranchões de picadeiros.»—**Ap. e Man. de Navios,** 224.

picar. (V. na 1.ª série). «Picarão-se os mares, alterarão-se as ondas...» —**Arte de Furtar,** 70.

picôto. «...picôto (ancinho de ferro com tres dentes)...» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 217.

pigarreira, o mesmo que «pigarro»; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

pimpinela. ««*San Tomé*... o chu-chu (*Chayota edulis*), aqui conhecido por pimpinela, da familia das cucurbitaceas..»—**O Seculo Agricola,** de 24 de Janeiro de 1914.

pinar, o mesmo que «bifar, surripiar»; na ling. escolar de Lisboa.

pinharoca, reùnião de muitos frutos no mesmo raminho, provenientes de inflorescência fasciculada; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

pinhoado, o mesmo que «pinhoada»?

> «...pinhoado comereis
> ou caçoila de maçans...»
>
> Gil Vic. **Auto Lusit.** (III, 264).

pinta, o mesmo que «pintada», diz-se da galinha que tem as penas com manchas ou pintas de côr diferente; no Minho.

> «a minha galinha *pinta*
> pon-me três obos ó dia...»
>
> (Viana).

pintar, combinar, consertar, estar de acôrdo. «Você quer fazer um cambalacho?—Se pintar!...»—Camilo. **Braz. de Prazins,** 20. «Eu vos darey escrivão que dê sua fé segundo pintarmos...»—Jorge Ferreira. **Eufrosina,** 324.

piote, «...e elles que gostam mais do ninho em que se criarão e levallos á guerra he arrancar lhe os dentes, poem se em cobro, deixando seus pays nos piotes...»—**Arte de Furtar,** 37.

pique, motivo, causa (de questão), o mesmo que «peguilho, pé.»

> «Ay molher eu vos ey medo
> da yra de Dom Fradique,
> guarday vos daver huũ pyque...»
>
> **Canc. Geral,** II, 12).

Cp. *picar* = provocar, acirrar.

pique chama-se, em construção naval, a uma peça de madeira formada de um tronco de árvore, com bifurcamento superior de duas pernadas. «O pinho manso dá muito bons *piques*.» — Barros - Freitas. **Const. Naval,** II, 14.

Em ling. marítima diz-se que uma âncora *está a pique* quando, ao recolher a amarra, fica perpendicular à superfície do mar, mas emergida. *a pique de estái* diz-se quando, ao virar a amarra, esta fica paralela ao estai do traquête. v. **Ap. e Man. de Navios,** 138.

pirré, o mesmo que «pêco», i.-é, meticuloso; pessôa que se amofina por motivos insignificantes; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

Cf. *pirraça.*

pirulês, superfície rugosa de um muro, na construção de prédios, como ornamento, formada por granulações de massa de cimento. Tambem lhe chamam *carapinha.*

No Vale-do-Côina.

pisco. «O gado *vaccum* é de regular

corpulencia e formas, prevalecendo o *pisco*, devido, talvez, a cruzamentos com a raça *barrozã*, muito estimada aqui [conc. de Paredes-de-Coura].» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 227.

«. . acharemos porcos piscos . . »

Gil Vic. **Auto Lusit.** (III, 286).

piveda = **pibeda,** pevide (de fruto); nos conc. de Viana-do-Castelo, Arcos, etc.

pó, empoar. *pó* chamam em Lisboa, no Minho, e julgo que em mais partes, à aparência escura que toma por vezes o bacalhau, quando muito exposto à humidade, devida ao desenvolvimento de um fungo microscópico. «O bacalhau tem *pó; está a empoar; empoou.*»

pôa. «A *pôa* é um seio de cabo cujos chicotes se fixam nos garrunchos da tralha da testa [do traquête].» — **Ap. e Man. de Navios,** 92.

pòdoiro, maçaroca ou meada de linho, enrolada em um pedaço de cana; no conc. de S. Pedro-do-Sul.

podriqueira, coisa pôdre, inútil, farrapada; no Minho.

Cp. *podricalho*, e *podricão:*

«Meu dente podricão
boto-te p'ra tràs das costas
p'ra que nasça outro são.»

Trad. Pop. da Atalaia, in-**Rev. Lus.**, XII, 290.

poeira. «A doença que invade as roseiras enviadas é efectivamente a *poeira* ou seja o *oidium* tão frequente d'essas plantas.» — **O Seculo Agricola,** de 1 de Novembro de 1913.

poeiral, nos Açores. «. . e isso era um poeiral pelos ares que nem a terra a ferver . . » — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 55.

poeta, individuo muito conversador, bem falante, o mesmo que «historista»; na Beira-Alta.

Tambem no Brasil (Minas-Gerais). v. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 417.

poisa, reúnião de cinco feixes de trigo ou centeio, por ocasião das ceifas. Em anos regulares cada *poisa* rende um alqueire de grão, calculando-se assim, por *poisas*, a produção total da seara. Na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

poisadoiro, o mesmo que «poleiro». «Mas os corações saltitavam por aquellas grades como um casal de canarios nos poisadoiros da gaiola.» — Camilo. **A Sereia,** 68.

polé, «[peça de poleame] formada por dois moitões sobrepostos na mesma caixa, podendo os eixos das rodas ser parallelos, e no mesmo plano, ou cruzados em ângulo recto e em planos differentes. Tambem se chama *polé* a uma pequena peça de madeira parecida com a patesca, e que pelo rabicho se fixa a qualquer cabo, e serve de retorno á linha da sondareza na faina de prumar.» — **Ap. e Man de Navios,** 36.

polpa, resíduos da beterraba, depois da extracção do açucar, utilizados na alimentação do gado.

O povo, nos campos da Extremadura, chama-lhe *pôpa*.

v. *pulpe*, *in*-**Apostilas,** II, 306.

pombinha-columbina. Um indivíduo de Seixas-do-Douro, dirige a seguinte pergunta à **Gazeta das Aldeias** (n.º 913): «Em terreno que teve erva, . tenciono deitar-lhe batatas . . e como tenho bastante pombinha, era favor dizer-me se é bom adubo.

Em resposta diz o snr. Tavares da Silva: «Pode espalhar a columbina por toda a superficie do terreno . . »

pombinha ou *columbina* é o

excremento de pombos, ao que parece. Cf. o esp. *palomina*.

«*Pombinhas* é a expressão que o vulgo emprega para designar as *Aucolias* (*Aquilogia* vulgaris).» — Pereira Coutinho. *in*-**O Seculo Agric.** de 27 de Dezembro de 1913.

ponta-de-paris é um preguinho miúdo, de arame, para trabalhos delicados; em Lisboa.

Em fr. *pointe-de-paris*.

pontão, pontêlha, pontelhão, pontezela, são quatro derivados directos ou indirectos de *ponte*, usados, geralmente, na acepção de «ponte pequena.»

O **Novo Diccionário** dá o primeiro, neste sentido, como termo da Bairrada e regista o terceiro e quarto, respectivamente, com as grafias *pontilhão* e *pontizela*.

Na sua valiosa monografia **Paredes de Coura** refere-se o Dr. Narciso Alves da Cunha a vários *pontões* que ligam as estradas do seu concelho, distinguindo a pag. 258: «ponte de Rieiro.. pontão das Rabudas sobre o regato d'este nome . . » Não é pois só, em tal acepção, termo da Bairrada.

Na Beira-Alta (Serrazes, etc.) *pontão* é uma pequena ponte ou passagem de tábuas ou troncos sobre um ribeiro ou regato.

A par de *pontão* emprega o Dr. Alves da Cunha, na monografia citada, *pontelhão*, que julgo ser pequena ponte, de menor importancia que aquêle: «Todos os dias fazia eu o itenerário regulamentar para a villa pelo pontelhão da Valêta» — pag. 52.

pontelhão apresenta a característica de um diminutivo duplo, considerada a forma intermédia *pontêlha*, usada em alguns pontos do Alto-Minho. [1]. O sufixo *ão* é próprio de aumentativos, mas tem-se observado que, em muitos casos da ling. popular, especialmente do norte do país, entra com função de diminutivo. A par de *pontão* cp. *carreirão*, dim. de *carreiro*, em Trás-os-Montes; *feirão*, dim. de *feira*, em Viana-do-Castelo e no conc. de Penafiel; *agulhãozinho*, dim. duplo de *agulha* (=bússola), na ling. marítima; etc.

Desconheço o termo *pontezela* que, decerto, provem do esp. *puentezuela*, dim. de *puente*, e não do port. *ponte*, como diz o **Novo Diccionário**.

Camilo empregou, tambem, *pontelhão* na **Brazileira de Prazins**, 214: «..rugia o rio Pelle nos açudes das azenhas e nas guardas dos pontilhões.»

ponto. As costuras em velas de navios fazem-se com vários *pontos* que tem denominações diferentes:

ponto-de-costura é o ponto empregado na ligação das ourelas sobrepostas, e baínhas.

ponto-de-bigorrilha, usa-se quando se dobra o pano a meia distância do traço das ourelas e se cose pelas dobras sobrepostas, para reforçar a vela.

ponto-de-peneira é o ponto, dado de reforço, a meio das costuras das ourelas.

ponto-de-espinha, ponto em diagonais cruzadas, para coser qualquer rasgão.

ponto-de-palomba, ponto empregado para a ligação da tralha à orla da vela.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 39.

dar no ponto, acertar. « . . cui-

[1] Informações do Dr. Claudio Basto e Júlio de Lemos. Tambem é conhecida em Barcelos a forma *pingostela*, no mesmo sentido.

dais vós agora que dais em todo o ponto da filosofia..» — Jorge Ferreira. **Eufrosina,** 290.

ponto por ponto, minuciosamente, com precisão.

«..a vosso pay huma obrinha
fiz eu já, ponto por ponto..»

Pinto Br. **Pinto Renasc.**, 194.

«Hoy hace, por mi dolor
un ano, punto por punto..»

Encina. **Teatro**, 111.

«de todos ponto por ponto
nam te falo no comum..»

Canc. Geral, I, 321.

falar a ponto. «..com tudo eu falavos a ponto e favas contadas..» — **Eufrosina,** 290.

nem ponta ou *nem ponta*, o mesmo que «nada». Cf. o fr. *ne point*.

«..nem mais, nem menos, nem ponto.»

Canc. Geral, I, 306.

«que perjuro a Santo Amaro
que ni punto os entendemos.»

Gil Vic. **Auto da Fé** (I, 68).

«..cuidais que dormia eu sono?
nem ponta!..

Gil Vic. **Auto B. Inf.** (I, 231)

e *nem pontada*:

«comendo-me eu logo ó demo
s'eu mais lavro nem pontada!..»

Gil Vic. **Farça Inês Per.** III, 120.

ponto era o mesmo que «parte insignificante (de tempo ou de qualquer coisa).» «..que se foossem embora pera a cidade q̃ em huũ ponto elle faria recolher toda a gente.» — **Cr. do Condestabre,** 203. «..que solamente ua ora nẽ ũu ponto de tempo nõ perdia.» — **Texto Crítico das L. dos S. Barl. e Josaf.**, 44.

«..sem falecer ponto..

Canc. Geral, I, 325.

porpulhão, equimose; na Beira-Alta.
V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

porrim.

«Vy o tom aboçetado,
& tam porrim..»

Canc. Geral, II 357.

porteleira. Na monografia do Dr. Narciso Alves da Cunha, **Paredes de Coura,** na legenda da gravura de um ídolo pre-histórico, intercalada a pag. 43-44, lê-se: «Foi encontrado pelo auctôr, em 1905, na porteleira de uma propriedade de bravio, que fica ao sul da região das *antas* na serra da Boulhosa.»

portêlho, nos Açores. «E o Antonio Ignacio lá do portêlho do moinho, todo empoado de farinha..» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 32.

Esp. *portêllo*.

portuguesa, disposição especial das voltas de um cabo, empregada na ligação de duas antenas que formando cabrilha. A bordo.

V. **Ap. e Man. de Navios,** 109.

pouco. A expressão *um pouco.. outro pouco*, equivalendo a *umas vezes.. outras vezes*, é usada no Minho. «Um pouco diz que nũm quer ir, *outro pouco* diz que a lebe o diabo se ficar aqui mais uma hora.»

pramática, verbosidade, linguagem afectada, presumida, o mesmo que «doutorice»; no Minho.

precisos. V. **Estudos da Lingua Portuguesa,** II, 266.

preto, diz-se do ferro não zincado. «Tanques em ferro galvanisados e preto..» — **An. Commercial,** *para 1911*, pag. 1021.

princês. A linguagem popular emprega este masculino anómalo de *princêsa*, como adjectivo, no sentido de «bem dotado, perfeito.» «Não caso, inda que m'apareça o mais *princês*.»

Já aparece assim neste sentido o feminino *princêsa*, na **Eufrosina**, 233: «..a mulher casada, por mais princesa que seja..»

prisca, perisca, porisca, são tres palavras que se relacionam entre si, e qualquer delas quere dizer «ponta de cigarro, o mesmo que *beata*.» A primeira e segunda são da gíria de Lisboa (v. A. Bessa, **A Gíria Portuguesa**). Todas três se ouvem no Minho.

O **Novo Diccionário**, insere só a primeira, e dá-a como termo brasileiro.

Do esp. *pizca*.

prisioneiro, em mecânica, é uma cavilha, com rosca, embebida na espessura de uma peça metálica, e destinada a receber porca que ajusta para esta outra peça.

V. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 44.

Chamam-se tambem *prisioneiros* aos rebites de rosca empregados na ligação de chapas a peças de grande espessura.

V. **Const. Naval**, II, 47.

prisoeiro, prisioneiro. De *prisoar*. V. **Cr. do Condest.**, 134.

procurar, no sentido de «perguntar». «..a Raynha o mandou cobrir, mas descobria-se todas as vezes que ella lhe procurava alguma cousa.»—Tomé Pinheiro da Veiga. **Fastigimia**, 71.

prumagem. v. **padrão**.

pucho, o mesmo que *picho*=«pequena trança enrolada no alto da cabeça»; em Espòsende.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

Em Viana chamam-lhe tambem *pitó*.

punho, parte da verga, junta ao mastro; em Espòsende.

v. **O Espozendense**, de 5 de Junho de 1913.

punhos, a bordo, são os vértices dos ângulos formados pelos lados das velas. «chama-se *punhos*, respectivamente do *gurutil*, *d'amura*, da *escota*, conforme o seu uso especial.—«**Ap. e Man. de Navios**, 41.

punho da boca é o punho do gurutil da vela latina quadrangular, que fica junto do mastro. O do *penol* chama-se a *pena* (V).

punho da amura é, na esteira, o punho que se aproxima do mastro. *punho da escota*, o punho oposto, no lais da retranca.

puxar, puxado. *puxar*, em linguagem náutica, é imprimir velocidade ao navio. «O navio fazendo força de vela, *puxando*.. augmenta de inclinação a sotavento.» — **Ap. e Man. de Navios**, 157.

puxado, como substantivo, é o mesmo que «refugado»; no Minho. «Fazer um *puxado*».

puxavante, no mesmo sentido de «puxante», i.-é, «estimulante, aperitivo», ouvi-o muitas vezes na linguagem popular de Lisboa.

Q

quadro, em apicultura, é um aro de madeira, que entra na colmeia móvel, e em que se dispõe a lâmina de cêra moldada que serve às abelhas para a construção dos favos. «É conveniente que a cera moldada encha todo o quadro e não parte d'elle..» —Eduardo Sequeira. **As Abelhas**, 214.

«*Quadro* é o espaço do porto destinado ao ancoradouro dos navios.» —**Ap. e Man. de Navios**, 182.

quartéis, cartéis, volanta. Em Espòsende dão estes três nomes a uma rêde empregada na pesca da pescada. v. **O Espozendense**, de 5 de Junho de 1913.

O **Novo Diccionário** dá *volanta* como «*prov*[incialismo] *minh*[oto]», colhido em Viana, na

acepção de «pesca no alto-mar». Deve haver equívoco. *volanta*, chamam em Viana a uma *arte* ou sistêma de rêdes empregado nas pesca fóra da barra, no alto-mar. Na **Vida Nova** [Viana], de 7 de Setembro de 1906, o sr. Dr. Luís Figueiredo da Guerra dá a seguinte definição de *volanta*: «arte de pesca no alto mar.»

Registei assim o termo na **Rev. Lus.**, XIV, 168.

queimar. *Queimar as pestanas*, aplicar-se dedicadamente ao estudo. «...hoje que tenho queimado as pestanas sobre os meus bacamartes...» — **Anat. Jocoso**, 109.

quingosta, na expressão minhota *correr a quingosta (a alguem)* = dar mostras de satisfação, de regosijo. «Bocê ri-se p'ra dentro? *correu-lhe a quingosta*, acho eu!»

quinhão, pedaço de toucinho, nas refeições; em Santa-Marta (Viana), pelo menos.

quinhentos. A expressão *isso são outros quinhentos!* equivalendo a «isso são contos largos, é outra coisa, ou são historias embrulhadas!», ocôrre em vários textos antigos: «*Monteiro* — Esses são outros quinhentos!» — Camões. **Filodemo**. «Que as mulheres tenhão pés grandes ou pequenos, isso he outro cantar, mas que sejam firmes ou variaveis isso são outros quinhentos em que eu não quero meter-me.» — Cav. de Oliveira. **Cartas** (x).

«Porque dous tostoens de busca
e tres que importa o carreto
pago, alem do sobredito,
que isso são outros quinhentos...»

Pinto Brandão. **Pinto Renasc.**, 276.

Com o mesmo sentido ouve-se ainda a expressão em Ílhavo.

quitó, criança pequenina; individuo baixo e atarracado. Na ling. fam. de Lisboa.

R

rabage, rabisco. Aos *cirrus*, ou *cirrus-stratos*, chamam no Vale-do-Cóina *rabages* (=rabagens) ou *rabiscos*.

rabeiras, restos que ficam nas eiras, depois das debulhas; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

rabêta, caçola de barro, com rabo; no conc. de Espòsende.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

rabicha. «Estas formigas são aqui [Livração] vulgarmente conhecidas por *rabichas*, e teem a cabeça vermelha e a cauda negra e aguçada, atacando quem lhes tocar.» — **Gazeta das Aldeias**, n.º 910.

rabo-de-junco, os pescadores de bacalhau chamam *rabo-de-junco* a um passarinho de rabo comprido e estreito, que aparece nos Bancos da Terra-Nova.

rabo-de-minhoto, espécie de entalhe, ou samblagem, empregada na construção de navios.

v. Barros-Freitas. **Const. Naval**, II, 16.

rabo-de-palha. v. **arco.**

rabo-de-raposa. v. **brincalhêta.**

racha, rachão, o mesmo que «acha,» segmento de tronco, rachado longitudinalmente; em Viana.

rafa. «[A polaca] era embarcação vulgar no Mediterraneo e propria para amainar com facilidade, a qualquer ráfa violenta e imprevista.» — **Ap. e Man. de Navios**, 13.

raínha. «Quando aparece alguma *raínha*...» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura**, 213.

Em nota da mesma página dá o autor a significação especial desta palavra, no seu concelho: «Espiga encarnada [de milho].»

Tambem é assim no concelho de Viana do Castelo.

rameiro, trabalhador que esgalha e enfeixa a rama-de-pinho; nos pinhais do Vale-do-Cóina.

ramo. «..e elles como seu recado viram, com ramo de enveja e têçom corrupta se partiram logo.» —**Cr. do Condestabre,** 75.

rapelho, tamanco velho; nos Arcos-de Vale-de-Vez.

rasa. «A segunda cava, chamada *raza, arrenda* ou *redra* é feita depois de limpa a flor da vinha.» — **O Seculo Agricola,** de 14 de Junho de 1913.

v. **arxar.**

raspa. v. **arxar.**

raspum, espécie de musgo, no terreno dos pinhais; no Vale-do-Cóina.

rasquejar, andar, arrastando os chinelos ou tamancos; em Viana. Cp. *rasquêlhos*=«tamancos muito usados.» v. **Paredes de Coura,** 318.

Por *rastejar?*

rasto, em mecânica, é a face exterior, na circunferência do volante.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** II, 52.

Estas duas charruas são de madeira; o *rasto* tambem de madeira, tem fixa, na extremidade da frente, uma lamina de aço, forma triangular, denominada *rêlha*..» —Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 216.

rato-de-hotel, gatuno, que se introduz de noite nos quartos das hospedarias, para roubar os hóspedes. «Trazia tambem consigo uma tesoura e as partes componentes d'aquele aparelho denominado *oustiti*, de que tanto usam os *ratos de hotel*.» —**O Seculo,** de 8 de Dezembro de 1913.

rebaleste, revaleste. O **Novo Diccionário** insere *revaleste*=«grande multidão (Colhido em Barcelos).»

rebaleste, no conc. de Espòsende, quere dizer «aglomeração de povo; tumulto» e tambem «temporal, furacão, vento forte do norte.» Usa-se na linguagem marítima como na dos campos. «Veio um *rebaleste* que virou o barco.» «Que *rebaleste* vai na feira!»

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

rebatinha. No *Seixal* usam ainda a expressão *à rebatinha* no sentido de «porfiadamente, com disputa.» «Atirar dinheiro *à rebatinha*» é gastar sem conta, dissipar.»

A expressão neste último sentido provêm do velho uso, hoje decaído nesta localidade, de, nas bodas de casamento, os padrinhos atirarem aos rapazes—inseparáveis participantes destas solenidades—várias moedas de cobre, que êles apanhavam *à rebatinha*, i.-é, no meio de grande algazarra e porfia.

No **Elrei Seleuco,** de Camões, diz o *Moço* às damas: «que ainda veja todas a mim ás rebatinhas..»

Do esp. *rebatiña*, por *arrebatiña*=acción de recoger entre muchos aceleradamente alguna cosa, como quando se arroja dinero.» —(Rod.-Navas).

rebendita, vingança, desforço, arrelia; no conc. do Seixal.

por *revindicta*.

recâmara. «Carregou a clavina com a polvora de um cartuxo; bateu com a cronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara para fazer descer a polvora ao ouvido.» Camilo. **Braz. de Prazins,** 212.

receira. «..tudo ao fiado e que ponha tudo em receira para os quarteis de juros..» —**Arte de Furtar,** 162.

rechinar. «..quando o foguete rechinava subindo..» —Camilo. **Eus. Macario,** 60.

(v. na 1.ª série).

reclame, reclamo. (v. na 1.ª série).

Tambem conhecido, na acepção que referi ao Tejo e Sado, entre os marítimos de Espòsende.

v. **OEspozendense,** de 5 de junh de 1913.

reclamo é tambem, a bordo dos navios, uma espécie de cunha de ferro em que passam vários cabos fixos ou de manobra. (v. uma citação no voc. **cevadeira**).

recorrer. «*recorrer as costuras* (do costado ou convés, das embarcações)» é apertar a estopa, com o ferro de calafeto, nas juntas do tabuado. «O *recorrer* do calafeto nos trincanizes, costuras do costado e pavimento é indispensavel fazer-se em todos os navios de madeira quando se apromptam para viagem.» —**Ap. e Man. de Navios,** 225.

redol, o mesmo que «redor.» *Ó redol,* «em volta.» Na Beira-Alta.

redondo, diz-se da vela, de navio, em forma de trapezio regular, quando enverga em vergas que cruzam nos mastros, de bombordo a estibordo. v. **Ap. e Man. de Navios,** 10.

Diz-se tambem, por ext., do navio que tem velas ou pano *redondo,* em oposição a *latino.* v. *Ibidem,* 11.

«As vergas são *redondas* ou *latinas*» — *Ibidem,* 23.

rédea, o mesmo que «réstia, cacho»?

> «Val rredea duvas
> a cynco na praça . . »
>
> **Canc. Geral,** I, 165.

refractário. *Barro refractário* é uma espécie de cimento, que resiste às mais altas temperaturas, empregado no revestimento interno dos fornos e fornalhas e na fabricação de tijolos.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor,** I, 11.

refrescar. *refrescar o aparelho,* em ling. marítima, é aliviar as encapeladuras das enxárcias para as expor ao ar, e vistoriar e alcatroar os cabos fixos.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 101.

regal, variedade de figo temporão; no Algarve.

v. **Alm. das Aldeias,** *para 1914,* 102.

regola, rigol. *rigol* no mesmo sentido de *regola,* vem no **Novo Diccionário** como provincialismo extremenho. Na monografia do Dr. Narc. Alves da Cunha, **Paredes de Coura,** lê-se a pag. 264: «abertura dos rigóes . . »

~~**rei-dos-mares,** o mesmo que *rei-do-*~~*mar,* ou *pica-peixe;* em Viana-do-Castelo.

réim. «Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos réins . . » — Camilo. **Bruxa Mont. Cord.,** 140.

rela, sarnão, são os nomes que, no concelho de Espòsende, se dão à pessoa impertinente, faladora.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

relêgo, prudência, circunspecção; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

rêlho, no sentido de «pequena peça de madeira, em forma de 8, que serve de fivela para segurar as extremidades de uma corda, com que se ata qualquer coisa», dá-o o **Novo Diccionário** como provincialismo minhoto.

Na **Revista Lusitana,** XIV, 165, dei-o tambem como beirão (conc. de S. Pedro-do-Sul).

repicado. Diz-se que a carangueja, ou retranca de um mastro, é mais ou menos *repicada,* quando forma com aquele um ângulo que varia de 35º a 45º. «Á vela a retranca é amantilhada, ficando o lais um pouco repicado . . » — **Ap. e Man. de Navios,** 71.

respigo. Na Beira-Alta uma rapariga bonita, airosa, é um *respigo*—um *bom respigo.*

retanchar. (v. na 1.ª série). «..para a borda do caminho que vem da estrada real para casa, onde faltam duas arvores, e retanchar com as arvores que lhe parecer as que estão seccas á borda da alfazema e na estrada das quebradas.» —*Cartas* [v] *de Alexandre Herculano, in-* **Rev. de Hist.,** II, 266.

retintim. «..a fala que é subtil e tem um retintim bem engraçado.»—D. Fr. Manuel. **Apologos Dialogaes,** I, 89.

retrocado. «Falando por rretrocado..»

Canc. Geral, I, 75.

révera. «..mas para remirem sua vexaçam usão do direito natural que os ensina a refazer-se pela calada e pelo mais quieto modo que lhe he possivel; e como a satisfação fica na sua révera he ordinariamente em dobro.» — **Arte de Furtar,** cap. VI.

revessa, abrigo, sítio abrigado do vento; em ling. marítima. *Fazer revessa,* fazer abrigo.

Por *reversa,* de reversus.

revolta. «..encarando comigo na revolta de uma esquina.» — Camilo. **O Sangue,** 5.

ribeirinhas, névoas baixas, á flôr das águas do rio, ou da terra; no Barreiro.

rilheiro. O **Novo Diccionário** dá *rilheiro,* na acepção de «corrente marítima, redemoínho de água,» como «[termo] *Ant*[iquado.]», citando o **Roteiro do Mar Vermelho.**

No sentido de «redemoínho de água» ouve-se ainda na linguagem marítima. «Virando a maré á vazante, e correndo, em geral, com maior impeto, deve haver cuidado com os rilheiros e estoques d'agua..» — **Ap. e Man. de Navios,** 134.

rilo, é um aro de madeira, em que os pescadores, na Fuzeta, enrolam a linha de pesca.

ripe. (v. **ripa,** na 1.ª série). «O tecto deve ser de vidro e não de ripe.» — Ed. Sequeira. *in*-**Gazeta das Aldeias,** n.º 908.

riscar (o milho), esbagoar as maçarocas com o *furão* (v.). v. Leite de Vasconcelos. **Tradições Pop. de Port.,** 237.

rizes, cabos com que se colhem as rêdes; em Espósende.

v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

roca. «..doze espingardas e quarenta rocas de pedra e sessenta murrões..» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. XXI.

roçada, é a operação de *roçar* (mato); no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez. Cp. *gramada, espadelada,* etc.

rôço, sulco, ranhura, rebaixo que se faz na parede, ou em pavimento de alvenaria ou cimento, para a introdução de um cano, ou para engrossamento nesse ponto por sobreposição de outra camada de argamassa ou cimento. No Vale-do-Cóina.

roda. *De roda a roda,* em ling. marítima é o mesmo que «de prôa a prôa.» «Se dois navios de vapor navegarem um para o outro de roda a roda, isto é, directamente ou quasi directamente..»—*Regras para evitar os abalroamentos no mar.*

roda-do-ano é o decorrer do período anual; o período de um ano, considerado em todos os seus dias. «Vem as festas da ordem pela roda do ano..» — **Anatomico Jocoso,** 47.

Tambem *roda-do-mês, roda-do-dia.*

rodeira, caminho aberto no mato pe-

las rodas de um carro; rilheira; sulcos que as rodas de um carro deixam no solo. Em Darque (Viana).

rodagem. «A estrada que lá vai ter [à barra do ribeirão Canôas] é de rodagem..»—Com. Geog. e Geol. do Est. de S. Paulo. **Expl. do Rio Grande,** I.

roer. *roer a trela*, o mesmo que «roer a corda.»

> «Corretores & adellos
> ....
> sabem bem rroelas trelas..»
>
> **Canc. Geral,** I, 222.

> «a esse tal roer-lhe a trela
> e ser para elle francês..»
>
> Chiado. **Obras,** 5.

rolaça, vaidade, presunção; na Beira-Alta.

rolheiro, mêda de palha ou de feno de forma cónica; no Vale-do-Cóina.

Por *roleiro*.

romã. «A *romã* [do mastro] tem a forma aproximada de um tronco cónico com a base menor voltada para baixo e de igual diametro á secção do mastro»—**Ap. e Man. de Navios,** 19.

É um engrossamento cónico na parte superior do corpo do mastro, logo abaixo do calcês, e sobre o qual descansam os curvatões riais.

ronha. «...é a tuberculose da oliveira (*Bacillus oleae*, Trev.) doença que muitos conhecem pela denominação vulgar de *ronha*.»—**O Seculo Agricola,** de 29 de Março de 1913.

roquêdo, o mesmo que «rochêdo.» De *roca*.

> «Pois as fontes que manavã
> dos rroquedos..»
>
> **Canc. Geral,** III, 15.

rosmano, rosmaninho, chamam, em Viana, ao galo de crista curta, larga e denteada.

rosca, larva que ataca os renovos das vinhas. «A *rosca*—que é a lagarta das borboletas do genero *Agrostis*—..»—**O Seculo Agricola,** de 10 de Maio de 1913.

rotim ou sete-portas, espécie de abelha do Brasil que constróe o ninho com sete tubos de entrada. v. H. Silva. *As Abelhas do Brasil, in*-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 127.

roupa-velha. (v. na 1.ª série). No Brasil (Sertão de S. Francisco) chamam *roupa-velha* a um «ensopado de carne esfarelada.» v. *Brasileirismos*, *in*-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1914*, pag. 475.

roupa-branca, branco. *roupa-branca* é a que se traz junta à pele, ou por baixo do vestuário externo. A *roupa-branca* é geralmente feita de tecidos de linho ou algodão brancos, e algumas vezes... de côr. «Na nossa secção de roupa branca encontra-se um sortido variado de.. camisas de pongé de seda, em côres..»—**Diário de Noticias** (anúncio), de 12 de Junho de 1911.

Agora deram os lojistas de Lisboa em chamar *branco* ao conjunto de peças de roupa-branca e outras que compõem o enxoval de uma casa.

ruivas, ruivinhas, ruivosas, são os estratus, avermelhados pelo sol nascente ou poente. *ruivas* ou *ruivinhas* dizem em Viana e são, mais especialmente, as da tarde. (v. **Rev. Lus.,** XVI, 168). *ruivosas*, no Alentejo (v. **Rev. Lus.,** XVI, 169.)

S

sacafundo, o mesmo que «fundo ou profundêsas;» em Ílhavo. «Tirou do *sacafundo* do saco..»

Cp. *cachafundo.*

saia, é a convexidade dada, no corte, à esteira das velas latinas triangulares.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 43.

saião-dos-telhados, planta, *Sempervivum tectorum.*

v. Ed. Sequeira. **As Abelhas,** 264.

salhar. *salhar*, no sentido de «puxar, puxar para cima,» ainda é verbo empregado na linguagem maritima. «Os paus de menor peso facilmente serão embarcados, e sendo levantados de água por um dos extremos, por um cabo dado para a borda, *salhando* a braços se podem metter a bordo.» — **Ap. e Man. de Navios,** 107.

Andar à salha (com alguem) é questionar, ralhar, travar-se de razões; em linguagem de marinheiros. Ouvi tambem esta expressão a um individuo de Lisboa — um lojista.

No *Vocabulario* do **Codigo Internacional de Signaes,** pag. 361, vem o verbo *salhar.*

salvête, descompostura, reprimenda; em Bragança.

samora. «*Borá* — [Abelha] amarella, tamanho médio, brava, mel azedo e com muita *samóra*, produz muito mel mas um tanto drástico . .» — H. Silva. *As Abelhas do Brasil*, *in*-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 126.

san-cristovo, individuo muito alto, espadaúdo; no Minho.

De *San-Cristovam.*

sanharão, sanharão-grande, sanhará, sanharó. O **Novo Diccionário** regista *sanharó:* «*Bras.* Espécie de abelha preta».

No estudo de Henrique Silva, *As Abelhas do Brasil*, *in*-**Alm. Bras. Garnier,** *para 1912,* pag. 126, vem «*Sanharão grande* ou *sanhará* — Caba preta, grande, mordedora, mel apreciado. Ambas estas vespas costumam fazer as casas nas cavidades das rochas. Para se lhes extrahir o mel é mister o auxilio do fogo que as afugenta.»

sapar, fechar, vedar hermeticamente uma dorna, barrando-a para evitar a entrada do ar; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

sapata. «*Sapatas* — São peças de madeira de forma oval, abertas a meio [i-é, com abertura, ou furo, ao meio], tendo algumas duas ou trez gaveas ou goivaduras [nessa abertura] para gurnir o colhedor. Servem para o apparelho fixo do gurupez e para alcear — como as bigotas — nos chicotes dos cabos que aguentam os mastareos de joanete para a borda do navio, e para ré. Nos pequenos navios substituem as bigotas.» — **Ap. e Man. de Navios,** pag. 37.

sapato. *Trazer pedra no sapato.* «..um realista finório que sabia da poda e trazia pedra no sapato» — Camilo. **Braz. de Prazins,** 59.

sapejar, andar, produzindo o leve rumôr ou ruído de quem o faz cautelosamente; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 745.

De *sapo.*

sardoeira. «*Vialonga*.. Digne-se v. informar-me qual o remédio para tratamento da sardoeira (ignoro o nome scientífico) que ataca as ervilheiras e aboboreiras . .» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 912.

Na **Revista Lusitana,** XIV, 152, dei *cerdoeira, cerdoeiro* e *sardoeira* na acepção de «quintal murado no pendôr da serra de S.ta Luzia (Viana)», explicando que *cerdoeira* ou *cerdoeiro* eram formas exactas, de *cerdo*, porque era nêsses recintos fechados que os proprietarios de Viana criavam antigamente os porcos.

O Novo Diccionário, na sua nova edição, inseriu estas três palavras dando as duas primeiras na acepção de «quintal murado. (De *cerdo*),» como «*prov*[incialismos]. *minh*[otos].» A terceira vem tambem como *prov. minh.* mas definida assim: «quintal *ou* quinta murada. (De *sardão*).»

Ignoro onde o autôr colheu estas informações. Quere-me porem parecer que não estão bem observadas. Qualquer dos termos, como os registei, são privativos de Viana e referem-se só aos quintais da encosta do Monte de Santa-Luzia.

sarjão, tecido grosso, entrançado, de algodão, empregado geralmente em usos caseiros. «Sarjão para panos de cozinha.»—**O Seculo**, de 23 de Agosto de 1913.

sarnão. «*Santa Cruz* (Ilha das Flores). Tenho um porco de seis mêses que tem tido sarnão. .»—**Gazeta das Aldeias**, n.º 910. «*Foz de Arouca*.. Tenho em casa uma ovelha que, segundo diz esta gente daqui, tem *sarnão*..» — *Ibidem*, n.º 906.

Parece ser o nome popular do «eczema escamoso.» v. *Ibidem*, n.º 906.

v. **rela.**

sarrão, sarrona. *sarrão* na Beira Alta, é um saco de pele de ovino, usado geralmente por moleiros. *sarrona* é, ali, o bornal de pastor.

Por *surrão, surrona*.

sazão, sazoar, sezoar, assezoar, sazoamento, sazonamento. *sazão* ou *sezão* chama-se à transformação que sofre a massa de cimento na passagem para o estado sólido; em construção civil. «O cimento está a *sezoar*; está na *sezão*.»

Dizem tambem *assezoar*.

Para provocar ou activar a *sazão* (enrijamento ou amadurecimento) da massa, costumam os pedreiros humedecer, de vez em quando, a superfície da camada de cimento com o fim de se obter uma evaporação regular da humidade. Cp. *assessoar*, no sentido de «humedecer a terra;» em Tras-os-Montes (v. **Rev. Lus.**, XIII, 110), e *sessão*, que o **Novo Diccionário** dá na acepção de «humidade ou frescura da terra», como termo do Minho.

O **Novo Diccionário** regista *sazoamento*, — citando Castilho na **Felicidade pela Agricultura**,— a que dá acepção igual à de *sazonamento*, palavra que, por lapso, não regista.

secção. Nas modernas colmeias de sistema móvel usam-se umas pequenas caixas de madeira, que entram nas *alças* (v.), e em que as abelhas constroem pequenos favos que conteem sempre o mel mais puro. A estas caixas chamam *secções*.

«Na alça podem-se dispôr ou um numero de quadros igual ..ou pequenas secções proprias para tal fim.»—Ed. Sequeira. **As abelhas**, 219.

sector, peça do aparelho de marcha; nas máquinas de vapor.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 48.

senhora-de-casa, o mesmo que «dona-de-casa», «mulher-de-casa» ou «arranjadeira-de-casa». «.. segundo diz a mãe, é uma excellente senhora de casa.»—Camilo. **A Sereia**, 94.

serabela. «*Montemór-o-Velho* .. Remeto em uma caixa erva.. a que aqui chamam *serabela brava*.»—**Gazeta das Aldeias**, n.º 909.

sergideira. v. **carregadeira.**

serrim. O **Novo Diccionário** dá *serrim*, na acepção de «serradura». como termo do Porto.

E' assim em todo o Minho.

serviola, surriola. Os dicionários dão, destes dois vocábulos, respectiva-

mente, as seguintes definições: «pau com que se iça e desvia a ancora do costado dos navios» e «pau a que se amarram barcos de pequena lotação.»

A primeira acepção, que persiste no espanhol, caíu em desuso entre nós e apenas deveria ser registada com referência a este vocábulo como termo antigo, pois que a palavra a que modernamente corresponde esta acepção é *turco* — *turco* do ferro, ou da âncora.

Na recente edição do **Novo Diccionário**, não só se modificou coerentemente esta definição imprópria, mas tambem se remedeou a insuficiência da segunda, embora de um modo contestável, como vai ver-se.

«*Surriola* [define este dicionário]. [termo] *Naut*[ico]. Vergôntea, também conhecida por *pau-de-surriola*, e fixa por uma das extremidades ao costado do navio, na altura das mesas do traquete, em cada um dos bordos, e que se pode prolongar em sentido perpendicular à quilha, para nele ancorarem varredoiras, *ou*, quando surto o navio, para nelle se ancorarem as embarcações miudas.»

Notam-se nesta definição, guardado o devido respeito, duas inexactidões que poderão atribuir-se, uma a desatenção, outra a lapso de revisão ou de escrita. Desatenção de momento é o dizer-se que no *pau-da-surriola* ancoram as embarcações miúdas. *Ancorar* é «amarrar com âncora» ou «lançar âncora.» Quando uma embarcação se liga a outra, ou a qualquer ponto, diz-se que *atraca* ou *amarra*. Assim dir-se-há que, ao pau-da-surriola, «*amarram* as embarcações miúdas.»

Pela mesma razão pior será dizer-se que, na *surriola*, «*ancoram* as varredoiras.» *ancorar velas;* é expressão que nenhum maritimo emprega nem poderia justificar-se, mas natural é supôr-se que, por descuido de revisão, *ancorar* esteja em lugar de *amurar*.

O *pau-da-surriola* é uma antena volante que se prolonga para fora do costado, horizontalmente, num sentido perpendicular ao plano da quilha, pela parte de vante do mastro do traquête. Na sua chapa de lais fixam-se as extremidades de tres cabos que o seguram para vante, no gurupez; para cima, na romã do mastro; e para ré, no costado. Um quarto cabo—*cabo de pinhas* — fixa-se, para baixo, num olhal, próximo da linha-de-água.

Na extremidade, para dentro da chapa do lais, fixa-se uma escada de corda — *escada de quebra-costas* — que vem quáse ao lume-de-água, e entre esta e o costado há vários *andorinhos* — cabos suspensos, de espaço a espaço.

Este pau, usado geralmente na marinha de guerra, destina-se ao serviço de embarque e desembarque da tripulação, e a êle, por meio dos *andorinhos*, amarram as pequenas embarcações de transporte. V. **Ap. e Man. de Navios**.

O seu fim principal, porêm, na antiga navegação, era o de servir para caçar a amura da varredoira.

Da definição do **Novo Diccionário** pode tambem inferir-se que a posição normal de *pau-da-surriola* não é a horizontal: «. . e que se pode prolongar em sentido perpendicular á quilha [i.-é, ao plano da quilha] . . » Modernamente o *pau-da-surriola* só se *deita fora* quando o navio está fundeado, mas nos antigos veleiros usava-se tambem navegando, sempre que se desferrava a varredoira quadrangular. Em qualquer dos casos, porém, este pau prolonga-se

fora da borda sempre na posição horizontal, quando em serviço.

Quanto à etimologia poderemos comparar as palavras *surria* e *surriada* que é a espuma ou borrifos das vagas que chocam no casco da embarcação. O navio, inclinando-se para sotavento quando navega, mergulhava o lais do pau, *surriando* ou fazendo espadanar as vagas. «As [varredoiras] triangulares apesar da sua area ser metade das quadrangulares oferecem vantagem nos navios pequenos, onde não haverá os *paus de surriola*, que com o balanço mergulham os laises, prejudicando o andamento.» — **Ap. e Man. de Navios**, 96.

O sufixo *ola* entra, não só na formação dos diminutivos e depreciativos, mas tambem na dos vocábulos que indicam continuidade de acção. Cp. *cantarola*.

sevandijaria. «...que se fazem respectivos a toda a sevandijaria volatil.» — **Anatomico Jocoso**, 8.

singa. v. **chumbada.**

singeleiro, o mesmo que «singelo;» no Minho. «...dois arados singeleiros...» — *Cartas* [III] *de Alex. Herc.*, *in*-**Rev. de Hist.**, II, 265.

sino. *Ouvir os sinos de Tibães*, o mesmo que «ouvir um sermão,» ser repreendido; na ling. fam. de Viana.

síria, no sentido de «animação, vivacidade,» emprega-se tambem no Vale-do-Côina.

soar, o mesmo que «assoar.»

> «...e sôa-te àquela rodilha...»
>
> Gil Vic. **Auto Lus.**

sobrealuga, o mesmo que «sublocador»; no Porto.

soca. *Passar a soca.* No n.º 78, de 24 de janeiro de 1914, do **Seculo Agricola,** um assinante deste periódico, referindo-se ao rizoma tuberoso dos *jarros*, diz: «Afirma-se que, por ocasião de uma grande escassez de pão, ha anos, a população açoreana procurava esses tuberculos, para os farinar e fazer com eles bolos ou brôas para comer. Chamamos a esses tuberculos — a «sóca dos jarros.» E usa-se ali [Açores] dizer: — «passar a sóca» para significar, «sofrer miseria, não ter que comer.»

Morais registou a expressão *não ter nem soca* = «nem um ceitil.»

sola, solada. *sola* é a junta de bois que se apensa ao carro: nas lavradas do Minho. v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 319.

solada é o conjunto de *solas*, para lavrar, não só em Paredes-de-Coura (v. *Ibidem*), mas tambem, e pelo menos, nos Arcos-de-Vale-de-Vez. *solada* é tambem, por extensão, nas duas regiões citadas o «palavreado longo e fastidioso.»

v. **solada**, na 1.ª série.

Em Paredes-de-Coura chamam tambem *solada* a uma «(peça de ferro ou madeira, com 1,m20 de comprimento, que serve para prender, umas adeante das outras, as diversas juntas de gado, que tiram a charrua).» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 216.

solinho é, tambem ali, «(peça de madeira em forma de pequena cabeçalha de carro, destinada a prender ao arado a primeira junta).» — *Ibidem, idem.*

solinho. v. **sola.**

«A tres metros de alto, a rocha viva havia sido aberta a dynamite, n'uma profundidade de 20 metros, ficando toda a mole immensa sustentada apenas por 54 pilares de pedra, de expessura, em média, de 1,m30. Essa cavidade [a abertura entre os pilares na pedreira]

a que dão o nome de «solinho,» apresentava um tecto magnífico.. não sendo, todavia, senão o resultado do veio da pedreira..» — **A Lucta**, de 3 de Julho de 1913.

sombra, mancha, nódoa; no Minho.

É tambem o nome que dão os pintores a várias composições de pós còrantes, de côr terrosa mais ou menos carregada.

O mesmo que «abrigo,» em ling. maritima. «..nenhum [navio] deve ficar à sombra do outro, para que o vento não falte ás velas.» — **Ap. e Man. de Navios**, 184.

sucata, sucateiro, assucatado. O **Novo Diccionário**, tendo registado na 1.ª edição *sucata*, emendou agora para *socata* = *çocata*, por via de uma etimologia *zocata*, voc. castelhano.

A origem é muito contestável, a meu vêr. O adjectivo espanhol *zocato*, explica Toro e Gomez, «dicese del pepino ó de lá berenjena que después de maduros se ponem amarillos. *fam.* Zurdo.», e *sucata* é um colectivo que designa «peças metálicas e inutilizadas, destinadas a refundição.»

A definição que o **Novo Diccionário** dá desta palavra é muito restrita: «Ferro manipulado e considerado inútil, especialmente o que serviu em caminhos-de-ferro, e que se aproveita para ser refundido e entregue de novo ao comercio.»

sucata não é só o ferro considerado inútil. Tambem hoje se não chama assim, *especialmente*, ao que serviu em caminhos de ferro.

sucata, nas indústrias e comércio metalúrgicos, e nas que com êles se relacionam, é toda a qualidade de peças metálicas inutilizadas pelo uso, ou por defeito de fabricação, quebra acidental, etc. e que se utilizam para refundição. Assim diz-se *sucata* de ferro, de latão, de cobre, de bronze, de chumbo, etc. «Compra-se sucatas de ferro fundido e forjado, de metal, cobre, chumbo» — **O Século**, de 25 de janeiro de 1914.

Extensivamente, em linguagem de oficinas, *sucata* é qualquer objecto defeituoso. «Se não cortares pelo veio da madeira, o que fiseres assim é sucata.»

«Ir para a *sucata*; estar na *sucata*,» são expressões que se referem à obra inutilizada ou mal acabada.

Obra *assucatada* é a que é feita com materiais ordinários; pouco cuidada, feita à pressa.

Aos que se ocupam no comércio de compra e venda de *sucatas* de vários metais, chamam em Lisboa *sucateiros*.

Estas duas últimas palavras não ocorrem no **Novo Diccionário**.

sumento (= **çumento**), que tem «sumo»; o mesmo que «sumoso» ou «sumarento.» No Minho.

surdo, diz-se, a bordo, do poleame que não tem rodas, dando passagem aos cabos por um ou mais claros, olhos ou furos. «No poleame surdo ha a notar as *bigotas*, *sapatas*, e *cassoilos*.» — **Ap. e Man. de Navios**, 36.

v. **laborar.**

surrascadoiro, no conc. de Espòsende, é um pau ou ferro, com que se mexem as brasas no forno.

v. **O Espozendense**, de 1 de Maio de 1913.

Cp. *sarrascadoiro*.

surria, sarria; morrinha, morraceira, são quatro nomes aplicados à «chuva miúda e persistente,» os dois primeiros em linguagem de marinheiros e os dois últimos no Vale-do-Côina.

surriola. v. **serviola.**

T

taça, pequeno tanque redondo, ou lago de jardim; reservatório circular de chafariz. No Minho. «Outros ainda, colocando-se sobre a cancela de grade de ferro que circunda a t a ç a que alli existe, faziam-a girar violentamente . . » — **Aurora do Lima** (Viana), 7 de Maio de 1913. «. . tendo aquelle elegante chafariz, cercado por espaçosa t a ç a de cantaria a qual recebe a agua que d'elle corre.» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 268.

taco, buraco no remo, em que entra a *chamaceira.* (v. **chama);** em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

tairôco, tâmanco; na Beira-Alta.

talha. v. **estralheira.**

talicão. De uma pergunta que um indivíduo de Espinho-de-Mortágua faz à redacção da **Gazeta das Aldeias,** no n.º 936 deste periódico, extráio o seguinte trecho: «. . a poda [da vinha] que há três anos principiei a usar, que é t a l i c ã o como aqui lhe chamam, q u e s ã o t r ê s o l h o s e m c a d a u m a d e s t a s p e q u e n a s v a r a s . . »

O professor de agronomia sr. Tavares da Silva responde no mesmo lugar: «São quási nulos os elementos que dá para se determinar a causa da produção da vinha; entretanto bem pode explicá-lo o uso da poda em g a l h e i r o s pois que é menos fértil em igualdade de circunstâncias. Experimente podar metade em g a l h e i r o s, e metade de vara e talão . . »

Por aqui se vê que a poda *de talicão* é o mesmo que a poda *em galheiros.* O sistema desta poda está definido no trecho da consulta, citado em primeiro lugar.

O **Novo Diccionário** dá *galheira* na acepção de «processo de poda, usado em alguns pontos da região trasmontana.»

tambor, fardo, ou bala, de forma cilíndrica. «A seca das folhas [da coca] opera-se ao sol e exportam-se as folhas depois de comprimidas, em fardos de 25 libras de peso, comercialmente conhecidos por *tambores.*» — Alfredo Meneres, *in*-**O Seculo,** de 14 de Janeiro de 1914.

tambor se chama tambem, no comércio, ao envólucro cilíndrico de lâmina metálica destinado ao transporte de líquidos ou drogas corrosivas ou inflamáveis.

tampão, bujão. Em caldeiras de vapor, *tampão* ou *bujão* é uma bucha metálica, com roscado, com que se tapam orifícios de tubos, como os do feixe tubular, ou outros.

v. **Nom. de Mach. de Vapor,** I, 86.

tangedoiro, pau que, ressaltando na mó, obriga o grão, na tremonha, a escorregar para o olho da moenda; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

tanho, na comparação: «gordo como um tanho,» i.-é, «muito gordo»; no Minho.

v. **Paredes de Coura,** 320, e **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

tapa, o mesmo que «tampa»; nos Açores.

tarecos, chamam assim à «lenha miúda»; em Espòsende.

v. **O Espozendense** de 1 de Maio de 1913.

taredo, o mesmo que *teredo* ou *terédem.* v. Barros-Freitas. **Const. Naval,** II, 5.

tarrafa, rêde de pesca, com *chumbeiro,* que se arremessa à água, e fecha depois como um saco. Empregada na pesca dos rios.

tataíra, caga-fogo. São os nomes que dão, no Brasil a uma abelha pequena, de côr avermelhada, excessivamente brava.

v. **Alm. Bras. Garnier**, *para 1912*, pag. 126.

tátaro, «bolo ázimo que se chapa nos parêlhos do forno para se cozer à ucheira.» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

tê, troço de tubagem metálica, em forma de T, para ligações e distribuíção dos tubos condutores.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vap.**, I, 86.

teca, porção, de qualquer coisa; em Ílhavo. «Apanhou uma boa *teca* de sardinha».

telha. *Falar de telhas abaixo*. «Mas deixando pontos que nos ficão alem do mundo antes de haver homens, de que só tratamos, fallemos das telhas abaixo, que he o que pertence à nossa esfera.» — **Arte de Furtar.** 12.

De telhas acima. «Esses [anexins] são de telhas acima, como chapeos de telhado.» — D. Fr. Manuel. **Feira de Anexins,** 119.

tenor.

> «sobre lombo de sardinha
> bebe mais çumo de vinha
> do que leva hũ tenor..»
>
> **Canc. Geral**, I, 256.

«E nos quatro cantos d'esta casa, quatro tenores, que levaria cada um quasi um quarto, com suas caldeirinhas presas por cadeias...» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. CXXIV.

terra. (v. na 1.ª série.) «...caminhamos por terra em boas cavalgaduras de mulas que o Fiquaxi, capitão de terra, nos mandou dar.» — Fern. Méndez. **Peregrinaçam,** cap. IV.

terral, vento da terra, que sopra da terra; nos Açores. O *yacht* crescia a pouco e pouco, chapinhando fresco em a superficie lisa das aguas, tocado pelo terral brando que caía de cima das rochas altas...» — Nunes da Rosa. **Pastoraes do Mosteiro,** 38.

terreiro-do-patacum, vozearia, ralhos, discussões, disputas; no Minho.

terriço. «O *terriço* compõe-se de fôlhas, hervas e plantas tenras, completamente apodrecidas, misturado ou não misturado com velho adubo de curral, completamente desfeito, e onde predomine a cama de mato.» — Eduardo Sequeira. *in*-**Alm. das Aldeias,** *para 1914*, pag. 84.

testa, parte lateral da vela, perpendicular ao *gurotil* e *esteira*.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 41.

teteira, moléstia nas têtas das cabras.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 914.

têto, o mesmo que «têta»; no Minho e Beira-Alta.

Tambem em Viana, por analogia, chamam *têto* a qualquer coisa que tenha a forma de um bico de glândula mamária.

No conc. de Paredes-de-Coura chamam *têto-de-laranja* ao «gomo-de-laranja». v. Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 320.

tia. *Ficar para tia*, ficar solteira. «..viram a pobre Beatriz mais uma vez ficar para tia.» — **O Povo** (Viana), de 30 de Outubro de 1913.

tingedeira. v. **regeira.**

tinha. Em Chaves chamam os abelheiros *tinha fria* à larva de um coleoptero cantaridiano (*Meloe*) que se abriga no cálice das flores e que, quando as abelhas ali vão sugar o nectar, se lhes prendem aos anéis do abdome.

tinha quente é, tambem em Chaves, o mesmo que *tinha* ou *traça*, (v. na 1.ª série).

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 916.

tiquira, pequena abelha preta, mansa, do Brasil, que produz bom mel e cera de superior qualidade.

v. **Alm. Bras. Garnier,** *para 1912*, pag. 127.

tirador, cabo ou corrente que gurne num aparelho de multiplicação de forças; a bordo. «E' o apparelho [da cábrea] uma estralheira [v.] e uma corrente de ferro o tirador.» — **Ap. e Man. de Navios,** 54.

tirante. «...fomos sair a um grande terreiro, no qual estavam oitenta e dois sinos de metal muito grandes, que estavam pendurados, por grossas cadeias, de uns tirantes de ferro, que de uma ponta e da outra se sustentavam sobre colunas de ferro coado.» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. CX.

tira-vira, cabo que serve para alar a bordo uma antena, fixando-se uma extremidade na borda e alandose pela outra, depois de se ter passado o seio em volta da referida antena.

v. **Ap. e Man. de Navios,** 107.

tiuba, tiuva. v. **manduri** e **vavá.**

tôco, trança enrolada no alto da cabeça; em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

tomadoiro, é um cabo com que se *abafa* (v. *abafar*) a vela. «Todas as velas tem *bichas*, ou *tomadoiros* para ferrar, ou abafar o pano.» — **Ap. e Man. de Navios,** 98.

toragem. (v. **toro,** na 1.ª série). «Travessas para caminho de ferro e toragem para exportação.» — **An. Com.,** *para 1911*, pag. 1519.

torna. Os carpinteiros de construção naval chamam *torna* ao ângulo de chanfradura de uma cunha. «Dar mais, menos *torna* à cunha; ter muita *torna*.»

tortas, antigo sistêma de rêdes, empregado na pesca da sardinha; em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

torto. *A torto e a direito*, sem preocupação de escolha, sem cuidado.

«...que por furtarem maquias
moem a torto e a direito.»

Pinto Brandão. **Pinto Renasc.,** 215.

tortulheira, terreno em que se cultivam tortulhos comestiveis; plantação de tortulhos.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 924.

trabuco, tamanco fechado na parte posterior, como um sapato; no conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez.

traço, traçar. O **Novo Diccionário** dá *traçar*, em 2.ª acepção, no sentido de «misturar», como termo açoriano. Na Baixa-Extremadura, pelo menos, os pedreiros chamam *traçar* à operação de misturar a cal com a areia. *traço* é essa mistura. «Fazer o *traço*.»

traçador, o mesmo que «desenhador». «...o ajudante de desenhador ou traçador civil.. ajudante de traçador da fabrica Cardoso Dargent..» — **O Seculo,** de 15 de Dezembro de 1913.

traineira, «...um vapor hespanhol, dos muitos que para o sul lançam a *traineira* na pesca da sardinha..» — **Aurora do Lima** (Viana), 17 de Dezembro de 1913.

«*Traineiras* (para pesca de sardinha) vendem-se duas completas, prontas a pescar. Quem pretender dirija-se a.. Peniche». — **O Seculo,** de 19 de Abril de 1914.

Cp. o esp. *traína.*

traita, discernimento, prudencia, bom senso; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.

trancho. (v. **Rev. Lus.,** XIV, 168). Não é só termo de Viana, mas tambem de Espòsende, e provavelmente de todo o litoral minhoto.

tranquilha, embrulhada, trapaça. «Que direy dos que lanção em remataçoens de fazendas que fazem pôr em leilão por mil tranquilhas?» — **Arte de Furtar,** 164.

Esp. *tranquilla.*

trapiche. «Trapiches para canna,

movidos a água, vapor ou gado.» —anúncio da Comp.ª Perseverança, de Lisboa; *in*-**An. Com.**, para 1913, pag. 1427.

trapolas, o mesmo que «trapola.» «Estás um bom trapólas!—disse em soliloquio o velho.» —Camilo. **O Sangue,** 175.

traque. *traque-de-lobo*, variedade de cogumelo; no Seixal.

travessão. «O rio.. ora ocultando ora descobrindo seus travessões de quartzito de encontro aos quaes se reparte e convulsiona..»—Com. Geog. e Geol. do Est. de S. Paulo. **Expl. do Rio Grande e de seus afl.,** 2.

travesseirão, em Viana, é a almofada grande que, de dia, se coloca sobre o travesseiro da cama.

travessio, atalho; no Brasil. «Procurámos os travessios que mais se aproximavam da barranca do rio..»—Com. Geog. e Geol. do Est. S. Paulo. **Expl. do Rio G. e de seus afl.,** 1.

trem, é a palamenta das embarcações; no Seixal.

No conc. de S. Pedro-do-Sul chamam *trem* ao «alfinete» ou «aguilhão,» do milho. v. **Gazeta das Aldeias** n.º 954. (v. **aguilhão,** na 1.ª série).

tremoçada, o mesmo que *tremoçagem*. (v. **tremoçar,** na 1.ª série).

v. **Gazeta das Aldeias,** n.º 911.

trempe, peça de madeira, no convés, à prôa do navio, onde enfurna a mecha do pé do gurupez. «Um cabo de guia no pé [do gurupez] o endireita para a trempe..»—**Ap. e Man. de Navios,** 55.

Fazer a trempe, ligar a pega à mecha do mastro com voltas de cabo. v. *Ibidem*, 66.

tresmalho, rêde para a pesca da lampreia, sobre estacada; em Espòsende.

v. **O Espozendense,** de 5 de Junho de 1913.

v. **alvitana.**

trinca. «*Trinca*—É uma corrente comprida de ferro, fixa por um *olhal de tesoura* no lado d'estibordo do gurupez—na altura da *casa da trinca,* aberta no bêque—a qual liga o gurupez ao navio, passando em volta d'elle e pela *casa* dez ou doze voltas redondas, esganadas depois em volta com o chicote da corrente.»—**Ap. e Man. de Navios,** 59.

trincho, o mesmo que «têsto»; na Póvoa.

v. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

trilhadela, o mesmo que «trilhadura»; no Minho. E na Beira-Alta. v. Leite de Vasc. **Trad. Pop. de Port.,** 39.

troça. «*Broalhos*.. Quando se queima bagaço ou vinho derrancado [em alambique], o liquido que êle produz, a que chamam *trossa*, servirá para beber sem que seja refinado?»—**Gazeta das Aldeias,** n.º 929.

troia, mulher mexeriqueira; no Barreiro.

trôlha. No Minho e Douro, *trôlha* é o «pedreiro», o que trabalha nas construções de argamassa e pedra. *Pedreiro* é, ali, o que afeiçôa a pedra.

trompêta. «..e levarõ consigo hũa trõpeta q̃ andava em cõpanhia de hũu daq̃les q̃ se asy apartarõ.» —**Cr. do Condestabre,** cap. XXXIV. «..chegou a elle hũu trõpeta do Meestre de Santiago..»—*Ibidem*, cap. LXVIII.

tropo, muito?

> «O presente foy do marca
> para tropo sestymar..»
>
> **Canc. Geral,** III, 39.

Cp. o fr. *trop*.

trote, trotar. *A trote*, na ling. fam. de Viana quere dizer o mesmo que

a cote. «E' a saia que trago *a trote*.» *trotar* = «cotiar», usar.

tunicas, azeitonas curtidas; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 737.

U

ucha, extensão de terreno, na charneca, escalvado por queimada; na Beira-Alta.

v. **Gazeta das Aldeias**, n.º 737.

unha. *A*, ou *com*, *unhas e dentes*, com raiva, com energia, com decisão. *Unguibus et rostro*. «Quanto em crêr que vos adoro serey por elle *a unhas e dentes*.» — Jorge Ferreira. **Eufrosina**, 241.

unhão, chama-se, a bordo, a uma disposição especial de ligação de cabos.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 216.

unhar. «*Unhar* é ficar a ancora com a unha segura no fundo quando o navio porta pela amarra.» — **Ap. e Man. de Navios**, 121.

úrpio, na comparação, *gordo como um úrpio*, i.-é, «muito gordo»; nos Arcos-de-Vale-de-Vez.

uruçáboi. V. **manduri.**

urucu. «abelha amarella, com o abdomen rajado, grande e mais ou menos brava, fazendo o ninho quer no ôco de páo, quer no chão. Dá muito mel e bom.» H. Silva. *As Abelhas do Brasil*, *in* — **Alm. Bras. Garnier, para 1912**, pg. 125.

O **Novo Diccionário** regista **uruçu** = «grande abelha avermelhada e inofensiva;» no Brasil.

useiro. *useiro e veseiro*, o mesmo que «reincidente».

> «Os uzeyros e vezeyros
> de falsas mercadarias..»
>
> **Canc. geral**, I, 220.

De *uso* e *veso*.

V

vacinoterapia, conjunto dos métodos terapêuticos baseados no emprego das vacinas; em linguagem médica.

valuma, lado exterior das velas latinas, triangulares ou quadrangulares, que fica virado para ré.

v. **Ap. e Man. de Navios**, 41. Esp. *baluma*.

vareja, o mesmo que «barege». «.. podia sahir á rua trajado de hollandilha ou vareja..» — Camilo. **A Sereia**, 8.

vavá, abelha grande, rajada, do Brasil, que produz muito e bom mel. Tambem lhe chamam *tiuva*.

v. **Alm. Bras. Garnier**, *para 1912*, pag. 125.

vedante, face interna do cilindro das máquinas de vapor, onde curva o êmbolo.

v. **Nom. de Cald. e Mach. de Vapor**, II, 8.

vedante é tambem a parte cónica dos machos, das válvulas ou torneiras, que entra na *caixa* das mesmas.

v. *Ibidem*, II, 13.

vègar. Admirava-se este clerigo.. de que a viuva fosse tão *végada* pelo amante e nunca se escabreasse.. com a aventesma do marido.» — Camilo. **Volc. Lama**, 212.

vela. *Fazer força de vela*, é empregar um esforço máximo de execução, ou empenhar-se na realização de um empreendimento.

Esta expressão minhota mostra a supervivência de uns restos da velha fraseologia náutica, muito popular nos séculos XV e XVI, que atestava o génio de uma raça de navegadores.

Expressão parelha ocorre nos clássicos: *meter velas e remos*. *Meter velas e remos* numa questão equivalia a pôr todo o interesse

próprio, ou mover o de outrem, para a resolver.

«Cuidaes que estaes já com ella,
quando vo-lo mais parece,
querais lançar mão della,
mette remos, mette vella,
n'um ponto desaparece.

Sá de Miranda. **Cartas** [III].

No mesmo caso está o *remo de ajuda*, como vem no **Cancioneiro Geral**:

«mas poys vos senhor metes
rremo dajuda que vogue..

velador. Nos Arcos-de-Vale-de-Vez, o *velador* é um suporte ou haste de madeira, firme em uma peanha, com pregos a várias alturas para neles se pendurar a candeia.

veleiro, é o «navio de vela»; em ling. maritima. «Pela variação de velocidade, desde a meia milha do antigo veleiro bonançoso, até ás quinze dos transatlanticos..» —**Ap. e Man. de Navios**, 4.

Fr. *voilier*.

venerar-se, alimentar-se, sustentar-se, tratar-se; em Viana, nos Arcos-de-Vale-de-Vez e julgo que em todo o Alto-Minho. «A gente cá se bai *benerando* cumo calha, q'ando o póun 'stá caro!»

Venerar é «sustentar, dar alimentos a» «Um tem obrigaçoun de *benerar* ós pais q'and'êles nun pode, trabalhar.»

V. **Rev. Lus.**, XIV, 168.

vento. (v. o artigo *Nomes de Ventos*, in-**Rev. Lus.** XVII, 198).

ventril, o mesmo que *ventrilho* (v. na 1.ª série); no Vale-de-Cóina.

verdêlho, vinho verde. «Pede o voto e bebe copos de verdêlho...» — **Fôlha de Viana** (Viana), 8 de Nov. de 1913.

verdinha. «Nem todas as arvores [pereiras] estão atacadas pois principalmente sofrem do mal umas duas castas que possuo, uma das quais aqui [Tábua] tem o nome de *verdinha*, nome que julgo eu lhe vem de apresentar sempre, mesmo quando madura, a côr verde.» —**Gazeta das Aldeias**, n.º 901.

verde, verdasco. No Minho *verde* é o sangue cozido, de porco ou de boi, empregado como alimento, de pessoas e de animais. *Chouriça-de-verde* é o chouriço de sangue, com gordura e cebola picada, que se leva a ferver ligeiramente, para se conservar.

verdasco, ou *verde*, é o mesmo que «vinho verde.» «Ó meu sargento, o tanso do abbade casca-lhe rijo no verdasco!»—Camilo. **Braz. Prazins**, 109. «.. casquinava com vaidade paparreta, carregando-lhe a mão no verde.» *Ibidem*, 114.

verdoengo. *Vinho verdoengo.* «*Felgueiras*.. Há aqui muito quem use juntar o vinho verdoengo, isto é, o vinho resultante de uvas verdes, ao vinagre.»—**Gazeta das Aldeias**, n.º 935.

verga, verguinha; vergalhão; viga. *vergalhão* é a barra de ferro, de secção quadrada, de grossura variável entre uma e meia e três polegadas, que se emprega nas indústrias metalúrgicas. Ás de dimensões superiores chamam *vigas*, e *vergas* às de menos de polegada e meia até meia polegada. Daí para baixo tomam o nome de *verguinhas*.

vessada. «A sementeira de milho chama-se *vessada*. [Em Taboaço?] — Leite de Vasconcellos. **Tradições Pop. de Portugal**, 236.

vestir, vestidura. V. **enramar.**

vigagem. «huũ viratã que lhe deu por meio da vigajem do bacinete..» —**Cr. do Condestabre**, cap. XLIII.

viagem, inclinação ou desvio de seguimento que se dá a um rôlo, sobre o qual se conduz uma viga ou

mastro, para lhe modificar a direcção. Entre carpinteiros navais.

vinca, finca. *Vinca* é a «esquina, aresta, rebordo»; no Minho. «.. as *estrigas* do linho appoiadas e seguras na vinca superior do cortiço..» — Alves da Cunha. **Paredes de Coura,** 211.

Dizem tambem no mesmo sentido *finca* (Viana).

virados, o mesmo que «lapelas» ou «rebuços» (do casaco); no Doiro e Minho.

virão, debrum, verdugo, friso; na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul).

virote, haste de madeira, comprida e flexível, de secção quadrada, com que se fazem cércias para o traçado das curvas; em construção naval.

V. Barros-Freitas. **Const. Naval,** I, 75.

teso como um virote, é comparação popular minhota.

viro, prego de madeira, lanceolado, com 10 centímetros de comprimento e 2 a 2 1/2 cent. de grossura aproximadamente, empregado na construção de cortiços para abelhas; na Beira-Alta.

V. **Gazeta das Aldeias,** n.º 737.
Cp. *virote* e *virão.*

vitrinário, gatuno que rouba, por arrombamento, os mostruários exteriores das lojas. «Os *vitrinarios* assaltaram hontem uma montra da tabacaria.. roubando vario jogo na importancia de 35 escudos». — **O Seculo,** de 10 de Dezembro de 1913.

vista, olho. Parece que, neste sentido, se usa na ling. popular de todo o país. «Tenho uma vacca hollandêsa com uma nêvoa na vista esquêrda..» — **Gazeta das Aldeias,** n.º 805.

volanta. v. **quartel.**

volta. *Volta-de-mar,* grande onda, vagalhão; na linguagem marítima.

na volta do mar, em rumo oposto à terra. «..desferimos com muita pressa a vela grande, que já tinhamos de verga d'alto, e nos fizemos na volta do mar.» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. VII.

na volta da terra, em direcção à terra, aproando à terra. «Os inimigos, seguindo-nos sempre.. prouve a Nosso Senhor que se tornaram a fazer na volta de terra, a demandar o porto donde tinham saído.» — *Ibidem, idem.*

andar às voltas com alguem, andar em disputa, implicar, embirrar.

> «De dom Garçia de crasto
> que nam çesa dalegnar
> o gram Fernam de toar
> a voltas com Joam de basto.»
>
> **Canc. Geral,** I, 323.

vulgar. «.. imperador da Etiopia, a que cá o vulgar chama Preste João..» — Fernam Méndez. **Peregrinaçam,** cap. XX.

Z

zaguncho, iba, desandador, agulhêta. Dão-se estes quatro nomes a uma varêta de ferro, redonda, aguçada, e às vezes ligeiramente curva nas extremidades, que serve para fazer mover certos parafusos, exercendo-se pressão nos furos da cabeça. A bordo de alguns navios mercantes chamam-lhe *iba. zaguncho* dizem os carpinteiros navais. Em artes mecânicas usa-se um instrumento idêntico a que chamam *agulhêta* e *desandador,* mas *desandador* é mais propriamente uma haste de ferro com palmatória a meio em que ha duas ou mais aberturas quadradas que se encaixam na cabeça do macho da tarracha, para o fazer mover.

zanga. v. **aravessa**

zângano. «Os corretores que são approvados pelo tribunal de commercio, chamam-se *corretores de numero*, e os qne não teem approvação superior denominam-se *sanganos.*» — Mag. Peixoto. **Trat. Prat. de Cont.**, 233.

zegre. *Ir ao zegre*, é expressão popular de Espòsende, que quere dizer: «beber muito vinho.»

V. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

zibreiro, embriagado; no conc. de Espòsende.

V. **O Espozendense,** de 1 de Maio de 1913.

zirneira. v. **vento.**

Azinheira — Barreiro, Fevereiro-Abril de 1914.

Óscar de Pratt.

FALAR DO POVO

I — bruar

O sr. Óscar de Pratt, entre as observações [1] que fez à 2.ª série das minhas *Nótulas ao «Novo Dicionário»*, incluiu a seguinte:

— «*bruar*. Dá [o A. das *Nótulas*] a esta palavra o sentido próprio: «fazer barulho». Referindo-se ao *Novo Dic.* diz que êle lhe dá a acepção de «acontecer». Esta acepção registei-a eu na *Rev Lus.*, XIV, 149, referida a Paredes-de-Coura, citando a expr. *deixar bruar*, i é, «deixar que os fados se cumpram». Não foi decerto bem observada a significação própria do verbo.» [2] —

O sentido próprio de *bruar* é, nomeadamente em Paredes-de-Coura: «fazer barulho». Narciso A. da Cunha, na sua monografia sôbre Paredes-de-Coura [3], registou: «*Bruar*, v. — fazer estrondo; grande sussurro. O mar *brua* [4]; está a «*bruar*» = está a trovejar.»

Bruar é «fazer barulho», muito ou pouco barulho, tanto dá, mas com demora, prolongadamente.

Em galego, há o mesmo vocábulo:

Xa mormura o regato cristaiño,
xa emprincipia a fontenla a gurgullar:
xa o vento entre dos pinos rumorosos
escomenza muy débil á bruar (5)

(1) — Publicadas na *Fôlha de Viana*.
(2) — *Fôlha de Viana*, de 30 de Abril de 1915.
(3) — *No Alto Minho — Paredes de Coura*, Pôrto, 1909, pág. 308.
(4) — Em algumas partes dizem *brôa*; por ex. em Ancora (Caminha).
(5) — Da poesia *Nouturno*, de Bermudez Jambrina, in *Literatura Gallega*, de Carré Aldao, Barcelona 1911, pág. 245.

...... as ondas, que mesmo dá
medo, no peito, escoitalas,
brua que te bruarás,
tumbando c'os tronos, cando o rayo
racha o ceo en desfeita tempestá! (1)

A *Buitra*, que de cote está bruando,
O *Vilán*, xigantesco penedal
que pol-o mar esténdese..... (2)

Para confirmação de que também assim é em Paredes-de--Coura, citarei os seguintes exemplos populares que o distinto professor do Liceu de Évora, sr. Francisco Brandão, que é daquele concelho ([3]), amávelmente me transmitiu:

— «Ontem bruou o trovão aos Arcos[-de-Valedevez].»

— «F. está sempre a bruar com os filhos» [isto é: a gritar, a ralhar].

— «E' preciso desimpedir o caminho senão F. começa logo a bruar».

— «E' preciso *botar* [levar a pastar] o gado que não se atura a bruar na corte.»

— «O gado tem bruado toda a manhã na corte, com a fome.»

Vê-se que *bruar* é, de um modo geral, «fazer barulho»; e os exemplos expostos definem excelentemente o vocábulo, aplicado às pessoas, aos animais e a fenómenos fisicos ([4]).

Apontarei mais:

— «Isso é um *bruão*», isto é: pessoa que se não atura, pessoa impertinente que, por causa de tudo e de nada, ralha muito.»

— «Ante-ontem sentia-se uma *bruadoira* muito grande à barra de Caminha; era o mar que estava bravo.»

Estes exemplos referem-se ainda a Coura (colhidos em Formariz) e foram-me dados também pelo sr. Francisco Brandão. Sinónimo de *bruadoira*, recolhi em Afife *bruada* [cf. *cantada*, *ralhada*, *chorada*, etc.] — «Que grande *bruada* fizeram os parolos com os tamancos!»

Entre os exemplos que o sr. Manuel José Pereira, da freguezia de Bico, do concelho de Coura, me enviou, apartarei êste: «Que *bruadoira* faz o rio na *mota* (açude)», ou «o vento nas árvores!»

(1) — Da poesia *¡T'envexo!*, de Emiliano Balas, in *Lit. Gall.*, pág. 255.

(2) — Da poesia *Lembranzas*, de V. Abente Lago, in *Lit. Gall.*, pág. 280

(3) — Da freguesia de Formariz.

(4) — O sr. Manuel José Pereira, de Bico (Paredes-de-Coura), também me enviou exemplos comprovativos do que digo. Aqui lhos agradeço.

Bruadoira, bruada ou, se preferirem, *bruar*, tomado substantivamente, servem muito bem para traduzir o vocábulo francês *brouhaha*, por aí empregado a torto e a direito: — «O *bruar* da multidão.» Assim diz o povo, por cá.

Bruar (ou *bruar-se*) é também *constar*: *Segundo brua* ou *segundo se brua* = segundo se diz, ao que se murmura... — Mas a isto me referirei, ao tratar de *rugir* [1].

Há a expressão *deixar bruar* = deixar constar, deixar falar, deixar dizer o que dizem, não se importar a gente com o que os outros dizem [2].

E também *deixar bruar* no sentido de *deixar correr, deixar seguir os acontecimentos*, «deixar que os fados se cumpram», como diz o apreciado escritor sr. Óscar de Pratt.

Bruar é empregado em acepção translata. — Ajunte-se ainda a expressão *bruar a carvalheira*, isto é: soprar o vento com fôrça, haver ventania (toma-se o efeito pela causa), que se usa em Paredes-de-Coura: — «Hoje brua a carvalheira.» (Formariz). E ainda as expressões: *bruar(-lhe) no fardamento* (Ponte-do-Lima) = bater, dar pancadas a alguém; *bruar o pau, o cacete*: assim se exprime a actividade do pau que espalha pancadas; cf. *estroar o cacete*, na **Rev. do Minho** XX, col. 110.

Aqui fica ratificado a que eu disse nas minhas *Nótulas* (pág. 24, 2.ª série), s. v. *bruar*, e creio que devidamente rectificado o que o *Novo Dic.* traz. — *Bruar*, vocábulo onomatopaico, é na sua acepção própria, «fazer barulho prolongado»; e os dicionários deverão arquivar, juntamente, as frases feitas que nêste artigo registei: *deixar bruar, bruar a carvalheira*, etc. Os exemplos que mencionei permitirão ao dicionarista registar convenientemente as acepções daquele vocábulo e destas locuções.

12 de Maio de 1915.

---

(1) — Vid. *rugir*.
(2) — No concelho de Paredes-de-Coura, como noutros concelhos do distrito.

*
* *

II — de uma cana (só)

O sr. Óscar de Pratt, nas **Locuções Petrificadas** (Esposende 1914, coll. 182 e 183), refere-se a esta locução, dizendo que ela «não é uma imagem feliz nem apropriada, porque a valentia, ideia primordial, não pode simbolizar-se no caule fragilissimo de uma planta. Apesar de moderna, a expressão representa já a deturpação de outra muito mais expressiva, talvez de origem brasilica. *Macana* é uma espécie de clava de guerra usada pelos selvagens das Américas do sul e central. E' palavra de origem mexicana... *Macana* ou *macaná* e ainda *màcana*, pela acentuação das vogais no sutaque brasileiro, justifica o sentido de formação da expressão: *de macana*, i-é, «aguerrido; forte, vigoroso, que tem as qualidades de resistência ou a utilidade combativa da *macana*». A fantasia popular, já dentro da deturpação provocada pela consonância e pelo desconhecimento do vocábulo americano, criou o arredondamento: *de uma cana só.*»...

Não é esta a origem da expressão *de uma cana só.*

*
* *

É tradição entre o povo que as pessoas muito valentes teem um só osso, *uma só cana*, no antebraço.

«os pulsos de Alvaro negrejavam cabelludos e quadrados, de uns que o povo diz que *tem uma só cana*, como signal de rijeza inquebrantavel:»

Camilo, NOVELLAS DO MINHO. 2.ª ed., Lisboa 1903. I pág. 30-31.

Cana é «osso comprido».

Lê-se no Morais (s. v. *rádio)*: «huma das duas canas do braço desde o cotovelo até á mão, e he a menor». — Na *Luz*

Verdadeyra, e recopilado exame de toda a cirurgia, de António Ferreira (Lisboa, 1705; 4.ª impressão; pág. 47-48), vem: «os braços até o cotovelo he hum só osso, porém muyto grosso; dahi para baixo vão dous, que são as duas canas, a huma chamão Vina, a outra Radio,» ...

E é tradicional, como disse, julgar-se que os valentões teem o esqueleto do antebraço constituido por uma só peça, inteiriça, no que está a idea de máxima resistência e valentia.

Canas são, própriamente, os ossos longos do antebraço, quando se fala da gente, mas primitivamente eram quaisquer ossos longos: «*Cana da perna,* a tibia»; «*Cana do braço,* o osso longo do braço», no Dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. *cana.* Aqui não estão os vocábulos *braço* e *perna* empregados com rigor scientifico, assim como erradamente se supõe que há um só osso no antebraço e na perna (do joelho ao tornozelo).

Mas também se diz *cana do nariz,* que é formada não por um osso só, como geralmente se crê, mas por dois (os *ossos-próprios-do-nariz* ou *nasais),* e se chamam *canas* as «costelas» dos animais, nalgumas aldeias pelo menos. [Vila-Mou (Viana-do-Castelo), por ex.].

A linguagem scientifica antiga usava também *cana* na acepção de osso comprido. Na *Anatomia do Corpo Humano,* de Bernardo Santucci, Lisboa 1739, fala-se em «*Tibia* ou *Cana* mayor, ou *Fuzil* mayor» (pág. 312) e em «Peroneo, ou fuzil pequeno, ou cana menor» pág. 314).

Dizia-se *cana* e *canela.* Mas *canela* ficou depois a dizer-se apenas a respeito da perna. Bento Pereira, na *Prosódia,* fala na «canela do braço», s. v. *Radius.*

Assim, na *Anatomia completa del hombre,* Madrid 1745, fala o seu autor, Martin Martinez, em «Cubito, ò Canilla mayor», «Radio, ò Canilla menor del brazo» (pág. 525 e 526, nas margens): e em «Tibia, ò Cannilla mayor» e «Perone, Sura, ò Canilla menor» (pág. 528 e 529).

Em algumas aldeias ainda chamam *canêlos* às canas do antebraço e *canelas* ás da perna, e dizem: *de um canêlo só* [Vila-Mou (Viana-do-Castelo)] por: *de uma cana só.*

Como as pessoas valentes são em regra fisicamente perfeitas, passou a expressão *de uma cana (só)* a designar também perfeição fisica. *E' um moço de uma cana,* môço perfeito, gentil, ou é *uma rapariga de uma cana!* Depois, aliando-se a perfeição moral à perfeição fisica, *de uma cana* veio a exprimir também idea de bondade: *pessoa de uma cana,* pessoa bondosa, honesta, boa

pessoa. E, por extensão, ainda, apilcou-se à excelência das coisas: *maçãs de uma cana, terra de uma cana.*

Janeiro de 1915.

*

*

III — rijão — rijar — rijoada

Rijão (ou *rejão*, por mudança do *i* átono em *e* mudo) é em o norte do país:

a) — pedaço de carne de porco *rijada*, isto é: muito aquecida ao lume. O *rijão* é cozinhado de várias maneiras, consoante o uso de cada terra: a sua caracteristica é, porém, ser muito aquecido, em geral na própria gordura.

b) — Nem sempre os *rijões* são de fêvera; também os fazem de ligamentos, mesentério, etc. do porco.

c) — Ainda os há de tecidos de outros animais: boi, carneiro, etc. Os *rijões* de cão, isto é, que servem para a alimentação dos cães, são constituídos pelo que fica de tecidos do boi, carneiro..., depois de lhes ter sido extraido o sebo.

d) — *Rijões* são também as escórias da forja do ferreiro.

Rijão vem de *rijar*: é um nome de produto formado por meio do sufixo *ão*, como *rasgão* (de *rasgar*), *borrão* (de *borrar*), *rachão* (de *rachar*), etc.

A par de *rijão* e *rijar*, correm as formas de que provéem aquelas: — *rojão, rojar*. É a vulgar trota de *u* por *i* (*rojão = rujão; rojar = rujar*). — Cfr: *chicolate*, de *chocolate; jimento*, de *jumento*, etc.

No **Compendio de Orthografia,** registou Fr. Luís do Monte Carmelo [1] na lista dos «*Abusos, e Vocabulos Vulgares, ou menos cultos, &c*»: «*Rijões*, ou *rujões*, isto he, *Toicinho*, ou *Carne de Porco frita*. Pleb.»; e emendou para: «Torrêsmos.»

Rojar vem de *rôjo*, vocábulo que, pelo menos, ainda hoje é

(1) — Lisboa, 1767, pág. 677.

usado em Trás-os-Montes, pelo que diz o **Novo Diccionário,** do sr. dr. Cândido de Figueiredo: «**Rôjo** [2], *adj. Prov. trasm.* Rubro; incandescente»...

Lê-se na **Orthografia,** de João de Morais Madureira Feijó, Lísboa 1734, pág. 473: «*Rôjo*, em Traz dos Montes se diz de ferro que se mette no fogo; está *Rojo*. Não lhe achei fundamento.»

O vocábulo encontra-se no **Diccionario da Lingua Portugueza,** de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, Lisboa 1783, assim definido: «*avermelhado por ter em si muito fogo*»...

Este dicionário traz ainda *rojar*, *rojão*, relacionados com *rôjo*.

Rôjo (roijo) vem de *roseum*, «de couleur rose, rose, vermeil, rosé, rouge, purpurin» (*Dict. Latin-français*, de Freund-Theil); — cfr: queijo, de *caseum;* etc.

O ferro torna-se *rojo* (rubro) pelo calor forte. Alia-se á vermelhidão a idea de «grande calor». Assim, nos *rijões*, que não são da forja, é também o «grande calor» que mais fere a atenção. *Quente como um rijão*, diz o povo.

... quentiños,
Como rixons en caldeira

Rosalía Castro, **FOLLAS NOVAS**, Habana, 1880, p. 179.

A par desta comparação, estoutra também popular: *vermelho como um rijão*, que não é tam freqüente.

Estas comparações concorrem para justificar a proposta derivação de *rojar* e *rojão*.

*

* *

Em galego, *rixon*.

Além do passo acima apontado, indico mais êste:

Mais xa de Bras n'a cociña
Roxe o rixon n'a sarten.

Curros Enriquez, **AIRES D'A MIÑA TERRA**, 2.ª ed., Madrid 1881, p. 49.

Pelas duas citações em galego, se vê que o *rijão* não é sempre cozinhado da mesma maneira, como já disse.

*

* *

Deve ser também registado nos dicionários o vocábulo *rojoada* (e as formas *rijoada, rejoada*), «prato de rojões», «refeição de rojões», e, por extensão, «sarrabulhada».

Janeiro de 1915.

*

* *

IV — rugir (rogir) — rugido

Na **Revista Lusitana,** II 258, o Sr. Joaquim de Castro Lopo registou [«Linguagem popular de Valpaços»]:

— «1. **Rogir,** fazer ruído. Cp.:

«E nos ouvidos inda o som lhe roge».

(António Ferreira, *História de Santa Comba dos Valles*, t. I, *pág.* 285 dos *Poemas Lusitanos*, Lisboa 1829).

2. **Rogir,** apparecer, estar: «Quando entrei em casa não *rogia* lá ninguem» ...—

O vocábulo não pertence apenas à linguagem de Valpaços, e o segundo significado não é distinto do primeiro.

Diz-se que não *roge* ninguém em casa — para se dizer que nela não está ninguém —, porque se alia à presença de alguém (ou de algum animal) a idea de *ruído*.

Rogir é o mesmo vocábulo que *rugir*, conjugado como *fugir*. Diz Madureira Feijó (*Ortographia*, Lisboa 1734, pág. 476): «*Rugir*, e não *Rogir*, conjuga-se como o verbo *Fugir*». Fr. Luís do Monte Carmelo também inclui entre os êrros vulgares: «*Rogido*. Pleb.» que emenda para «Rugido, derivado de *Rugir*». (**Comp. de Orthogr.,** Lisboa 1767, pág. 678).

Rugir (ou *rugir-se*) é também, por translação, *constar: Segundo roge..., pelo que se roge...*, ao que consta, segundo se diz, pelo que se ouve, murmura-se... — Cfr. *bruar* — que tem precisamente as mesmas acepções — na 2.ª série das **Nótulas ao «Novo Dicionário»**, pág. 24.

Note-se que o povo diz *rugir* e *rugir-se*, *bruar* e *bruar-se*, como diz *constar* e *constar-se*: «ao que consta», «ao que se consta».

O Dicionário de Domingos Vieira abona o vocábulo («rugir-se»), nesta acepção, com um passo de Herculano. Encontra-se também abonado no Morais:

«**Rugir,**... Dizer-se em segredo, não se dando por certo. *Palm.* 1. *P.* c. 16 «já então se começava a *rogir*, que todos os cavalleiros se perdião, &c» *P. Per.* 2. *f.* 143. *Castanh.* 7. *c.* 59. rugia-se *isto*».

Também no *Elucidário*, de Viterbo, vem: «*Rogir*. Murmurar em segredo: fallar pela boca pequena, e com alguma dúvida» (2.ª ed.)

E nêste sentido que deve ser tomado o vocábulo «*roje*» que o sr. dr. A. A. Cortesão incluiu nos seus *Subsídios para um Dicionário completo da língua portuguêsa* (Coimbra 1900) com um ponto de interrogação: «**Roje?** Ex.: Sois poeta?... Assi ser *roje*. F. M., o *Fidalgo apr.*, 2.ª jorn.).»

*

* *

Num verso galego, citado no artigo sôbre **rijão:**

Roxe o rixon n'a sarten,

se encontra o mesmo vocábulo, e ai sobressai a sua qualidade de onomatopaico.

As cozinheiras daqui chamam *rugido* ao *estrugido*: espécie de môlho com cebola, feito ao lume, e que serve para temperar arroz, etc. O *rugido*, — como o *cozido*, o *assado*, os *fritos*. Em *rugido*, confunde-se o «chiar», «fazer ruído», com a causa: «cocção». É por isso que muitas vezes se confunde *rogir* com *rojar*; na cozinha, o que se *roja* em regra *roge*. — Para isso concorre

também a semelhança fonética dos dois verbos. Assim, diz-se: *vou rugir isto*, por: *vou rojar isto; aquilo está a rugir*, por: *está a rojar*.

Janeiro de 1915.

*

* *

V—seis-e-cinco

Seis-e-cinco é *alcoviteiro, alcoviteira* (a habilidade é mais própria de mulheres). Comum é ouvir-se: *Eu não sirvo de seis-e-cinco a ninguém! Sempre arranjaste um bom seis-e-cinco!*

A *seis-e-cinco* alia-se, vulgarmente, a ideia de dinheiro [*seis* vinténs *e cinco* réis], paga de serviços de alcovitagem. Na **Rev. Lus.**, x. 226, vem êste dito popular (de Vila-Rial): «Dentro em breve ganhas os *seis-e-cinco* (= ganhar o premio das alcoviteiras)».

Mas não é esta a origem da curiosa expressão.

Seis e *cinco* são *onze*, e onze são as letras do vocábulo *alcoviteiro*. Esta é que é a origem, quanto a mim, da expressão popular *seis-e-cinco*. Ainda hoje, nalgumas partes do país, se chama *onze letras* ao «alcoviteiro».

Também no Brasil é conhecido o *onze letras*. «Ha também (diz o sr. João Ribeiro, ilustre académico brasileiro, nas suas **Frases Feitas**, I, 246, nota) a locução conhecida — o *ozne letras* — (o alcoviteiro) das onze letras que tem a palavra que não nomeiam.»

Noutros países haverá, por certo, idêntica formação de expressões, usando-se em vez da palavra o seu número de letras.

Na Alemanha sei que *Popo* é vulgarmente chamado *vier Buchstaben* (= «quatro letras»).

Para *seis-e-cinco*, dar-se-ia uma decomposição pitoresca de *onze*, perdendo-se depois a ideia primitiva. Ao que me dizem, nalgumas partes do país, em vez de dizerem por claro o nome *onze letras*, mostram os dedos das mãos até à conta de *onze*. Êste gesto concorreria para a decomposição de *onze* em *seis* e *cinco*.

Fevereiro de 1914.

*

* *

VI — talhar, cortar, segar

O **Novo Dic.**, s. v. *talhar*, diz: «Embotar-se, (falando-se dos dentes)».

Não sei se em algum ponto do país *talhar* é verbo intransitivo; por aqui, sempre êsse verbo — na voz activa, é claro — tem o complemento directo *dentes*: *Esta maçã talhou-me os dentes.*

Mas não há só «*talhar*» para se exprimir a desagradável acção a que me estou referindo. Há *cortar* e *segar*. — «Esta bebida *cortou-me*, ou *segou-me* os dentes». Muitas vezes, ouve-se *cegos* por *segados*: «A fruta deixou-me os dentes *cegos*». É por confusão de *segar* e *cegar*.

A idea fundamental, em *talhar*, *cortar* e *segar*, é «seccionar». Os dentes como que são seccionados, como que desaparecem da bôca, quando embotados. — O que contribui para reforçar opiniões expostas por Antoine Thomas nas suas *Mélanges d'étymologie française*, s. v. *aacier* [Paris, 1902, pág. 1].

Dezembro de 1914. — Viana-do-Castelo.

CLÁUDIO BASTO.

MISCELÂNIA

Latin vulgaire "*(e)stratare„

D'après l'ancien portugais, le galicien, l'asturien *estrar*, on n'est pas fondé à rétablir un latin vulgaire *(*e*)*stratare,* épandre, étaler, joncher, éparpiller (fréquentatif de *sternere*), puisque cet *estrar* «Streu in den Pferdeställen ausbreiten» est, comme l'indique Meyer-Lübke dans le *Roman. Etym. Wörterbuch* (8292), une «Rück-bildung» ou reformation postérieure faite, dans ces langues, sur les représentants du lat. *stratum,* couche, dépôt, lit. Un *(*e*)*stratare* aurait en effet donné, sans ancun doute, *estradar*, *t* intervocal y passant à *d:* comp. les traitements de *ratare, mutare, putare,* etc.

Cela veut-il dire qu'un **(e)stratare* n'a existé nulle part en lat. vulg. et que cette création, qui était favorisée, facilitée par l'existence de *stratus* couche et de *stratum* dépôt, n'a pas eu lieu, dans nul endroit? Du tout, et le wallon apporte ici le témoignage probant qu'un *(*e)stratare* a existé, au moins dans l'extrême Nord-Est de la Gaule. Ce dialecte a, répandu sur tout son territoire, un *stāre,* acess *stōre* (dans ce sens de: épandre, étaler, joncher), qu'on n'a pu expliquer jusqu' à présent (Dans ma *Phonologie détaillée d'un pat. wallon*, Paris, 1892, j'ai dû me borner à un raprochement conjectural à l'all. *streuen),* mais qui est bien le continuateur phonétique de *(*e*)*stratare,* ayant passé par une métathèse, fort ordinaire, à *(*e)statrare* et ayant donné (par **(e)stadrare)* **(e)starrer,* comme *matricularin* a donné *marreillier (mod. *marti morti:* cf. *conseillier* > mod. *kōste)* et comme *quadrelu* a donné *quarrel* (mod *kāwrē kwōrē*).

Il est bien évident que, dans la période de l'ancien français, **(e)starrer* était soumis à la loi de l'alternance régulière **(e)sterre*

=*(e)statro, mais *(e)starrons=*(e)statramus*. On n'a pas découvert, jusqu'ici, **(e)starrer* dans d'anciens textes wallons.

PAUL MARCHOT.

Uma rectificação

Num artigo acêrca de Tradições populares e linguagem de Villa-Real», de A. Gomes Pereira, na REVISTA LUSITANA, X, vem a pág. 237 registada, como exemplo de «aliteração», a frase seguinte:

—*«Pillulas Pink para as pessoas pallidas»*.

Esta frase não é popular. E' uma tradução da frase principal do rótulo das «Pílulas Pink»—*«Pilules Pink pour personnes pâles»*

CLÁUDIO BASTO.

Politica e Filologia

I

Nos primeiros tempos do regimen actual, alguns cidadãos mais exaltados, e cuja exaltação estava na razão inversa do saber etnografico, imaginaram mudar a palavra (composta) *bolo-rei* em *bolo-nacional*, por suporem que ela, por causa do segundo elemento, fazia afronta às novas instituições. Tão curto é o entendimento de certas pessoas! Nem uma guloseima podia assim derrubar a República, nem *bolo-rei* tem nada que vêr com as ideias monárquicas.

O *bolo-rei* é de origem recente em Portugal [1], e como outras muitas modas nossas, creio que viria de França. Os Franceses com efeito chamam *gâteau des rois* a um «gâteau mangé le jour des Rois, et contenant une fève qui fait roi du festin celui des convives qui la trouve dans sa part» [2]. Entre nós o

(1) Cf. Adolfo Coelho in *Revista de Ethnologia*, pag. 55.

(2) *Dict. Génér*, s. v. «gâteau».

bolo-rei, no festim de 6 de Janeiro, póde conter uma fava, ou um anel (aliança etc.), ou outra «surpresa», e diz-se que a pessoa a quem tocar a porção do bolo com o objecto será feliz, e terá por isso de comprar á sua custa o bolo para o festim do ano seguinte.

Se a palavra *bolo-rei* é, como penso, tradução do francês, devia primeiramente ter tido a fórma *bolo-dos-reis*.

Como é que de *bolo-dos-reis* se passou para *bolo-rei?*

E' tendencia da nossa lingoa suprimir *de* em compostos d'esta natureza: cfr. *porco-espinho* por «porco d'espinho» (1). Por outro lado tambem, em certas palavras compostas, o genero ou o número da segunda parte, quando diverge do da primeira, é atraido por êste: cfr. *pedra-raia* por «pedra de raio», *sete-estrelo* por «sete estrelas» (2). À mesma categoria pertence a expressão popular *um conto de rei* por «um conto de *reis*», onde o plural *reis* foi atraido pelo singular *um conto*. Portanto compreende-se que *bolo-dos-reis* pudesse tornar-se *bolo-rei*, ou a mudança se fizesse de modo gradual, ou, o que é mais provavel, de repente, por analogia com os exemplos que preexistiam na língoa, e sob a influência já de palavras que tem aspecto semelhante, como *pano-rei* (3), *peixe-rei*, *Castelo-Rei*, *Castro-Rei*, *Monte-Rei*, já de expressões em que a *rei* se dá claramente o sentido de «principal», como nos versos populares: «ó alecrim, *rei das hervas*», «ó oiro, *rei dos metais*», «ó jasmim, *rei das flores*» (4), nos quais como que se antropomorfiza a Natureza.

II

Julgo que houve igualmente quem, por motivos análogos aos indicados no comêço do presente artigo, se lembrasse de substituir o apelido *Reis* por outro. Ora *Reis* provém ideologi-

(1) Tratei d'isto nas *Lições de Philologia Portuguesa*, Lisboa 1911, p. 343-346.

(2) Subentender-se-ha *astro*: vide o que escrevi na *Revista Pedagogica*, I (1904), 67.

(3) Ouvi esta expressão numa cantiga do Ameixial (Extremoz):

Já te podia ter dado
Um lenço de *pano-rê*:
Porem tenho consid'rado:
Quem te namora (que) t'o dê!

onde o *que* é de mais. Disseram-me que *pano-rę*: ou *pano-rê* é um lenço encarnado, com silvinhas á roda, d'estes que os rapazes costumam oferecer ás namoradas.

(4) Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 117.

camente da mesma fonte que *bolo-rei*: é abreviatura de *Santos Reis Magos*.

Muitos dos nossos apelidos e nomes originaram-se de crenças religiosas, festas do calendário, vida da Virgem e de Cristo, personagens da Bíblia e da História da Igreja. Apelidos que se relaciònam com atributos da Virgem, ou fases da sua vida, são por exemplo: *Assunção*, *Dôres* (Nossa S. das Dôres), *Piedade*, *Purificação*, *Soledade*. Relacionados com a vida ou atributos de Cristo temos: *Ascenção*, *Encarnação*, *Natal*, *Paixão*, *Sacramento* (por *SS. Sacramento*). O apelido *Natividade* tanto póde referir-se a Cristo como à Virgem. O apelido *Santos* está por *Todos os Santos*, i-é «Fuão de Todos os Santos» (em francês *la Toussaint)*. Ha individuos que se chamam *Felipe Neri*, *Francisco de Sales*, *Francisco Xavier*, *João Crisostomo*, *João Evangelista*, *João Nepomuceno*, *Maria Madalena*, *Nicolau Tolentino*, por veneração dos santos que tem esses nomes; às vezes acontece que se perde a consciência d'isso, e que os filhos, conservando o apelido, deixam o nome, que só porém conjunto com aquele tinha razão de ser, pois é um pouco absurdo que o filho de um Nicolau Tolentino se chame, v. g., *José Tolentino*, só porque o pai tinha aquele nome. O apelido *Bàtista* é abreviatura de *João Bàtista*, em homenagem a S. João Bàtista, e originariamente foi usado só com *João*. Outros apelidos provenientes de santos: *Sampaio*=S. Paio (Pelagius), *Santiago*—Sant'Iago (Iácobus), *Ventura* por S. Boaventura (=Boa Ventura). É sabido que quando alguem professava num convento, substituia o nome ou apelido que tinha no seculo por outro freqüentemnte relacionado com a religião: o poeta quinhentista Fr. Agostinho *da Cruz* chamava-se no seculo *Agostinho Pimenta*; o autor do *Santuario Mariano*, quando se tornou frade augustiniano, mudou o seu nome secular *Manuel Gomes Freire* em *Agostinho de Santo Maria*, em homenagem não só ao patriarca da sua ordem, mas à Virgem, cuja história lendaria, e importantissima para a Etnografia, depois escreveu em 10 volumes (1707-1723). À Biblia pertence *Jordão*, isto é *rio Jordão*, famoso nos dois Testamentos, e depois santificado (S. Jordão): vêmo-lo em *Levi Maria Jordão*, nome de um conhecido publicista e advogado, onde ao mesmo tempo ha *Levi*, nome de um filho de Jacob e de uma tribu d'Israel, e *Maria*, nome da mãi de Cristo. Nas famílias hebraicas abundam nomes e apelidos bíblicos: *David*, *Isaías*, *Salomão*, que às vezes tambem se encontram noutras, por exemplo *David*, apelido vulgar em pessoas não hebrêas (e é nome de santo).

O estudo scientífico dos nomes próprios constitue um ramo da Filologia denominado *Onomatologia*. Muito ainda havia que dizer sobre o assunto, mas por agora não posso alongar-me mais.

Campolide, 20 de Abril de 1915.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

"Saudade„ em português e galego

Aditamento ao artigo que, sob a mesma epigrafe, publiquei na **Rev. Lus.** XVII. 275-281:

— O povo também diz *sôdade*, no Alentejo (Vid. **Rev. Lus.** x, 243).

—Na pág. 279, acrescente-se:

7. soedá

Por iso ¡mal pocado! ô ver morrel-o dia
eu sinto soedás;
se m'enchen de bagullas os ollos, e quixera,
en Dios ô pensamento, morrer c'o lumiar.

(Da poesia *Ó cael-a tarde*, de Pio L. Cuiñas, in **Lit Gall.**, pág. 310).

—Nas **Obras Completas** de Rosalía Castro de Murguia (Madrid 1910, III, 49) vem *soedad*—como gentilmente me informou a eminente escritora Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos—em vez de *soledad*, que é como vem no passo correspondente da edição de Habana (1880) das **Follas Novas**, —passo que cito na pág. 280 do meu artigo.

Temos, portanto, a par de *soledade, soledad, soledá: soedade, soedad, soedá.*

É natural que haja também *soidad*, entre *soidade* e *soidá*, mas não encontrei ainda.

CLÁUDIO BASTO.

CRÓNICA

Em 30 de Março de 1912 faleceu em Pádoa, na idade de 80 anos, o conhecido filologo italiano Emilio Teza, que sabia muitas lingoas, e entre elas a portuguesa, em cujo campo publicou em 1872 um trabalho intitulado *Indoportoghese* (separata de *Il Propugnatore*, vol. V): este trabalho tem por assunto o dialecto português de Ceilão. Além disso o mesmo autor publicou uma notícia do meu *Dialecto mirandez* na *Cultura* (vid *Estudos de Philolog. Mirand.*, II, 265), e publicou em Genova, 1896, um opusculo intitulado *Zara, versi sopra un sepolcro, scritti da A. de Quental*. Talvez haja outros trabalhinhos d'ele a respeito de Portugal, porém não posso agora verificar.—Conheci pessoalmente Teza em Pádoa em 1905, e só conservo d'ele boas recordações.

J. L. DE V.

*

* *

«O Sr. Alberto Dauzat inaugurou na Escola de Estudos Superiores, em Paris, uma cadeira de fonetica das linguas romanicas e de estudo especial da fonetica histórica da lingua portuguesa e resumo dos dialetos portugueses, segundo os livros do dr. Leite de Vasconcelos.

O dr. Dauzat, que é autor de um livro sobre a Espanha, publicará brevemente um outro sôbre Portugal. O ilustre filologo é o candidato único à cadeira da lingua e literatura portuguesas na Universidade de Paris».

(De *O Seculo* de 16 de Janeiro de 1915)

BIBLIOGRAFIA

I

Periódicos

Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, *XXXVII*, 471-475, vem uma nota em alemão do Sr. Theodor Kalepky, em estilo muito arrevesado, sôbre a expressão portuguesa *é que*. O A. cita, entre outras, uma frase de Gomes de Amorim, *O Amor da Patria*, (Lisboa 1879), p, 36: «julgas acaso que as leis da tua igreja é que prenderão ao teu o meu *cor*», já tambem citada nesta fórma porMeyer-Lübke, *Gramat.*, III, § 344; mas *cor* não é nada, é simples gralha tipográfica: o que o texto tem é *coração*.

O A. diz que o sentido d'essa frase não é: *ce sont les lois de ton église qui attacheront mon cœur au tien*, mas acaso: *les lois de ton église — c'est qu'elles prendront*, ou talvez mais exactamente: *les lois de ton église — le cas est qu'elles:* o que eu não compreendo bem. Por outro lado diz que *é que* corresponde ao alemão *wirklich*, *wahrlich*, *fürwahr*, *freilich*, *allerdings*. A fôrça toda do sentido recái em as *leis da tua igreja;* por isso a primeira correspondencia francesa, ao contrário do que A. pensa, é exacta.—A *é que*, como expressão de realce, se referiu já o sr. Epifanio Dias nas suas *Grammat. Portuguesa elementar*, § 248, b, obs., e *Gramat. Franc.*, § 96.

Na mesma *Zeitschrift*, vol. cit., pág. 730-735, trata o Sr. Leo Spitzer de varios casos de sintaxe portuguesa (e hespanhola), já no texto, já em notas:

1) *é que*. Refere-se ao artigo de Kalepky, repetindo o inexacto *cor* por *coração*, e juntando outros exemplos da mesma ex-

pressão.— A *consecutio temporum* que Spitzer nota em hespanhol, tambem a temos em português: é da lingoa corrente *eu estava triste*, era que *tu não vinhas* (embora tambem pudesse dizer-se *é que*, como expressão já estereotipada).

2) *Como que: o lavrador* como que *tristemente os convidava; era* como que *uma censura*. O Sr. Spitzer vê aí uma interrução da construção, isto é: «*como devo dizer?*», e julga conjunção o *que*, junta como em *quasi que*.— A respeito de *quasi que*, e modos analogos, vid. Epifanio Dias, *Gram. Port.* § 250.— Cf. tambem *como se*, de que L. Spitzer fala em nota de pág. 733.

3) *Eu*, em começo de expressão, por ex.: *Ai filhos*, eu não é nada *comigo* (E. de Queiroz, *O Crime do P.e Amaro*, p. 236). O Sr. Spitzer nada explica. Neste e em semelhantes casos *eu* significa *por mim, quanto a mim, pelo que me toca*. Podia juntar-se reticencia: *eu ... não é nada comigo*, como que se subentende mentalmente: *eu direi, eu penso*. Cfr. a expressão familiar: *eu parece-me que ele que morre*.

4) *É ver*, em casos como este de Julio Denis, onde serve de exemplificação ou justificação do que fica dito antes: «é ver *como eles olhavão para ela*». Spitzer diz que *é ver* se explica talvez como *é dizer*, correspondente ao hesp. *es decir*. Mas ao hesp. *es decir*, no sentido de «esto es», não corresponde *é dizer* em portugues: não usamos tal frase, e dizemos «isto é». Cfr. lat. est videre *apud illos argentea vasa Germania*, v, 8, e *in medio classis aeratas, Actia bella*, cernere erat, na *Eneida*, VIII, 675-676. Vid. Madvig, *Gramat. Lat.*, § 419.

De *é beber*, em sentido imperativo, tratou Julio Moreira, *Estudos* II, 12, ao que o proprio L. Spitzer se referiu no *Ltbl. f. germ. u. rom. Philol.*, 1914, col. 69.

O Sr. Leo Spitrer toma muito a peito os problemas de sintaxe. Pena é queos não exponha mais didacticamente, e os afogue em exemplos, espalhados sem distinção no texto e nas notas, de modo que dá grande fadiga a quem o lê.

J. L. de V.

II

Varia quaedam

—**Progressive Portugal,** por Ethel C. Hargrove, Londres, s. d. (é de 1914).

—**Die Sprache der Saramakhaneger in Surinam,** por H. Schuchardt, Amsterdão 1914.

—**Notulas ao «Novo Dicionario»,** por Claudio Basto, 2.ª série, Viana do Castelo 1914. Cfr. *Rev. Lus.*, XVI, 346.

—**Influencia do Vocabulario Português em línguas asiaticas,** par S. Rodolfo Dalgado, Coimbra 1913.

—Trabalhos de Esteves Pereira:

a) **Nux «a nogueira»,** Coimbra 1914;

b) **Duas homilias sobre S. Tomé,** Coimbra 1914.

Separatas do *Boletim da 2.ª cl. da Academia das Sciencias.* t. VIII.

—**O imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no português,** por J. Maria Rodrigues, Coimbra 1914 (separata do *Boletim* da 2.ª cl. da Acad. das Sc. de Lisboa. t VII).

—**Catalogo dos manuscritos do Museu Etnologico Português,** por Pedro A. d'Azevedo, Lisboa 1914. (Separata d-*O Arch. Port.*, vol. XVII a XIX).

—**Apostillas ao «Dicc. de vocabulos brasileiros»,** por Carlos Teschauer, Petrópolis 1912-(1914),—177 páginas.

—**Giria de crianças delinquentes,** por A. A. Mendes Correia, s. l. n. d., 8 páginas.

—**Camillo inédito,** prefacio e notações do Visconde de Villa-Moura, Porto, 1913.

—**Origens do Christianismo na Peninsula Hispanica,** por Monsenhor Ferreira. Póvoa-de-Varzim e Porto, 1912.

J. L. DE V.

REVISTA LUSITANA

VOL. XVIII 1915 N.os 3-4

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

IX

Orações

I

Responso a Santo António

a) Bendito e louvado seja
Santo António, sol brilhante;
Em Lisboa, França e Itália,
Deu luz ó mais rutilante;
Ó beato Santo António,
Qu'ó Monte Sinai subiste,
O teu santo breviário perdeste,
Em busca dêle moveste mui triste (1),
Uma voz do céu ouviste:
— Ó António, torna atrás,
O teu santo breviário acharás,
Em cima dêle *Jasus* Cristo vivo;
Três cousas *le* pedirás:
Qu'um perdido seja achado,
O esquecido *alembrado,*
O *vivo* guardado (2).

(Areias).

(1) Esta oração foi colhida depois de ter escrito a nota (2) de pag. 24, vol. XVIII desta *Revista*.

(2) O *vivo* são os animais domésticos. Santo António é objecto de veneração profunda. Nos templos, é junto da imagem dêle que se vê o maior número de *promessas*: velas, bois de cera, etc.

As *promessas* com figura de animais representam quási sempre a cura de alguma doença que os teve em perigo.

b) Santo António de Lisboa
Se vestiu e calçou,
Seu caminho caminhou;
O Senhor *le* preguntou:
— Onde vais, ó Antoninho?
— Senhor, eu consigo vou.
— Tu comigo não irás,
Tu na terra ficarás;
Todas as cousas perdidas,
Antoninho, acharás.

(Areias).

2

Oração para quando troveja

a) Santa *Bárbora*
Se vestiu e calçou,
Seu caminho caminhou,
Seu bordão na mão tomou,
Jasus Cristo encontrou,
E *le prèguntou:*
— Onde vais, *Bárbora Virge?*
— Meu Senhor, *ó* céu me vou
Abrandar êstes trovões
Que tam fortes êles *stão*.
— Ora vai, *Bárbora Virge*,
Lev'ós ó monte maninho,
Onde não haja pão nem vinho,
Nem bafinho de menino,
Nem gente da Cristandade;
Valha-me a Santíssima Trindade.

(Areias).

b) *Barborinha pequeninha*
Se vestiu e calçou,
Seu caminho caminhou,
O Senhor *le prèguntou:*
— Onde vais, ó *Barborinha?*
— Senhor, vou aqui *ó* céu
Abrandar uma *trevoada*
Que lá anda muito assanhada.
— Pois vai, *ó Barborinha*,
Deita-a *p'ró* monte maninho,
Que não haja pão nem vinho,
Nem bafinho de *meninho pequeninho*.

(Areias).

3

Padre nosso pequenino

a) Padre nosso *pequeninho*,
O Senhor é meu padrinho,
A Senhora minha madrinha;
Para que me fêz a cruz na testa?
Para que o pecado não me impeça;
Lavei três vezes, lavei,
Meu Senhor, por onde irei?
As portas do céu abertas,
As do inferno não verei;
Está S. Pedro à porta,
Com a capa *de revolta* [1],
A preguntar aos meninos
Se sabiam a oração,
A oração dos *pelingrinos*,
Quando Deus era menino
Que andava pelo mar,
Com as mãos a *straquejar*
E'os pés a deitar *sáingue*.
Trata, trata, Madalena,
Com teu lenço de calor
Para limpar o Senhor.
— *Tem-te, tem-te* [2], Madalena,
Não me queiras *alimpar*;
A estação das cinco chagas
Ainda tenho para passar;
A *pequeninhos* e grandes,
A todos hei-de salvar [3].

(Areias).

b) Padre nosso *pequeninho*,
O Senhor é meu padrinho,
A Senhora minha madrinha;
Para que me pôs a cruz na testa?
Para que o demónio não me impeça,
Nem de noite, nem de dia,
Nem no pino do meio dia.

(Areias).

---

(1) Numa versão colhida em Montalegre pelo aluno do Liceu de Vila Rial, Morais Caldas, aparecem as palavras: «*Com uma capa mui devota.*» Na versão da *Ling. Pop. de V. Rial* cit., pág. 87, vem: «*Com sua capinha de volta*».

(2) Umas versões trazem: *tento tento*; outras: *tata tata.*

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, IX, pag. 231.

4

Oração do cão danado

a) Eu me encomendo a Deus e à luz,
E à *Santa Bela Cruz* [1],
E ao rei da Virgindade,
E à Santíssima Trindade;
Ao S. Romão milagroso
(Tem o corpo em Roma,
Cabeça em Portugal) [2]
Que Deus me queira guardar
De bicho achado, por achar,
Cão danado e por danar,
Homem morto, *má* encontro,
Homem vivo, mau perigo;
Que S. Romão milagroso
Seja minha guarda e meu desvio.

(S. Martinho de Bougado).

b) Eu me encomendo à luz,
E à *Santa Bela Cruz*,
E ao rei da Virgindade,
E à Santíssima Trindade;
Ao milagroso S. Romão,
Que me livre de cão,
Danado ou por danar,
De homem morto, mau encontro,
De homem vivo, mau perigo;
S. Romão seja comigo.

(Areias).

5

Oração ao deitar [3]

Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com a graça de Deus e do Espírito Santo;
O Senhor me cubra com o seu manto.

(Areias).

---

(1) Etimologia popular por Vera Cruz.

(2) Na freguesia de Constantim, concelho de Vila Rial, há uma *Santa Cabeça* muito visitada pelos mordidos de cão danado.

As peregrinações à *Santa Cabeça* teem diminuido muito nos últimos tempos. Por um lado abrandou a fé nas virtudes do crânio, por outro parecem ser mais raras as mordeduras. V. P. Carvalho, *Corografia* cit., t. II, pág. 459.

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, v. IX, pág. 283.

6

Oração à Senhora do Rosário

Virgem Santa do Rosário,
Ouvi minha petição:
Lembrai-vos da minha alma,
Ponde-ma da vossa mão;
Se até agora andei errada,
Com tamanho desatino
Me perdia,
Sem nunca atinar caminho;
Peço-vos, Virgem Maria,
Que *moveis* meu coração
Para que em vós ponha afeição,
E vos ame,
E por vós chame;
Quando me eu vir atentada
Da tentação do pecado
E do inimigo,
Senhora, dai-me sentido
Para que eu siga a salvação,
E me não perca,
Pois vós sois arca aberta,
Porta da misericórdia,
Raínha da terra
E da glória;
Mulher que anda em guerra,
O mundo é tentador;
Virgem, pedi *ó* Senhor
Que me valha
Para vencer esta batalha;
Senhora, quero servir-vos,
Nas vossas mãos deixo tudo;
Fazei com que eu deixe o mundo,
Nunca deu bom galardão,
Nem menos consolação,
Senão guerra;
Virgem, não *quereis* que eu perca
Glória para que eu nasci;
Virgem, lembrai-vos de mim,
Sende minha advogada,
Até à morte me deis fala
P'ra que eu siga os mandamentos
Contra os maus pensamentos,
De Nosso Senhor Jesus Cristo ...

X

Costumes

1 — Alguns lavradores costumam apascentar o gado no centeio, pouco crescido ainda, para evitar que êste *acame* (Areias) ([1]).

2 — Considera-se como que uma maldição roer uma cabra os rebentos da videira. A planta nunca mais se desenvolve em termos, assinalada pelo dente envenenado em que fala Virgílio (Areias) ([2]).

3 — Quando é preciso desmamar os bezerros, usa-se uma táboa munida de pregos (Areias) ([3]).

([1]) Cfr. *Geórgicas*, pág. 15:

> *«E o como elle, em surdindo á flôr do sulco o trigo,*
> *«mette o gado a espontal-o, e o salva do perigo,*
> *«de lhe vir a acamar, quando pender maduro!*

([2]) Cfr. *Geórgicas*, II, pág. 133, e o curioso passo dos *Fastos* em que se explica o sacrifício do cabro — I, pág. 39.

([3]) Cfr. *Geórgicas*, III, pág. 135:

> *«Aos chibos muita gente as bocas amordaça*
> *«quando os quer desmamar com picantes barbilhos*
> *«para que as proprias mães fujam co'a teta aos filhos.*

4 — Alguns lavradores colocam nos campos um ramo de pinheiro com duas ordens de galhos. Entre os galhos metem dous paus a que chamam *rebolos*. O espantalho, a que dão o nome de *galheiro* ou fôrca, é um aviso para os donos das galinhas. Se as aves entram no campo, matam-se com os *rebolos* e dependuram-se nestes.

Dizem-me que o costume é antiquíssimo (S. Martinho de Bougado). Em algumas casas dependuram as aves daninhas à agricultura, para amedrontar as companheiras (Areias).

Nas figueiras, campos de painço, estacadas de feijões e sementeiras de ervilhas, aparecem muitas vezes bonecos de palha ou de pau, e às vezes simples papéis, para afugentar os pardais, papa-figos, etc. (1).

5 — As esfolhadas são um pretexto para festas, namoros e questões em que entram sempre os varapaus. Nas eiras, ouvem-se apupos, vozes chamando, ditos em falsete: São os rapazes que andam ao serão, e que às vezes se revestem de lençóis para que, apresentando-se junto dos esfolhadores, não sejam conhecidos (S. Martinho de Bougado e Areias).

6 — Com a introdução dos arados de ferro desapareceram as grandes vessadas em que dous lavradores se associavam reùnindo os bois suficientes para arrastar o antigo arado de pau. As juntas de bois chamavam-se, a contar do arado: *Pé*, *trilho*, *picadouro* e *guia* (2).

Na ocasião das vessadas o lavrador dava um bom jantar. Ouvi dizer que, depois de modernizada a sementeira, as colheitas começaram a ser piores.

Mas, se a cultura não sofreu, foi indubitàvelmente prejudicada a animação das aldeias, onde os gritos: *Ei!... eh cabano!... anda, anda, anda!...*, se repetiam a todos os instantes (Areias) (3).

7 — Os campos de milho são destruídos muitas vezes pela

(1) Cfr. sôbre espantalhos nos campos—*Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 596.

(2) V. *Jornal de Santo Thyrso* de 10 de Junho de 1915, artigo de Sousa Cruz.

(3) As vessadas lembravam as festas *sementinas* e *paganais*. V. *Fastos*, t. I, pág. 71 e 73.

Há também um banquete nas *carreadas*—transporte simultâneo de pipas de vinho, madeira, etc., em carros de bois, cedidos de graça pelos lavradores amigos.

Nas malhas, depois da distribuïção de vinho, os malhadores dão vivas aos donos da casa, acompanhados de vozes prolongadas: ih, ih, ih...; uh, uh, uh...

bicha. Mas onde há as plantas — escalracho e nozelha — a bicha não pega (Areias).

8 — Quando a torga começa a secar no campo, a terra está lavradoira (Areias).

9 — Quando a terra está húmida por cima, havendo uma camada inferior sêca, não se deve lavrar nem sachar, se não o campo *ganha pêco*. *Ganhar pêco* é vir a *bicha*. E desde que vem a *bicha*, o milho morre e fica a terra estragada (Areias).

10 — Os lavradores, ao fazerem a sementeira, marcam a terra com ramos a que chamam *balizas*. As *balizas* devem ser tiradas de árvore que dê fruto (Areias).

11 — A debulha do milho faz-se, por vezes, obrigando os bois a pisar as espigas (S. Martinho de Bougado (1).

12 — Os pedreiros (2) e carpinteiros teem fama de honrados — o que não sucede aos trolhas e aos mineiros, tidos geralmente na conta de preguiçosos e intrujões. Como sucede noutras terras, os pedreiros teem um vocabulário especial bastante rico com que designam o pão, o vinho, etc., e que não é compreendido pelos estranhos à arte. Os mineiros usam dumas frases exquisitas, que servem por exemplo para avisar os colegas da chegada do patrão (Palmeira).

13 — Quando os carpinteiros ou pedreiros terminam a obra numa casa, colocam sôbre a construção um ramo. Fica sabendo o patrão que é preciso dar aos artistas a *molhadura* (Palmeira) (3).

---

14 — Grande capela.
Pequena capela,
Três voltas em redor dela.

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pag. 260.

(2) Por simples curiosidade, registo um dito de espírito dum aprendiz de pedreiro. Era êle que dava sempre o sinal: É meio dia! O patrão ficava furioso e uma vez bateu com uma régua no espertalhão, gritando: Quem diz se é meio dia ou não sou eu!... Ao outro dia, chegada a hora, exclama o rapaz: «Faz agora 24 horas que o patrão me deu com a régua...»

As sestas, ou descanso do meio dia até às 2 horas da tarde para os jornaleiros, começam em 25 de Março e prolongam-se até 8 de Setembro. Alguns lavradores demoram o jantar, roubando assim às sestas. Cfr. *Rev. Lus.* v. 17.º, pag. 308, n.º 51.

(3) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 124.

Significa o ditado: Quer a casa seja grande, quer pequena, é preciso dar de beber aos artistas três vezes: no princípio, no travejamento e no fim (Palmeira) [1].

15 — Os alfaiates servem de pretexto a muitos ditos satíricos do povo. Eis alguns exemplos:

a) Quatrocentos alfaiates,
Todos postos em campanha,
Que gritavam: aqui-del-rei!
Para matar uma aranha [2].

(Palmeira).

b) Carpinteiro é nobreza,
Tirado da bizarria;
Alfaiate, sapateiro,
E' uma piolharia.

(Palmeira).

c) Alfaiates num são *homes* [3]
Nem se *'les* pode chamar;
Quando *perde* uma agulha,
Põe-se logo a chorar.

(Areias).

16 — Vimos já que os sapateiros não escapam também à ironia:

a) Sapateiro é fraco gado,
E' canalha muito reles;
Sempre cautela co'êles,
Que êles dentro da porta tem peles.

b) Sapateiros depenados
Faz domingo à segunda-feira,
P'ra na têrça *ter* vagar
De curar a borracheira.

(S. Martinho de Bougado).

---

(1) Cfr. o ditado: *A bom comer ou mau comer, três vezes beber*. Abilio Monteiro, *Caracter revelado*, pág. 308.

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, v. I, pag. 258; *Trad. pop.* cit., pag. 133, e T. Pires. *Cantos*, v. I, pag. 410.

(3) O informador, que era alfaiate, acrescentou logo: Os alfaiates *responde*:

Alfaiates *num* são *homes*! ...
Mas alfaiates *homes* são;
Se *num* houvesse alfaiates,
Todos andavam em leitão.

E' muito conhecida a fórmula:

Sapateiro, *remendeiro*
Come tripas de carneiro;
Bem lavadas, mal lavadas,
Te corram pelas barbas (¹).

(Areias).

17 — Aos moleiros atribuem espírito de ganância e poucos escrúpulos (²).

a) —Moleiro, anda para o céu!
—Senhor, *não* tenho *bàgar;*
Tenho um fole na moega,
A maquia por tirar.

(Areias).

b) Vem o moleiro, tira o seu maquieiro;
Vem a mulher, tira o que quer;
Vem o João, tira o quinhão;
Vem a Maria, tira a maquia;
Vem o rapaz: — Ó senhor meu amo,
Êste fole *inda* não está maquiado?
—Maqueia-o p'r'aí que te leve o diabo (³).

(Areias).

18 — A barba e os barbeiros servem de tema a muitas cantigas e ditos:

a) Êstes rapazes de agora
São franguinhos de vintêm;
Promete dè'reis às almas
P'ra ver se a barba *lhe* vem (⁴).

(Areias).

b) Se tu visses o que eu vi
A' vinda de Guimarães!...
Um barbeiro de joelhos,
A fazer a barba aos cães (⁵).

(Areias).

c) Estava um homem a fazer a barba. A uma certa altura diz ao barbeiro: — Pare lá!

(¹) Cfr. *Rev. Lus.*, v. I, pág. 271, e *Trad. pop.* cit., pág. 250.

(²) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 249.

(³) Gurth, personagem do *Ivanhoe* de Walter Scott, dirigindo-se a Miller, salteador, com quem vai bater-se em jôgo de pau, diz: "*If thou be'st a miller... thou art doubly a thief...*„ Collection of british authors — Tauchnitz. Chap. XI, pág. 154.

(⁴) Cfr. *Rev. Lus.*, v. X, pág. 140, n.º 586.

(⁵) Quanto à forma, cfr. T. Pires, *Cantos*, v. I, pág. 274, e *Rev. Lus.*, X, pág. 125, n.º 353.

E começou a tirar uma bota. Tirada ela, continuou o barbeiro o seu trabalho. Daí a um bocado, torna o freguês: Pare lá! E tira a outra bota.

Feita a barba, pregunta o barbeiro: — Porque tirou v. as botas?

— E' que prometi ir ao Senhor de Matozinhos, se escapasse desta, e fui tirando as botas para ir mais depressa [1].

d) Quando um rapaz quere fazer a barba, sem a ter, dizem: Anda à demanda com o ôvo, ainda a não venceu.

19 — Com o desaparecimento da caça vai diminuindo o número dos caçadores, que continuam gozando em toda a parte da fama de fantasistas.

Na quinta da Capela (Palmeira) — antiga casa dum crúzio — onde a paixão da caça se tem transmitido através de algumas gerações, houve um galgo preto, afamado em muitas léguas à volta. Um fidalgo de Barcelos quis obtê-lo, dando em troca um bom cavalo.

Como o contracto não foi aceito, houve tentativas de furto, e o dono do cão fechava-o em casa. Por fim o galgo, na ânsia da carreira, morreu rebentado contra uma parede.

Conheço ainda exemplares de caçadores furtivos: Não teem licença. Conhecem muito bem os lugares por onde passam os coelhos, e, em noites de luar, sobem às árvores e de lá disparam contra a caça.

Um dêles é tambêm pescador. Pega num *redafol*, entra nos ribeiros, e, pondo o aparelho em frente dos buracos, obriga com a mão o peixe a fugir para dentro do *redafol* (Areias).

20 — Quando se quere tirar o mel, *desinxabelham-se* [2] os cortiços, isto é, passam-se as abelhas (a *inxabelha*) dum cortiço para outro. Tirar o mel a um cortiço chama-se — *cobrá-lo*.

Para se tirar uma parte da cera (*stinhação*), faz-se um defumadoiro com bosta queimada para as abelhas descerem.

Alguns abelheiros importantes levam os cortiços em Março para a Póvoa de Varzim, daí para Valongo, depois para o Ca-

---

(1) Esta anedota foi colhida em Areias, mas não parece popular. Contudo reproduzimo-la, porque são freqüentes os ditos a celebrar a impericia dos barbeiros.

(2) Palavra formada talvez pelo processo da etimologia popular: *desenxabelhar* por *desenxamear*.

brito, e finalmente para os montes de Paradela, e as abelhas vão dando enxames sucessivos.

A necessidade da mudança está resumida no seguinte ditado:

Disse a abelha quando falou:
— *Quem quiser andar de botas*
É andar comigo às costas.

A's vezes, mesmo não se mudando os cortiços de terra para terra, dão, alêm do enxame costumado, um *garfo* ou *garfito* (1), que de longe a longe escapa.

Começando as abelhas a trabalhar, não pode fazer-se a mudança a não ser para muito longe, pois de contrário *veem à ferida* (2), isto é, voltam para o sitio donde as levaram.

Morrendo a abelha mestra, fica o cortiço *machio*: As abelhas comem o mel todo e morrem (3).

Havendo ameaça de mau tempo, as abelhas matam os abelhões, e até, depois de fazerem *criança*, a geração nova.

Quando um cortiço fica desocupado, mas ainda com os favos, costuma vir alojar-se nele, atraído pelo cheiro, algum enxame perdido. E o antigo dono só pode reclamá-lo, se vier a persegui-lo com um ramo ou com uma vide na mão.

Os abelheiros atiram ramos ou terra ao ar para que os enxames desçam (4).

O furto de abelhas é gravíssimo; é crime de mão cortada (S. Martinho de Bougado).

21 — Quando o linho está maduro, arranca-se (a *arrancada* ou *linharada*). Levado para casa, tiram-lhe os lavradores a semente (*ripar*) no *ripanço* (vara de ferro dentada).

Depois lançam-no sôbre um carro, adornado com flores, e levam-no ao rio (*afogar*).

(1) Em Areias chamam a êsse segundo enxame *garfa*.
(2) *Ferida* é a abertura por onde entram e saem as abelhas.
(3) Cfr. *Geórgicas*, IV., pág. 251:

«Emquanto vive a chefe, unanimes e amigas
«são irmãs na alegria e socias nas fadigas;
«mas apenas falece, adeos união, justiça!
. . . .
«a reserva dos méis já anda às rebatinhas;
«a crespa favaria, as caras cellarinhas
«arrasarão-se . . .»

(4) Cfr. *Geórgicas*, IV, pág. 235, e *Rev. Lus.*, v. XI, pág. 282 n.º 1.

Tirado o linho do rio, põe-se no *còradouro*, e daí passa para o *engenho* onde é moído.

Procede-se então à *spadelada* — motivo para nova festa — com a *spadela* (espécie de fouce de madeira).

Tiradas as *arestas*, passam-se os fios por um *sedeiro* (*assedar*), sendo depois fiados.

Depois dêste último trabalho, resta *curar* o linho para êle ficar branco (S. Martinho de Bougado).

22 — Nas tabernas é vulgar ver-se o tradicional ramo de loureiro [1] ou azevinho à porta. O azevinho dá felicidade.

Os taberneiros costumam anunciar:

Hoje não se fia,
Amanhã sim:
Os maus pagadores
O quiseram assim [2].

Num nicho cavado nas estantes das lojas ostenta-se uma imagem de Santo António, ladeada de jarras [3].

23 — Em frente da igreja de Santo Tirso há duas feiras de louça.

O cuco vem com as louceiras de Março e vai com as de Julho [4].

24 — As saùdações mais vulgares são: Louvado seja N. S. J. Cristo! Para sempre seja louvado! — Bôas noites! O Senhor *le* dê as mesmas! — Bons dias! Bôas tardes! — Vá com Deus! Vá com Nossa Senhora! C'um muito bem passe a noite! — Bote-me a sua bênção!

Aos pobres a quem não se dá esmola, diz-se: Deus o ajude, tio! Deus o favoreça! (Areias).

---

(1) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 571, n.º 4

(2) No lugar da Pousada, freguesia da Campeã (V. Rial), encontrei numa taberna uma quadra um tanto diferente:

Meus senhores,
Peço atenção;
Amanhã fio,
Hoje não.

(3) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 265.

(4) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 146 e 147.

25 — Quando casa um velho é costume juntar-se povo à noite ao pé da porta dos casados, e fazer uma grande assuada com panelas velhas, violas e ferrinhos (Areias).

26 — Antes do casamento, os noivos oferecem o *pão branco* (1). Aos pregões não assistem aqueles.

No dia do casamento, quando há algumas posses, os foguetes atroam os ares; chovem as flores, os confeitos e a missanga, sôbre a cabeça dos nubentes, e é de rigor um grande banquete.

Nos casamentos de pessoas mais abastadas era costume construir arcos como os que se levantam nas romarias.

No domingo seguinte vão os noivos à missa do dia, e na segunda à feira de Santo Tirso (Areias) (2).

27 — Quando os rapazes sabem que há baptizado, aproximam-se da igreja: Uns querem repicar o sino, outros pegar nas tochas e na cruz.

Todos esperam que a madrinha ofereça o *naco*, que é um quarto de uma rôsca de trigo. As rôscas vão numa saca (Areias) (3).

28 — Os defuntos vão para a cova de cara rapada (4).

Não devemos deitar flores nos caixões dos anjinhos, se não êles teem muito trabalho a contá-las no fim do mundo.

Morrendo um homem, o sino dá três *carreiras*. Se morre uma mulher, há apenas duas. Três *repiques* anunciam morte dum menino, dois a duma menina: Toca a *anjinho*, diz o povo (5).

No domingo seguinte ao entêrro dum defunto, há o ofertório: No corpo da igreja colocam-se dois tocheiros com velas a arder, e o padre vai rezando tantos responsos, quantos os vintêns oferecidos pela casa, e pelos parentes e amigos. Uma mulher leva um cêsto coberto com um pano negro. É o cêsto da casa, onde se levam géneros para o padre.

No fim do ofertório há um banquete para o qual são convi-

---

(1) É o pão de trigo. As pessoas de mais importância oferecem pão de ló, que se chama apesar disso o *pão branco*.

(2) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 220.

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pág. 259, e *Trad. pop.* cit., pág. 204.

(4) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pag. 258.

(5) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 240.

dados os parentes, a pessoa que oferta pela casa, e aquela que faz o rol dos ofertantes.

Pelo rol fica sabendo a família do morto que tem de corresponder aos sufrágios num caso semelhante [1]. Nos enterros também se escreve um rol dos assistentes.

A solidariedade entre vizinhos manifesta-se quando *vai o Senhor* a um moribundo, em que é costume encorporar-se uma pessoa de cada casa; no caso de morte, em que todos vão apresentar os sentimentos, repetindo com freqüência: «~~*A morte é um portelo que todos têm de passar*~~ [2]»; nos enterros, nos ofertórios, etc.

Nos enterros, a família do falecido oferece também um banquete. A's confrarias são distribuídos nacos de pão e vinho.

Passando um entêrro por qualquer prédio, o público toma [3] posse do caminho.

Nos fiéis defuntos andam grandes grupos a pedir com crianças, às vezes emprestadas. Cada pessoa leva uma saca e recebe pelas casas canecas de cereais.

O grupo canta:

Dê-me os fiéis de Deus
Por amor de Deus;
As alminhas dos defuntos.
Estão no céu todos *juntos*,
Ao pé da *Bela Cruz*
P'ra sempre amém *Jazus*.

Os doridos cobrem de flores as campas e, de madrugada, acendem lampiões e colocam-nos no cemitério, conservando-os acesos até à visita da procissão dos defuntos (Areias) [4].

Há pouco tempo ainda apareciam em Paradela (S. Martinho de Bougado), por noites tenebrosas, uns vultos com um lam-

---

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 242. Lembro-me de ver na *Crónica de D. Duarte* uma espécie de ofertório após a morte de D. João I, e em G. Vicente — *Auto da Barca do Inferno* — uma referência às ofertas. V. *Obras*, ed. de Barreto Feio, v. I, pag. 226.

(2) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pag. 437, e Cam., *Amor de Salvação*, 4.ª ed., pág. 60.

(3) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 293.

(4) A piedosa romagem ao cemitério lembra as *festas parentais*:

. . . .
Basta aos finados a singela telha
Onde os seus vão lançar-lhe as flores c'roas.
. . . .

Fastos, v. I, pág. 135.

pião na mão. Tocavam campaínha, gritando ao mesmo tempo com voz lúgubre: Lembrai-vos das almas!

Outras vezes, ouvia-se noite alta o badalar do sino.

Informam-me de que eram penitências impostas em confissão pelos padres [1].

29—Já me referi aos cepos e aos cascos das pinhas do Natal, que servem depois para afastar trovoadas. O processo é antigo e não exclusivo do nosso país, como se vê por exemplo dos *Fastos*, v. II, pág. 274 e 278, *Miréio* de Mistral, c. VIII, pág. 320 e 310 [2].

Na noite de Natal há uma ceia. Os pobres andam pelas casas dos lavradores, pedindo vinho e batatas.

No banquete entram sempre bacalhau com batatas e olhos de couve, sendo os doces preferidos as *sopas sêcas* [3], *mexidos* e *rabanadas*.

Em algumas aldeias ainda se diz de longe a longe a missa do galo (Areias).

30—Trazendo-se uma roupa no dia do ano bom, continuará a trazer-se pelo ano adeante. E' por isso que se anda nesse dia com roupa nova (Areias) [4].

31—As festas são bôas, mas em casa dos outros.

E, para afugentar as visitas, que se vão tornando aborrecidas, tem o povo dois meios: ou pondo uma vassoura com o cabo para baixo, ou deitando cornos ao lume (Palmeira) [5].

Contudo, pelas *Janeiras* e pelos *Reis*, recebem algumas ca-

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.*, v. X, pág. 213.

(2) Perdi a nota da edição.

(3) As *sopas sêcas* são fatias de trigo preparadas com açúcar, canéla, mêl, e hortelã. Cozinham-se no forno em grandes alguidares.

E' o doce das festas.

(4) Cfr. *Fastos*, v. I, pág. 19:

«. . . . .
«praz-me que os tempos começando activos,
«se auspiciem fecunda actividade:
«Todos por isso no primeiro dia
«ao solícito exercício as mãos entregam.

V. também *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 569, n.º 2.

(5) O processo da vassoura é conhecido no Pôrto e a êle se referem as *Trad. pop.* cit., pág. 252.

sas as pessoas amigas, que se conservam dançando e em descantes até altas horas da noute.

Os rapazes, munidos de ferrinhos, canas denteadas, etc., andam pelas portas, cantando as *Janeiras:*

Hoje é dia de Janeiro
Por ser o dia primeiro;
É dia dos merecimentos,
Quando Deus passou os tormentos:
Os tormentos estão passados,
Jesus Cristo já é nado;
Lá vem a Estrêla da Guia,
Onde a Virgem pariria?
Foi parir a Belêm
Numa pobre manjedoura
Onde o boi bento comia
E a mula remoía.
— Maldição te boto, mula,
Que não *pairas* vez *nenhũa,*
E alguma que parires,
Não vejas sol nem *lũa* (1).

(Areias).

32 — Pelos *Reis* os grupos são mais numerosos. As cantigas variam muito. Consegui colher três versões:

a) Partiram os três Reis Magos
De noite pelo *lũar,*
Em busca do Deus Menino,
Nunca o puderam achar:
Foram dar com êle em Roma,
Revestido no altar,
C'um cales d'ouro na mão,
Missa nova quer cantar:
Três anjinhos a ajudar,
Outros três a alumiar;
Sobreirinho ramalhudo,
Ao pé lhe cai a bolota;
—Se nos quer dar os Reis,
Venha-nos abrir a porta.
— Minha porta não se *aibre*
Menos que não venha o dia,
Era meia noute em ponto,
Minha porta aberta ia,
Que a abriram os anjinhos
E mais a Virgem Maria (2).

b) Os Três Reis já são chegados
À lapinha de Belêm,
Visitar o Deus Menino
Que Nossa Senhora tem;
Nossa Senhora lhe disse:
— Filho meu, que te farei?
Não tenho cama nem berço...
Nos braços te criarei;
Ó Jesus, olhai p'ró céu,
Lá vereis 'star uma cruz;
Já tenho cama e berço

(1) Cfr. *Rev. Lus*, v. IX, pág. 235, e *Religiões da Lusitania*, pág. 571.
Já Filinto Elísio atribuía carácter pagão às *Janeiras:*

«Canta ao som da viola que reclama
As simples trovas das pagãas Janeiras.

Obras, v. II, pág. 264.

(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, v. I, pág. 15 e seg.

P'ró meu menino Jesus;
Entrai, pastores, entrai
Por êsse portal sagrado;
Lá vereis um Deus Menino
Numas palhinhas deitado;
As palhinhas botam mel
Ó divino Manuel,
As palhinhas botam rosas
Ó divino das formosas;
As palhinhas botam flores
Ó divino dos amores;
As palhinhas botam lírios
Ó divino dos martírios;
As palhinhas botam pão
Ó divino S. João;
As palhinhas botam cravos
Ós divinos Três Reis Magos.

c) Ó da casa nobre gente,
Escutai e ouvireis
Umas cantiguinhas novas
Que se cantam pelos Reis:
Santos Reis, santos c'roados,
Vinde ver quem vos c'roou,
E mais quem vos ordenou
No vosso santo caminho;
Mandou Deus dos altos céus,
Com tamanho desatino;
Mandou Deus uma estrêla
Que *lhe* ensinasse o caminho;
A estrêla se foi pôr
Em cima duma cabana;
A cabana era pequena,
Não cabiam todos três;
Puseram-se em oração,
Cada um por sua vez;
Êles todos lh'ofereceram,
Ouro, incenso e mirra;
O ouro é como rei,
Incenso como martírio,
Mirra como Deus vivo,
Que morreu para nos salvar;
Vamos ver a barca nova
Que se vai lançar ao mar;
S. José vai pela proa,
Nosso Deus por general;
Arriaram-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal!
Glória seja a de Deus Padre,
E a de Deus Filho também;
Glória seja o *Sprito* Santo,
P'ra todo o sempre amém [1].

No fim há as *cantigas*:

Viva lá o senhor F.,
Onde põe o seu chapéu?
No meio da sua casa,
Parece um anjo do céu.

Viva lá . . .
Casaquinha de pinhão;
P'ra ser um *home* honrado,
Há-de me dar um *testão*.

Viva lá . . .
Folhinhas *dantre* um valado;
Estimo que case cedo
C'uma moça do seu agrado.

Viva lá . . .
Sapatinho de confeitos;
Em volta da sua cama
Tudo são amores *profeitos*.

Viva lá . . .
Raminho de bem querer;
Se tem vinho na infusa,
Venha-nos dar de *bober*.

Viva lá . . .
Raminho de salsa crua;
Quando se põe à janela,
Atormenta toda a rua.

Viva lá . . .
Raminho de *roge-roge*;
Se nos quer dar de *bober*
Leve-nos abaixo à *loge*.

[1] Cfr. T. Pires, *Cantos*, t. I, pág. 35 e 36.

Despedidas:

Vou botar as *espedidas*
Vou botá-las e não posso;
Tenho o meu coração prêso
C'um fio d'ouro ao vosso.

Vou botar...
Por cima de Guimarães;
Se o senhor não tem que dar,
Dê-nos sequer as *maçães*.

Vou botar...
Por cima do limoeiro;
Se o senhor não tem que dar,
Dê volta ao migalheiro.

Vou botar...
Por cima dêste colmaço;
Deixa-me fugir depressa,
Se não chove-me no cachaço.

Vou botar...
Por cima dêste telhado;
Deixa-me fugir depressa,
Se não *prende-me* p'ra soldado.

Vou botar...
Por cima dum canivete;
Eu sou rapaz novo,
Mas inda chego p'ra sete.

Vou botar...
Por cima desta cebola;
Viva o patrão desta casa
Mai-la sua senhora.

Vou botar...
Por cima de meia rasa;
Se o senhor não tem que dar,
Corra os cantos da casa.

Vou botar...
Por cima da flor da *gesta*;
Acabaram-se-nos as cantigas
Também se nos acaba a festa (1).

(Areias).

33 — Das representações feitas em tablados em forma de circo, com um pano de chita ao fundo, por onde vão saindo os actores, restam apenas as *reisadas*, que vão desaparecendo também.

O auto encontra-se em manuscritos. Eis parte da fala dum personagem — a *Fama Ligeira*:

Eu sou a volante fama,
Mais ligeira que o vento,
Que vos venho anunciar
Êste santo nascimento;
Por fim, se quereis saber
Quem êle é, na verdade,
Êle é a segunda pessoa
Da Santíssima Trindade.
E' mais humilde *qu'a* Isaque
E mais sábio *qu'a* Salomão;
Senhor, o tempo é pouco,
Não me posso demorar (2)...

(S. Martinho de Bougado).

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, v. I, pág. 428.
(2) A minha informadora não se recordava do resto da fala.

34 — O entrudo vai desanimando de ano para ano. Tudo se limita hoje aos pós e brilhantes deitados na cabeça, toques de buzinas, e tiros durante a noite. Antigamente a loucura era maior: Sujavam-se as mãos na parreira do forno para manchar as caras; havia verdadeiras batalhas com laranjas; atiravam-se das janelas potes com água e com matérias pouco cheirosas — costume que me não parece especial do nosso país pelo que se pode depreender da scena IX, acto III, de *L'Etourdi* de Molière.

Dois jogos se usam no carnaval:

a) — Pendura-se num lugar elevado, numa ramada por exemplo, uma rôsca de trigo ou de pão de ló, e enquanto alguns mancebos e raparigas dançam, homens com grandes varapaus, formam saltos à rôsca a ver se lhe tocam.

Atingindo-a, ficam senhores dela.

b) — Enterra-se um galo no chão com a cabeça de fora. Uns procuram ganhá-lo, com uma venda nos olhos e, depois de colocados a um certo número de passos da pobre ave, brandindo uma espécie de espada a ver se atingem a cabeça; outros disparam tiros contra um alvo colocado a uma grande distância.

Ultimamente o costume é menos cruel. O galo é substituido por um objecto de pau, figurando aquele no fim como prémio.

35 — Alguns mancebos colocam à porta das namoradas, na noite do sábado anterior aos Ramos, flores e uma rôsca de pão de ló. Ficam elas sabendo que teem de retribuir a lembrança com o folar. No domingo de Ramos vão os rapazes à missa com palmas e ramos de oliveira adornados com flores. Os ramos são benzidos e figuram numa procissão. Com as fôlhas de palma, abertas em quatro, entrançam-se uns castelinhos que alguns trazem ao peito, servindo também para ofertas de namorados.

Os ramos queimam-se, como o cepo e os cascos das pinhas, para afastar as trovoadas (Areias e S. Martinho de Bougado) (1).

36 — Na Páscoa, quando o *compasso* (2) visita as casas, lançam-se à porta fôlhas de narcisos e de lírios, *montrastes* (3) e flores.

Sôbre uma mesa está uma maçã onde se espeta uma moeda

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 124.
(2) O *compasso* é a visita pascal. Não vejo o termo registado no *Novo Dicionário*.
(3) Assim pronuncia o povo a palavra *mentrasto*.

de prata, e um ramo de flores naturais ou artificiais que o padre arrecada, deixando outro em troca por vezes.

Em algumas freguesias acompanha o padre um grande cortejo de que fazem parte homens munidos de cestas onde arrecadam os folares: rôscas de pão de ló ou de trigo, ovos e maçãs.

Trocadas impressões sôbre o tempo — assunto geral de todas as conversas (1) — e depois da oferta de doces e vinho, lá abala a cruz para outra casa.

Na vila de Santo Tirso o compasso realiza-se na segunda-feira. É um dia de festa animada: As casas enchem-se e despovoam-se constantemente, porque é da praxe assistir à visita em casa de todas as pessoas amigas.

Há um entusiasmo louco e ramos belamente dispostos em que entram as melhores flores andam de mão em mão. Muitas vezes a oferta dum ramo é uma prova ou declaração de amor.

A feira da segunda de Páscoa em Santo Tirso é a feira dos folares.

37 — No primeiro de Maio colocam-se flores de giesta nas portas e nas janelas.

Vi num portão da Palmeira uma cruz formada de várias flores.

Evita-se assim que venha o Maio a cavalo num burro branco a quebrar a louça.

Eis a explicação que me deram do costume: Nossa Senhora, fugindo à perseguição de Herodes, refugiou-se numa casa de Jerusalêm com o Menino Jesus. Marcaram a casa com uma rosa para irem lá prendê-los. Mas, na manhã seguinte, apareceram todas as casas com rosas (Areias) (2).

38 — Na noite de S. João e na de S. Pedro andam alguns homens de noite a roubar vasos, sarilhos de poço, escadas, carros, e outros utensílios de lavoura que vão colocar ao pé das igrejas.

Há quem pendure nas silvas cabelo para êle engrossar na manhã de S. João (Areias).

(1) Eis uma frase espirituosa apanhada na conversação: «Ainda havemos de chegar com de dia à noite».

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, v. x, pág. 213.

39 — Nas festas de igreja costumam nomear doze mordomas: quatro casadas, quatro viúvas, e quatro solteiras. A juíza toma à sua conta um andor completo.

Na procissão seguem as mordomas com uma vela ornamentada, que seguram com o lenço mais rico de que podem dispor. No fim da festa as mordomas recebem um presente — uma rôsca de trigo (Areias).

Nas ruas por onde passam as procissões lançam-se diferentes ervas (Santo Tirso) (1).

40 — Estão caindo em desuso as procissões de penitência. Lembro-me duma que saíu há anos de Ruivães (concelho de V. N. de Famalicão) a pedir chuva. Veio fazendo estação em todas as capelinhas do caminho até Areias. Nela se encorporaram as cruzes e confrarias de muitas igrejas vizinhas. Os andores entraram às *arrecuas* na igreja estranha, pois de contrário ficariam pertencendo a esta.

Antigamente iam procissões impressionantes à Senhora de Valinhas (na freguesia de Monte Córdova) pedir chuva. A concorrência era enorme. Muitos iam descalços.

À chegada havia um sermão.

E o céu começava logo a toldar-se; uns chuviscos vinham anunciar a rega salvadora.

Os clamores à volta da freguesia eram vulgares.

Com o desaparecimento dessas tradições, vão as colheitas sendo cada vez mais escassas, dizem os velhos (Areias) (2).

Os romeiros cantam e dançam ao som da viola, percorrendo distâncias enormes sempre a dançar (3).

(1) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pág. 258.

Na Póvoa de Varzim, onde os marítimos imprimem um carácter interessantíssimo às procissões, observei que os andores eram voltados com a face para o mar todas as vezes que havia paragem.

Explicou-me um pescador que o costume era muito velho e que tinha por fim fazer com que as imagens abençoassem o mar.

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pag. 263.

(3) As danças são animadas e revestem um aspecto alegre pelas vestes garridas das raparigas.

Muito diferentes são as danças feitas em volta das capelas, que observei algumas vezes em Vila Rial. Os rapazes vão rodeando a capela aos saltos, ora aproximando-se ora afastando-se uns dos outros, ao mesmo tempo que volteiam no ar os varapaus.

Ao ver semelhante espectáculo, lembrei-me dos antigos guerreiros, que caminhavam para a guerra a dançar e agitando os escudos. V. *Religiões da Lusitania*, v. II pág. 307.

Na romaria de Santa Eufêmia os romeiros costumam falar mal e proferir obscenidades.

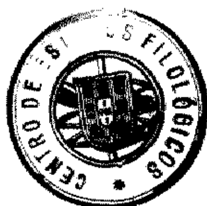
E' possível que haja aqui um vestígio dos antigos cantares licenciosos, descritos nos *Fastos* (v. II, pág. 77).

A capela de Santa Eufêmia fica num monte de Alvarelhos —freguesia muito explorada pelos arqueólogos, e onde teem sido encontrados vários dólmenes.

Augusto C. Pires de Lima.

Contos populares de Évora

(Vid. REVISTA LUSITANA, XVII, 86)



X

O filho da burra

Era um rapaz enjeitado e todos lhe chamavam o filho da burra. E êle um dia preguntou à mãe que o criou:

—¿ó mãe, eu sou filho de alguma burra?

—és, sim, filho.

—pois vou-me embora.

E abalou, e foi-se embora. Encontrou um homem a cortar azinheiras:

—adeus corta-azinheiras.

—adeus filho da burra.

—¡então, também êste me chama filho da burra!

E lá combinaram e abalaram os dois.

Encontraram um homem a secar rios:

—adeus seca-rios.

—adeus filho da burra.

—¡então, também êste me conhece!

E lá combinaram e abalaram os três.

Foram andando, andando e encontraram uns casarões caídos. Furtaram um borrego e um ficou à noite a arranjar o ensopado e os outros fôram ver se arranjavam outro borrego. E ficou o corta-azinheiras. Estava à chaminé nisto quando êle sente uma restolhada; vai a olhar viu um diabo com umas grandes barbas e com uma cacheira a sair do poço. E veio e assentou-se à chaminé e começou a fumar de cachimbo e a cuspir para

dentro do ensopado. E o corta-azinheiras ia para ralhar com êle e o diabo deu-lhe uma grande sova com a cacheira e apagou a luz e abalou. E quando vieram os companheiros viram a luz apagada e deram com êle no chão. E êle disse que lhe tinha dado uma cousa e que estava muito doente.

Na outra noite ficou o seca-rios. O mesmo: quando êle sente uma restolhada; vai a olhar viu um diabo com umas grandes barbas e com uma cacheira a sair do poço. E veio e assentou-se à chaminé e começou a fumar e a cuspir para o ensopado. O seca-rios ia para ralhar com êle e o diabo deu-lhe uma grande sova com a cacheira e apagou-lhe a luz e abalou. E quando vieram os companheiros viram a luz apagada e deram com êle no chão. E êle disse também que lhe tinha dado uma cousa e que estava muito doente.

—agora fico eu—disse o filho da burra.

E ficou êle na outra noite. Estava a arranjar o ensopado quando êle ouve uma restolhada:

—Olá, cá está a doença deles. Nisto aparece o diabo com as barbas e a cacheira, de dentro do poço. Assentou-se à chaminé a fumar e ia para cuspir para o ensopado:

—ôlhe que se me cospe no ensopado atiro-lhe êste tição de lume às barbas.

E o diabo ateimou a cuspir. E êle deu-lhe com o tição; e tirou-lhe a cacheira e deu-lhe uma grande sova com ela; e arrancou-lhe as barbas e meteu-as no bolso. E o diabo abalou a fujir para dentro do poço.

E quando os companheiros vieram julgavam que a luz estivesse apagada. Mas não estava e o filho da burra contou tudo e disse assim:

—eu quero ver o que há no fundo do poço.

E arranjaram um cabanejo e êle meteu-se no cabanejo e desceu lá abaixo.

E estava uma menina:

—ai sênhor, vá-se embora por amor da minha guarda.

—eu não tenho mêdo da sua guarda; ôlhe as barbas e a cacheira da sua guarda.

E amostrou-lhe a cacheira e as barbas do diabo.

E a menina deu-lhe um lenço.

E êle gritou para deitárem o cabanejo abaixo.

E êles cá deitaram o cabanejo.

E primeiro veio um baú com a roupa da menina.

E depois veio a menina.

E depois havia de vir o filho da burra mas êle para os experimentar pôs uma pedra no cabanejo em lugar dele: e quando o cabanejo vinha no meio do caminho largaram-no e julgaram que o filho da burra tinha morrido.

E o filho da burra ficou lá no fundo do poço.

E apareceu o diabo a pedir-lhe as barbas e a cacheira.

E êle disse-lhe:

—dou-te as barbas e a cacheira mas hás-de pôr-me primeiro lá em cima.

E amontou-se às cavalitas do diabo e o diabo pô-lo lá em cima.

E o diabo pediu-lhe outra vez a cacheira e as barbas.

—diz-me primeiro onde está a menina.

—está na igreja para casar com o seca-rios.

—põe-me à porta da igreja se queres as barbas e a cacheira.

E o diabo pô-lo à porta da igreja.

Estavam todos. E o filho da burra deu as barbas ao demónio. E ela viu-o logo. E êle puxou de lenço e ela ainda melhor se afirmou.

Quando o padre preguntou à menina:

—¿é da sua vontade casar com êste senhor?

—não senhor.

¿então com quem?

—a minha vontade é casar com aquele que está além à porta.

—então que se chegue.

Êle chegou-se, casaram e lá ficaram e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (agosto de 1912).

XI

As três cidras de amor

Era um príncipe e andava à caça e deu-lhe sêde. E foi a uma fonte. Estava uma velha com uma joeira a enchê-la com cascas de ovos. E o príncipe riu-se de vêr aquilo.

E a velha disse-lhe assim:

—¡ Ai o menino ri-se! Pois deixe estar que não lhe hei-de dar as três cidras de amor.

E o príncipe pediu-lhe muito as cidras de amor e a velha no fim deu-lh'as:

—Parta-as quando quiser mas ôlhe não parta as três ao mesmo tempo.

E o príncipe foi-se. E morto de curiosidade e partiu uma. E apareceu-lhe uma menina muito bonita e disse assim:

—Dá-me pão para comer, água para beber e pente para me pentear senão morro.

E o príncipe não tinha ali pão para a menina comer, nem água para ela beber, nem pente para se pentear e a menina morreu.

E depois o príncipe com curiosidade vai e partiu outra. O mesmo: uma menina ainda mais bonita:

—Dá-me pão para comer, água para beber e pente para me pentear senão morro.

E morreu.

E o príncipe foi a um monte e pediu pão e veio para o pé duma fonte e partiu a outra cidra.

Apareceu outra menina ainda mais bonita e pediu o mesmo. E êle deu-lhe pão e a menina comeu e deu-lhe água e ela bebeu mas pente é que não tinha e disse-lhe que esperasse ela um instantinho que êle ia a palácio buscar um pente. E a menina subiu para cima de uma árvore que estava ao pé da fonte. E veio uma preta à fonte e quando ela vê a cara da menina na água. E julgou que era a cara dela e disse assim:

—¡Ai como eu sou bonita!

E a menina ouviu aquilo e deu uma gargalhada. E a preta olhou para cima e viu a menina. E começou a chamá-la e a dizer-lhe para descer da árvore. E a menina desceu e a preta espetou-lhe dois alfinetes na cabeça, um de cada lado. E a menina formou-se numa pomba e fujiu. E a preta subiu para a árvore.

Nisto vem o príncipe.

Olha para cima quando êle vê a preta e ficou muito admirado:

—¿Então eu deixei-a tam branca e agora vejo-a tam preta?

—Foi o sol.

—¿Eu deixei-a com dois olhos e agora vejo-a só com um?— porque a preta era resmelgada.

—Foi um pau.

E o príncipe lá levou a preta para palácio.

E um dia o hortelão do príncipe foi ao jardim e quando êle vê uma pombinha muito bonita e a pombinha disse-lhe assim:

—¿Hortelanito de mi horta, como vai el-rei com a sua preta, feia, cachorra e torta?

E o hortelão foi contar ao príncipe e o príncipe disse-lhe para êle lhe armar um laço.

E o hortelão armou-lhe um laço de corda.

E veio a pombinha e viu o laço e disse:

—Os meus pézinhos de prata não caem em laços de corda.

E abalou a fujir.

E o hortelão veio contar ao principe.

—Pois arma-lhe um laço de prata.

E o hortelão armou-lhe um laço de prata.

E veio a pombinha e viu o laço e disse:

—Os meus pézinhos de ouro não caem em laços de prata.

E abalou a fujir.

E o hortelão veio contar ao principe.

—Pois arma-lhe um laço de ouro.

E o hortelão armou-lhe um laço de ouro.

E veio a pombinha e viu o laço e deixou-se apanhar.

E o hortelão trousse a pombinha ao príncipe. E o príncipe gostou muito da pombinha e mandou-lhe fazer uma gaiola.

E a preta assim que viu a pombinha conheceu-a logo.

E fêz-se doente. E tinha um fastio que não comia nada. E apeteceu a pombinha.

E o príncipe ficou muito triste mas para lhe fazer a vontade mandou buscar a pombinha. E começou a correr-lhe a mão pela cabeça e sentiu uma cousa e foi a ver e viu um alfinete; e vai a tirá-lo e nisto a pombinha formou-se metade em menina. E tirou-lhe o outro alfinete e formou-se em menina toda.

E ela então contou-lhe tudo.

E o principe ficou muito contente e tratou logo do casamento com a menina e preguntou-lhe o que se havia de fazer da preta e a menina disse:

—Dos ossos quero uma cadeira para me assentar e da pele um tambor para tocar.

E assim foi e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (set.º de 1912).

XII

O príncipe da Hungria

Era uma vez um rei e tinha uma filha e determinou casá-la. Deitou um pregão. Vieram muitos príncipes de outros reinos e ela nenhum lhe agradou. Um, porque não sabia pegar no talher, o outro, por outra cousa e pronto nenhum lhe agradava. E o príncipe da Hungria também quis casar com a princesa.

E foi ao jantar e sem querer deixou cair um bago de romã na toalha. E ela já não o quis, e disse-lhe isso a êle que não o queria porque êle tinha deixado caír um bago de romã na toalha.

E o príncipe foi para o seu reino e destrajou-se e vestiu-se com umas peles e veio para o reino dela.

E foi a palácio e pediu que fazer e o rei mandou-o ir para o jardim ajudar o jardineiro.

—¿Como te chamas?

—Franchão.

E ficou sendo ajuda do jardineiro.

E a princesa todos os dias ia ao jardim e foi e viu-o e entrou a gostar muito dele.

E todos os dias o ia ver. E êle ria-se dela. E um dia disse-lhe que se ia embora. E ela não queria que êle fôsse e tanto tanto que fojiram. E êle levou-a a pé. E disse-lhe que ela de ali por deante havia de se chamar Ribidonha.

E o reino dele era muito lonje. E ela já ia descalça e ja não podia andar.

E êle dizia-lhe sempre:

—Ande para diante sua Ribidonha.

E ela não tinha mais remédio senão andar.

E já iam chegando ao reino dele. E os sinos repicaram.

E ela preguntou:

—¿ O que é isto Franchão?

—É o príncipe da Hungria que chega hoje mais a sua senhora.

E chegaram e êle meteu-a num palheiro. E ela levava muita fome e êle mandou fazer umas papas e deitou-lh'as na palha.

E ela com a fome começou a comer as papas; e disse-lhe assim:

—¡ Ai, Franchão, deitaste-me as papas na palha!

E êle então disse-lhe:—Oiça lá, ¿qual é melhor:

são papas em palha
ou bago de romã em toalha?

Foi então que ela percebeu como êle a tinha ensinado. Conheceu-o então e ao depois casaram e dali em deante nunca mais houve homem que tivesse uma molher como o principe da Hungria e bendito louvado está o meu conto acabado.

(Colhido em Évora, (Set.º 1912).

XIII

A vaquinha de ouro

Era de uma vez um rei e tinha uma filha; e o rei, um dia, disse à filha que queria casar com ela. E a princesa foi a chorar para o quarto porque não queria casar com o pai. E ela tinha uma aia que lhe dava conselhos e a aia disse-lhe:

—Diga-lhe que se casa mas que primeiro há-de êle arranjar-lhe um vestido que tenha todas as qualidades de peixes que há no mar.

E a princesa foi e disse aquilo ao pai:

E o rei ficou sem saber como havia de arranjar um vestido assim. E montou a cavalo e foi andando a ver se encontrava alguem que lhe arranjasse o vestido.

E encontrou um homem e preguntou-lhe onde é que havia de encontrar um vestido assim e assim.

E o homem era o diabo e disse-lhe:

—Ora arranjo-o eu: amanhã passe aqui que o vestido está pronto.

E o rei no outro dia voltou e lá estava o homem com o vestido; e êle levou o vestido à filha.

E a princesa assim que viu o vestido foi a chorar para o quarto e a aia disse-lhe:

—Diga-lhe que há-de arranjar um vestido com todas as árvores quantas há no mundo.

E a princesa foi e disse ao pai.

E o rei montou a cavalo e foi à procura do homem que lhe tinha arranjado o outro vestido. E encontrou o diabo no mesmo

sítio e preguntou-lhe como é que havia de arranjar um vestido assim e assim. E o diabo disse-lhe:

— Arranjo-o eu; amanhã passe aqui que o vestido está pronto.

E o rei no outro dia voltou e lá estava na mesma o homem com outro vestido e êle levou-o à filha.

E a princesa assim que viu o vestido foi a chorar para o quarto e a aia disse-lhe:

— Diga-lhe que lhe há-de arranjar um vestido com todas as qualidades de flôres que há no campo.

O mesmo; o rei montou a cavalo e foi à procura do homem que lhe tinha arranjado os outros vestidos. E encontrou o diabo no mesmo sitio e preguntou-lhe como é que havia de arranjar um vestido assim e assim. E o diabo disse-lhe o mesmo:

— Amanhã passe por aqui que o vestido está pronto.

O rei no outro dia voltou e o vestido estava pronto; e levou-o à filha.

E a princesa assim que viu o vestido entrou a chorar.

E a aia disse-lhe para ela escrever aos amigos do pai para o convidarem para uma caçaria. E assim foi. E o rei foi a uma grande caçaria.

E a princesa lá mandou chamar um carpinteiro que lhe fizesse uma vaquinha toda ôca por dentro. E mandou chamar um ourivez para dourar a vaquinha. E mandou chamar um cravador para lhe pôr pedras preciosas.

E meteu-se dentro da vaquinha e mandou pô-la no quarto dela.

E veio o rei e foi para ver a filha e não a achou.

E viu a vaquinha e ficou muito irado porque pensou que a filha tivesse fujido e lhe tinha deixado aquela prenda. E não quis a prenda por ser de ela. E mandou deitar um pregão para quem quisesse comprar aquela prenda.

E veio um principe de fora e comprou a vaquinha porque era uma prenda muito rica. E levou-a e mandou-a pôr no seu quarto.

E todas as noites ficava à cabeceira do principe um tabuleiro com bôlos e um copo de água. E o príncipe naquela noite foi para comer e viu o tabuleiro sem nada e o copo também. E ficou muito zangado e no outro dia ralhou com o escudeiro. E o escudeiro disse-lhe que lhe tinha pôsto os bôlos do costume.

E na noite seguinte o mesmo: o príncipe vai a meter a mão e nada, o tabuleiro estava no fundo.

E foi ralhar com o escudeiro e o escudeiro disse-lhe que ainda tinha aviado melhor o tabuleiro naquela noite.

E o principe quis êle ver arranjar o tabuleiro e o copo da água. E de noite vai a ver e o tabuleiro não tinha nada. E na noite seguinte pôs-se à escuta a finjir que dormia.

E lá por essa noite adeante quando êle houve um barulho do lado da vaquinha.

Vai a olhar quando êle vê uma menina. E a menina veio muito devagarinho, bebeu a água, pegou nos bôlos e meteu-se outra vez dentro da vaquinha.

E o principe calou-se e na outra noite quando a menina vinha aos bôlos e agarrou-a. Ela então contou-lhe tudo e êle ao depois casou com ela e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º 1912).

XIV

As bodas de Arcelo

A comadre cegonha falou à comadre zorra e combinaram ir à pida as duas. E foram a um monte pedir e deram-lhe farinha. E fizeram umas papas numa amentolia velha que acharam no caminho. E a cegonha metia o bico e comia as papas e a zorra não podia comer nada.

E no outro foram pedir e deram-lhe pão. E a zorra quis logo que se fizessem umas migas. E fizeram as migas numa laje e a zorra com a lingua lambeu tudo e a cegonha ficou sem nada.

E a cegonha disse assim:

— Ai comadre aonde nós haviamos de ir era às bodas de Arcelo que há lá muito de comer.

—¿E aonde é isso?

—Ai comadre é lá muito lonje, mas a comadre amonta-se aqui às minhas cavalitas que eu lá a levo.

E a zorra pôs-se às costas da cegonha e foram por ali a cima. E quando já lá iam muito altas a cegonha largou a zorra. E a zorra caiu e vinha de escantilhão por ali abaixo e nisto vê cá em baixo uma pedra e põe-se a gritar:

—Fuje pedra, fuje pedra.

Ai que se eu desta escarpelo
Nunca mais volto às bodas de Arcelo.

Ora caíu em cima da pedra e morreu arrebentada e foi assim que a cegonha se vingou e pronto, bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º 1912).

XV

A pateira

Um rei tinha duas filhas e preguntou um dia às filhas como era o gôsto delas para com êle. E a mais velha respondeu-lhe que o seu gôsto dela era dela como filha e dele como pai. E o pai ficou muito contente com aquela resposta. E a mais moça disse-lhe que gostava dele como o gôsto do sal. E o rei pareceu-lhe muito mal aquela resposta e disse-lhe que se governasse que êle já não queria saber dela.

E ela abalou e foi ter a outro reino e foi pedir que fazer.

E a raínha mandou-a guardar patos. E todos os dias a pateira ia guardar patos e todos os dias havia de faltar um pato; e ela dizia que não sabia.

E foram dizer ao príncipe. E êle pôs-se à espreita atrás de uma árvore.

E nisto passava a pateira e a pateira pôs-se a contar os patos:

—Pato aqui
Pato ali.

Filha de ẽl-rei guarda patos
Foi cousa que nunca vi.

E, toma, uma varada na cabeça dum pato e matou-o. E quando veio faltava, na mesma, um pato.

E o príncipe entrou a gostar muito dela e fêz-se doente.

E quis um bôlo feito pela pateira.

E foram dizer à pateira.

—O senhor príncipe quere um bôlo feito pela tua mão.

E ela disse que não sabia mas não teve mais remédio senão fazer o bôlo.

E levaram-lhe farinha e açúcar. E ela meteu-se dentro do quarto, lavou-se, penteou-se, vestiu-se, preparou-se, pôs as suas jóias e foi-se pôr a fazer o bôlo.

E o príncipe foi espreitá-la e viu que ela era uma princesa deveras. E calou-se.

E todos admiraram o bôlo feito pela pateira.

E o príncipe disse à mãe que queria casar com a pateira:

—Saiba que eu vou casar com a pateira.

—¿Com a pateira?

E a mãe ficou muito zangada e entrou a ralhar.

E o príncipe quis outro bôlo. E meteu-se no quarto da pateira.

E levaram farinha e açúcar à pateira para ela fazer outro bôlo ao senhor príncipe porque êle tinha gostado muito do bôlo feito pela mão dela.

E ela meteu-se no quarto, lavou-se, penteou-se, arranjou-se e foi-se pôr a fazer o bôlo.

E quando acabou de bater o bôlo, êle apareceu-lhe e disse-lhe que ela havia de ir à presença da raínha.

E levou-a à presença da raínha.

—Aqui está a pateira.

A raínha ficou muito admirada e viu que ela era uma princesa e deu licença para casarem. E ela ao depois contou a sua vida toda, dela.

E casaram e ao fim de tempo a princesa teve um menino onde mandaram convindar o pai dela. E mandaram fazer comer em panela à parte e tudo sem sal. E o pai dela veio ao jantar e começou a comer e não lhe sabiam bem as cousas. E percebeu que o comer não tinha sal. Depois disseram-lhe então, para que é que êle tinha desterrado a filha por gostar dele como o gôsto do sal.

E o rei então é que percebeu a resposta da filha e arrependeu-se muito e entrou a chorar e disse que desejava muito saber aonde estaria a sua filha àquela hora.

E ela apareceu-lhe:

—Aqui estou.

E êle então pediu-lhe perdão e lá ficaram todos muito bem e bendito louvado, está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º 1912).

XVI

As macacas

Um rei tinha três filhos e já não podia reinar por ser já muito velho. E os filhos, o mais velho não tinha capacidade para governar; e o segundo também não; e o mais môço é que lá tinha mais tremenho mas não havia de ser êste que lhe havia de suceder. E o rei um dia disse aos filhos que fôssem correr mundo e que aquele que lhe troussesse a bacia mais rica é que havia de ficar com o reino.

E abalaram todos três e chegaram a um sitio e cada um foi para seu lado depois de terem combinado ajuntarem-se todos naquele mesmo sítio.

E o mais môço foi andando, andando e fêz-se tarde e foi a um monte. E o monte era muito grande mas estava todo a cair. E êle prendeu o cavalo e entrou. E veio vindo e não viu ninguem. E viu uma mesa posta e entrou a comer. E foi mais adeante e viu uma cama e deitou-se. No outro dia foi ver o cavalo e o cavalo estava tratado. E viu o almôço na mesa e almoçou. E quando ia para se ir embora apareceu-lhe uma macaca. E a macaca disse-lhe que se deixasse estar que nada lhe havia de faltar.

E entrou a aparecer muita macacaria e não havia mais ninguém senão macacas e macacos. E o príncipe não tinha fôrças de se ir embora. E foi passando o tempo e o príncipe disse que tinha de se ir embora porque tinha de ir á procura de uma bacia que tinha de levar ao pai para herdar o reino e não queria que os irmãos levassem prendas mais ricas.

E a macaca disse logo:

—Ai, não lhe dê fezes que não há-de levar uma prenda inferior à dos seus irmãos.

E quando chegou o dia o príncipe preparou-se para abalar e a macaca pegou no caqueiro das galinhas e deu-lh'o.

E o caqueiro estava todo çujo e êle não o queria aceitar, mas a macaca, tanto, tanto que êle lá o guardou mas foi todo triste.

E chegou lá ao sítio onde estavam os irmãos e êles amostraram as suas bacias e êle com vergonha não quis amostrar a sua.

E chegaram a palácio. E o mais môço ia muito triste. E os outros irmãos mostraram as suas bacias. E todos da côrte se admiraram de tamanha riqueza. E o rei disse ao filho mais môço que mostrasse êle a sua bacia, mesmo que não fosse tam rica. E êle não queria mas não teve mais remédio e cheio de vergonha ia a puxar pelo caqueiro das galinhas. E o caqueiro tinha-se formado numa bacia toda de ouro e pedraria. E êle ficou muito admirado mas não disse nada e o rei e os irmãos e a côrte todos ainda mais admirados ficaram dele não querer amostrar a prenda quando ela era a mais rica.

E o rei queria dar-lhe o reino a êle mas os irmãos disseram que não porque êle não tinha querido mostrar a sua prenda.

E o pai mandou-os outra vez correr mundo e que lhe troussessem uma toalha que aquele que a troussesse mais rica é que ficaria com o reino.

E o mais môço foi ter ao mesmo monte. E a macaca assim que lá o viu fêz-lhe muita festa e disse-lhe que se deixasse estar. E o príncipe disse-lhe que tinha de se ir embora porque tinha de ir à procura de uma toalha que tinha de levar e não queria que os irmãos levassem prendas mais ricas.

E a macaca disse logo:

—Ai, deixe, não lhe dê cuidados que não há-de levar prenda inferior à dos seus irmãos.

E êle esteve e quando chegou o dia o príncipe preparou-se para abalar e a macaca pegou na rodilha da chaminé e deu-lh'a.

E a rodilha estava toda çuja e êle nem lhe queria pegar mas a macaca, tanto, tanto que êle lá a levou.

E chegou aonde estavam os seus irmãos e êles mostraram as suas toalhas e êle com vergonha não quis amostrar a dele.

E chegaram ao palácio.

E o mais môço ia muito triste e não queria também mostrar a toalha mas o pai quis ver a toalha e êle vai a puxar pela rodilha e a rodilha tinha-se formado numa toalha toda bordada a ouro. E era a mais rica de todas. E o pai queria-lhe dar o reino a êle mas os irmãos disseram que não porque êle não tinha querido mostrar a sua prenda.

E o rei tornou a mandá-los correr mundo e então que lhe troussessem uma princesa que aquele que troussesse a princesa mais bonita e mais rica é que havia de herdar o reino.

E êles abalaram outra vez todos os três e foi cada um para a sua banda.

E o mais môço foi outra vez ao tal monte. E a macaca as-

sim que o viu fêz-lhe muita festa e disse-lhe que se deixasse estar que nada lhe havia de faltar.

E êle esteve e ao depois disse-lhe que tinha de se ir embora à procura de uma princesa para herdar o reino do pai dele. E a macaca disse-lhe logo:

—Parece-me que não lhe tem faltado nada; agora tem de casar comigo.

E êle ficou muito esmorecido mas não teve outro remédio senão dizer que sim.

E ao depois os macacos começaram a arranjar tudo para a abalada.

E começaram a preparar as sejes. E as sejes eram muito velhas e estavam todas çujas das galinhas. E os cavalos eram, na mesma, muitos velhos e muito magros.

E o príncipe caíu-lhe o coração aos pés quando viu aquilo. E não fazia senão pensar o que diria o pai e mais os irmãos quando vissem aquele estado.

E os boleeiros e os trintanários eram tudo macacos. E dentro das sejes meteram-se também macacos e macacas e na última ia êle com a macaca.

E lá foram todos a caminho do reino dele. E êle ia cheio de vergonha.

E quando já lá ia mesmo a chegar ao reino do pai dele a macaca formou-se de repente numa princesa muito bonita e as sejes e os cavalos formou-se na cousa mais rica que se pode imajinar; e os outros macacos formou-se, na mesma, tudo em pessoas muito bem preparadas.

E os irmãos já estavam em palácio com as suas noivas muito bonitas e muito ricas com o seu dote, se um era bom o outro ainda era melhor.

E quando êles vêem vir aquele grande estado e tudo pasmou de tanta riqueza.

E no fim é que se viu que quem tinha trazido a princesa mais rica e mais bonita era o mais môço. E o rei ficou muito contente por ser aquele filho quem ficou sendo rei e ainda lá está hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º de 1912).

Bernardino Barbosa.

NOMES DE VENTOS

Ao que deixei dito sobre nomes populares de ventos (**Rev. Lus.**, XVII, 198) acrescentarei o seguinte:

As antigas designações de *vento de baixo* e *vento de cima*, respectivamente para os ventos «do Sul» e «do Norte», empregam-se ainda em muitos outros lugares. Sei que são usadas nos concelhos de Aguiar-da-Beira, Póvoa-de-Lanhoso e Barcelos. *Vento de cima* era tambem na velha linguagem maritima o *vento da terra* ou *terral* (1).

Terral ou *vento terral* eram e são igualmente termos da linguagem de marinharia: «..sahir depois ás toas ou esperar terral.» (2) «..assim afflicto acodio assima, e Deos nosso Senhor com vento terral com que sahimos para fora..» (3) Ao *vento da terra* ou *terral* opõe-se hoje *vento do mar* ou *mareiro*. Em Esposende dizem *vento mareiro* ou só *mareiro*. Cp. o esp.: *marero* (4).

Em náutica os ventos tomam denominações graduais, conforme a sua intensidade, regulada no Codigo Internacional por uma escala numérica, de 0 a 12, que vai da *calma* ao *tufão*. Circunstancias especiais, determinadas quer pela acção dos proprios ventos, quer pelas condições da navegação, dão a esses ventos uma nomenclatura apropriada, que é a que nos importa conhecer. Assim:

Salto-de-vento é a mudança brusca do vento entre dois pontos do mesmo quadrante, ou de um quadrante para outro. No

(1) «..*vento de cima*, ou da terra..» — Morais. Dic. da Ling. Portuguesa, Lisboa, 1813, s. voc. vento.

(2) Barros, *apud* Bluteau.

(3) Hist. Tragico-Maritima, x, 85. (Ed. da *Bibl. Classicos Port.*, Lisboa, 1905). «Mareiro (vento).. Terral (vento)..» — Codigo Internacional de Signaes, ed. oficial de 1901, pags. 316 e 378.

(4) «viento que sopla de la parte del mar.» — Rodriguez — Navas. Dic. Complet. de la Lengua Española, Madrid, 1907.

mesmo sentido dizem os francêses *saute de vent* (1), e os inglêses *shift of wind*. *Vento contrário, vento ponteiro, vento da prôa*, são os ventos que sopram pela prôa da embarcação, mais ou menos na direcção da quilha. *Vento largo, vento a favor, vento de feição, vento da pôpa*, são os ventos mais favoráveis à navegação em determinado rumo. *Rafada* é a violencia súbita mas passageira de um vento. Corresponde ao esp. *ráfaga* (2), ao fr. *rafale* (3) e ao it. *refolo*. Quando elas são contínuas, dizem os marítimos que (o tempo) *está de rafadas* (4). *Remandiolas* são os ventos fracos, incertos, *de trovoadas*, no verão (5).

Ventante dizia-se do vento de intensidade regular, suficiente para a navegação. «..que sendo em trinta e sete graos e dous terços, vento Sudoeste ventante..» «..saltou em Norte ventante..» (6). Os ventos brandos diziam-se em geral *galernos*. Morais diz que *galerno* se refere especialmente ao «vento do Nordeste» (7), e o **Novo Diccionário**, como o **Contemporaneo**, dizem que «ao vento do Noroeste». *Galerno* veio a aplicar-se a «qualquer vento suave». Diz Camões, nos **Lusiadas**:

> «Mas já as agudas proas apartando
> hiam as velas humidas de argento;
> assopra-lhe galerno o vento, e brando,
> com suave e seguro movimento..» (8)

Na **Historia Tragico Maritima** fala-se do «vento Sueste honesto e galerno..» (9)

No artigo precedente ficou dito que ha *soão* (do lat solanu—) (10) = «vento de Leste» ou «do Nordeste», e *suão* = «vento

(1) V. Bonnefoux et Paris. Dict. de Marine à voiles. Paris s/d., *s. voc.* **saute**.

(2) «Movimiento violento del aire, que por lo común tiene poca duración.» — Rod. — Navas. Dic. citado.

(3) «Augmentation soudaine du vent, mais qui dure peu.» — Bonnefoux et Paris. Dic. citado. s. voc. **rafale**.

(4) «Quand les Rafales se succedent assez rapidement, on dit que le temps est à Rafales.» — *Ibidem, idem.*

(5) Talvez por *rebandolas*, de *bandola*. *Bandola* é a ondulação branda do mar, em calmaria.

(6) Hist. Tragico-Maritima, III 44 e 48.

(7) Dic. da Ling. Port., *s. voc.* **galerno** e **nordeste**.

(8) Canto II, est. 67.

(9) III, 54.

[redacted] o vento de Oesnoroeste, nas costas francêsas do Atlantico. Em Espanha chamam *galerno* ou *galerna* às rafadas borrascosas, entre Oeste e Noroeste, que sopram no Cantábrico, nos dias calmosos de estio.

(10) Cf. Leite de Vasconcelos. Lições de Philologia Portuguesa. Lisboa, 1911, pag. 430.

do Sul» ou «do Sueste». Na Bairrada, como em muitos outros pontos, chamam *soão* ao «vento de Leste», e dizem:

«O Norte mais o Soão
são dois ventos a puxar:
o Norte puxa p'ró Sul,
o Suão puxa p'ró mar.»

Nas **Tradições Populares de Portugal,** o snr. Dr. Leite de Vasconcelos, regista dois ditados do concelho de Famalicão em que o *suão* entra evidentemente com o sentido de «vento sul»:

«Vento Suão
Cria palha e grão».

[pag. 38].

«Vento Suão
chuva na mão,
de inverno sim
de verão não».

[pag. 48].

Oposto a *suão* ha o *nortão,* a que já me referi (**Rev. Lus.,** XVII, 202). No Ribatejo diz-se:

«Nortão
mareiro na mão».

i-é: «depois do vento rijo do Norte ou Nordeste, no verão, vem os ventos do mar». Os ventos do Sul ou Sueste presagiam chuvas. No Vale-do-Cóina, quando o vento sopra de qualquer destes lados, diz-se que *está a puxar chuva* [1]. De um modo geral os ventos precedem ou seguem-se às chuvas. Ha a seguinte observação meteorológica:

«Se vém o vento adiente da chuva
Dêxa andar que num têm duv'da.
Se vém a chuva adiente do vento
acautela-te inq'anto téns tempo.

[Vale-do-Cóina] [2]

No interior das terras, e tambem no litoral, os ventos tomam geralmente os nomes dos lugares donde sopram. Aos que já

---

(1) «*O palmeido* [vento do Sul ou do Sueste] é sempre um vento carregado» (Vale-do-Cóina). Os ventos deste quadrante tiveram sempre, e justamente, *má fama.* Na ***Farsa dos Fisicos***, de Gil Vicente, diz ***Mestre Felipe***:

«De fisico sam eu mestre
mais que de surlugião,
em que me chamam *sudeste.*
Chamam-me *vento assomado*..
porque alço o gorgomilo
e ando assi espetado..»

(2) Se depois dos aguaceiros sopra vento norte, é certo que virá mais chuva:

«Norte na lama
chuva na cama».

[Ribatejo].

citei, e aos que citou o snr. Dr. Leite de Vasconcelos, podem-se acrescentar os seguintes:

Em Ancora chamam *vento de Penedim* ao vento que sopra dos lados da povoação daquele nome. *Cantaril*, em Aguiar-da-Beira, é o «vento de Sudoeste», da banda da Lagôa-dos-Cântaros [1]. Dizem ali:

«Vento do *cantaril*
água no pernil»
ou
«até ó pernil».

A este vento tambem lá chamam *travessio*. Ao «do Noroeste» dão o nome de *galego*. Em Santo-Tirso chamam *vento bareiro* ao que sopra dos lados de Ovar. (v. **Rev. Lus.**, XVII, 21 e 330).

Ao «vento do Nordeste» chamam *vento da cabra fanada* não só em Esposende mas tambem nos concelhos de Viana-do-Castelo, Caminha e Ponte-do-Lima, pelo menos. Na Póvoa-de-Lanhoso, quando o tempo está muito frio, de inverno, e o vento sopra entre Norte e Nordeste, diz-se que *está da cabra fanada*. A este vento do Norte ou Nordeste chamam em Aguiar-da-Beira *vento cieiro*. [2]

Zoeira, na Póvoa-de-Lanhoso, é o «vento tempestuoso», de inverno. Diz-se, quando ele sopra, que *sôa a carvalheira*. [3]

Nos concelhos de Aguiar-da-Beira e Póvoa-de-Lanhoso chamam às rajadas violentas de vento e chuva, no mês de Abril, de que tratei no artigo precedente, [4] respectivamente *grabanadas de Abril* e *'scrabanadas de Abril*. *Gravana* ou *gravanada* chamam em San-Tomé ao «vento fresco que ali sopra de tarde, das bandas do mar». «Está *gravana!*»

Em certos periodos do ano dominam nas costas do Norte e Noroeste da África uns ventos violentos e tempestuosos a que os nossos marinheiros dão o nome de *brisas negras*.

Barreiro — Julho de 1915.

Óscar de Pratt.

(1) A respeito de *cantaril* V. Leite de Vasc. Lições de Philologia Portuguesa, pag. 428, nota 2.

(2) v. L. Vasc. Lições de Philologia Portuguesa, pag. 428.

(3) v. Revista Lusitana, XVII, 202.

(4) v. *Ibidem, idem*, 201.

TRADIÇÕES POPULARES DE BARROSO

(Concelho de Montalegre)

Popularmente, a região que hoje constitue as comarcas de Boticas e de Montalegre, é conhecida pelo nome de «Terras de Barroso».

O concelho de Boticas foi desmembrado de Montalegre pelo decreto de 6 de Dezembro de 1836, e criado comarca pelo de 22 de Novembro de 1899.

Não se sabe ao certo a época da fundação da povoação de Montalegre nem quando foi elevada à categoria de vila; todavia Montalegre é sem dúvida, pela sua situação e importância, a capital de Barroso. Teve foral de D. Dinis em 1327 [1], de D. Afonso 4.º em 1379 [2], e de D. Manuel 1.º em 1515 [3]. Ocupa um pequeno planalto terminado ao norte por um outeiro sôbre a esquerda do Cávado, onde se vêem as ruínas dum importante castelo antigo, e ao sul pelo monte da Corujeira, estendendo-se ainda para nascente até ao bairro da Portela.

Das regiões montanhosas de Portugal é Barroso uma das mais ricas em hábitos e costumes característicos, mas é também uma das menos estudadas. E não pode haver boa legislação ou administração para um povo que não é conhecido nos seus costumes tradicionais, usos, crenças, superstições, que constituem a sua vida íntima.

---

(1) Dado em Beja a 20 de Dezembro.
(2) Dado em Santarém a 30 de Maio.
(3) Dado em 4 de Janeiro.

Por agora apenas trataremos das tradições populares, colhidas durante alguns meses que por lá estivemos em serviço militar, relativas principalmente às povoações compreendidas entre a raia e uma linha que, partindo de Cervos, se faça passar em S. Vicente da Chã, para ir terminar em Sirvozêlo.

Não tivemos oportunidade de visitar todas as povoações do concelho, e por isso não nos propomos fazer um trabalho completo, e se aqui apresentamos estes apontamentos é porque já não correrão o risco de deixarem de ficar arquivados. Oxalá que esta leve contribuição sirva de incitamento a alguêm que com mais competência do que nós faça um dia o estudo completo do povo de Barroso, cuja linguagem, embora seja destituida de forma literária, não deixa de manifestar pensamentos sublimes, e constituir sentenças admiráveis, frases reveladoras de sentimentos bons e delicados, todas cheias de observação e experiência.

São algo diversos os costumes, às vezes entre povoações limítrofes, como diferentes são tambêm as culturas, vestuário, aspecto físico dos habitantes de algumas freguesias: isto em parte resultará das variedades do clima, que própriamente no planalto barrosão é áspero, durante a maior parte do ano, ao passo que é mais temperado nos extremos orientais e ocidentais do concelho.

As qualidades características dos habitantes são, em geral, independência (que porêm não exclue franqueza), patriotismo, docilidade, economia e amor do trabalho. Há ainda outras qualidades que avultam no carácter dos Barrosões, e que é comum a todo o povo: a tendência para em tudo pôrem pechas, sendo raro encontrar uma pessoa que não tenha a sua alcunha ou *nomiada*, como lá se diz, derivada de um defeito qualquer, verdadeiro ou suposto [1]. Outras qualidades privativas da gente da vila são a pretensão de terem mais merecimento e falarem me-

(1) Eis a titulo de curiosidade, uma relação de algumas alcunhas que lá ouvi: o *Almirante Códeas*, o *Basofias*, o *Beiçolas*, o *Beijoca*, as *Botequinas*, o *Cabeleira*, o *Cara de Madama*, o *Carpinteiras*, o *Caruço*, o *Cerva*, o *Chocalha*, o *Bilheira*, o *Bolchête*, o *Cuco*, o *Farçola*, o *Farramilho*, o *Fedelho*, o *Flambó*, a *Gata*, o *Ibecas*, o *Ingelico*, o *Jabelête*, o *Jarretas*, o *João velho*, o *Lambitana*, a *Ludra*, o *Luciféres*, a *Maria da rez*, o *Menor*, o *Milordes*, o *Mochila*, o *Mouco*, o *Musico*, o *Nhéfo*, o *Pachorra*, o *Pai do ceo*, o *Pato*, o *Pata larga*, o *Pêgas*, o *Peguisto*, o *Peguilho*, o *Pelicas*, o *Pelinario*, o *Peneira*, a *Pereirinha*, o *Pica-milho*, o *Pichonete*, o *Pistolas*, o *P'lintras*, o *Principe*, o *Princez*, o *Lucijeiro*, o *Ramalheta*, o *Ranheta*, o *Rato-cego*, a *Rechica*, o *Rei*, o *Rei-pelado*, o *Ricócó*, o *Ricóquinha*, o *Rijezas*, a *Rozenda*, o *Rejão*, o *Santo André*, o *Sapateiro*, a *Sineta*, o *Sôpas*, o *Sorreira*, o *Teixugo*, o *Travancas*, a *Trosseta*, o *Zé das Gravatas*, o *Zizo*, o *Zôrro*.

lhor do que o povo das aldeias, e a trica política que em Montalegre é uma verdadeira fonte de ódios, vinganças e prepotências.

E por último não deixaremos de nos referir à usura, da qual ouvi contar casos vulgaríssimos em que se falava de dinheiro mutuado a 20 e mais por cento, casos que à fôrça de quotidianos já ninguêm estranhava.

*

* *

Elenco dêste trabalho:

I. Textos em verso:
   a) Orações (30 parágrafos);
   b) Versos: 1) Reis, 2) Canções do berço, 3) Bordados nos lenços, 4) Quadras ao desafio, 5) Diálogos;
   c) Cancioneiro de Barroso.
II. Romances.
III. Parlendas.
IV. Adivinhas.
V. Narrativas populares.
VI. Costumes.
VII. Crenças e superstições.
VIII. Ensalmos.
IX. Ditados tópicos.
X. Ditados vários ou provérbios.
XI. Ditos e frases populares.
XII. Comparações.
XIII. Rimas e frases estereotipadas.
XIV. Jogos e rimas infantis.
XV. Aliterações.
XVI. Imprecações.

Embora muitos dos factos que trago a lume sejam já do domínio dos nossos etnografos, não temi, para não destruir a unidade do meu trabalho, publicá-los outra vez; em todo o caso êste contêm menção de muitos factos novos e variantes dos já conhecidos.

I

TEXTOS EM VERSO

a) Orações (1)

1

Padre nosso pequenino

Padre nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Pôs os pés no seu altar,
O sanguinho a pingar.
Tem-te, tem-te, Madanela,
Não no queiras alimpar,
Qu'estas são nas cinco chagas
Que Deus tinha de passar
ou
Que o Senhor tem para passar.

2

Salve-rainha pequenina

Rosa divina,
Cravo d'amôr,
Mãe do Senhor,
Dai-me luz e entendimento
P'ra receber o Santíssimo Sacramento.

3

Oração do sinal da cruz

Persigno-me com tres cruzes,
Abraço-me à cruz,
P'ra que sempre m'acompanhe
Santo nome de Jesus.
Venha uma cruz do Céu,
Que s'abrace sôbre nós,
O Senhor que morreu nela
Fale e diga e responda por nós. Amen.

(1) Cf. Leite de Vasconcellos: *Ensaios Ethnogr.*, III, 206, e IV, 185; *Tradições Pop. de Port.*, pág. 228, 64, 229.

4

Oração na cama quando se ouvem cantar os galos

Já os galos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o Senhor subiu à cruz,
P'ra salvar as nossas almas,
P'ra sempre, Amen Jesus.

5

Oração na cama ao entrar a luz do dia pelas frestas das portas

Luzerna do dia,
Deus me livre
De todos os trabalhos
E perigos do dia.
P. N. e 3 A. M.

6

Oração da manhã

Bemdita seja a luz do dia,
Bemdito seja quem na cria,
Bemdito seja o anjo da guarda,
E o filho da Virgem Maria;
Conforme nos livrou do perigo da noite,
Nos livre e guarde de todo o dia;
Por onde quer que formos e andarmos,
Ande na nossa companhia,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria.
P. N. e A. M.

7

Oração ao levantar

Eu me entrego a Jesus,
E à sua santíssima cruz,
E ao Santíssimo Sacramento,
E às três relíquias que tem dentro,
E às três missas de natal,

P'ra que nos não aconteça nenhum mal;
Ao anjo da nossa guarda,
P'ra que nos defenda
Dos maus perigos e trabalhos
Da alma e do corpo.

P. N. e A. M.

8

Oração ao lavar

Minhas mãos molho,
P'ra meu rosto lavar,
Amar a Jasus,
E o pecado arrenegar.

8-A

VARIANTE

Com esta água me lavo,
Com Jesus Christo me salvo;
Lavai Senhor as manchas da minha consciência,
P'ra que m'eu ponha pura e limpa
Diante da sua Santíssima Presença.

9

Oração ao deitar

Com Deus me deito,
Com Deus Deus me alevanto,
Com a graça de Deus,
E do Divino Espírito Santo.

9-A

VARIANTE

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto,
Com a graça de Deus
E do divino Espírito Santo,
Me cubra com o seu manto:
Se eu bem coberta fôr,
Não terei mêdo, nem pavor,
Nem a coisa que má fôr.

(Cervos).

9-B

VARIANTE

Graças a Deus que já 'stou deitada,
Maria Santissima á minha beira,
Seu Santissimo Filho á cabeceira:
Quantos se deitam vivos
E amanhecem amortalhados?
Talvez seja eu pelos meus grandes pecados!

9-C

VARIANTE

Nesta cama me deito,
Não sei se me levantarei;
Se a morte por mim chamar,
Agarrarei-me á cruz,
Entregarei a minh'alma
Ao Divino Jesus.

P. N. e A. M. (Segue-se o acto de contrição).

9-D

VARIANTE

Nesta cama me vou deitar,
Sete anjinhos lá hei de achar
Tres aos pés, quatro á cabeceira,
E a Nossa Senhora na dianteira.

9-E

VARIANTE

Jesus crucificado
Filho da Virgem Maria;
Guardai-me, Senhor, esta noite
E amanhã por todo o dia:
O meu corpo não seja preso,
Nem minha alma perdida.

10

Oração ao apagar a candeia

Assim s'apaguem
Os nossos pecados
Perante o Senhor
Pro mim amem.

11

Oração ao entrar na igreja

Por esta porta vou entrando,
Jesus Christo procurando,
Auga benta que me lave,
Jesus Christo que me salve.

11-A

VARIANTE

Pecados meus, ficai cá fora,
Não entrês comigo dentro,
Qu'eu vou entregar minh'alma
Ao Divino Sacramento.

12

Oração ao meter a mão na pia da água benta

Água benta me lave
E Jesus Christo me salve.

12-A

VARIANTE

Agua benta me lave
Em remissão dos meus pecados;
Na hora da morte
Serão todos perdoados.

12-B

VARIANTE

Água benta me apague
Os pecados veniais e os mortais,
E me limpe todas as minhas in'quidades.

13

Oração ao ajoelhar

Aqui m'ajoelho, Senhor,
Muito triste, muito afligida:
Vós como Divino Pastor,
E eu como ovelha perdida:
Dai-me luz com que vos veja,
Coração com que vos sirva,
Salvação p'rá minha alma,
Remedio p'rá minha vida.

14

Oração para quando toca a santos

Tocam a santos;
Anjo a tange,
Christo adora,
Ditosa da alma
Que vai direita ó ceo
E assobe á gloria.

15

Oração da comunhão

Minha bôca é porta
Por onde o Senhor entra;
Minha lingua é papel
Onde o Senhor assenta;
Minha gola é escada
Por onde o Senhor dece;
Meu coração é sacrário
Onde o Senhor asséste.

(Cervos).

16

Oração ao menino Jesus

Ó meu amado Menino,
Ó meu mais belo jasmim,
Ou me lebais p'ra vós,
Ou vós vinde p'ra mim.

16-A

VARIANTE

Louvado e adorado seja
O Menino de Jasus,
Que naceu im Belem,
Batizado no rio Jordão,
E crucificado em Jarusalem,

(Medeiros).

16-B

VARIANTE

O' meu amado Menino,
Carinho, verdade e vida,
Ensinai-me pois que sois mestre,
Aqui me tendes rendida:
Sem carinho não se anda,
Sem vida não se vive.

17

Oração para quando se vê uma estrela cadente

Senhora da Guia
Vá na tua companhia.

(Pedrôso).

17-A

VARIANTE

O Senhor te guie.

18

Oração para levedar a massa do pão

S. Vicente
Te acrescente,
S. João
Te faça pão,
Pela graça de Deus
E da Virgem Maria
P. N. e A. M.

18-A

OUTRA

S. Mamede
Te levede,
S. João
Te faça pão.

19

Oração da trovoada

Santa Barbara donzilha
Livrai-nos duma cintilha,
Dum raio mal pairado:
Jasu Christo stá crabado
No madeiro duma cruz.
Gloria ó Padre, amen, Jasus!
Christo vivo, Christo reine,
Christo nos salve:
Uma voz ouvi do ceo
De Sua Rial Magestade.
Chagas abertas, corações feridos,
Deus Nosso Senhor
Se meta entre nós e os perigos.

(Tourem).

19-A

OUTRA [1]

Ó minha alma magnifica,
Engrandecei ao Senhor;
Meu espirito se alegre
Em vêr a Deus meu salvador:
Eis aqui por todos
Geração em geração
Manifestou a poder do seu braço,
Encheu de bens os que tinham fome
E os que eram ricos deixou pobres;
Lembrados da sua divina misericordia
Encheu de altivos pensamentos;
Consante era no principio
Seja agora para sempre
De todos os seculos dos seculos amen.

(Cortiços).

19-B

OUTRA

Jesus Christo reine em paz,
Deus fez homem,
Christo naceu da Virgem,
Christo ande em paz no meio dos homens;
Christo naceu,
Christo foi preso,
Christo foi caluniado,
Christo foi açoitado,
Christo foi crucificado,
Christo foi morto,
Christo foi sepultado.

P. N. e A. M.

19-C

VARIANTE DO N.º 19-A

Magnifica minha alma
Ingrandeço ao Senhor
Meu espirito se alegrou
Extrema em Deus meu salvador
Por ele ter posto os olhos
Na sua humilde escrava,
Porque d'hoje em diante
Todos me chamarão bemaventurada,
Porque o seu nome é santo
E a sua misericordia se estende
De geração em geração
Sobre os que o temem
Manifestou o poder do seu braço,
A'queles que no seu coração formava
Altivos pensamentos
Depois destrou (*sic*) [2] os grandes,

[1] Tradução estropiada do cântico chamado *Magnificat*.
[2] Por *destronou*.

Levantou os humildes
E encheu de bens
Os que tinham fome,
Lembrados da sua protecção,
Assim como tinha prometido
O nosso pai Abrahão,
A' sua posteridade:
Para sempre gloria seja ó Padre,
Gloria seja ó Filho,
E gloria ó Espirito Santo
Por todos os seculos sem fim—amen.

19-D

OUTRA

Santa Barbara,
S. Jeronimo,
Berbo dibino,
Cordeiro da cruz,
Santo Custodio,
Salvai-nos Jasus.

19-E

VARIANTE

Senhora Santa Barbara,
Senhor S. Jeronimo,
Chagas abertas,
Coração ferido,
Sangue derramado
De Nosso Senhor Jasu Christo
Se meta entre nós e ó perigo.

P. N. e A. M.

20

Oração para livrar do raio

Santa Barbara bemdita
Que no ceo esta escrita
Com cruzes e água benta
P'r'ápagar esta tormenta.

21

Oração para quando se acaba de meter o pão no fôrno

Creça o pão no forno
E os bens pelo mundo todo;
Paz e saude a seu dono.
Rezemos pelas almas

P. N. e A. M.

(Montalegre).

21-A

VARIANTE

Creça o pão no forno
E os bens a seu dono,
E saude pelo mundo todo.

Reze um P. N. [e A. M.] pelas almas, aquele que puder e quizer.

(Padrôso).

21-B

VARIANTE

Creça o pão no forno,
E os bois em casa do seu dono,
E a graça de Deus pelo mundo todo.

Quem puder reze um P. N. e uma A. M. pelas almas.

(Paradela).

21-C

VARIANTE

Creça o pão no forno,
Os bens pelo mundo todo,
Paz e saude a seu dono.

Rezem um P. N. e A. M. pelas almas.

(Fiães do Rio).

21-D

VARIANTE

Ele a crescer,
E nós a comer,
Que o não póssamos vencer.

Rezem um P. N. e A. M. pelas almas.

(Fiães do Rio).

21-E

VARIANTE

Creça o pão no forno,
Salvação pelo mundo todo

Reze um P. N. pelas almas quem quiser e puder.

(Arcos).

21-F

VARIANTE

Creça o pão no forno,
E o bem pelo mundo todo,
E a fazenda a seu dono.

E rezem um P. N. pelas almas.

(Tourem).

21-G

VARIANTE

Creça o pão no forno
Saude a seu dono,
E paz pelo mundo todo.

P. N. e A. M. pelas almas.

(Cervos).

21-H

VARIANTE

Creça o pão no forno,
E os bens pelo mundo todo,
E os cuscalhos que nunca saiam do forno.

Rezem pelas almas P. N. e A. M.

(Padornelos).

22

Oração a Nossa Senhora

Levantei-me p'ra manhão,
Sem faivinha (?), nem mantão;
Fuî correr a diassacra ([1]),
Qu'era caminho do ceo,
Incontrei Nossa Senhora
C'um raminho d'ouro na mão:
Eu pedi-lhe uma galhinha,
Ela me disse que não;
Eu tornei-la a segundar,
Ofereceu-me o seu cordão
Que me dava doze voltas
De roda do coração.
Sant'Antonio de Lisboa,
Guardai-me este cordão,
Que m'o deu Nossa Senhora
Sexta-feira de paixão,
Sabado de aleluia,
Domingo da surreição.

(Medeiros).

22-A

VARIANTE

Ergui-me de madrugada
A varrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
C'um rosario d'ouro na mão:
E eu pedi-lhe um bocadinho,
E ela disse-me que não;
E eu tornei-lho a pedir,
E ela deu-me o seu cordão,
Que lhe desse doze voltas,
Ao redor do coração,
E que lhe desse mais uma,
Que chegasse do ceo ao chão,

22-A-A

VARIANTE

Eu ergui-me pela manhão
P'ra barrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
Com um raminho d'ouro na mão:
Eu pedi-lhe uma galhinha,
Ela disse-me que não;
Eu tornei-lha a pedir,
Ela deu-me o seu cordão,
Só uma pontinha d'ele
Chegava do ceo ao chão.

22-B

OUTRA

A vós me entrego, Virgem Sagrada:
Primeiro fostes santa
Do que fostes nada,
Do anjo S. Gabriel anunciada

([1]) *Via sacra.*

Do Divino Espirito Santo alumiada.
Peço-vos, ó Virgem Sagrada,
S'hoje no ceo ou na terra
Alguma sentença má contra nós esteja dada,
Vossa santissima e ternissima Bôca
Seja nossa advogada.

22-C

OUTRA

Maria, mãe de Jesus,
Que dela quisestes morrer,
Pedi ó mãe de Jesus
Que não nos deixeis perder.

23

Oração á Senhora da Encarnação

Arreda, Satanás,
P'r'ó campo de Judafás, (=Josafá?)
Qu'eu no dia da Senhora da Encarnação
Cem ave-marias rezei,
Cem vezes me persinei,
E cem vezes o chão beijei.

24

Oração a S. José

Quem da saude a ventura
E a feliz morte deseja
Recorra a José piedoso
Seu devoto e amante seja.

24-A

VARIANTE

Ó José gloriosissimo,
Santo de tanto poder,
Fazei vós com que vosso esposo
Qu'eu no ceo vos chegue a vêr;
Ó José glorioso,
Jesus muito amado,
Valei-me nas tentações
Quando me vires atribulado.

25

Oração a S. Francisco

Dai-me do que vos deu Christo
Uma boa contrição,
P'ra que na hora da minha morte
Eu não morra sem confissão.

26

Uma oração

Sou aquela pecadora
Com uma lança vos atravessei,
Agora d'arrependida
Digo Senhor que pequei.

27

Responso de Santo António de Lisboa

Ó padre Santo Antonio
Que em Lisboa fostes nado,
E em Roma santificado,
Pelo habito que vestiste,
Pelo cordão que cinguistes,
Pela cruz qu'adoraste,
Tres dias andaste
Até que achaste;
Ó padre Santo Antonio
Assim como libraste
Vosso pai de sete sentenças falsas,
Librai-me o meu filho (do mar, da cadeia, etc.)

Tambem se emprega para responsar as crias e animais perdidos. Ainda que uma pessoa o saiba, é costume pedir a algum vizinho que o reze. Se durante a reza houver algum engano, é sinal de mau agouro; e, se ao acabar de se rezar, os cães ladrarem, é bom sinal.

28

Responso de Nossa Senhora

F. (fulano), Deus diante,
E por na guia
Deus vá e venha
E ande na tua companhia,
Assim como S. Pedro e S. Paulo
Foram ao rio Jordão,
Foram bem e bieram bem,
Assim tu bás e benhas tambem.

29

Diálogo de Nossa Senhora com seu filho na véspera de ser prêso

Quinta-feira de endoenças,
Sexta-feira da Paixão,
Falou a Virgem com Christo:
— Onde vais filho meu?
— Eu vou a Jerusalem
— Não vás lá, ó filho meu,
Que lá estão os judeus
Todos p'ra te prender.
— Escute, escute lá, minha mãe,
Que eu me atrevo a dizer
O que lá me farão:
Porão-me uma crôa de espinhos,
E outra de jungos meirinhos (1),
E com ela m'arrastarão.
Quem isto não quizer crêr
Subirá áquele outeiro,
Que lá verá as ruas regadas
Com o meu sangue verdadeiro.

30

Oração de oferecer a mesa

Depois de cearem, levantam-se, põem as mãos, e o dono da casa diz:

Em louvor e honra do Altissimo Deus! Assim como nos deu p'ra hoje, nos dê p'r'ámnhã, e p'ra todo o sempre, e nos acabe no estado da sua divina graça, e no seu santo serviço.

P. N. e A. M.

Em louvor de Santo Antonio,
P'ra que nos defenda os porcos e as vacas.

P. N. e A. M.

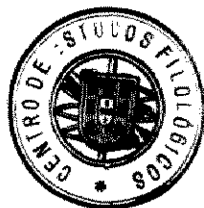
Em louvor de S. José,
P'ra que seja nosso advogado.

P. N. A. M.

Em louvor de S. Sebastião,
P'ra que nos livre da peste, fome e guerra.

P. N. e A. M.

(1) *Juncos marinhos.*



Em louvor de Santa Luzia,
P'ra que nos dê luz, vista e claridade.

P. N. e A. M.

Em louvor de S. Brás,
P'ra que nos livre do mal da graganta.

P. N. e A. M.

Por todos aqueles que andam sobre as águas do mar, p'ra que o Senhor os traga a porto de salvamento.

P. N. e A. M. etc.

Rezemos a seguir o credo ao Divino Espirito Santo, para que nos faça fortes e firmes na fé.

Salvé-rainha a Nossa Senhora p'ra que seja nossa advogada pr'a diante de seu filho amado Deus.

Estas orações são poucas e mal rezadas, o Senhor as aceite no ceo por muitas e bem rezadas.

Faz-se depois uma cruz com a mão direita dizendo:

Deus, que benzeu o mar e á terra, benza á mesa
E mais quem nela comeu.
Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.
(fazendo com estas ultimas palavras uma cruz da testa ao peito e do hombro esquerdo ao direito).

Depois fazem todos o sinal da cruz, pedindo finalmente a benção a quem ofereceu a mesa. A pessoa que levanta a mesa diz:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! a que respondem:

Para sempre seja louvado!

Esta reza ás vezes leva duas horas.

b) Versos [1]

I

Reis (cantam-se pelas portas)

a)

Ó de casa nobre gente,
Escutai e ouvireis
Quatro rapazes fadistas
Que vos vem cantar os reis.

Os santos reis de Belem
Abrasados vão de amor,
Correndo montes e vales
Em busca do Rendentor.
Herodes como malvado,
E preverso e maligno,
Aos santos ensinava
A's avessas o caminho.
Os tres Reis, como eram santos,
Ao ceo lançaram sentido,
Por uma estrela guiada
Até chegar ao Menino.
A estrelinha se escondeu
Atraz duma cabaninha:
A cabana era pequena,
Não cabiam todos tres,
Adoraram o Menino
Cada um por sua vez.
Uns deram-lhe ouro, outros prata,
Outros (en)censo e mirra
Menino tudo aceita
Com prazer e alegria.

b)

Quando eu aqui cheguei
Puz o pé nesta escada,
Logo meu coração disse:
—Aqui mora gente honrada

Se nos querem dar os reis,
Venham-nos dar com tempo,
Estamos com os pés á giada,
Está correndo ar e vento.

Quem diremos nós que viva
Num copinho de licor?
—Viva o senhor desta casa
Mais o seu lindo amor.

Quem diremos nós que viva
Na folhinha da ortiga?
—Viva o senhor desta casa
E mais toda a sua familia.

Quem diremos nós que viva
Entre cravos e mais rosas?
—Viva o senhor desta casa
Que tem ações generosas.

Quem diremos nós que viva
Num açafate de rosas?
—Viva o senhor desta casa,
Que tem ações genérosas.

(Padrôso).

[1] Vid.: Adolfo Coelho, *Revista de Ethnologia*, pág. 49; e Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, III, 239 ss.

c) Se os donos da casa não dão os reis, dizem:

Estes reis que nós cantemos
Tornemo-los a descantar;
Estes barbas de farelo
Não tem nada que nos dar!

(Montalegre).

d)

Ó de casa e nobre gente,
Escutaï e ouvireis
Quatro meninas donzelas
Que vos vem cantar os reis.

Vimo-vos dar boas festas,
Achareis que já é tarde?
Ninguem vo-las dá mais cedo
No amor e na vontade.

Vimo-vos dar boas festas
Com prazer glorioso
Adeus pai e adeus menino,
E adeus presepio ditoso.

S. José e mais Maria
Ambos vão para Belem:
S'êles vão canta-los reis,
Cantemo-los nós tambem.

Esta casinha é mui alta,
Forradinha de papel:
Viva o senhor desta casa,
O homem e mais a mulher!

Estão chegados os tres Reis Magos
Da parte do oriente
P'rádorarem a Deus menino,
Alto Deus omnipotente.

Pariu a Virgem Sagrada
No presepio em Belem.
A terra seja alegrada,
D'onde nace tanto bem.

Os pastores vão correndo,
Vão correndo á porfia:
A terra seja alegrada,
Biba o fruito de Maria!

Se nos querem da-los reis
Desfecharemo-lhes a porta
O (ou?) da carne, [ou?] do fumeiro
O (ou?) do vinho do puchel
O (ou?) do põa (pão?) do canestrel.

(Pitões).

2

Canções do berço (1)

Vai-te imbora, roussinol,
Deixa a baga ó loureiro,
Deixa dormir a menina,
Que stá ó sôno primeiro.

(Pitões).

Chora, chora, meu menino,
Que a mãezinha logo vem,
Foi lavar as enboltinhas
A's pocinhas de Belem.

Vilar de Perdizes).

Cala, cala, meu menino,
Que a tua mãe já lá vem,
Foi lavar os paninhos (ou os cueirinhos)
Á fontinha de Belem.

(1) Cfr. *Revista Lusit.*, x, 1-86.

Foge d'ahi, ó papão,
De cima do meu telhado,
Deixa dormir o menino
O sôno descançado.

Coitadinho do menino,
Coitadinho que assim chora,
Fizeram-lhe a cama curta
Ficaram-lhe os pés de fora.

Ouvi referir que ainda ha pouco tempo as mulheres hespanholas, para fazerem calar os filhos, diziam: «Cala, cala, niño, que ai vem D. Nuno», tal foi o terror que D. Nuno Alvares Pereira deixou em Hespanha, se é que a expressão data de ha tanto tempo!

3

Bordados nos lenços (1)

Já que não posso alcançar
Os braços de quem adoro,
Neste lenço deposito
Tristes lagrimas que choro.

Com pena peguei na pena,
Com pena no coração;
Em me vêr de ti ausente,
Me causa escravidão

Vida sem ti não é vida,
Viver sem ti é morrer;
Desejo viver comtigo,
Sem ti não posso viver!

Aceita com gosto,
Repara nossa amizade;
Desculpa se não fôr
Prenda da tua vontade.

Neste lenço deposito
Tristes lagrimas que eu choro;
É por não poder voar
Ós braços de quem adoro·

4

Quadras ao desafio (2)

Ele. Menina da saia de pano,
Que no terreiro presistiu,
O pano é bem fino,
Minha bolsa o sentiu.

Ela. O senhor se m'a deu,
Eu isso não me convem;
Foi livre sua vontade,
Não no obrigou ninguem.

Ele. Eu isso não t'o merecia
P'ra comigo seres tão malina:
Dei-te boas prendas d'ouro,
Bons aneis de prata fina.

Ela. Não sei que tu me desses,
Nem que me tenhas dado,
Destes-m'um anel d'alquime,
Outro de vidro cobrado.

---

(1) As raparigas costumam bordar nos lenços que oferecem aos namorados, alem das quadras, corações, certas figuras, etc. A maior parte das vezes os versos que circuitam o lenço são ilegiveis, por quem os borda não saber ligar as letras, que são feitas com diversas côres.—Cf. sobre estes costumes Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, pág. 216.

(2) Cfr. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnogr.*, I, 26 ss.

Ela. Eu não sei tu que me queres,
Nem que tenção seja a tua;
Qu'andas por aqui fazendo
De noute por esta rua?

Ele. Ando de noute por esta rua,
Somente por te imparar:
Tu era-la que dizias
Que te não querias casar.

Ela. Eu isso sempre o disse,
Em qu'anto era rapariga;
Agora já o não digo,
Des que me crece a barriga.

Ele. Se te cresce a barriga,
Vai defuma-la com buxo;
Se não defuma-a com dinheiro
Que t'o dê p'ra cá o Ducho.

Ela. Ó coração retraido,
Ó cara cheia de enganos,
A culpa tive-a eu
Em fintar-me em tais planos!

Ele. Arre lá c'o a maganinha,
Qu'assim de mim faz vingança!
Veja lá quem é que chama
P'ra padrinho da criança

Ela. Ou tu é-lo Diabo,
Ou a péle de Barsabú!
P'ra padrinho da criança
Ha-de-lo convidar tu.

Ele. Tu chamas-me cachorrinho,
Eu nunca mordi ninguem:
Fui ladrar á tua porta,
Sinal que te queria bem!

(Medeiros).

5

Dialogos [1]

Dialogo entre a linhaça e o centeio

Milho, milhão,
Stás um mês debaixo do chão.
— E tu, linhaça arrebitada,
Qu'ós três dias já stás nada!

(Montalegre).

Milho, milhão,
Stás oito dias debaixo do terrão.
— Cala-te lá, ardida,
Que dentro de tres dias és nacida.

(Tourem).

Tu, meu lambão,
Stás dezoito dias debaixo do terrão.
— Tu, minha spavinada,
Stás sete dias e não és nada.

Dialogo entre as andorinhas e os tordos

D'onde vindes, tordos loucos?
Qu'ides tantos e vindes poucos?
— Onde ides, andorinhas ...? [2]
Ides poucas e vindes muitas!

---

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 128 e 157.

(2) [Subentende-se uma palavra que não pode escrever-se aqui. Noutra localidade de Tras-os-Montes, ouvi, por eufemismo, *andorinhas brutas*.—J. L. de V.].

c) Cancioneiro de Barrôso (1)

1

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de ser mum bem alegre;
Hei de mandá' la tristeza
Ó pecado que a leve.

2

O meu cantar hoje im dia
Já não é como tem sido.
E' quemò (2) calçado velho
Que tem o lustro perdido.

3

No alto daquela serra
Stá uma pedra burmelha,
Onde s'os rapazes sentam
A penteá'la guedelha.

4

No alto daquela serra,
Onde a auga sobe e dece,
Nem a auga mata a sède
Nem no meu amor m'esquece.

5

No alto daquela serra
Já o mato abetôa:
Estes rapazes d'agora
Inté no andar tem prôa.

6

Venha cá, senhor abade,
Fez a cama na roseira:
Diga-me, ó senhor abade,
Se a cama da rosa cheira.

7

Assubi-m'á oliveira,
Só cortei uma vergasta:
O amor que é entendido,
Só um açano lhe basta.

8

O meu amor é um tôlo,
Cuida qu'eu o adoro,
Cuida que choro por êle...
Sabe Deus por quem eu choro!

9

O meu amor é um cravo,
Eu bem no soube escolher:
Na roseira não ha outro,
Só se tornar a nacer.

10

Debaixo da oliveira
E' um regalo andar:
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

11

Venha cá, senhor abade,
Suas mãos são duas rôlas,
Lá no arco da igreja
Onde prende as moças todas.

12

Venha cá, senhor Lourenço,
Aibra lá esses portaes,
Qu'aí vem sua sobrinha,
Suspirando, dando ais.

(1) Estão publicadas tantas colecções de cantigas populares, que não posso fazer aqui citações especiais.

(2) =coma o «como os».

13

Venha cá, senhor Lourenço,
Aqui tem sua sobrinha:
Em na vendo lá em cima,
Em cima na jinelinha!

14

Ele a cama já stá feita
O sposado stá ó pé:
Diga-me senhor Lourenço,
S'a cama tem roda-pé.

15

Venha cá, senhor Mateus,
E senhora Joaquina,
Foi-se-l'a Zabel imbora
Inda ficou a Brambelina.

16

O lóreiro quando racha,
Dá madeira ó correr:
A mocidade d'agora
É de lubar e trazer.

17

Se passares pelo adro,
No dia do meu enterro,
Pede á terra que num coma
As trênças ó meu cabêlo.

18

Mal o haja a chita preta,
E o tiar que a teceu,
Que me faz andar de luto,
E a mim ninguem me morreu!

19

Adeus, caminho da fonte,
Já de mim não és seguido,
Já cobraram as jinelas
Onde eu trazia o santido.

20

Indo eu pela rua acima,
Não achei senão ortigas.
Vou abaixo ó cruzeiro...
Quanto valem raparigas!

21

Da banda d'alem do rio,
Da outra banda d'alem,
Atiram-me com pedrinhas:
E eu não sei d'onde elas vêm.

22

A' noite, qu'ando me deito,
Digo mal da minha vida:
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta rapariga.

23

E' quemá (1) truita no rio,
Dá volta sem se virar:
Somos nós os dois amores,
Que se intendem sem falar.

24

Lindos olhos tem a truita,
Quem me dera assim os meus!
Hei de os mandar lavar
Onde a truita lava os seus.

(1) = coma a «como a».

25

Auga sobe e rio crece,
Navio não dês á costa:
Não tomes outros amores,
Até sigunda reposta.

26

Adeus, minha terra, adeus,
Tens um tanque de água fria:
Vale mais a mocidade
Qu'á renda da freguesia!

27

Se eu soubera cantar bem,
Como sei notar cantigas,
Fazia rendê'las pedras
Qu'anto mai'las raparigas!

28

Hei-de-m'assubir ó alto,
Que do alto vejo bem,
Para ver os meus amores
Se me falam com alguem.

29

Menina, dá-m'o teu nome,
Que t'o quero pôr in rol:
Se algum dia me faltares,
Direi que me falta o sol.

30

A'manhã é dia santo,
Hei de ir á missa ós Vales,
Para vêr as solteirinhas
Quemo [1] se maneiam ós pares.

31

Àmanhã é dia santo,
Não hei-de vestir camisa:
Não tenho quem m'as lave,
Morreu-me a minha Luisa.

32

Dizes-me qu'eu qu's'tou negra,
Mas é c'o pó da eira:
Has-de-me vêr no domingo
Quemà rosa na roseira.

33

Dizes que m'has de matar,
Que m'ha des dar um tiro:
Olha o medo que t'eu tenho,
Olha quemo m'eu retiro!

34

Minhas andadas de noite,
Minhas idas ó serão,
Tem-me dado muita perca,
Causado muita paixão.

35

Ó meu amor, se tu queres,
Qu'eu á cama te vá vêr:
Tem lá mão do teu cãozinho
Que me não venha morder.

36

Dizes que num sei cantar,
Que tenho a fala gróssa:
Com ela m'arromedeio
Ne' vos vou pedir a vossa.

---

(1) =como. A palavra não se acentua, é átona.

37

Vou a dá'la despedida,
Despedida vou a dar:
Senhores que me ouvem,
Sirvam-se de perdoar.

38

Vou a dá'la despedida
Im na dando vou-me embora:
São horas d'arrecolher
Pintassirgos á gaiola.

39

Menina do lenço preto,
E o bantal ([1]) da mesma côr,
Peça a seu pai que a case,
Qu'eu serei o seu amor.

40

Agora qu'eu vou cantar,
Liçança vou pedir:
Se m'a num querem dar,
Vou-me deitar a dormir.

41

Menina, que vai no barco,
Tire o pé, num môlhe a meia;
Menina qu'ha de ser minha,
Diga-me de qu'arreceia.

42

Quem fez a cama ([2]) na praça
A muito se avinturou:
Uns dizem qu'é baixa,
Outros que d'alta passou.

43

Êle é noite, êle é noite,
Já ela pudera vir:
Meu corpo está infadado,
Meus olhos q'riam dormir.

44

Senhora das Treburas
Vinde abaixo, dai a mão,
É a ladeira mui alta,
Não posso do coração.

45

Senhora das Treburas,
O seu rôsto bormeleja,
E anda no seu terreiro
Quem a sua dôr deseja.

46

Senhora da Penêda,
Senhora da Penedinha,
Comadre da minha mãe
Senhora minha madrinha!

47

Senhor da Piedade,
Moraes álem do Rolo:
Vós sois o pai dos probes,
Gineral do mundo todo.

48

Não sou fita marela
Nem retroz que perca a côr,
Eu sou quemò sigro verde,
Sou lial ó meu amor.

([1]) Avental.
([2]) Variante d'outras, terras, mais lógica é *casa*.

49

Erga o seu chapeo p'ra cima,
Não no traga sempre á banda:
Entes qu'o (1) seu pai é rico,
A roda tamem desanda.

50

Atirei cum a laranja
A' menina á jinéla:
A laranja caiu dantro,
E a menina quem m'a dera!

51

Assubi-me á oliveira,
Tinha de cair, caí:
Tinha sepultura aberta,
Tinha de morrer, morri.

52

Chamaste-me trigueirinha,
E eu não me scandelisei:
Trigueiro é o pimento,
E vai á mêsa do rei.

53

Menina, vem tu comigo,
A roupa deixa-a ficar:
Que se vieres comigo,
Roupa não te ha de faltar.

54

Aninhas, vem tu comigo,
Deixa pai que te criou:
Por bem cousas que te deia,
. . . . (2)

55

Chamaste-me o qu'eu não era,
Nem por isso m'agastei
Sujaste'la tua boca,
Quem era sempre fiquei.

56

Chamastes-me pouca roupa:
Se tens muita, teu porbeito;
Menos tenho que tirar
A' noite quando me deito!

57

Deu-me Deus esta fertuna,
P'ra casar c'um brasileiro:
Tenho cinco reis a juros,
Já tenho muito dinheiro!

58

Quem tem um amor careca,
Tem-na morte sempre á beira;
De manhê quando s'ergue,
Dá c'os olhos na caveira.

59

Balançar, balançar,
Quem t'atirara mil tiros,
Cum a espingarda de prata
Carregada de suspiros!

60

Qu'ando vou para a missa,
Ajôlho-m'ó pé dos bancos,
C'o sentido nos amores,
Num rezo nada ós santos.

(1) «ainda que o».
(2) Não sei o resto.

61

Senhora das Treburas,
Tem um rosario de vidro,
Que lho deu um marinheiro
Que no mar se viu perdido.

62

Senhora das Treburas,
Cercadinha de queirogas,
Cercai-me de venturas,
Qu'eu vos cercarei de rosas.

63

Quando m'eu fôr desta terra,
As pedrinhas chorarão:
Chorai, pedrinhas, á noite,
Qu'eu vou-me p'ola manhão.

64

Meu lancinho de cambraia
Enxugado na silveira,
Meu pai pregunte quem no sirva,
Qu'eu já tenho quem me queira.

65

Todos estão a vir, a vir,
Só o meu amor num vem:
Ou m'o matariam,
Ou ele mataria alguem.

66

Tu mandastes-m'a qui vir,
Tu aqui havias de estar:
Eu vim e tu não viestes,
Eu cá num hei de tornar.

67

Vamos lá p'ró ribeiro,
Onde a água sobe e dece:
O sol vai p'rá Portela,
E ó meu amor num aparece.

68

A oliveira do adro
Tem a folha revirada,
Que lhe revirou o vanto
Numa manhã de jiada.

69

Ó oliveira do rio,
Bota-me p'ra cá um ramo,
Qu'eu sou rapariga nova,
Quero saber a quem amo.

70

Quatro ramos floridos
É cousa que nunca vi:
Num te gaves que me deixas,
Qu'eu nunca te pretendi.

71

A'lerta, pombinha, álerta,
Qu'anda o caçador na serra:
Traz ũa espingarda d'ouro,
Onde põe ponto não erra.

72

Aqui venho que me pagues
Todo o meu tempo perdido:
Já te não falo nas solas
Qu'eu por ti tenho rompido!

73

Adeus, irvoredo verde,
Adonde meu assentava!
As arvores interneciam
De tanto qu'eu suspirava!

74

Toma lá e recebe
Com toda a brevidade:
Comtudo não te esqueças
Da nossa querida amizade.

75

Toma lá e recebe
Quatro ramos floridos:
Lá no meio acharás
Nossos corações unidos.

76

Dizes que sou de Barrôso,
Criada na carrasqueira:
Sei usá'la cortesia
Como qualquer da Ribeira.

77

Tenho um colete de abobra,
O forro de belancia,
As casas de vento-norte,
Os botões de calmaria.

78

Toma lá o que t'eu dou,
Não olhes ao fraco dado:
Isto é uma lembrança
Do nosso tempo passado.

79

Menina do lenço preto,
Diga-me quem lhe morreu.
—Bem de luto pode andar
Quem no seu amor perdeu!

80

Minha mãe, contar-lhe venho
O que hoje m'aconteceu,
Fui arranjar um amante
P'ra casar êle e mais eu.

81

Dai-me vinho, dai-me vinho,
Qu'eu água não posso vêr,
Qu'a água tem semesugas,
Tenho medo de morrer!

82

Se quereis qu'eu cante bem,
Dai-me ũa pinga de vinho,
Qu'o vinho é cousa santa,
Faz o cantar delgadinho.

83

Ó terra que estás comendo
Corpos tão delicadinhos!
Consola-me o teu olhar,
Regalam-me os teus beijinhos.

84

A rôla vai rolando
Pelo adro da igreja:
Num ha tiro que a mate,
Nem caçador que a veja.

85

Tindes os dentes pequeninos
Como pedrinhas de sal:
D'aqui me'stão parcendo
Bocadinhos de cristal.

86

Tinde-le o pescoço alto,
E os hombreiros iguais:
Nem são curtos nem compridos,
São como vós precisais.

87

Tinde-los braços compridos,
Que me parecem dois cirios:
Assim qu'olho para eles
Desvairam-se-me os sentidos.

88

Vosso cabelo dourado,
Inclinado p'ró chão...
Parecem-me fios d'ouro,
Intolha-se-me que num são!

89

Tinde-los lábios pequeninos,
Que me parecem de marfim
Se os eu chegar a beijar, (sic):
Ninguem tenha dôr de mim [1].

90

Na hora de Deus começo,
Na hora de Deus amen:
Quem na hora de Deus anda,
Sempre l'acontece bem.

91

Antes que seja de longe,
Com grandes serras ó meio,
Amo-te cum lialdade,
E bibo sem arreceio.

92

Anda cá, qu'eu já te quero,
Nem que me não queiras bem:
Eu na fama já sou tua,
Por esses mundos além.

93

Palabríado dos homes
'Stou farta de o saber!
Não é po'lo ter usado,
E' po'lo oubir dizer.

94

Os meus olhos são dous basos
Metidos n'ũa lagôa:
Choram lagrimas de sangue
Por ũa certa pessoa.

95

Herba cidreira no monte
E' o regalo dos pastores:
Botam-no gado ó pasto,
E bão saber dos seus amores.

96

O' flor da gesta branca,
Comigo não percas tempo,
Qu'outros castelos mais altos
Andam no meu pensamento!

97

Da tua porta p'ra minha,
Do teu coração ó meu,
Bai ũa s'trada seguida,
Quem na passeia sou eu.

98

Num ha lirio com'ó roxo,
Ni'herba com'á ortiga:
Eu gosto dé t'encontrar,
Inda que nada te diga.

99

Debaixo da oliveira
E' um regalo amar:
Tem a folha miudinha,
Num deixa entrar o luar.

100

No mar se formam as ondas,
No campo as liberdades:
Pola'strelinhas do ceo,
Stimarei que te regales.

---

[1] As quadras n.os 1 a 89 foram colhidas em Medeiros.

101

Fui ó mar buscar beijinhos,
N'ũa bacia de prata:
Tomar amores num custa,
Deixá'los é o que mata.

102

Já andei polo Brasil,
Já passei o Maranhão;
Tenho bisto caras lindas,
Mas comà tua inda não.

103

Fui á fonte dos suspiros
Tornei pola dos coidados:
Enchi o cant'ro de rosas,
E a rodilha foi de crabos.

104

O sol coida que mingaua,
Mas eu hei de l'andar ó geito:
Qu'ando nasce s'tou na cama,
Qu'ando se põe já m'eu deito

105

Num ha bida com'á minha,
Se eu a souber lubar!
De dia bou c'o a rêz,
A' noite bou-me deitar.

106

Coidabas tu por m'eu rir,
Que já me tinhas na mão:
Eu não sou comà flôr
Que s'apanha pelo chão.

107

Eu num tibe pai nim mãe,
Nim nesta terra parentes;
Sou filha das tristes herbas,
Neta das augas correntes.

108

Málo haja quem cortou
A raiz á bordoega!
Anda pr'o donde quijeres,
Qu'o teu créto bem nabega.

109

Quijeste assubir ó alto,
O' alto foste assubir:
Quim ó mais alto assobe,
Ó mais baixo bai cair.

110

Alto pinheiro da serra
Já le tiraram cabacas:
Descobristes o teu peito,
Já sabem nas tuas faltas.

111

Adeus, carreiro da fonte,
Silbas num has de criar:
Por amor d'ũa menina
Alguem as ha de cortar.

112

Coidei que nunca chorasse,
Nim que penas eu tibesse:
Tenho chorado mais auga
Do que naquele rio crece.

113

Coitado de ti, coitado,
Coitado por muntas bias!
Qu'antos foram ó moinho
Só tu pagaste as maquias.

114

Adeus, que me bou imbora,
Lá p'ra segunda ou terça:
Lebo muitas saudades,
Pede a Deus num adoêça.

115

Quero dar a despedida
Comà melra deu ó gaio:
Adeus raparigas todas,
Se o q'reis comer ganhai-o (1).

116

Adeus, logar de Padrôso,
As costas te vou virando:
A saida é agora,
A entrada não sei quando!

117

Adeus, logar de Padroso,
Ao longe parece vila:
Tem um cravo na entrada,
Rosa branca na saida.

118

Se eu soubesse que voava,
Que alcançava o meu desejo,
Mandava fazer as asas,
Que as penas são de sobejo.

119

Quando os passarinhos choram,
Que não tem intendimento:
Que fará quem não tem visto
O seu amor ha tanto tempo?

120

Á tua porta está lama,
E á minha fica um lameiro:
Quando falares dos outros,
Olha para ti primeiro.

121

Atirei â pera parda,
Rebirou á de baguim:
Todas as penas se acabam,
Só as minhas não tem fim!

122

As esquineiras desta terra
Já se não chamam esquinas,
Chamam-se confessionarios
De confessar as meninas.

123

Adeus, logar de Padornélos,
É bonito, tem um erro:
Rapazes marranudos,
Arripiados do pêlo.

124

Padornélos e Meixêdo,
Chineco (2) ficou no meio:
Ó mocinhas de Padrôso,
Brilhais com todo o asseio!

125

Logar de Padornélos,
Pequenino tem dois erros:
Estar rodiado de Bruxas,
Passiado de Galêgos.

126

As estrelinhas no ceo correm
Todas numa carreirinha:
Tambem nos amores correm
Da tua mão para a minha.

---

(1) As quadras n.os 90 a 115 foram colhidas em Sezelhe.
(2) Nome dum monte.

127

Os sete-estrêlos vão altos,
Mais alto vai o luar,
Mais alto vai a fortuna
Que Deus tem para nos dar!

128

Os sete-estrêlos cairam,
Deram á beira do tanque:
Quem vem aqui por te vêr.
Já te tem amor bastante!

129

A água corre p'ró fundo,
Procura assento á terra;
Tambem eu já procurei
Quem m'a mim ha de dar guerra.

130

Eu hei-de cantar e rir,
E hei-de ser muito alegre,
Hei de mandá'la tristeza
Pró diabo que a leve.

131

Quatro coisas é preciso
P'ra saber namorar:
Firmeza e pé ligeiro,
Prometer e não faltar.

132

Quatro coisas ha no mundo
Q'eu não posso intender:
Ser padre, e ir p'ró inferno,
Ser cirurgião e morrer.

133

O coração e ós olhos
São dois amantes liais:
Quando o coração tem pênas,
Logo os olhos dão sinais.

134

Não ha ponte sem rio,
Nem caminho sem atalho:
E não ha menina bonita
Sem ter o seu agasalho.

135

Tu fazes troça de mim
No meu penteado:
Ora usa, qu'eu tambem uso,
Saia travadinha, carreira ó lado.

136

Eu hei de amar a cereja,
Qu'é a primeira do ano:
Tambem tu minha menina
E's a primeira qu'eu amo.

137

Adeus, adeus ó Barrôso,
Carreirinha das formigas,
Onde os rapazes se perdem
Por causa das raparigas.

138

Ahi chegou o Cat'rino,
Na forma do seu costume
C'o as calças rotas no joelho,
D'assar batatas ao lume (1).

(1) As quadras n.os 116 a 138 foram co-lhidas em Padrôso.

139

Ó Maria, tu tens, tu tens
Um raminho . . . [1].

(Salto).

140

Ó milagroso S. Bento
Onde tendes la morada?
— No alto de Sêxta Freita,
Numa pedrinha lavrada.

(Sirvozêlo).

141

Senhor S. Bento da Portáberta:
Porque a num tendes fechada?
Querendes vêr os passageiros
Que passam na 'strada?

(Sirvozêlo).

142

Moro á beira da serra,
Meus vizinhos são penedos:
As visitas que me dão
São corujas e morcegos.

143

Dezoito mil feiticeiros
Eu a eles não tenho medo,
Qu'eu tenho ũa cruz d'arruda
No tope do meu cabêlo.

144

Eu hei de te amar, amar,
Ou tu queiras ou não queiras,
Qu'eu tenho da minha banda
Dezoito mil feiticeiras.

145

Proguntais-me d'onde eu sou,
D'onde é a minha terra:
Minha terra é Pitões,
Moro á beira da serra.

146

Corvos te tirem os olhos
E as aves o coração!
Todos os bichos do monte
Te tragam em procissão!

147

Casada, quem te casou,
Rostro de tant'álegria?
O padre que te casou
Que lastroadas não q'ria? [2]

148

Eu casei-me por um ano
Pr'a bê'la bida que tinha:
O ano vai acabar,
Quem me dera solteirinha!

149

Hei-de-me casar este ano,
Qu'é ano de muito pão:
Sobem os galos ás medas,
Chegam c'os rabos ó chão.

150

Minha mãe p'ra me casar
Prometeu-me tres ovelhas,
Uma manca, outra cega,
Outra mouca das orelhas.

---

(1) Incompleta.
(2) Isto é: «que pedradas não merecia».

151

Loureiro, berde loureiro,
Sêca seja a tua rama,
Qu'inda num tenho amor,
Já me querem pô'la fama!

152

Minha mãe p'ra me casar
Prometeu-me quanto tinha:
Des que me biu bem casada,
Deu-me uma agulha sem linha.

153

Adeus, logar de Pitões,
Nĩ é vila nĩ cidade,
E' um logar piquinino,
Muito á minha vontade.

154

Adeus, logar de Pitões,
Onde passeia a minha querida:
Tem um cravo á entrada
E ũa rosa á saída.

155

O alecrim é cuidado,
Eu em ti nunca cuidei:
Achei-te do meu agrado,
Por isso te não deixei.

156

Montalegre stá no alto,
Sarraquinhos na Portella:
Quem quijer moças lindas
Vá ó logar de Tringuêda.

157

Casada nunca eu fora,
Solteira fora mil anos!
Casada cheia de filhos,
Solteira cheia d'inganos.

158

Diz que te bás, e me deixas
Dinheiro para gastar:
Vais pela porta fóra,
Outro já em teu lugar!

159

Quando eu cuidei que tinha
Os meus males acabados,
Antão é que me bieram
Novamente adobrados.

160

Eu cantar, cantaba bem,
Lá na minha mocidade:
Agora quero, num posso,
Tudo riquer a idade.

161

O meu amor é Antonio,
Mudei-o para João:
Tambem o bento se muda
De norte para soão.

162

Eu já bi nacê'lo sol,
Nacer á beira da lua.
Home de muitas mulheres
Num tem amor a nenhua.

163

Só é Barroso, Barroso,
Barroso terra de muito pão:
Mais vale morrer com a fome,
Que casar c'um Barrosão!

164

Loureiro, fostes ditoso
Nacer ó pé do caminho!
Quantos passageiros passam
Todos cortam um raminho.

165

Assubi-me á óliveira,
D'ũa galha fiz encosto:
Num se me dá de ter famas
Com pessoas do meu gôsto.

166

Assubi á oliveira,
Cheguei ao meio, caí:
Tinha uma mortalha feita,
Tinha de morrer morri.

167

O' sol, que te vais embora,
Lá para os lados de Chaves,
Diz ó meu amor que benha
Qu'eu morro com saudades.

168

Eu hei de m'ir e deixar-te,
Como a auga deixa a fonte:
Eu deixar-te sózinha
Ao desamparo no monte.

169

Eu queria-me casar,
Mas queria dormir só:
Mas agora não ha remedio,
Linha branca já deu o nó.

170

Oliveira piquinina
Tambem faz piquena sombra:
A moça que é retraida,
De qualquer magano zomba.

171

Oliveira piquinina
Tem a folha ós aneis:
Por via d'esses teus olhos
Padeço penas crueis.

172

Oh que pinheiro tão alto,
Oh que pinhas tão douradas!
Bem bonitas são nas moças,
Emquanto não são casadas!

173

Loureiro de traz da casa
Na sala recende cheiro:
Guarda os teus olhos, menina,
Para mim qu'stou solteiro.

174

Oliveira piquenina,
Que azeitona pode dar?
A filha da cabaneira
Que amores pode tomar?

175

Só tu, meu amor, só tu,
Só tu tiveste'la dita
De entrares neste meu peito
N'uma sala tão bonita.

176

Só tu, meu amor, só tu,
Tivestes la liberdade
De entrardes neste meu peito,
Sem fechadura nem chave.

177

Minha estrelinha do norte,
Agulha de marear:
Eu c'o ela me governo,
Quando te quero falar.

178

Bons dias, ó minha tia,
Deus Nosso Senhor lh'os deia!
Parece que tem saude,
Na formosura se vê.

179

Minha terra, minha terra
Minha terra no'na nego:
Minha terra é Pitões,
Onde os meus olhos nabegam.

180

Se vires teu pai, Ambrosio,
Diz-lhe que digo eu
Que não traga chapeo pardo,
Que parece um fariseu.

181

Tenho dentro do meu peito
Dois gira-soes por abrir:
Ninguem sabe o meu intento,
Nem no qu'eu hei de seguir.

182

Adeus, que me bou imbora,
Adeus que imbora me bou:
Se me vou é porqu'eu quero
Q'á (1) mim ninguem me mandou.

183

Minha terra, minha terra,
Minha terra, e eu aqui:
O' anjo do ceu, lebai-me
A' terra onde naci!

184

Olha para mim e ri-te,
Faz-me uma vez a bontade:
Eu bem sei que tu já tens,
Quem te pribe a liberdade.

185

Tendes loureiro á porta,
Tendes sombra regalada,
Tendes fama de bonita,
De feia não tendes nada.

186

Já oubi a boz da rola,
O inverno já lá bai:
Binte filhos de Maria,
Cantai, loubores cantai (1).

187

Binde, filhos de Maria,
São horas lá bem o sol:
Binde oubir os doces hinos
Que lhe entôa o roussinol.

188

Já a cabra dá pulinhos
Na sua penedinha:
Cum seus pulos caprichosos
Cantaremos a Maria.

189

Coração de Jesus, meu amor,
Terno amante do meu coração,
Triste coisa é morrerdes por mim,
E eu pagar-bos com ingratidão.

190

Os olhos pretos são firmes
Os brancos são lisonjeiros,
Os olhos acastanhados
São-no firmes, berdadeiros.

---

(1) Isto é: *cá a mim*.

(1) [Esta cantiga e as tres seguintes devem ser modernas e de origem não-popular. Contudo na cantiga 188.ª há a palavra popular *penedinha*, que mostra adaptação à fala vulgar.—J. L. de V.].

191

Ó meu amor de tão longe,
Chega-te cá par'ó peito,
Que me chora o coração
Em te vêr nesse deserto.

192

O dia que te num vejo
Num ponho o pucaro ó lume,
Só um tarraço [1] piqueno
Que leva meio almude!

193

Pelo mar abaixo
Bai uma carriça,
C'oas mãos ás costas
Pedindo justiça.

194

Pelo mar abaixo
Bai uma cabaça:
S'éla leba binho,
Leva toda a graça.

195

Pelo mar abaixo
Bai um cobertor:
Quem pilha, num pilha,
Pilha o meu amor.

196

O' que pinheiro tão alto,
Quem me dera na cr'ôa
Para bêr o meu amor
Na cidade de Lisboa!

197

O loureiro é pau berde
Que nace pelos quintais:
Quem se fia in marotos,
Sempre fica dando ais.

198

Destes-me ũa pêra berde
Com tenção que madurasse:
O qu'é berde, berde fica,
O' ladrão que m'inganastes!

199

Adeus, logar de Pitões,
Nim és pôbo nim aldeia,
E's um logar piquenino
Onde o meu amor passeia.

200

Adeus, logar de Pitões,
Arrazado sejas tu
Com abraços e beijinhos!
Num te peço mal nium...

201

Adeus, logar de Pitões,
As costas te bou birando:
Minha boca se bai rindo,
Meu coração bai chorando.

202

Suspirando dando ais,
Lebo eu a minha vida:
Suspiros de mal casada,
Dando ais d'arrependida!

---

(1) [Esta palavra tem a mesma origem que a alentejana *tarro*: cf. *Rev. Lus.*, II, 23, e IV, 75. O *tarro* alentejano é de cortiça, mas na Extremadura usa-se um *tarro* de barro para aparar as águas na cozinha, levar comida para os porcos, e tambem para salgar a carne de porco (sinonimo: *salgador*); é de barro, bojudo, estreito em cima e em baixo, e com duas asas (altura uns 2 palmos, diametro máximo 1 1/2 palmo).—Fabrica-se nas Caldas da Rainha.—De *tarro* veio *tarr-aço* e *tarr-aç-ada*.—J. L. de V.].

203

Suspiros e ais e dores
Maginações e cuidados
São nos ladrões dos amores,
Cando bibem ausentados.

204

Ha tres dias que num janto,
Ha quatro que num almoço,
Ha cinco que já num falo
O' meu amor, que num posso.

205

Num quero que me dês nada,
Que eu a ti nada te dou,
Quero que me sejas firme
Qu'eu a ti lial te sou.

206

Laranjeira da calçada
Só uma laranja tem:
Debaixo ninguem lhe chega,
Lá cima num bai ninguem.

207

Ó minha caninha verde,
Verde caninha limão:
Tudo no mundo s'acaba,
Até em minha casa o pão!

208

Cortei o bico á rola
P'ra num comer o centeio:
Quem tem o amor bonito
Ri-se de quem no tem feio.

209

Cortei o bico á rola
E as asas ao papagaio:
Raparigas do meu tempo,
Se o quereis comer ganhai-o.

210

Adeus logar de Pitões
'Stás de ladeira ao fundo:
Quem em ti tomar amores
Pode ser feliz no mundo.

211

Ó alecrim da janela,
Já podias ir secando:
Já morreu quem te regava,
E eu já me vou enfadando.

212

Atirastes-me c'um cravo
C'o as folhas me feristes:
Vistes-me correr o sangue,
Nem por isso m'acudistes!

213

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma:
Anda o crabo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

214

O meu amor foi-se embora,
E não me disse adeus:
Lagrimas q'eu por ele choro,
Seja por amor de Deus!

215

O meu amor-se foi-se embora,
Embarcou pr'ó Brasil:
Meu coração num s'abre
Sem a chave de lá vir!

216

Minha sogra morreu onte,
Os diabos bão c'o ela!
Levou-me a chave d'ádega,
O binho bubeu-o ela.

217

Minha sogra morreu onte,
Deu'la leve ó paraiso:
Deixou-me uma manta velha,
Num posso chorar com riso!

218

Os homens são com'ó lobo,
Só lhe falta tê'lo rabo:
Andam de noite e de dia
No intento do Diabo.

219

Vai-te embora, e num cuides
Q'eu que fico a chorar,
Qu'eu já tive maior pêna,
Bem na soube disfarçar!

220

O meu amor é um anjo,
Deu-m'o Deus, não no mereço:
Já m'o quiseram comprar...
Anjos do ceu não tem prêço.

221

Meu amor é ourives,
O teu é penteador:
O meu dá-me prendas d'ouro,
O teu palavras d'amor.

222

Manoel anda na serra
C'o a capa arromendada:
Bem te disse, Manoel,
Quem mal vive, mal acaba!

223

Manoel, Manoelzinho,
Da casaca á castelhana,
Tu que destes a Maria,
Qu'ela quer ser tua dama?

224

Quero dar a despedida,
Ela aí vai com seiscentos!
Tenho uma pulga parida
Com vinto e cinco jumentos.

225

Os sete-estrelos vão alto,
Vão perto da meia noite:
Coitadinho de quem 'spera
Pelo que está na mão d'oitre!

226

Pus-me a contar as estrelas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Comtigo a comparei.

227

Nasce um pau p'ra ser um santo,
Nasce outro p'ra ser queimado,
Nasce um homem p'ra ser feliz,
Nasce outro p'ra ser desgraçado.

(Frades).

228

Quatrocentos alfaiates
Todos postos em campanha
Com tesouras e dedaes
Para matar uma aranha.

229

Adeus, logar de Cortiços,
Cercadinho de botões,
Raparigas como rosas
Rapazes como tições.

230

Raparigas de Cortiço,
Abençoadas sejais!
Vós sois as que dais-lo riso
A d'onde quer que chegais. [1].

---

[1] As quadras n.os 142 a 230 foram colhidas em Pitões.

231

Adeus, logar de Cortiço,
Arrasado sejas tu
De beijinhos e abraços!
Não te rogo mal nenhum.

232

Atirastes ao meu peito,
A' parte mais delicada:
Quem ao meu peito atira,
Pouco bem me quer ou nada.

233

Não me atires com pedrinhas
Á barra da minha saia:
Minha mãe não me criou
Para maganos da praia.

234

Não me atires com pedrinhas
Á barra do meu colete:
Minha mãe não me criou
Para vosso ramalhete.

235

Não me atires com pedrinhas,
Qu'eu estou a lavar a louça:
Atira-me com beijinhos,
Com que minha mãe não ouça.

236

Dizes que não tenho cama,
Que durmo no chão varrido:
Tenho uma cama de cravos,
Dorme uma rosa comigo.

237

Loureiro, verde loureiro,
Quem te rega, põe-te a mão:
Rega-te aquela menina
Com ágoa do coração.

238

Loureiro, verde loureiro,
Sêca seja a tua rama!
Difamaram-me comtigo,
E eu não sei a tua cama.

239

Quem quer comprar, qu'eu vendo,
Amores que eu engeitei?
Vai por êles ao mar largo,
Que eu para lá os mandei.

240

Minha maçã vermelhinha
Onde deixaste'lo cheiro?
Nos lençoes da tua cama,
Nas rendas do travesseiro.

241

Minha maçã vermelhinha,
Vermelha na macieira:
É bonita de casada,
Que faria de solteira?

242

Já que me deste'la pêra,
....
....
....

243

Ó que lindo luar 'stá
Para ir colher maçãs,
Á rua da formosura,
Onde estão as três irmãs.

244

Alumeia-me, ó candeia,
Não me deixes ás escuras,
Que eu venho da terra alheia,
Não sei as voltas ás ruas.

245

Candeia que não dá luz,
Não se espeta na parede:
O amor que não é firme
Não se faz cabedal d'êle.

246

Arcepreste não se rega,
Eu hei de regar o meu:
Amor firme não se deixa,
Mas eu heide deixar o meu.

247

Indo eu pela rua abaixo,
Scorreguei, caí na esquina:
C'os sentidos que levava
Na Maria Joaquina.

248

Indo en pela rua abaixo.
Aos saltinhos com'á lebre,
Entregar a minha alma
Ao bom Jesus que m'a leve.

249

Rua abaixo, rua acima,
Mariquinhas á janela,
Enfiando contas d'ouro
No retroz da primavera.

250

Indo eu pela rua abaixo
Todo o mundo me quer bem,
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem!

251

As talhadeiras da rua
Talharam-me o meu vestido:
Não tiveram dôr do pano,
Talharam-m'o bem comprido.

252

Marmuradeiras da rua,
Marmurai todas de mim,
Que eu nunca fui marmurada
Senão de gente ruim.

253

Tenho na minha janela
Mangerico aos molhinhos:
Vai-te-me d'aqui embora,
Perdição dos meus olhinhos!

254

Tenho na minha janela
O que tu não tens na tua:
Tenho cravinhos e rosas
Viradinhos para a rua.

255

Trazes chapeu á paralta
Por baixo lenço riscado;
Inda mais por baixo andam
Olhinhos do meu agrado.

256

Trazes chapeu á paralta,
E a cinta á rialista:
Todo o rapaz que é janota
Quer uma moça fadista.

257

Tende'los olhos fagueiros
E a vista namoradiça:
Quem tem os olhos fagueiros
De casa tem a justiça.

258

Tende'los olhinhos pretos,
Inda agora reparei:
Se reparo ha mais tempo,
Não amava a quem amei.

259

Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro,
Outro que me veste e calça
Esse é o mais verdadeiro.

260

A cana verde no mar
Tambem tem-na sua dôr:
Tambem eu tenho a minha,
Seja ela por quem fôr.

261

A cana verde no mar
Tambem tem sua criada:
Tambem eu tenho a minha,
D'aguardente refinada.

262

Quem achou a cana verde
Faça favor de m'a dar,
Qu'eu perdi-a onte á noite
No terreiro a dançar.

263

Indo pela rua abaixo
Como quem não vai a nada,
Abanar uma p'reirinha
Que nunca foi abanada.

264

A Sereia, por ter sêde,
Bebeu por um assobio:
O diacho da sereia,
Até no beber tem brio!

265

A Sereia, por ter sêde,
Bebeu por uma cabaça:
O diacho da Sereia
Até no beber tem graça!

266

Pelo mar abaixo
Vai uma carriça,
C'uma grade ás costas
Toda se esganiça.

267

Pelo mar abaixo
Vai um cobertor;
Embrulhado nele
Vai o meu amor.

268

Pelo mar abaixo
Vai um alguidar;
Ele já leva ágoa
Para m'eu lavar.

269

Eu matei uma carriça
P'ra fazer minha malhada,
Já lhe comi a amétade
E a outra está demolhada.

270

José quero, José amo,
José trago no sentido:
Por causa de ti, José,
Tenho o meu sono perdido.

271

Toda a vida desejei
O meu amor Manoel,
Agora em casa o tenho...
Caiu-me a sopa no mel.

272

Toda a vida desejei
Uma mulher mediana:
Deu-me Deus uma pandorga
Que me não cabe na cama!

273

Manoel, p'ra vêr as moças
Fez uma fonte de prata:
As moças não lhe vão lá,
Manoel todo se mata.

274

Mariquinhas tecedeira
Tem-no tiar e não tece:
É de crer que anda de amores,
Ou o tiar lhe aborrece.

275

Galeguinho da Galiza
Quando vai em procissão
Leva um gato de santo
E uma velha de pendão.

276

Galeguinho da Galiza
Quem te trouxe a Portugal?
Uma Galeguinha nova,
Debaixo do avental.

277

O Galêgo quando morre
Vai com o dente arreganhado,
Que lhe disse o padre-cura:
—Passa fóra, cão danado!

278

Ó que ladeira tão alta,
Tão custosa de assubir!
Deita-te d'aí abaixo,
Ás tranças do meu mandil.

279

Almocreves de Tourem
Três com um burro andam bem:
Um pega, outro tem mão,
Outro olha se vai bem.

280

Dai-me uma pinga de vinho
Que eu água não sei beber:
A água tem samassugas,
Tenho medo de morrer!

281

Minha mãe mandou-me á herva,
Eu á herva não hei de ir,
Que a lameira tem buracos,
Tenho medo de cair.

282

Minha mãe mandou-me á fonte
Com sapatos de papel:
Eu cobrei a cantarinha,
A brincar com o Manoel.

283

Minha mãe já stá a chamar,
Valha-me Deus que mulher!
Ela quer que eu varra a casa,
Varra-a ela se quijer!

284

Minha mãe já stá a chamar,
Aos saltinhos já lá vou:
Quero mais á minha mãe
Que ao ladrão que me enganou.

285

Não quero amor, Antonio,
Que é muito saltarinheiro,
Trabalha toda a semana,
Domingo não tem dinheiro.

286

Se meu amor fôra Antonho,
Mandara-o envidraçar
Numa caixinha de vidro,
Para o sol o não queimar.

287

O meu amor é Antonio,
Mora na caixa do cheiro:
Quem quijer amar Antonio
Ha de andar do pé ligeiro.

288

O meu amor é Domingos,
Dominguinhos se lhe chama:
Não é quem o mundo pensa,
O mundo tambem se engana.

289

Hei de casar para a Ribeira,
Que é terra de muito vinho:
Antes quero morrer á sêde
Que casar c'um Ribeirinho.

290

Heide casar p'ra Barroso,
Que é terra de muito pão:
Antes quero morrer á fome
Que casar com um Barrosão,

291

Dizes qu'a arruda qu'amarga,
Quem vo-la deu a beber!
Segredinhos do meu peito
Quem vo-los deu a saber?

292

Quem diz que o amor que custa,
E' de crer que nunca amou:
Já amei e fui amada,
Nunca o amor me enfadou.

293

Adeus, logar de Cortiços,
É bonito tem que dar,
Raparigas ao convento
Rapazes a militar.

294

Vós dizeis que viva, viva,
Viva o centro de Barroso!
Indas que a terra é áspera,
Inda tem gado mimoso.

295

No alto d'aquela serra
Andam dois coelhos bravos:
Deviam de se juntar
Dois corações desejados.

296

No alto d'aquela serra
D'onde a água sobe e dece,
Nem a água mata a sêde
Nem o teu amor me esquece.

297

Se tu visses o que éu vi
Nas alturas de Barroso:
Sete frades em camisa
A cavalo d'um raposo!

298

Se tu visses o que eu vi,
Devias d'admirar:
Uma cadela com pitos,
Uma galinha a ladrar.

299

Eu tambem sou lavadeira,
Lavo no rio Jordão,
Lavo saias d'entremeio
Fica-me o cheiro na mão.

300

Oh que rua tão comprida
Que nenhum retiro tem!
Queria-te falar, menina,
Não posso sem tua mãe.

301

Dei um ai que fez tremer
As quinas á tua sala:
Se estás a dormir, acorda,
Se estás acordada, fala.

302

Algum dia por te vêr
Pulava vinte paredes:
Agora por te não vêr,
Pulo-as mais de trinta vezes.

303

Algum dia por te vêr
Dava mil voltas no ar:
Agora dera dinheiro
Só por te não encontrar!

304

Algum dia era eu
O retrato da feição:
Agora sou vassourinha
Com que vós varreis o chão.

305

Algum dia era eu
No teu prato melhor sopa:
Agora sou um veneno,
Ao menos na tua bôca!

306

Maria, ata o cabêlo,
Que atado parece bem:
Se não tens cordão pr'a êle,
Carvalhinho vêrgas tem.

307

Desenrola o teu cabelo,
Não o tragas enrolado;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.

308

O cabelo enrolado
Serve de toda a maneira,
De dia serve de gala,
E á noite de travesseira.

309

Mariquinhas tola, doida,
O pecado te atentou:
Stavas como o peixe n'água,
O vicio te derramou!

310

Olha o tolo, olha o doudo,
Olha o mal inclinado!
Fôi pedir a filha ao pai,
Sem com ela ter falado.

311

Fostes falar ao meu pai,
Ao portal do meu lameiro:
Se querias casar comigo,
Faláras-me a mim primeiro.

312

Mariquinhas, tola, doida,
Olha o que fostes fazer,
Mataste-lo o inocente
Sem t'êl'a morte merecer!

313

Dei um nó na fita verde,
Outro no preto rigor:
Inda 'spero de dar outro
Na mão d'reita ao meu amor.

314

Dei um nó na fita verde,
Nunc'ó eu chegara a dar,
Dei-o tão apertadinho,
Não o posso desatar!

315

Está o ceu anubiado,
Azadinho p'ra chover:
Eu bem sei quem stá doente,
E mais não ha de morrer!

316

O meu amor stá doente
Na cama para morrer;
Deus lhe dê tanta saude
Que se não possa erguer.

317

Ninguem se finte nos homes,
Nem no seu doce falar,
Que êles tem-nas falas doces,
E o coração de matar.

318

Tendes coração de açucre,
Que na água se derrete:
Dai-me uma pedrinha d'êle,
Para o meu que se não seque.

319

Tu não scairres qu'eu não tusso,
Qu'eu não tenho nenhum êrro:
Eu sou como a laranjinha,
Quando sai do arvoredo.

320

Passei pela tua porta
Pu'la mão na fechadura,
Pedi-te água não m'a deste,
Coração de pedra dura!

321

Ó feliz, abre-me a porta,
Qu'eu estou c'os pés á giada;
Se me não abres a porta,
Nem és feliz, nem és nada.

322

Fi'la cama na folhinha
E á cabeceira no pojo:
Num quero cantar comtigo,
Que me estás a meter nojo.

323

Pus-me a chorar ó pé d'água
Lagrimas de sentimento,
A água me respondeu:
—Nada dura com'ó tempo.

324

Pus-me a chorar onte á noite
Ó pé da água que corre,
A água me respondeu:
—Quem tem cuidados num dorme.

325

Amor quem te disse a ti
Qu'eu dormindo suspirava?
Quem t'o disse não mentiu,
Qu'eu alguns suspiros dava.

326

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua:
Suspira quanto quijeres,
Qu'eu por ora não sou tua.

327

Coitadinho de quem tem
Seus amores em segredo:
Passa por êles na rua,
Não lhe fala, que tem medo.

328

Coitadinha da menina
Que tem o amor soldado,
Cuida que o tem na cama
E êle anda no tabolado.

329

Tanto chorei onte á noite,
Que amoleci o sobrado:
Coração que tanto chora
Deve de estar magoado.

330

Tanto chorei onte á noite,
Que enchi duas malgas verdes:
Tudo pr'ámor de amores,
Quem puder, livre-se dêles!

331

Ha tres dias qu'eu não como
Senão lagrimas com pão:
Estes são os alamentos
Qu'os teus amores me dão.

332

Oliveira d'ó pé do rio
Dá-lhe o vento, troce o pé:
Tambem eu torcia a lingua
A quem diz o que não é.

333

Chorem mães e chórem pais,
Chorem todos em geral:
Mataram o Carlotinha
No meio do pinheiral.

334

Vá-se embora, seu magano,
Que a minha mãe não stá cá:
Se ela vem e nos encontra,
Que dirá e que fará?

335

Toda a menina que é bonita
Não devia de nascer:
É como a pera madura,
Todos a querem comer.

336

Ó Aninhas, ó Aninhas,
Ó Aninhas da varanda,
Caixinha dos meus segredos
D'onde o meu coração anda!

337

Aninhas está doente,
Está doente d'uma dôr
Eu bem te dizia, Aninhas,
Que chamasses o doutor!

338

Lá vem o Senhor doutor
Com uma lancinha na mão;
Eu bem te dizia Aninhas
Que era uma dôr no coração.

339

Tenho um lenço de tres pontas
Que inda não foi á barrela,
Para limpar os meus olhos
Quando me fôr d'esta terra.

340

Ó meu amor, se te fores,
Leva-me, podendo ser,
Que eu quero ir acabar
D'onde tu fôres morrer.

341

Ó meu amor, se te fôres,
Screve-me lá do caminho.
Se não tiveres papel,
Nas asas d'um passarinho.

342

Ando por aqui de noite
Como o perdigão perdido:
Minha mãe deitou-me á rua,
Deixa-me ir dormir comtigo!

343

Ó Antonho, ó Antonho,
Tú és auga açucarada;
Casa comigo, Antonho,
Não me tragas enganada.

344

O teu pai é meu
A minha mãe é tua,
Abre-me a porta
Que eu estou na rua.

345

Atiraste-me com dois beijos
Cairam no fim da rua;
Não foi por minha vontade,
A culpa foi toda tua.

346

Fostes com as vacas
Para o portal da bouça
Eu bem sei que já stiveste
A dar tréla a outra.

347

—Ó rapaz, ó militar,
Aonde deixas teu brio?
—Na ponte da Madalena
Ás lavadeiras do rio

348

Vem comigo, Carlotinha,
A roupa deixa ficar;
Na minha companhia
Roupa não te ha de faltar.

349

A serra corta a madeira
E a lima corta os metais:
A lingua não tem freio,
Corta a casaca ós mais.

350

Castanheiro sem candeias,
Que castanhas pode dar?
O homem sem dinheiro
Que amores pode arranjar?

351

Mal o haja aquele ingrato
Que tão mal pago me deu:
Nunca me falem nele,
Digam-me que já morreu!

352

Rosa qu'stás na roseira
Deixa-te estar até vêr,
Que vou ó Brasil e venho
A tempo de te colher.

353

O brio d'uma moça solteira
É um casaco cintado,
E um avental de tres folhos
E o cabelo emaranhado.

354

Ó raparigas, ó môças
Eu a todas quero bem,
A umas mais do que a outras,
A ti mais do que a ninguem.

355

Ó meu amor lá de riba,
Deixa tudo e vem-me vêr,
As cartas não vem boas,
Meu amor, não sei ler.

356

Quando te eu amei,
Melhor fôra amar um burro:
Andava d'a cavalo,
Ainda não perdia tudo.

357

Siga a manta, siga a manta,
Dos rapazes estravagantes,
Deixam pai e mãe
E vão falar ás amantes. (1)

358

Uma silva me prendeu,
Outra me mandou soltar:
Não ha olhos qu'eu mais goste
Do que são os d'um militar.

359

Atirei com um cravo ao pôço,
Fechado saiu-me aberto:
Os seus braços, menina,
São ligas com qu'eu m'aperto.

360

Da minha janela á sua,
Do seu coração ao meu,
É uma estrada corrida:
Quem na passeia sou eu.

361

Menina, que 'stá lá dentro,
'Stá comendo pão e queijo,
Faça da bôca pistola,
Atire-me cá um beijo.

362

Nem na terra ha dois mundos,
Nem no ceo ha dois senhores,
Nem ha coração que guarde
Lialdade a dois amores.

363

Sentada na minha cama
Uma carta tua li;
Beijando letra por letra,
Chorando adormeci.

364

Adeus, cidade de Lisboa,
Rua Nova da Prata!
Tomar amores não custa,
O deixa-los é que mata.

365

Adeus, ó largo da Inteira.
De ladeira ó p'ró fundo!
Quem tomar amores nela,
Pode-se despedir do mundo.

366

— Siga a manta, siga a manta
Siga a manta trema a terra!
— Arrede lá quem vier
Que esta manta não arreda!

367

Ó tia Maria do Barroso
Encostada ao bordão,
Parece o juiz de direito
Quando 'stá em julgação.

368

Santa Senhorinha
Está tão rijinha:
Trigos na terra,
Cinco taberneiros,
Dancem as moças
E toquem os gaiteiros.

---

(1) As quadras n.os 231 a 357 foram colhidas em Gralhas.

369

Estou casado ha tres dias,
Quem me dera estar solteiro!
O diabo da mulher
Só me faz pedir dinheiro!

370

Carta, vai onde t'eu mando,
Responde, sabe falar:
Os olhos que te notaram
Cá ficaram a chorar!

371

O' rua Direita do Porto!
Tem um fio d'algodão:
Todos passam e não caem,
Só eu caí na prisão!

372

Quem me dera ir a Chaves,
Das muralhas para dentro,
Para vêr o meu amor
Formado no regimento!

373

Atirei com uma laranja
Ao correr de Chaves fora:
A laranja ficou dentro,
Adeus Chaves, vou-me embora!

374

O' rua Direita de Chaves,
Ladrilhada, mal segura:
Quando eu passo por ela,
Não ha pedra que não bula.

375

O meu amor é soldado
Da primeira companhia:
Ele é a praça mais linda
Que anda em cavalaria.

376

O meu amor é soldado,
Soldadinho é que eu quero:
Ainda que não tem dinheiro
Tem o botão amarelo.

377

Os homens são como os lobos,
Só lhes falta ter o rabo,
Andam de noite e de dia
No caminho do Diabo.

378

Amores ao longe, ao longe,
Que ao perto quem quer os tem:
Os amores d'ó pé da porta
São a perdição d'alguem [1]!

379

O meu amor é aquele,
Que eu no andar o conheço:
Tem o passo miudinho
Como a folha do codêço.

(Covêlo do Gerez).

380

Quem quiser ouvir mentiras
Vá á forja do ferreiro,
Dê a volta pelo forno
Venha ter ó fiadeiro.

(Vilar de Perdizes).

---

[1] As canções n.os 358 a 378 foram colhidas em Padornelos.

381

O amor é uma albarda
Que se põe a quem quer bem:
Eu p'ra não ser albardada,
Não quero bem a ninguem.

(Vilar de Perdizes).

382

Fui á fonte das tres bicas,
Dei a mão á libardade:
Stava varia do sentido
Quando t'eu fiz a vontade.

383

Menina, se quer saber,
Como se ganha o dinheiro,
Deite navios ao mar
Que eu serei seu marinheiro.

384

Fui contá'las estrelas
Pela era da coluna,
Nove e oito, sete e seis
Cinco e quatro, tres, dois, uma.

385

O muito cantar faz sêde,
A muita sêde secura,
A muita pedra parede,
E muita parede altura.

386

Franganito, rasca a asa,
Galinha vai p'ró poleiro:
Ditoso d'aquele que vem
Na maré do carvoeiro!

387

Menina, não se namore,
D'homem que diz: darei, darei:
Desde que se acham servidos,
«Menina, já te paguei.»

388

Trocaste-me a mim por outro
Fizeste bem, que escolheste;
Algum tempo me dirás
Se ganhaste ou perdeste.

389

Não te mates, não te esfoles,
Que eu tua não hei de ser;
Eu já tenho amor certo
Para os dias que hei de viver.

390

Cuidavas que eu que te queria
Meu guardanapo de mesa:
Se alguma fala te dava,
Era com pouca firmeza.

391

Você diz que me não quer,
Eu quero lá você porventura?
Seu tonante, seu basofia,
Seu cara de ruim figura!

392

Julgavas que por m'eu rir
Que já me tinhas na mão!
Eu não sou tão proveitosa,
Que apanhe fruita do chão.

393

A' minha porta stá lama,
A' tua está um lameiro:
Se queiseres falar comigo,
Fala para ele primeiro.

394

Abaixa-te, ó serra alta,
Deixa passar o Zé Costa,
Que veio casar a Barroso
Com a bela repitosca.

395

Abaixa-te, ó serra alta,
Deixa passar o meu gado;
A pastora que vai co'êle
Tem-no cabelo dourado.

396

Pelo ceo vai uma nuvem,
Todos dizem: bem na vi;
Todos falam e marmuram,
Ninguem olha para si!

397

Trazes cabelo enelado,
Pelas costas ao comprido:
Nas ondas do teu cabelo
Anda o meu amor metido.

398

Chamastes ao meu cabelo
Cabelo de leviana:
Tambem eu chamo ao teu
Laços de prender quem ama.

399

Toda a vez que te vejo,
Rezo uma salve-rainha;
Pago renda dos teus olhos,
Já te posso chamar minha!

400

Esta noite sonhei eu
Que tu me estavas amando:
Mas tambem ao mesmo tempo
Sonhei que estava sonhando.

401

Vai-te carta, feliz carta,
Triste de quem te notou!
Com lagrimas te escreveu,
Com suspiros te fechou.

402

Hei-de-m'ir e deixar-te,
Como a agua deixa a fonte!
Hei-de-te deixar, menina,
Ao desamparo no monte!

403

Tu chamas amor perfeito
A's coisas que a terra cria:
Amor perfeito ha só um,
Filho da Virgem Maria.

404

O ceo tem dezoito estrelas,
Todas dispostas em linha;
Com elas escreveu Deus:
Eu sou teu e tu és minha.

405

Quem inventou a partida
Não sabia o que era amor:
Quem parte, parte sem vida,
Quem fica morre de dôr.

406

Vai-te carta, vai-te carta,
Vêr um bem que Deus me deu:
Tu vais para lá ficar,
Em teu nome fôra eu.

407

Tenho um lenço de beijinhos,
Meu amor para te dar,
Com quatro nós de ciumes,
Sem os poder desatar.

408

José amo, José quero,
José trago no sentido;
Por causa de ti, José,
Trago o juizo varrido.

409

O meu amor é um faia,
Sabe ler, tocar guitarra;
Ele é tanto do meu gosto,
Minha mãe tanto me ralha!

410

O meu amor é João,
João lhe hei de chamar:
Por causa de ti, João,
Pae e mãe hei-de deixar.

411

Minha mãe logo á noite:
—Maria vai-te deitar!
Ela cuida que eu que durmo,
E eu estou a namorar.

412

A cobra pelo falanco
Foge que desaparece:
Quem dá falas a marotos
Grande castigo merece!

413

Esta noite tive um sonho
Comtigo, minha beleza:
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza!

414

Canta, amor, cantemos ambos,
Já que outra vida não temos:
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

415

Pus-me a chorar sentimentos
Ao pé da água que corre,
A água me respondeu:
—Quem tem amores não dorme.

416

Quem tem amores não dorme,
Quem nos não tem adormece:
Coitadinho de quem ama,
Que assim a mim me acontece!

417

Não me atires com pedrinhas,
Que eu sou o mesmo penedo:
Tenho coração de bronze,
A pedras não tenho medo.

418

Assubi-me ao penedinho,
Bôca de cravo, falai-me:
Se vos a morte mereço,
Aqui me tendes, matai-me!

419

Aqui me tendes, matai-me,
Se eu a morte mereço:
Quando não, aliviai-me
D'estas pênas que eu padeço.

420

A pombinha já morreu,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
As cartas ao meu amor.

421

Ando por aqui de noite
Como o perdigão perdido,
Adormeço e acordo
Sempre comtigo no sentido.

422

A' beira do meu telhado
Nasceu-me um amor perfeito,
Mas não tem tão linda côr
Como se fosse em teu peito.

423

As cantigas que tu cantas
A nenhumas fiz atento:
Fui acudir ao chapeo,
Que me fugiu com o vento.

424

O' Amelia, ó Amelia,
O' Amelia tecedeira,
Foste dizer ó meu pai
Que eu andava na brincadeira.

425

Algum dia p'ra te vêr
Saltava sete quintaes,
Hoje p'ra te não vêr
Salto sete, e salto mais.

426

Fui á fonte beber agua
Na casca da belancia:
Nem bebi, nem tinha sêde,
Nem falei a quem queria!

427

Quando eu era solteira,
Usava fitas e laços,
Agora que sou casada
Uso os meus filhos nos braços.

428

O' minha pombinha branca,
De biquinho amarelo,
Quando vais beber ao rio,
Pões os pés no carambélo.

429

As pombinhas quando nascem,
Nascem dando beijinhos:
Assim fazem os namorados,
Quando se encontram sózinhos.

430

D'aqui a Braga é longe,
Não chegam lá meus suspiros!
Quando eles lá chegarem,
Chegam mais mortos que vivos!

431

O cuco é uma ave
Que só no maio aparece:
Quantos cucos por cá ficam,
E mais ninguem os conhece!

432

Fui-me confessar
A'quéla capelinha:
O que eu disse ó padre
Ninguem o adivinha.

433

Ninguem o adivinha,
Não adivinha não,
O que eu disse ó padre
Lá na minha confissão.

434

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum:
Deram-me de penitencia
Arranjar ao menos um.

435

Lá na minha confissão
Pouco lhe pode importar:
Tenho dezoito anos
Que me queria casar.

436

Vai de roda, vai de roda,
Cada um sua cantiga:
Eu tambem canto a minha,
Que a necessidade me obriga.

437

Aqui me tens, ó Amelia,
O' minha branca flôr:
Por bem linda que tu sejas,
Não arranjas outro amor.

438

Minha mãe chama por mim
Do penedo da Portéla:
Valha-me Deus, minha mãe,
Cuida que o vento me leva!

439

Antoninho, pede a Deus,
Qu'eu peço ás almas santas,
Que nos ajuntemos ambos
Já que as lagrimas são tantas!

440

Com licença entra o pisco
Seu papinho quer encher:
Onde estão galos de fama,
Pitos que veem cá fazer?

(Quadra com que um cantador pimpão desafia outro).

441

Coitadinho de quem morre
S'ó paraiso não vai:
Quem cá fica do pão come,
Que a pena logo se vai.

442

Cala-te, ó bôca de inferno,
Nariz de meia canada
Pescoço de galga preta,
Olhos de gata rajada. (1)

443

Adeus, adeus, ó Barrôso,
Não tarda que te vá vêr;
Queira Deus que lá haja
Lacinhos para me prender!

444

— O' minha pombinha branca,
Dá-me cá o teu vestido.
— O meu vestido são penas.
— Eu tambem de penas vivo.

445

Fui criado em Barroso
No meio da rascalheira:
Se quiseres alguma coisa,
Aqui stou á tua beira.

446

Toda a vida andei no monte,
Toda a vida guardei gado;
Tenho uma magoa no peito
De me encostar ao cajado.

447

O' Senhor da Piedade,
Moraes nas lamas do Rolo:
A cadeia sem relogio
Sempre são feitios de tolo.

448

Não sei que cidade é esta,
Onde ha tanta senhora:
Bem hajam as de Friães,
Que trajam á lavradora!

(1) As quadras n.os 379 a 442 foram colhidas em Montalegre.

449

Vamos lá para o Antigo, [1]
Vamos vêr o que lá vae:
As casas são de torrão,
A telha a baixo não cae.

450

Adeus, Senhora do Monte,
Moraes á beira da estrada:
Como daes aos cegos vista,
Dae tambem aos mudos fala.

451

Antes que sou de Barroso
Criado na carrasqueira,
Tambem sei notar centigas
A's meninas da Ribeira.

452

Quando o sobreiro der baga,
E o loureiro der cortiça,
Então te amarei deveras,
Agora tenho preguiça.

453

Quando o sobreiro der baga,
E a cortiça fôr ao fundo,
Só então hão de acabar
As más lingoas neste mundo.

454

Não ha nada que mais chie
Do que um carro de cortiça;
Na demanda fiquei bem
Dei o feito á justiça.

455

Aqui chegou o Catrino
Como é do costumado,
Co'as calças rotas na cinta
E a acender o seu cigarro.

456

Tendes loureiro á porta,
Tendes sombra regalada,
Tendes fama de bonita,
Deveis de ser procurada.

457

Tu és de Fiães do Rio,
E's filho do Cascaes,
Tens o cabelo alto
Deixa que t'o abaixe mais.

458

Adeus ó Frades do Rio,
Tens duas pedras d'assento;
Uma é de namorar,
Outra de passar o tempo.

---

[1] Nome do lugar.

II

ROMANCES

I

D. Silvaninha

Indo D. Silvaninha
Pelo seu corredor acima,
Tocando numa guitarra,
O' tão bem que ela sabia!
Acordou seu pai dormindo
Com estrondo que fazia.
— Tu que queres, D. Silvana,
Tu que tens, ó minha filha?
— De três irmãs que nós eramos
São casadas, têm familia;
E eu por ser a mais formosa,
O' canto fiquei metida.
Já corri palacios todos,
Não achei quem me merecia,
Só achei conde Alberto,
E' casado tem familia.
Mande-o chamar, meu pai,
Da sua parte e da minha,
Que mate sua mulher
Para casar com sua filha.
— Minha mulher não a mato,
Que a morte não lhe é merecida.
— Mata, conde, mata, conde,
Senão eu tiro-te a vida.
Has-de trazer-me a cabeça
Nesta doirada bacia.

Vai o conde para casa
Cheio de melancolia:
Mandou pôr a sua mesa,
Para fazer que comia;
Mandou vestir seus criados,
Do maior luto que havia;
Mandou fechar seus palacios,
Coisa que nunca fazia.
— Tu que tens, conde Alberto,
Tu que tens, ó meu marido?
— O rei me mandou chamar
Para eu te a ti matar.
— Não chores, conde, não chores,
Que isso bem remedio teria:
Meterás-me num convento,
Onde eu não veja sol nem dia,
Me darás o pão por onça
E a agoa por medida.
Chegue-me o filho mais velho,
Que o quero abraçar;
Chegue-me o filho do meio,
Que o quero pentear;
Chegue-me o filho mais novo,
Que lhe quero dar de mamar:
«Mama, mama, meu menino,
«Que este leite é da paixão,
«Amanhã por estas horas
«Tua mãe está no caixão.
«Mama, mama, meu menino,
«Que este leite é de amargar,
«Amanhã por estas horas
«Tua mãe está a enterrar.

Tocam os sinos na sé,
Ai Jesus qnem morreria?
Morreu a D. Silvana
Pelo mal que cometia,
De descasar os bens casados,
Que era o que o Senhor não queria!
Viva o conde e a condessa
Que era o que o Senhor queria!

2

Santa Helena

Estando eu a coser
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Passou um cavalheiro,
Pedindo pousada;
Meu pai não stava lá,
Minha mãe lha dava.
Pela meia noite fóra
Entra a pedir agoa,
E eu como mais velha,
Levantei-me a dar-lh'a:
Êle agarrou em mim
E levou-me roubada:
No meio da estrada
Êle me perguntava,
Êle me perguntava
Como m'eu chamava.
— Eu chamo-me Helêna.
— O' Helena amada,
Por aqui agora
Triste, malfadada!
Por estas palavras
Serás degolada:
Por baixo de fentos
Serás enterrada.

D'ali a sete ânos
O traidor passou:
— Pastores, pastorinhos,
Que o gado guardaes,
Que ermida é aquela
A quem vós adorais?
— A santa Helêna
Que o traidor matou,
Por baixo de fentos
Ali a deixou.
— O' santa Helena,
Meu amor primeiro,
Perdoai-me a morte,
Serei teu romeiro.
— Como t'hei-de eu perdoar,
Ladrão carniceiro,
Que me degolastes
Como a um carneiro.
Viste-te (veste-te?) de azul
Que é a cor do ceo!
Se Deus te perdoar
Perdoarei-te eu.

3

Canario lindo

Esta noite fui á caça,
Lindo canario cacei;
Fui-o levar de presente
A' filha do nosso rei.
A' filha do nosso rei
Era rica e brasileira,
Mandou fazer uma gaiola
Da mais fininha madeira.
Depois da gaiola feita,
O canario meteu dentro;
Quer de dia quer de noite,
Era o seu entretimento.
Apanhou grande constipação,
Mandou chamar uma junta
De trinta e um cirurgião.
De trinta e um cirurgião
Nem um lhe deu c'o a cura;
Lá vai o triste canario
Coitado, p'rá sepultura!

3

Anfiguri

Em Lisboa se formou
Palacio de grande altura;
Muita gente lá penou,
Outra foi pr'á sepultura;
Casa farta tem fartura,
Quem doba tem seu sarilho,
Correm os pitos ao milho,
A culpa é dos pardaes;
Todo o burro tem atafaes,
Tambem lhe são dados estribos;
Toda a figueira dá figos
Para contentar os rapazes,
No mar andam alcatrazes,
Tambem lhe chamam gaivotas;
Homem das pernas tortas,
Todos lhe chamam calêjo;
Vão-se as sezões com desejo
As feridas com unguento,
O moinho moe com vento,
Quem urde a teia é a aranha,
Sem ter principio nem fim;
Um raminho de alecrim
Que se dá aos namorados;
As armas são p'r'ós soldados
E tambem são p'r'ós caçadores;
Menina se tem amores,
Bem ao serio pode andar;
A gaita é p'ra tocar
O pente é p'rá cabeça;
Menina não endoideça,
Pode-se dar por feliz
Por ter tão grande nariz,
Que mede metro e meio:
Depois do nariz cortado
Inda lhe chega até ao seio.

III

PARLENDAS

I

Os sete sacramentos

O primeiro é batismo,
Eu tambem fui batizado;
Creio no que Deus me disse,
Nisso vivo descansado.

O segundo é confirmação,
Eu confirmo na verdade:
Se te quero bem ou não,
Deus do Ceo é que o sabe.

O terceiro é comungar,
Quem comunga é cristão:
Trago a Deus na minh'alma,
A ti no meu coração.

O quarto é penitencia,
Bem penitente tenho sido,
Em te trazer na memória
Na flôr do meu sentido.

A quinta é extrema unção,
São palavras em latim:
Peço-te amor da minh'alma
Que te não esqueças de mim.

O sexto é a ordem,
Qu'eu tenho p'ra te prender,
Na cadeia dos meus braços
P'ra d'outro não poder ser.

O setimo é matrimonio,
Sanifica o dar da mão:
E' custoso d'apartar
Uma rosa dum botão.

(Padrôso).

1-A

VARIANTE

O primeiro é batismo,
Julgo que sou batizado:
Na fé de Deus vivo,
Nisso vivo confirmado.

O segundo é confirmação,
Confirmo o amor na verdade:
Se te quero bem ou não,
Deus do Ceo é que o sabe.

O terceiro é comunhão,
Quem comunga confessou:
Para uns se acaba o mundo,
Para outros principiou.

O quarto é penitencia,
Bem penitente tenho sido:
Quando estou junto de ti,
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é extrema unção,
São palavras em latim:
Foste-la mais linda rosa
Que eu criei no meu jardim.

O sexto é ordem,
Qu'eu tenho de te prender:
Nas cadeias dos teus braços
E' que m'eu queria vêr.

O setimo é matrimonio,
Quando é ó dar a mão:
Nunca se pode apartar
Uma rosa d'um botão.

Estes sete sacramentos
São da Santa Madre Igreja:
Andó mundo ás zevessas (ás evessas),
Ninguem logra o que deseja.

2

Os cinco sentidos

Bem no sabes,
Que são cinco:
As pênas com que t'eu amo
Deus as sabe, e eu as sinto.

O primeiro é ver
A cousa qu'eu mais desejo:
Quando passo pela rua,
Sempre penso que te vejo.

O segundo é ouvir;
Se eu ouvira ou sonhara,
Que tinhas outros amores
Por minhas mãos me matara.

O terceiro é cheirar
Um raminho de alecrim:
Peço-te, amor da minh'alma,
Que te não squeças de mim.

O quarto é apalpar
As pernas às raparigas,
Se são grossas ou delgadas,
Se são curtas ou compridas.

O quinto é pagar dizimos e prumissios,
Nada d'isso estou devendo,
Só do ano passado
E este mês que vai correndo.

2-A

VARIANTE

O primeiro é vêr
A coisa que eu mais desejo:
Quando passo pela tua porta,
Sempre olho se te vejo.

O segundo é ouvir,
Eu de ti não ouço nada:
Quando ouço novas tuas,
Caio no chão desmaiada.

O terceiro é cheirar
Um raminho de alecrim:
Peço-te, amor da minh'alma,
Que não te squeças de mim.

O quarto é gostar,
Eu sempre gostei de ti;
O meu amor para comtigo
Nunca se lhe dá fim.

O quinto é apalpar,
Eu fui que te apalpei:
Topei-te do meu agrado,
Por isso te não deixei.

3

Os mandamentos dos padres

Primeiro, amam a Deus por dinheiro;
Segundo, enganam a todo o mundo;
Terceiro, antes querem vitela q'a carneiro;
Quarto, jejuam des que 'stão fartos;
Quinto, antes querem vinho branco do que tinto;
Sexto, levam tudo a torto e a direito;
Setimo, num tornam nada d'emprestimo;
Oitavo, nem comem da cabeça nem do rabo;
Nôno, enchem bem na barriga de sôno.
. . . .

(Meixedo).

4

Novissimos do homem

1.º Anjo (= criança),
2.º Lião (= aos 25 anos leão pela força),
3.º Burro (= Casado com as responsabilidades de familia),
4.º Cão (= velhice, já os netos dizem passe por ali meu avô.).

(Cortiços).

4-A

VARIANTE

1.º Morte,
2.º Mortorio
3.º Jandias (= João Dias ?)
4.º Gregorio.

5

Novissimos da mulher

1.º Janeleiras,
2.º Espreitadeiras,
3.º Gulosas,
4.º Mentirosas.

6

Novissimos dos bêbados

1.º Odre,
2.º Borracha,
3.º Infusa,
4.º Cabaça.

7

Versos dos dias da semana

Segunda feira te amo,
Na têrça te quero bem,
Na quarta por ti suspiro,
Na quinta direi por quem,

Na sexta por ti morro,
No sabado por ti meu bem,
No domingo vou á missa,
Para vêr quem me quer bem.

8

Os mandamentos dos ladrões das colmeias

Primeiro, entrar dentro do colmieiro;
Segundo, arrancar-lhe logo o fundo;
Terceiro, leva-las a beber a um rigueiro;
Quarto, mel p'rá bôca e cêra p'ró saco;
Quinto, fazer-lhe o roubo bem limpo.

9

Verdadeira malicia das mulheres

A malícia das mulheres
Tentar vou explicar,
Nêum homem seja tolo
Em mulher acreditar;

E' raro encontrar mulher
Que não mostre fingimento,
Mas tomai o meu conselho,
Fugi ao vosso intento.

Já pròguntei a um sabio
Se me sabia dizer
D'onde naceu a mulher
P'ra tanta malicia ter:

O sabio me respondeu,
Sendo êle um grande exato,
Que as primeiras foram feitas
Do rabo d'um grande gato.

(Vilar de Perdizes).

10

Oração do moleiro

Deus te salve, saco,
Quatro maquias te rapo:
Ua p'ró burro comer,

Outra por te moer,
Outra por te levar.
Outra por te trazer.

(Vilar de Perdizes).

10-A

VARIANTE

O moleiro vai p'ró inferno
C'o as bestas carregadas;
Êle lá tem por noticia
Qu'ha de ser bem maquiado:
O burro come do saco,

O galo come a fartar,
A galinha da mesma sorte;
O' depois ó fim de contas
Tudo torna a maquiar.

10-B

VARIANTE

Vem-na Maria,
Tira a máquia:
Vem-no Manoel,
Tira o seu maquiel;

Vem-no criado:
—O' meu amo,
Isto inda não está bem maquiado!

11

Diabos leve os homens
Enfiados num cordel;
O primeiro seja Antonio
E o segundo Manoel.

Diabos leve as mulheres
Enfiadas numa linha:
A primeira seja Maria,
E a segunda Joaquina.

(Vilar de Perdizes).

12

Palavras ditas e retornadas

— Anjo Custodio, amigo meu,
— Custodio sim, mas amigo teu não.
— Dize-me as dose, palavras, ditas e retornadas
— Direi, direi, qu'eu bem nas sei:
A primeira é a casa santa de Jerusalem,
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen.
— Anjo custodio, amigo meu,
Custodio sim, mas amigo teu não.
Dise-me as 12 palavras, ditas e retornadas;
— Direi, direi qu'eu bem nas sei;
A primeira é a casa santa de Jerusalem
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen.
As duas são duas taboinhas de Moisés,
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Poz os seus sagrados pés.
— Anjo Custodio, amigo meu
— Custodio sim, mas amigo teu não
— Dise-me as dose palavras, ditas e retornadas
— Direi, direi, qu'eu bem nas sei:
A primeira é a casa santa de Jerusalem,
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen.
As duas são as duas taboínhas de Moisés
Onhe Nosso Senhor Jesûs Christo
Poz os seus sagrados pés.
As tres são as tres pessoas da Santissima Trindade.
— Anjo Custodio, amigo meu
— Custodio sim, mas amigo teu não
— Dize-me as dose palavras, ditas e retornadas
— Direi, direi, que eu bem nas sei:
A primeira é a casa santa de Jerusalem,
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen;
As duas são as duas taboinhas de Moisés,
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Poz os seus sagrados pés;
As tres são as tres pessoas da Santissima Trindade
As quatro são os quatro evangelistas,
etc.
As cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo;
As seis são os seis círios bentos
Que alumiam de dia os vivos
E de noite os mortos;
As sete são os sete pecados mortaes;
As oito são os oito caibros da igreja;

Os nove são os nove côros d'anjos;
Os dez são os dez mandamentos;
Os onze são os onze mil virgens;
Os doze são os doze apostolos.
Treze raios tem no sol.
Treze raios tem na lua.
Rebenta d'aqui diabo,
Que esta alma não é tua!

13

Aquele é um rapaz muito artista,
Faz obras e não risca,
Desempena só com a vista;
De artistas é o primeiro
Ineixa ([1]) carros sem malho rodeiro,
Faz coisas admiradas,
Mete prégos sem pancadas,
Faz santos, e faz pinturas,
. . . .
E tambem faz lançadeiras,
P'ra vender a cinco tostões
A's tolas das tecedeiras.

(Negrões)

14

Está-se vendo hoje em dia
Quem tem dinheiro é estimado;
O pobre é que é desprezado,
Que ninguem lhe dá valia;
Ou por sorte ou por dinheiro,
Ou por alguns bens de raiz,
Esse sim que é feliz,
E todos o tem na lembrança.
Vai passear até á França
E quando vem já traz cavalo e trem,
Para brilhar ao pé do nobre;
Que hade fazer quem é pobre
Ao pé de quem muito tem?
Se a miseria e a desgraça
Não deixa brilhar ninguem.

(Negrões)

15

— Adeus Maria,
— Adeus João,
— Vais co'as vacas?
— Pois antão.
— Linda cara...
— Não por isso.
— Lindos olhos...
— Isso sim.
. . . .
. . . .

([1]) [Ou é *im-eixa* (sendo nasal o primeiro *e*)? — J. L. de V].

16

Fui ó Senhor de Matosinhos
Eu vi aqueles dois olhinhos,
Oh! lhe disse: adeus Maria!
E a moça que tal diria?
Disse-me: adeus Manoel!
Fiquei logo com'um pastel,
Arrimei-lhe quatro versos,
Ficou a moça toda babada,
Que logo me deu um anel.
Ai Jesus! não sei qu'eu diga:
Fiquei todo numa chama.
Até de noite sonhava
C'o a rapariga na cama.
A rapariga queria-me bem,
Mas veio d'acolá um 'studante
Um marêto e um tratante,
Que era o José da Cancela,
Aquele grande militante
De bigode e gaforina,
E casaca fina,
Com um chicote na mão,
E a rosa do Japão
No peito metida:
A môça assim que o viu,
Ficou pateta.
Deixa-la, pois está servida!
E eu que me calasse!
Isso nem por quanto havia!
Que até o povo diria
Que eu que tinha medo
Ao senhor doutor,
Filho do nosso regedor,
Lá da nossa freguesia:
Saltar de contente
Por vêr Maria!

17

Dias de maio,
Dias d'amargura,
Mal amenhece,
Já é noite escura.

IV

ADIVINHAS

I

Oh que lindos amores eu tenho
Oh que lindos, ó que ingratos!
Anda por dentro das botas
E por fóra dos sapatos.
(Tornozelos).

(Pitões)

2

Curcobico num tem bico,
Nem bico, nem come,
Mas a mãe do curcobico
Tem bico e come.
(Ovo e galinha).

(Pitões)

3

Sou filho de pais cantantes,
Minha mãe não tinha dentes,
Nem nenhum dos meus parentes;
Eu de mim todo sou calvo,
O meu coração é amarelo
E o meu rosto é alvo.
(Ovo).

3-A

VARIANTE

O que é uma capelinha branca
Sem porta nem tranca?
(*Ovo*).

3-B

VARIANTE

Meu pipinho,
Meu pipote,
Não tem por onde lhe tire,
Nem por onde lhe bote.
(*Ovo*).

3-C

VARIANTE

Casas caiadas,
Fontes amarelas,
Aguas claras:
Ninguem vive nelas.
(*Ovo*).

4

Estando Maria Campina no monte,
Chegou a noticia de seu filho branco:
Alçou a perna, deitou a correr,
Inda chegou a tempo de o ver nacer.
(*Galinha a pôr o ovo*).

5

Uma senhora toda assenhoritada
Tem tantos remendos,
E não dá uma pontada.
(*Galinha*).

6

Por cima de canas, canas,
Por cima de canas, mar,
Por cima de mar, moinho,
Por cima de moinho, mato,
Por cima de mato, rato.
(Corpo humano).

(Tourem).

7

Q'al é ela,
Adonde 'stá
Bem parece ela?
(Cal).

8

O que é uma coisa que quantos mais ralos se matam, mais ralos ficam?
(Ralos)

9

Sou uma velha muito velha,
C'o as velhas me vai bem;
Estas meninas d'agora
Amizade me num tem
Tendo eu um rapazinho
A'liár (?) hade ser criança
C'oa cabeça aguda
De dançar a contradança.
(Fuso).

(Pitões).

10

Uma madama muito bem posta,
Dois galantes a estão mirando;
A' vista das castanhetas
As tripas lhe estão tirando.
(Roca).

11

Sou uma velha muito antiga,
Toda a gente me quer bem,
Estas meninas d'agora
Amizade me num tem:
Trago um pequeno comigo
Muito preparado p'rá dança;
E' muito agudo da cabeça
Apesar de ser criança.
(Roca e fuso).

12

Semos dois irmãos em casa
Com diferente condição:
P'ra bodas e baptisados
A mim me convidarão;
P'ra gostos e tampeiros (tempêros)
Falem lá c'o meu irmão.
(Vinho e vinagre).

(Pitões).

13

Semeei taboas,
Nasceram-me cordas,
E depois bólas:
Adivinha tu estas carambolas.
(*Cabaças*).

14

Tamanha como uma sôga
E tem dentes como a lôba.
(*Serra*).

15

Minha dama é fidalguinha,
De pau é o seu comer,
Mastigar e deitar fóra
Que o engulir num pode ser.
(*Serra a serrar madeira*).

(Pitões).

16

O que é a coisa
Que tem pernas e não anda,
Tem boca e não come,
Tem asas e não vôa?
(*Um pote*).

17

Alto picote,
Redondo molete,
Que chova, que neve,
Nunca se derrete.
(*Pinheiro*).

18

VARIANTE

Alto picotinho
Que verdega com'ó linho,
Tem os filhos morenotes:
Adivinha tu se podes.
(*Pinheiro*).

19

Pai grande, mãe pequena,
Filhos pretos e netos brancos.
(*Pinhões*).

20

Sou verde por natureza,
De luto me vesti,
Para vir dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci.
(*Azeitona*)

21

O que é uma coisa que quando vai para o monte vai com a cara virada para casa?

(*Sóco*).

22

Pequena como uma bolota
Enche a casa até á porta.

(*Luz*).

23

Na Inglaterra fui feita,
Para Portugal fui vendida,
E na hora em que me soltam,
Ai de mim que estou perdida!

(*Agulha*).

24

Gado miudo,
Terra mimosa,
Onde pousa
Deixa uma rosa.

(*Pulga*).

25

Movo-me, movo-me como um relogio,
Não ha relogio igual,
Conservo muitas vezes
Dentro do meu vegetal.

(*O coração*).

26

Alto me miras,
Comer me querias
Mas tu morrerás e eu ficarei,
E de ti sairá no que me eu meterei.

(*Videira a falar com a cabra*).

27

O que é que anda, anda,
Tanto anda e nunca chega a casa do visinho?

(*Moinho*).

28

Femea foi meu nacimento,
Macho me fizeram ser;
Se me deitarem a afogar,
Femea torno a ser.

(*Sal*).

29

Tenho armas não dou fogo,
D'elas pouco me aproveito:
Rio-me e aibro a boca,
Lanço o que tenho no peito:
De mim sai uma donzela
Mais estimada do qu'eu,
Ela vai-se com seu dono
E eu fico-me com quem me deu.
(Ouriço).

30

VARIANTE

Alto picôto,
Ruim cavalheiro,
Abriu-se a bolsa,
Caiu-lhe o dinheiro.
(Ouriço).

31

Alto foi o meu nacimento,
De senhora arrecolhida:
Cahi abaixo, tamanha queda dei,
Que a minha casa não voltei.
(Castanha).

32

Quatro na cama
Quatro na lama,
Dois brimbaus
E um que lhe açana.
(Vaca).

33

Uma meia, meia feita,
Outra meia por fazer,
Diga agora, menina,
Quantas meias vem a ser.
(Metade d'uma meia).

34

Capote sobre capote,
Capote do mesmo pano,
Nem adivinha este ano
Nem pr'ó ano que vier,
Só se lho eu disser.
(Cebola).

35

Tôrto é o meu direito.
(Anzol).

36

D'alto mira,
E d'alto mora,
Dá-lhe o riso
E vai-se embora.

(*Passaro*).

37

Matei hoje uma lebre
Comi-a ontem.

(*Lebre*).

38

VARIANTE

Mantinha sobre mantinha,
Mantinha do mesmo pano,
Não to digo, nem no sabes,
Inda que estejas um ano.

(*Cebola*).

39

Uma senhora toda assenhoritada,
Não sai á rua sem ser molhada.

(*Lingua*).

40

Alto está, alto mora,
Todos o vêem e ninguem o adora.

(*Sino*).

41

VARIANTE

O que é uma coisa que tem um dente,
E chama por toda a gente?

(*Sino*).

42

O que é uma coisa que quanto maior é, menos se vê?

(*Nevoeiro*).

43

Altos castelos, verdes e amarelos

(*Nogueira*).

44

Aos homens dou govêrno,
Aos homens govêrno dou,
Se os homens se esquecem de mim,
Meu govêrno acabou.

(*Relogio*).

45

O que é uma coisa
Tamanha como uma pulga
E bota orelhas como uma burra?

(*Semente de couve*).

46

O que é uma coisa, que mal entra em casa se põe á janela?

(*Botão*).

47

VARIANTE

O que é uma coisa que quando um erra, erram todos?

(*Botões*).

48

Vinte mil meninas numa varanda,
Todas a chorar para a mesma banda.

(*Telhas*).

49

Quem os faz, vende-os,
Quem os compra, não os usa,
E quem os usa, não os vê.

(*Um caixão para defunto*).

50

O que é uma coisa, que quanto mais se lhe tira, mais crece?

(*Um buraco*).

51

Sou uma senhora toda assenhoritada,
Uso aneis toda a vida,
Estrago tudo em comer,
Nunca encho a barriga.

(*Uma tesoura*.

52

Para andar me põem uma capa,
Para andar m'a tornam a tirar:
Não posso andar sem capa,
Com capa não posso andar.

53

Só me gasto em comer
Senão de nada valia,
Sirvo pobre e sirvo rico
E a mais alta fidalguia.
(*Faca*).

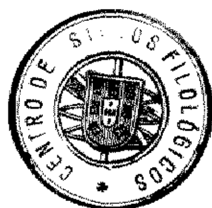
54

Domingos de Ramos e Santa Cruz cairam em Domingo de Pascoa.

(Um homem chamado Domingos de Ramos caiu bebado com a cruz no dia de Pascoa).

55

D'alto te vejo,
C'o meu capelêjo,
Bem te vejo vir,
Mas não te posso fugir.
(*Lande que está para cair e vê vir o pôrco para pastar*).



V

NARRATIVAS POPULARES

I

Entre o povo de Barroso ha muitas lendas em que figuram os Mouros, aos quaes se atribue tudo quanto antigo ainda aparece.

Assim em Santo Adrião (Montalegre) aparece na madrugada de S. João um tiar d'ouro e uma serpente que é uma Moura encantada. Se não houver medo e se se poder dar um beijo na serpente, fica a Moura desencantada.

2

Na fonte do Salgueiro, na manhã de S. João antes de nacer o sol, aparece uma menina com uma tenda cheia de facas, garfos, botões, etc., tudo d'ouro.

3

No castelo de Montalegre, precisamente á meia noite de S. João, aparecem tres meninas muito lindas sentadas em cadeiras, tudo d'ouro. Já houve quem as visse, mas não se sabe o meio de as desencantar. E' tradição que elas uma vez deram um avental de joias a uma mulher, que as devia levar para casa sem falar durante o percurso, mas como ela, encontrando uma amiga que lhe perguntou o que levava no avental, dissesse que era muita riqueza que lhe ia mostrar, ao faze-lo só achou carvão.

4

Uma vez um homem foi de noite chamar uma parteira da vila de Montalegre e levando-a ao castelo, ali levantou uma lage debaixo da qual estava um lindo edificio, e dentro dêle duas meninas muito lindas, a mais velha das quaes estava deitada com as dôres de parto numa cama d'ouro. Nasceu então uma menina que a parteira entregou á companheira da parturiente. O homem abriu depois uma gavêta cheia de riquezas, e disse á parteira que levasse o que quisesse escolher, mas ela nada levou.

5

Entre duas pedrinhas colocadas no meio do caminho da Portela para o castelo de Montalegre achou uma mulher, quando ia para a igreja do mesmo castelo, um cordão d'ouro. Puxando por êle viu que não tinha fim e chegando a certa altura disse «p'ra ser rica já me chega,» cortando-o, pois que não queria perder a missa. O cordão mal acabado de cortar começou a desfiar-se em sangue, ouvindo então a mulher varios gritos e maldições contra ela. Se se tivesse demorado a puxar pelo cordão emquanto o padre dizia a missa, quebrava-se o encanto.

6

No dia de S. João, antes de nascer o sol, ouve-se nas minas de Valongo (Gralhós) tocar um sino debaixo da terra.

7

Na borga do Redondo (Forguêda) ha um penedo onde dizem aparecer na madrugada de S. João uma Moura com uma tenda cheia de joias.

8

Numa cortinha junto e a poente do castelo de Montalegre ha uma mina, aonde foram dois homens, cada um com sua vela acêsa, mas por mais que andassem não eram capazes de chegar ao fim. Na entrada dessa mina, que dava vasante á agua do poço do castelo, já caíram dois *trabalhos* (raios).

9

Entre Donões e Montalegre ha um um penedo debaixo do qual consta haver riqueza. Já foi despedaçado pelos sonhadores de tesouros encantados.

10

Na Loja Gôrda, entre Cambêzes e Montalegre, aparece um encanto na manhã de S. João antes de nacer o sol.

11

Proximo da Senhora d'Abril (Contim) diz o povo que aparece uma Moura com uma tenda na manhã de S. João.

12

No sitio de Oural (Fiães do Rio) aparecem os Mouros pelo meio-dia de S. João.

13

No sitio da Rameseira (Vilar de Perdizes) diz a lenda que ha Mouras encantadas, e ha quem afirme tê-las visto estender ouro ao sol.

14

Na Gironda (Hespanha) houve uma rainha chamada Lôba, que comia muito, a ponto de devastar grandemente o gado, pelo que foi intimada a sair da povoação, ao que ela respondeu que só saíria quando pela ingreme e fragosa encosta da Fraga da Gata (serra do Larouco, aro de Santo André, já em territorio português) visse descer um carro de messes. Para se verem livres da rainha, fizeram descer o carro com o auxilio de cordas.

15

Uma mulher teve sete meninas, e com receio do marido, mandou-as afogar por uma nêgra. Encontrando esta o pai das meninas, não lhe disse o que levava, mas insistindo êle viu que dentro dum cesto de verga iam seis crianças. A criada contou-lhe o receio da âma, e êle fazendo-lhe guardar segredo, fez criar as meninas, e quando tinham cinco anos vestiu-as da mesma janroupa, bem como a que tinha em casa, mandando fazer um jantar de gala a que foram todos. No fim do jantar perguntou á mãe qual era a sua filha, e como ela dissesse qual era, respondeu-lhe que eram todas. A mãe caiu logo morta com a surpreza [1].

16

Na Fonte da Moura, proximo a Santo Amaro (Donões), ha a seguinte lenda: Passando ali um homem apareceu-lhe uma Moura com uma tenda em que tinha espingardas e ouro. Perguntando-lhe a Moura o que mais lhe agradava, respondeu-lhe

---

(1) Cf. «Lenda de Maria Mantella,» artigo do snr. dr. J. Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana*, XII, 140; e «*O Archeologo Português*,» II, 308.

Na freguesia de Solveira, confinante com a de Gralhas, ha um sitio chamado Pai-Mantella.

ser uma espinguarda. A Moura deu-lhe uma faxa para a sua mulher, que o homem depois enrodilhou num carvalho que estava fora da povoação: voando então a arvore pelos ares e aparecendo-lhe outra vez a Moura, disse-lhe que êle lhe dobrara o encanto por não ter dito que gostava d'ela quando lhe perguntou do que gostava mais da tenda.

17

É tradição que na serra do Larouco ha um sitio onde ha um encanto d'ouro e outro de peste, segundo reza o livro de S. Cypriano. Quatro homens que lá foram cavar, ficaram de tal modo doentes, que faleciam poucos dias depois.

18

Em Frades ha um monte chamado Corucho ou Crôa do Côto, em cuja vertente meridional, diz a lenda haver tres minas, uma de ouro, uma de água, e outra de peste. Se fosse encontrada a de ouro, toda a gente ficava rica; se a de água ficava tudo alagado, e se a de peste morria toda a gente (1).

19

Conto. — Uma vez um sapo ia atrás d'uma lebre, mas um boi que era guiado por um lavrador pôs-lhe uma pata. Perguntando o lavrador ao sapo o que estava a fazer, respondeu este: «Estou a segurar este boi por uma perna.» Prosseguindo o lavrador o seu caminho, continuou o sapo atrás da lebre, dizendo: «Estás aqui, estás caçada.» Chegando a um rio, demorou-se tres dias para o saltar, e ao fazê-lo caiu no meio d'êle exclamando então: «Raios partam as pressas!»

20

No principio do mundo, quando os animaes falavam, dizia o chasco: chás, chás, que bem vás, e o pisco: pis, pis, que mentis.

(1) Ouvimos uma lenda semelhante em Taboaço. Cf. *Revista Lusitana*, XII, 181; *O Archeologo Português*, I, 133; *Tradições Populares de Portugal* pelo snr. dr. J. Leite de Vasconcellos, pag. 87.

21

Anedota.—Tendo um rapaz pedido licença ao pai para fumar, disse-lhe este que o podia fazer, se fizesse o pedido em mote, dizendo-lhe então o filho:

Este vicio do tabaco
Todo o homem que o tem
Faz gastar muito vintem,
Destrocar muito pataco;

Assobe-se o vicio ó caco,
É ruim de botar fora;
O senhor, se é meu amigo,
Dê-me um cigarro agora.

22

Anedota.—Como uma mulher preguiçosa não fiasse o linho até ao mês de março, em que é costume corar as teias, e não podendo pô-las ao sol como faziam as outras mulheres, pôs em seu logar esteiras, pelo que o marido depois de a desancar disse:

Março, marção,
Córa teias e esteiras não;
Fiança dum ano
Dum mez
Aqui está o que minha mulher fez.

(Continua).

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

MISCELANEA

Concurso poetico: uma cantiga popular

Tendo a redacção do jornal farense *O Algarve* instituido uma secção subordinada ao titulo de «qual é a mais linda quadra popular?», dignou-se pedir a minha opinião, e eu enviei-lhe a seguinte carta, que foi publicada no mesmo jornal em 21 de Novembro de 1915:

Ocupado, como estou, em trabalhos oficiaes e literarios que de todo me absorvem, não posso no actual momento voltar-me para a poesia popular, tanto mais que na minha futura *Etnografia Portuguesa* tenciono consagrar-lhe mais de um volume, e já por muitas vezes tenho tratado d'ela, ora estudando-lhe a significação e fórma, ora coordenando ramilhetes d'essas singelas, mas lindas flores, que se criam e desabrocham na alma da gente rustica: veja-se por exemplo: *Poesia amorosa do povo portuguez*, Lisboa (Bertrand), 1890, volume de 144 páginas; *Canções do berço*, Lisboa (Imprensa Nacional), 1907, volume de 102 paginas; *Revista Lusitana*, I 143 ss., VII 126 ss., XI 351, XIV 260 ss.; *Ensaios Ethnographicos*, t. IV, Lisboa 1910 (Livraria Classica), pag. 50-161.

Agradeço porém ao meu amigo e antigo aluno Schiappa Roby a lembrança que teve de se me dirigir, e para lhe mostrar quão simpatica se me afigura a ideia do concurso poetico posta em execução no *Algarve*, transcrevo-lhe uma das mais expressivas cantigas que andam na tradição oral, e que conservo tambem de memoria:

Eu sou sol, e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como sol, a buscar-te,
Tu, como sombra, a fugir-me...

Eis aqui uma cantiga perfeita por todos os lados: pela agudeza ironica e imaginativa do conceito, pela simetria da construção sintatica, pela riqueza da rima. O sol representa manifestamente o namorado, e a sombra a namorada (e não o inverso): isso resulta dos generos gramaticaes de *sol* e *sombra*, e de ser em geral o homem quem requesta a mulher. Na comparação abstrai-se da ideia de brilho e de escuridade, senão haveria indelicadeza (pois se dava a primazia ao macho), e só se tem em mente a sucessão e constancia ou *firmeza* dos movimentos (aparentes). Nisso consiste a principal graça da cantiga: as condições a que obedece este amor sem esperança são tão fatais como as leis que regulam a Natureza fisica!

J. L. de V.

Ideias para um dicionario

Devem os dicionarios ser feitos de maneira que, a par de palavras ou expressões que já nos sejam conhecidas, achemos neles outras que pretendamos conhecer. Um dicionario de sinonimos dá-nos palavras que podemos não saber de ante-mão: assim, abrindo-o s. v. *verdadeiro*, ai se nos deparará *veridico, vero, exacto, perfeito*. No excelente e nunca assaz louvado *Vocabulario* de Bluteau encontramos, por exemplo, a respeito de *moinho*, indicação de uma serie de termos que talvez tambem nos fossem desconhecidos, e que por isso não saberiamos procurar nos seus lugares: *rodizio, pouso, lobeto, veio, quelha*. A este proposito lembrarei o *Dictionnaire des idées suggérées par les mots*, publicado ha tempos em Paris por P. Rouaix (Collin, 6.ª ed., 1910). No sentido de facilitar o entendimento dos vocabulos, acompanham-se de gravuras muitos dicionarios, como em França os de Larousse, e entre nós o de Séguier e os da Casa de Aillaud, Alves & C.ª A Filologia tambem lança mão de figuras para melhor explicar etimos, do que dá exemplo a revista alemã intitulada *Wörter und Sachen*.

Ha porém muitas expressões pitorescas da linguagem quotidiana que, embora andem nos dicionarios, não podem ser lá encontradas por quem as não conhecer, visto que estão subordinadas a vocabulos que encabeçam paragrafos onde elas não se esperam.

Se se quer, por exemplo, saber de que modo se exprimirá a ideia de «vir a proposito», vai-se naturalmente a um dicionario procurar *proposito*, e ai só se encontra *oportunamente, a tempo*, e contudo essa ideia tambem graciosamente se exprime por *cair a sopa no mel*. A sopa de mel, isto é, pão molhado em mel, é guloseima apreciada, e que mais o devia ser de nossos avós, em tempos em que o açucar não tinha o uso que hoje tem. Além da citada locução, outras se relacionam com ela: *sopa de mel não se fez para a boca do asno*, e nas parlendas infantis:

Palminhas, ó laré, palminhas!
A mamã dará maminhas,
O papá, quando vier,
Dará *sopinhas de mel*.

Bichaninha gata,
O que papaste tu?
— *Sopinhas de mel*
. . . .

A locução *cair a sopa no mel* nasceu pois num circulo de ideias muito familiares e queridas, e compreendemos bem o seu emprêgo como sinonima de «oportunidade».

A alguem que passa por «muito bom» chamamos *pomba sem fel*. Os Hespanhoes fazem o mesmo: *paloma sin hiel*. Esta ideia provém da concepção que na idade-media se formava das pombas: supunha-se que elas não possuiam fel, como diz Brunetto Latini no seu *Livres du Tresor* (1). Num autor do sec. XVIII: «je n'ai pas plus de fiel... qu'un pigeon» (2).

A ideia de «exonerar-se de responsabilidade» traduz-se pitorescamente por *varrer a sua testada*. A expressão provém de antigas disposições municipais. Aqui cito uma, entre muitas: no *Novo Codigo de posturas de Valença*, 1866, art. 48.º, lê-se: «todo o individuo morador nesta vila é obrigado a limpar na sua *testada* as ruas, largos e praças».

E' muito vulgar dizer *fechar os olhos a alguem*, por «assistir-lhe na morte». No Brasil: *se esta mulher tiver juizo, é ela quem me fecha os olhos*. Este dito relaciona-se com o costume de cerrar realmente as palpebras a um morto, por se supor que, se ele vai para a cova com os olhos abertos, morre em breve alguem da familia. E' um caso de magia: os olhos fitam os vivos, e por isso como que os chamam. O costume veio-nos dos Ro-

(1) Apud Langlois, *La connaissance de la nature et du monde au moyen âge*, Paris 1911, p. 375.

(2) Dorvigny, *Janot chez le dégraisseur* (comedia): apud E. Rolland, *Faune pop de la France*, VI, 137, que supõe que esta crença deve ter nascido de se dizer a principio que a ave, simbolo da meiguice, não tinha colera, não tinha «fel», e de se ter depois tomado á letra a metafora.

manos: quando Ovidio no Ponto se lamenta de que morrerá sem ter quem o console no seu sofrimento, exclama ([1]):

... nec cum clamore supremo
Languentes oculos claudet amica manus?

Em Obidos á superstição de que estou falando agrega-se outra, pois coloca-se uma moeda de vintem sobre cada um dos olhos do morto: ha aqui de certo uma alusão ao *dinheiro de Caronte* ([2]).

Por «caristia», isto é, de alguem que nos vende caro um serviço ou um objecto dizemos que *leva coiro e cabelo*, expressão que já se encontra documentada em textos de quinhentos e seiscentos, pelo menos ([3]), e que tem origem bem definida: é uma fórmula do direito germanico, *capillos et cutem detrahere*, que figura no Codigo visigotico como castigo ([4]). Constitue este castigo a *decalvatio*. A frase é aliterada tanto em latim, como em português. A aliteração, como em geral toda a rima, serve não raro de manter coesão nos elementos que formam um proverbio ou uma frase sentenciosa ou graciosa.

Em lugar de «muito esquècido» chamamos a um individuo *o pai e a mãi do esquècimento*. Da ideia de procreador, causador, veio primeiro certamente o proverbio com *pai*: cf. *Herodoto é o pai da Historia, Fulano é o pai da preguiça*, e em latim *pater esuritionum* «pai das fomes» = pobrissimo. Depois aquela ideia fortificou-se com a de *mãi*, para ficar bem autenticada a genealogia. Além d'isso *mãi* exprime só por si uma ideia semelhante: «a ociosidade é a *mãi dos vicios*».

Doutor ignorante: *um burro carregado de livros é um doutor*. Diz-se de quem traz consigo muitos livros, e não sabe nada, ou diz-se de um diplomado ignorante. Em hespanhol: *burro cargado de letras*. Estas expressões originaram-se nas ideias grecoromanas da estupidez do burro. Em latim: *quid nunc te, asine, litteras doceam?* em grego: ὄνοι... ἀποτέρω κάθηνται τῆς λύρας ([5]).

A's vezes póde desenvolver-se bastante a expressão ([6]);

([1]) *Tristia*, III, III, 43-44.
([2]) *Religiões da Lusitania*, III, 398.
([3]) Vid. O. de Pratt in *Rev. Lusitana*, XVIII, 97 (supra).
([4]) Vid. as fontes na *Revue Celtique*, XXXIV, 44(-45) e nota 3.
([5]) Otto, *Die Sprichwörter der Römer*, Leipzig 1890, p. 40 (s. v. «asinus»).
([6]) Cfr. um artigo de E. Tappolet no *Glossaire des patois de la Suisse Romande*, V, 3 ss. («Les expressions pour une «volée de coups»).

outras a sinonimia é simples. As frases assentam não raro, como vimos nestes poucos exemplos, em usos antigos; estudá-las é pois assunto não só de Lexicologia, mas de *Folklore*. Já nos *Adagios* de Delicado, vindos a lume em 1651, e classificados por categorias, como *diligencia*, *esperança*, *justiça*, etc., se encontram alguns elementos; muitos se encontram tambem nas *Infermidades da lingua* de Manoel José de Paiva, Lisboa 1759, e em geral em todos os adagiarios, e nos dicionarios desenvolvidos. O que se torna necessario é nos futuros lexicos apôr a cada vocabulo a sinonimia fraseologica. Sem isso fica inaproveitada boa parte da riqueza da nossa lingoa. Sem dúvida, conforme comecei por ponderar, ministram os actuais lexicos locuções como *dá Deus as nozes a quem não tem dentes*, *por aí não vai o gato ás filhós*, *andar numa dobadoira*, etc. etc., mas só se encontram subordinadas a *noz*, *filhó*, *dobadoira*: de modo que quem as não souber, não as descobrirá. E' pois preciso, quando se fala, por exemplo, de *actividade*, acrescentar: esta ideia tambem se expressa com *andar numa dobadoira*. E assim por diante.

Embora eu já tratasse d'este assunto em várias das lições de Filologia que em 1910 dei na Biblioteca Nacional (lições ainda ineditas), julgo que tem alguma importancia, e que convem insistir nele.

A análise de semelhantes locuções habilita-nos tambem para penetrarmos no conhecimento da alma popular, que aí se reflecte com o seu cabedal de observações, os seus sentimentos ternos ou asperos, emfim, com o seu caracter.

J. L. DE V.

Etimologia de «bêco»

Na *Rev. Lusit.*, III, 179, propõe a S.ª D. Carolina Michaëlis, com interrogação, * v i c c u l u s. Mas seria necessario justificar a duplicidade do *c*: em latim só ha *vicus*, *veicus*, *vecos* ou *viculus* (*viclus*); vid. Georges, *Lexik. der lat. Wortf.*, s. v. «vicus»; e Grandgent, *Latino volgare*, §§ 234 e 284. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, n.º 10153 da 2.ª ed., admite sem hesitação v i c u s ou v i c u l u s. Mas no primeiro caso o *c* medial daria *g*; e no segundo a terminação da palavra portuguesa sería outra (*-lho* ou arc. *-oo*). Como *bêco* significa «rua pequena», talvez essa palavra venha de v i a, d'onde, com o sufixo *-eco*, podia sair **vieco* > **veeco* > **vêco* = *beco*. Exemplos de *b* por *v* não faltam. Por outro lado ha, em

semelhante circulo de ideias, sinonimias várias entre feminino e masculino, como: *quêlha* & *quêlho*, *caleja* & *calejo*, *cortinha* & *cortinheiro*, *quintã* & *quinteiro*, etc. (1). Todavia não se me esconde que a presente etimologia não é d'aquelas que se admitem logo á primeira.

J. L. DE V.

"Olharapo„ e "olhapim„

Estas palavras designam na tradição popular portuguesa certos seres sobrenaturaes: homens differentes de nós, antropofagos, com um só ôlho no meio da testa, e habitadores de um país longinquo.—Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 273.

A crença nestes seres é não só muito espalhada, mas muito antiga, pois com ella se relaciona a dos Cyclópes gregos. Entre a antiguidade e o presente temos a literatura medieval, que nos fala de gigantes com um só ôlho na fronte: cfr. Langlois, *Connaissance de la nature*, pag. 82 e 213.

Olharapo usa-se, por exemplo, na Beira, e *olhapim* no Minho. Suponho que a primeira das duas palavra se decompõe em *olh-ar-apo*, isto é, lat. ocularis + suffixo *-apo*; e a segunda em *olh-ap-im*. O sufixo *-apo* ou *-ap-* é raro, mas apparece tambem em *fiapo*, de *fio*; o sufixo *-im* é diminutivo, como em *espadim*, *patim*.—Outras lingoas tem palavras analogas, tambem com sufixos raros, como raro é o personagem: por exemplo hespanhol dialectal *ojáncano* e *ojanco* (Pidal in *Festgabe f. Mussafia*, p. 392, e Mugica, *Dialectos*, p. 33), e piemontês *oucioun* (Prato, *Gli ultimi lavori folkl.*, p. 8); em italiano corrente ha *occhiaro*, e *occhiaccio* «ôlho grande».

J. L. DE V.



(1) A's vezes a sinonimia dá-se entre o primitivo e um derivado, cada um de seu genero, como se vê dos dois ultimos grupos de exemplos que cito no texto.

BIBLIOGRAFIA

Varia quaedam

— **Estudios gallegos,** n.º 1, Madrid, Fevereiro de 1915. Publicação periodica de que apareceram 16 números até Dezembro de 1915.

— **Documentos gallegos del archivo municipal de La Coruña,** por A. Martínez Salazar, La Coruña 1915 (separata do *Boletín de la Academia Gallega*), 32 paginas.

— **I manoscritti portoghesi della R. Biblioteca Nazionale di Napoli,** por A. Pellizzari, Catania 1909 (separata dos *Studi di Filologia Moderna*, ano II, fasc. 3-4), 18 paginas.

— **A linguagem médica de Portugal e Brasil**, por Antonio Barradas, Porto 1915, 192 paginas.

— **Lyrics of Gil Vicente**, tradução de Aubrey F. G. Bell, Oxford 1914, XII-130 paginas.

— **A linguagem portugueza** (dificuldades e duvidas) por F. Francisco de Sá, Maranhão, 1915, VII-332 paginas.

— **I nomi romanzi della candelara,** por C. Merlo, Perugia 1915, 28 paginas.

— Trabalhos de J. Lucio de Azevedo:

a) **Alguns escritos apocrifos, ineditos e menos conhecidos do P.e Antonio Vieira,** Coimbra 1915, 14 páginas.

b) **Subsidios para uma edição comentada das Cartas de Antonio Vieira,** Coimbra, 1915, 36 paginas.

Separatas do **Boletim** da 2.ª cl. da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. IX.

— Trabalhos de Oscar de Pratt:

a) **Gonçalves Viana,** Coimbra 1915, 6 paginas.

b) **Sobre um verso de Gil Vicente,** Coimbra, 1915, 6 páginas.

c) **Sobre a origem e significação da palavra "sobrado"** Coimbra 1915.

Separatas dos **Trabalhos da Ac. de Sc. de Portugal,** t. II.

— **De Campolide a Melrose,** relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia), por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1915, VIII-184 páginas (com muitas estampas).

— Na *Rivista Storica Italiana*, XXXII (1915), 182-183, vem uma lisongeira noticia do livro de A. Pellizzari, *Portogallo e Italia nel secolo* XVI: cfr. *Rev. Lus.*, XVII, 224.

J. L. DE V.



INDICE DO VOL. XVIII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS: Pag.

MISCELANEA:

CRONICA:

BIBLIOGRAFIA:

I.—Periodicos:

II.—Varia quaedam:

DECLARAÇÃO

O editor da REVISTA LUSITANA declara que, por falta de papel, devida á actual crise economica da Europa (e do mundo), se vê obrigado a deminuir algumas páginas no presente volume.